

FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	RELIGIONSEGEMEINSCHAFTEN_RE69.2
Autor/Instituição	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
Número de Documentos	1
Quantidade e tipo de documentação	1 caderno que contém recortes de jornais e páginas sobre religião no Brasil. Total de páginas: 125.
Dia/ Mês/Ano	-
Formato	Ofício
Resumo	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira e alemã sobre religiosidade no Brasil, incluindo artigos, reportagens e notas. Na temática, este conjunto documental também contempla trechos sobre maçonaria, posições da Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), seitas, protestantismo e a religiosidade no país.
Palavras-Chave	Religião; Maçonaria; Sociedade; Brasil; CNBB, Seita.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



Notas explicativas	Lista das páginas em língua estrangeira: 01, 05, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 88, 103, 104 e 105.
---------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Bibliothek

RELIGIONSGEMEINSCHAFTEN

1959 - 1988

CEDIM

Institut für Brasilienkunde

RE 69.2

Bibliothek

MELTINGEN

14 06 11

Institut für Brasilienkunde
Bunderstraße 15
4632 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer


CE
M

As duas maçonarias dos maçons desunidos

As divergências nos quadros da Maçonaria brasileira já apresentam uma situação objetiva, finda a longa fase de debates e articulações: um colégio de grão-mestres, fundado em Minas, já reúne os que romperam com o Grande Oriente do Brasil. O colégio funcionará como órgão de cúpula, coordenando e programando as atividades da Maçonaria no âmbito nacional. Segundo um de seus fundadores, Athos Vieira de Andrade, a nova entidade visa fortalecer os grandes orientes estaduais, desaparecendo o Poder Central que, "infelizmente, no Brasil, tem funcionado apenas como órgão arrecadador, chegando ao cúmulo de ter o atual Grande Oriente do Brasil mais de um milhão e quinhentos mil cruzeiros depositados em um banco da Guanabara." O colégio será composto de grão-mestres que se desligaram do Grande Oriente exclusivamente aos grandes orientes estaduais serão autônomos e independentes,

O Tribunal Eleitoral Maçônico anulou a ata da Loja de Campos, alegando que o cadastro de um dos eleitores estava vencido. A oposição provou que as eleições foram realizadas em fevereiro e o cadastro 84.046 só venceria em 2 de abril. Mas o Tribunal manteve a decisão anulatória, informando que a ata havia sido entregue fora do prazo.

GR. OR. DO BRASIL
POTÊNCIA SIMBÓLICA SOBERANA



O Sr. ROSALVO AZEVEDO BARCELLOS
M. M. da Loja **PROGRESSO**
M. M. do Or. de **CAMPOS**
M. M. do Estado de **R. JANEIRO**

Inscrito no **CADASTRO GERAL DA ORDEM**
em 2 de **ABRIL** de 19 **68**
Ord. n.º **[84.046]**, até colado
na ata. 3.ª

Red.º Centr.º em 7 de **ABRIL** de 19 **68**

[Assinatura]
O Gr. Mestre Gen.º da Ord.º
[Assinatura]
O Gr. Sec.º Gen.º da Ord.º
[Assinatura]
O Gr. Sec.º Dist.º de Guarda dos Selos

Esta Carteira é válida até **02 / 04 / 19 73**
INSTRUÇÕES NO VERSO DES
aprendiz em 04.1.72.º
Companheiro em 04.1.05 / 19 66
Mestre em 27 / 07 / 19 66

PATA HISTÓRICO
Votou por eleição de 2-7-71
[Assinatura]

A apuração em dez questões

Paulo Rodarte, representante do candidato a grão-mestre-geral adjunto Rafael Rocha nas apurações das eleições de fevereiro, inconformado com as decisões do Tribunal Eleitoral Maçônico, passou os últimos 5 meses mantendo correspondência com maçons de todo o país, reunindo fotocópias de atas eleitorais, recibos de pagamentos, cadastros, ofícios, para provar que a contagem dos votos não passou de uma "lastimável e vergonhosa farsa." Usando dinheiro de seu salário de funcionário público aposentado para o papel das cartas, os selos do correio e as cópias xerográficas, ele juntou o que chama de "catata de indignações vindas dos quatro cantos do país." Abre a pasta e começa a falar dos meios utilizados pela situação para impedir a chegada dos candidatos da dissidência — Athos Vieira de Andrade e Rafael Rocha — ao Grande Oriente do Brasil. A conversa com Paulo durou 5 horas e o que se segue é um resumo fiel do que foi ouvido:

1 — A fidelidade ao Grande Oriente do Brasil consubstancia a firmeza de caráter de quantos, nos solenes momentos da iniciação, mão sobre a Bíblia e pensamento voltado para o Grande Arquiteto do Universo, juraram nele reconhecer a única potência legal e legítima de nossa pátria. afirma agora o grão-mestre-geral recém-empossado, Osmane Vieira de Resende, esquecendo-se que em 1948 assumira posição oposta, quando do movimento que deu origem à criação do Grande Oriente Unido. Naquela época, dizia o atual grão-mestre em manifesto também assinado pelo hoje procurador-geral José Benedito de Oliveira Bomfim: Permanecer na expectativa e no silêncio seria agora covardia e submissão. Por isso, as lojas infra-assinadas, solidárias com as dignas co-irmãs, que subscreveram o manifesto coletivo iniciado pela valorosa "Caridade e Firmeza", viram-se na contingência extrema de, rompendo os laços de obediência ao Grande Oriente do Brasil, desligarem-se da federação, enquanto permanecerem imperantes no Vale do Lavradio o nefasto demolidor do passado de honra e glória da maçonaria brasileira.

Onde está a coerência? Hoje o sr. Osmane chama de baderna o movimento dissidente. Se o protesto contra as irregularidades verificadas no processo eleitoral pode ser chamado de baderna, 1948 deve ser lembrado para mostrar que o sr. Osmane foi o precursor da baderna.

2 — Em 21 de maio de 1973 (dia da proclamação do grão-mestre-geral, Osmane Vieira de Resende, e do grão-mestre-geral adjunto Osiris Teixeira), durante a sessão do Superior Tribunal Eleitoral Maçônico, o grão-mestre de Minas Gerais, Athos Vieira de Andrade, entrou com pedido de anulação das eleições, e o sr. Mirabeau César Santos, seu representante, apresentou protesto judicial. Ambos os documentos têm os chamados recibos passados pelo

ministro-secretário, com data e hora anteriores à feita da ata. Mas a ata da sessão do dia 21 de maio de 1973 não faz nenhuma referência ao pedido e ao protesto.

3 — Foi feita a decisão do Superior Tribunal Eleitoral de baixar normas no dia 16 de fevereiro, estabelecendo, entre outras coisas, que eram nulas as atas eleitorais com votos de maçons que tivessem sido elevados ao grau de mestre em janeiro de 1973, quando todos já tinham conhecimento dos resultados das eleições no Grande Oriente do Brasil? Recorde-se que as eleições foram realizadas entre 1 e 5 de fevereiro.

4 — O Tribunal Maçônico anulou a votação de várias lojas "por falta de autenticação da

lista de votantes." Apresentados os recursos, acompanhados de documentação fornecida pelas lojas, o Tribunal só acatou o da loja "17 de Outubro", de São Luís, onde Osmane Vieira perdeu para Athos por dois votos. Os recursos das lojas de Santos Dumont (18 votos para Athos, 1 para Osmane); de Conselheiro Lafaiete (10 a 0 para Athos); de Carangola (17 a 0), de Porto Alegre (13 a 0); de Caxias do Sul (13 a 0); e de Sete Lagoas (15 a 0 em favor de Athos), entre muitas outras, foram considerados improvidos pelo Tribunal, embora a documentação apresentada fosse idêntica a da loja de São Luís. Logo, a aceitação do recurso dependia da votação verificada. Pouco importava a clareza dos documentos.

5 — O Tribunal Eleitoral baseou-se no fato de os obreiros não estarem com os cadastros em dia para não computar os votos de quase duzentas lojas. Dezenas de recursos foram impetrados, todos munidos de documentação fornecida pelas lojas prejudicadas, mas a todos o Tribunal respondeu com o clássico recurso improvido. Vamos a alguns dos exemplos:

a) O cadastro n.º 88.484, de Miguel Procianny, da loja Luz e Ordem, de Porto Alegre, não estava vencido à época das eleições: expirava em 15 de abril de 1973 e as eleições foram realizadas em fevereiro.

a) A loja Concórdia do Sul, de Passo Fundo (RS), requereu em 20 de janeiro de 1973 ao Grande Oriente do Brasil a renovação do cadastro de Delmar Duarte.

c) O cadastro de Carlos Roberto da Silva, da loja Luz e Esperança, de Mandaguapé (PR), só vencerá em maio de 1977, e o de Levy Barreto de Resende Braga, da mesma loja, teve pedido de renovação feito em 28 de dezembro de 1972, dois meses antes das eleições.

d) O cadastro de Eloyr Bernardo Milano, da loja de Apucarana, Paraná, de n.º 48.821, expedido em 11 de agosto de 1969, só vencerá em 13 de junho de 1974.

e) A loja de Patos de Minas solicitou a expedição de cadastro para Joffney da Rocha e Cláudio Mendes de Andrade e a renovação do cadastro de Flaustino Pacheco e Hélio Bernardes Dias, o Grande

Não só a mais desenfreada violência impera no Grande Oriente: Também a fraude, a corrupção e a impostura. Agride maçons orientados com a injúria de extremistas. Não há mais freios estatutários. Suspendem-se e eliminam-se Representantes, protegidos por imunidades. A soberania do Povo Maçônico está limitada a um genêro, composto de áulicos, vitais em paritillar os assuntos da Loja Casa, que já foi a mais nobre e venerada de todo o Brasil.

Por isso, as Lojas infra-assinadas, solidárias com as dignas co-irmãs, que subscreveram o Manifesto Coletivo, iniciado pela valorosa "Caridade e Firmeza", viram-se na contingência extrema de, rompendo os laços de obediência ao Grande Oriente do Brasil, desligarem-se da federação, enquanto permanecerem imperantes no Vale do Lavradio o nefasto demolidor do passado de honra e glória da Maçonaria Brasileira.

As Lojas infra-assinadas conclamam as suas co-irmãs de todo o Brasil para uma Convenção no próximo sábado, dia 13, à noite, no Templo da Benemerência "Calvário", no Vale do Meier (rua Ana Barbosa, 16), neste Poder Central, onde serão lançadas as bases do GRANDE ORIENTE UNIDO, federação das Lojas Libertadoras.

Somos do Grande Oriente do Brasil fazendo conosco o Estruturante de Instituição, sustentando de tantas glorias pretéritas. Só cedemos ao Gr. . . . Av. . . . do Unij. . . . nos conceda seja breve a separação, dando-nos força e vigor para contribuirmos à edificação de uma nova era, de simpatia, de dignidade e de justiça entre os maçons.

Poder Central, 1 de março de 1948 E. . . V. . .

Pela Gr. . . Ben. . . Loja "Comércio e Artes", n.º 1 do Brasil, fundada em 1815. Dr. J. B. Oliveira Bonfim, 7. . . . Venerável.

Pela Gr. . . Ben. . . Loja "Estrela do Rio", fundada em 1858, Tenente Alvaro Albuquerque, 33. . . . Venerável.

Pela Ben. . . Loja "Calvário", fundada em 1901. Dr. Osmane Resende, 39. . . . Venerável.

Na Ben. . . Loja "Henrique Valadarez", fundada em 1893, Desidério M. . . . Venerável.

Os dissidentes desarquivaram manifesto assinado em 1948, por dois dos atuais dirigentes do Grande Oriente do Brasil, para lembrar que se o rompimento pode ser chamado de "baderna". "Não fomos nós os precursores dessa baderna".

sem nenhuma subordinação a qualquer Poder Central.

"As contribuições financeiras dos maçons serão distribuídas exclusivamente aos grandes orientes estaduais que manterão o escritório central com uma contribuição proporcional ao número de Lojas que a eles estiverem filiadas", informa Athos Vieira de Andrade. Brasília foi escolhida como sede da nova entidade maçônica.

A reunião que organizou o colégio de grão-mestres estiveram presentes todos os dirigentes estaduais que romperam com o Grande Oriente do Brasil, à exceção de Salatiel Vasconcelos Silva, do Rio Grande do Norte, que justificou sua ausência.

Segundo boletim da nova entidade maçônica, o encontro de Belo Horizonte reuniu os seguintes grão-mestres:

Frederico Renato Mottola (Rio Grande do Sul), Miguel Christakis (Santa Catarina), Enock Vieira dos Santos (Paraná), Danylo José Fernandes (São Paulo), Athos Vieira de Andrade (Minas Gerais), Nilson Constantino (Mato Grosso), Celso Fonseca (Distrito Federal), Ivan Neiva Neves (Espírito Santo), Rafael Rocha (Rio de Janeiro) e Francisco Pasteur (grão-mestre adjunto, representando o Ceará).

Ainda no encontro de Minas foi eleita uma comissão, formada por Celso Fonseca, Lauro Menezes e Deusdeth de Souza Burlamaqui, que em 60 dias deverá elaborar um modelo de estatuto do novo órgão e apresentar sugestões quanto ao seu funcionamento. Está consumada, portanto, uma das maiores dissidências já ocorridas na Maçonaria brasileira. Restam apenas as especulações sobre se o rompimento será duradouro, semelhante ao de Mário Bering, ou se se repetirá 1948, quando a criação do Grande Oriente Unido não passou de uma forma de protesto contra a política adotada pela cúpula do Grande Oriente do Brasil.

Orientado do Brasil os providenciou e pediu a remessa dos respectivos meios. Em 24 de janeiro de 1973, antes das eleições, a remessa foi feita, conforme recibo de ordem de pagamento em nosso poder.

A loja Conquistista e Integração, de Cuiabá (MT), entregou, em mãos, ao ex-grão-mestre Moacyr Albex Dinamarco, a documentação de sua fundação, incluindo o pedido de regulamentação de Emar Gomes de Oliveira, e, em março de 1972, a de Luís Mascarello e César Mário Della Riva. As taxas de inscrição foram pagas em 5 de junho de 1972, através de cheque n.º 465.611, de Bamerindus, sete meses antes do pleito, portanto.

g) o cadastro de Mauro da Silva Mota (n.º 85.833), da loja José de Arimatéa, de Porto Alegre, só vencerá em 10 de janeiro de 1974.

h) A loja União Constante, do Rio Grande (RS), tem em seu poder memorando do Grande Oriente do Rio Grande do Sul, datado de 29 de janeiro de 1973, confirmando o encaminhamento do pedido de cadastro de Amadeu Lagorgue Pinto ao Grande Oriente do Brasil. Também nos encaminhou fotocópias dos pedidos de cadastros de Edson Miller Barlem e Mário Pereira Leandro.

Aqui está a razão do não acatamento dos recursos dessas lojas: se válidos os seus votos seriam computados 110 para Athos Vieira de Andrade e apenas 16 para Osmane Vieira de Resende.

6 - O débito das lojas para com o Poder Central serviu de pretexto para que alguns mi-

lhães de votos não fossem computados pelo Tribunal, as nem todas as lojas atingidas estavam em falta com o Grande Oriente do Brasil:

a) A loja Cruzeiro do Sul, de Uruguaiana (RS), saiu seu débito (nota n. 10.304) com o Grande Oriente do Brasil com a remessa de Cr\$ 3.380,50, através de ordem de pagamento feita no Banco Industrial e Comercial do Sul, em 12 de janeiro de 1973.

b) Quando grão-mestre-geral, o sr. Moacyr Dinamarco visitou as obras do novo templo da loja de Camaquã (RS) e vendo o reduzido número de obreiros diante das despesas de construção, perdoou os débitos dessa loja para com o Grande Oriente do Brasil. O Grande Oriente do Rio Grande do Sul, em ofício datado de 18 de dezembro de 1972, informou aos maçons de Camaquã que o Poder Central havia confirmado a anistia da dívida com a comunicação que levou o n.º 285. O relatório da administração de Dinamarco informa que a loja de Camaquã tem um crédito de Cr\$ 0,16. Mas nada disso foi suficiente para que o Tribunal aceitasse a validade dos seus votos, 10 para Athos e nenhum para Osmane.

c) A loja Jerônimo Coelho, de Florianópolis, tem guia de recolhimento (n.º 900), fornecida pelo Grande Oriente de Santa Catarina, no valor de Cr\$741,00, correspondente ao pagamento das taxas do exercício de 1972. O pagamento foi efetuado em 22 de maio de 1972, através do cheque 62.482.

d) A loja Trabalho e Firmeza, de Gravata, Pernambuco, tem em seu poder nota de crédito (número 23.545), de 13 de junho de 1972, no valor de 438 cruzeiros. Mas nem com crédito ela escapou da anulação por falta de pagamento.

8 - O Tribunal não acolheu a solicitação do representante do candidato Athos, Mirabeau César dos Santos, para que fossem fornecidas pela tesouraria da ordem as contas correntes das lojas consideradas em débito, evitando o confronto dos números e documentos. Mas, agora, com a leitura do relatório da administração Moacyr Albex Dinamarco, além de se ver que muitas lojas tiveram

seus votos não computados deviam menos de um salário mínimo, existe uma série de outras atingidas apesar de constarem como credoras junto ao Grande Oriente do Brasil à época das eleições: Caridade e Justiça, crédito de Cr\$ 47,40; 24 de Junho, Cr\$ 4,00; Estrela do Oeste, Cr\$ 306,70; Constância, Cr\$ 128,90; Padre Feijó, 60,50; Vanguarda, Cr\$ 0,16; Atalaia do Norte, Cr\$ 9,50.

9 - As atas da votação deviam ser endereçadas pelas lojas ao Superior Tribunal Eleitoral no prazo mínimo de 7 dias após a realização das eleições. O envelope com o carimbo do Correio serviria para provar a remessa dentro do prazo. Muitas atas que apresentavam votação favorável a Osmane estavam sem o envelope e foram impugnadas pelos representantes dos candidatos da dissidência, mas o Tribunal se mostrou indiferente, insensível aos seus protestos.

10 - Finalmente, resta a pergunta: por que o Tribunal Eleitoral mudou a orientação seguida nas eleições de 1968 (quando foram eleitos Moacyr Albex Dinamarco e Osmane Vieira de Resende, respectivamente, para grão-mestre-geral e grão-mestre-geral-adjunto) no que diz respeito aos débitos das lojas naquele ano, e mesmo Tribunal que hoje anula votos entendia que era seu dever esclarecer que a quitação da captação anual não é exigível aos maçons, mas às lojas, e que havendo estas admitido os votantes nas eleições, assumem a responsabilidade pecuniária daqueles para com o Grande Oriente do Brasil. A decisão, por unanimidade, ocorreu depois da exposição do ministro Antônio do Passo, que levantou preliminar sobre a tese de não se considerar as lojas em débito, com o Grande Oriente do Brasil, por existir a conta corrente entre ambos e, juridicamente, não ter as características de débito.

Dessa sessão participou o ministro João do Amaral Perdigão, que ainda hoje faz parte da Justiça Eleitoral Maçônica. Em 1968 ele não reconheceu no débito a razão para anular votos, mas hoje sua opinião mudou. Existe coerência?

LIBERDADE, QUALIDADE E FRATELIDADE
GRANDE ORIENTE DO BRASIL
21 MAIO 1973
SUPERIOR TRIBUNAL ELEITORAL

Superior Tribunal Eleitoral do Grande Oriente do Brasil, reunido em sessão pública, em 21 de maio de 1973, às 14 horas, para deliberar sobre o recurso interposto pelo Sr. Athos Vieira de Andrade, candidato a Grão-Mestre Geral e Grão-Mestre Geral Adjunto do Grande Oriente do Brasil, em virtude de não terem sido computados os seus votos, em razão de não terem sido apresentados os documentos necessários para a validação dos mesmos.

Ata da Sessão Extraordinária de 21 de maio de 1973, às 14 horas, no Salão de Sessões do Superior Tribunal Eleitoral do Grande Oriente do Brasil, sito à rua de São Paulo, nº 97, neste Poder Central, presentes os Mui Ilustres Irmãos Ministros José Joaquim Bessa Sobrinho, João Fernandes Reis Junior, Antenor Dias de Carvalho Paray Cruz de Mesquita, João do Amaral Perdigão, Sylvio Cláudio e José Roberto de Oliveira Bonfim. O Sr. Athos Vieira de Andrade, candidato a Grão-Mestre Geral e Grão-Mestre Geral Adjunto, em virtude de ter sido homologado por unanimidade o resultado final da apuração das atas das eleições realizadas nos cinco meses de fevereiro próximo findo, na Loja de Jurandir do Grande Oriente do Brasil e que apresentou como candidatos vencedores do pleito os Irmãos OSMANE VIEIRA DE RESENDE e OSIRIS TEIXEIRA, conforme consta do ata aprovada na última sessão deste Superior Tribunal Eleitoral. Nestas condições solicitaram de todos os presentes se conservarem de pé, o que foi feito, dentro de todas as formalidades legais, dos ditos objetivos constitucionais e regulamentares da Ordem, proclamou eleitos os Irmãos que obtiveram a maioria de votos, OSMANE VIEIRA DE RESENDE para Grão-Mestre Geral e OSIRIS TEIXEIRA para Grão-Mestre Geral Adjunto do Grande Oriente do Brasil e para o quinquênio de 1973 a 1978. Suspensa a sessão por alguns minutos para lavratura da ata e fêmeada deste trabalho foi reaberta a sessão, em 21 de maio lida e aprovada com calorosas palavras de palmatória e de fraternidade e solidariedade. Em seguida o Mui Ilustre Irmão Ministro Presidente proferiu algumas palavras de congratulação aos Irmãos que foram proclamados e agradeceu a presença de todos encerrando os trabalhos. E eu, José Joaquim Bessa Sobrinho, Ministro Secretário, para constar, lavrei a presente ata, que vai por mim e demais Ministros presentes, devidamente assinada. A presente certidão que será extraída deste Livro e entregue a cada um dos Irmãos presentes tem a validade de Diploma. Poder Central em 21 de maio de 1973.

OSIRIS TEIXEIRA - Presidente
JOÃO FERNANDES REIS JUNIOR - Antenor Dias de Carvalho Paray Cruz de Mesquita, João do Amaral Perdigão, Sylvio Cláudio e José Roberto de Oliveira Bonfim.

A ata do Tribunal Eleitoral não faz nenhuma referência aos documentos apresentados pelo candidato Athos Vieira de Andrade, na sessão solene do dia 21 de maio.

Sept. 59/144

Ökumenische Nachrichten

Generalversamm-
lung des Reformier-
ten Weltbundes in
Brasilien

Seit langem ist zu beobachten, daß sich eine missionarische Aktivität evangelischer Glaubensgemeinschaften in Lateinamerika zusammenzieht. Über Erfolge des Lutherischen Weltbundes wurde hier unlängst berichtet (vgl. ds. Jhg., S. 486). Der Reformierte Weltbund, dem 45 Millionen Gläubige zugerechnet werden, hat in diesem Jahr seine 18. Generalversammlung in der Dreimillionenstadt São Paulo, Brasilien, abgehalten, um seinerseits zur Stärkung des Protestantismus beizutragen. Sie begann am 27. Juli und schloß am 6. August. Seit der letzten Weltbundtagung in Nordamerika 1954 hat sich die Zahl der Mitgliedskirchen von rund 50 auf 76 erhöht, von denen die meisten den sogen. Jungen Kirchen in Asien und Afrika angehören, die auch in São Paulo unter den 400 Delegierten stark vertreten waren. Aus Deutschland war u. a. der Moderator D. Wilhelm Niesel erschienen. Die Leitung der Tagung lag in Händen des greisen Präsidenten Dr. John A. Mackay, zugleich Ehrenpräsident des Internationalen Missionsrates und ehemaliger Missionar in Südamerika. Es wurde zugleich das hundertjährige Bestehen der reformierten Kirche in Brasilien gefeiert, wo die Protestanten insgesamt mit 2 Millionen Seelen die stärkste Minderheit unter den südamerikanischen Staaten bilden. Als Gäste waren u. a. anwesend der südamerikanische Methodistenbischof Umberto Barbieri, einer der sechs Präsidenten des Weltrates der Kirchen, und für den Lutherischen Weltbund Präses Schlieper, der die lutherischen Synoden Brasiliens vertrat und in seiner Ansprache betonte, daß in Brasilien Reformierte und Lutheraner zusammengehen müßten.

Als Generalthema hatte man gewählt: „Der Herr — ein Knecht, wir — seine Knechte.“ Als brennendes Problem bezeichnete der Generalsekretär des Reformierten Weltbundes, Dr. Pradervand, der seinen Sitz in Genf hat, das Recht jeder Kirche auf volle Glaubensfreiheit. Zwar sei in manchen Ländern, besonders in Kolumbien, eine gewisse Entspannung in den Beziehungen zur katholischen Staatsreligion festzustellen, aber in Spanien würden den reformierten Gemeinden immer noch ihre elementaren Rechte vorenthalten. Als Programm des Reformierten Weltbundes nannte er die Konzentration innerhalb der noch durch Konfessionsschranken getrennten protestantischen Gemeinschaften. So begrüßte er die Verhandlungen der Anglikanischen Kirche über eine mögliche Union mit der presbyterianischen Kirche von Schottland. Präsident

Mackay, der auch der 400-Jahr-Feier der Reformation in Genf gedachte, würdigte die Tatsache, daß der Weltbund zum erstmaligen Generalversammlung in Lateinamerika abhalten konnte, als ein Ereignis von weittragender Bedeutung für die weitere Entwicklung des Protestantismus in diesem fast ganz katholischen Kontinent.

Für Glaubensfreiheit und Widerstandsrecht

Die Entschließung zum Generalthema konzentrierte sich auf das Verhältnis von Staat und Kirche. Die Kirche müsse allen denen ihre Hilfe gewähren, die aus christlicher Überzeugung glauben, dem Staate Widerstand leisten zu müssen, auch wenn ihr Handeln mit der Mehrheit in Widerspruch stehe. Sie müsse ferner ihre Glieder ermutigen, auf den Ruf Christi zu sozialem und politischem Dienst zu hören. Wenn die Kirche Forderungen an den Staat stelle, so müsse sie mit ihm auch in Gerechtigkeit und Freiheit wetteifern und an Menschen aller Rassen und Stände Barmherzigkeit üben. Der Staat wird gewarnt, seine Macht in Anspruch zu nehmen, um jemanden gegen seine Überzeugung zu etwas zu zwingen. Was die Stellung der Christen zur modernen Arbeitswelt betrifft, so müsse sorgfältig darauf geachtet werden, wieweit die zur Automation gesteigerte Mechanisierung der Arbeit beim Menschen eine feindselige Einstellung zum Leben und das bittere Gefühl erweckt, dämonischen Gewalten ausgeliefert zu sein. In dieser Gefahr sei die christliche Freiheit das wahre Heilmittel.

Man muß bei dieser sehr allgemein gehaltenen Botschaft bedenken, daß die reformierten Kirchen in sehr verschiedenartigen Staaten leben, nicht nur in den USA, in der Schweiz und den Niederlanden, wo sie wie in Deutschland volle Freiheit genießen, sondern außer in den katholischen Staaten auch in der Tschechoslowakei, die übrigens durch Prof. Hromadka vertreten war, und in Ungarn, das überhaupt keine Vertreter schicken konnte, ganz zu schweigen von Südafrika, wo die Reformierten an der Macht sind und aufs schwerste gegen die elementarsten Menschenrechte der fremden Rassen verstoßen. Man weiß nicht, wieweit die Generalversammlung diese Probleme auch konkret einer Lösung näherbringen konnte. Deklamationen gegen katholische Staaten eignen sich besonders gut, um eigene innere Spannungen zu überbrücken.

Durch einmütigen Beschluß wurde der Nordamerikaner Ralph W. Lloyd zum neuen Präsidenten des Reformierten Weltbundes gewählt. Der Prager Prof. Joseph Hromadka wurde im Präsidium durch einen Vertreter der Jungen Kirchen abgelöst. Im Exekutivausschuß trat Prof. Jacobs, Münster i. Westf., an die Stelle von D. Niesel.

A Maçonaria,

Correio da Paraíba
21. de julho de 1967

seus segredos,

seus mistérios

Fotos de Genildo Santos

Frank RIBEIRO



As reuniões maçônicas são realizadas geralmente a portas fechadas. Ao receber visitantes (foto) a Maçonaria se engalana, com vestes solenes e usando espadas

Antecedendo ao próprio cristianismo, a história da Maçonaria perde-se nos mistérios do passado, e nada menos de 70 mil obras foram escritas com a finalidade de definir os seus fundamentos. No entanto, para os próprios maçons, o grande indício da sua antiguidade remota encontra-se sobre o túmulo de Nerod, rei de Ur, a mais antiga cidade de que trata a História, onde se encontram encravados, na própria pedra, os atuais símbolos maçônicos.

Múltiplas e diversas são também as outras correntes existentes. Tratadistas do assunto acreditam alguns, que a Maçonaria nasceu com a própria humanidade. Outros, entretanto, acreditam, ainda, que sua semente se encontrou em Moisés, seu primeiro organizador. O brasileiro Joaquim Silva, entretanto, afirma a existência da sociedade secreta denominada "Magos do Egito", dotada de uma incomum sabedoria e profundidade de conhecimentos ocultos que cada sinal feito por Moisés era por eles imitados por ordem do próprio Faraó.

Mais adiante, afirma nosso historiador, que o "Libertador" dos judeus, ao transpor o deserto, transformou essa ordem em Arca da Aliança, Lei Mosaica ou das 12 Tábuas, construtores do suntuoso templo de Salomão e da qual hoje só nos resta a lenda do "Terceiro Grau", precursora da ordem dos essênios, monges habitantes do Tibet, onde Jesus esteve dos 12 aos 30 anos e de onde desceu para pregar a trilogia "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", que mais tarde serviu de lema à Revolução Francesa de 1789. Outros mais afirmam que a origem da sua organização veio surgir com os Cavaleiros Kadosch, ou maçons de grau 30, existentes já no Ur, da qual ram seus reconstrutores.

MAÇONARIA, DEMOCRACIA E MARXISMO

Por sua antiguidade a Maçonaria pode ser encarada como a precursora da Democracia pura, especialmente por se propor a defender e extirpar da sociedade os preconceitos de casta,

cor, origem, raça, nacionalidade e religião, ao mesmo tempo em que condena o fanatismo, a superstição, o ódio, a intriga e a corrupção.

Estudiosos outros, partindo da trilogia "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", vão além da democracia e encontram pontos de contato entre a Maçonaria e a sociedade perfeita idealizada por Marx, que, embora dosada de fortes condimentos científicistas, defende, ao seu final, idéias princípios, idéias este combatida pelos próprios maçons, ao afirmarem a procura da "sublime fraternidade universal", onde reine a paz, a harmonia, a verdade, a igualdade entre os homens, a justiça e o amor sob a égide de Deus, não encontrado na sociedade marxista.

Negam ainda os maçons a existência de fundamentos políticos e ideológicos na Maçonaria, mas sim a realidade de uma política no mais alto sentido, e apertadista.

PARA SER MAÇON

Apesar de simples e poucas, grandes são as exigências feitas a um candidato a maçã, exigindo-se intransigentemente, que o mesmo seja bom pai, bom esposo, ser livre, honesto, de bons costumes e crer em Deus. Embora não existam problemas de religião, sem o cumprimento desta

última exigência tornam-se nulas todas as outras qualidades do pretendente.

Cobridor externo, guarda do Tempo, hospitaleiro, mestre de cerimônias, 1.º e 2.º experto, 1.º e 2.º diácono, 1.º e 2.º vigilante, grão mestre adjunto, grão mestre e venerável são os cargos que o maçã pode vir a ocupar. Quanto aos graus, todos eles começam pelo primeiro e fundam no 33.º. Tais funções organizadas e determinadas advêm desde as antigas corporações de construtores de igrejas ou Mestres Irmãos, mais tarde Obreiros e Pedreiros Livres.

Apesar desta complicada organização interna, a Maçonaria, assim como o protestantismo, o comunismo, o espiritismo e outras religiões ou partidos de política universal, não tem uma autoridade mundial. Em todos os países, em cada Estado, há um venerável grão mestre dirigindo uma Grande Loja ou um Grande Oriente, com a mesma autoridade dos demais. Só ocasionalmente existem encontros mundiais de maçons e a primeira dessas convenções realizou-se em York (Inglaterra), em 1226, e a segunda em Strasburg, em 1275. Nesta mesma cidade, em 1359, assinou-se a Constituição dos Maçons.

IGREJA X MAÇONARIA

Embora coexistissem pacificamente até a metade deste milênio, como Ordem dos Cavaleiros do Templo ou Ordem dos Cavaleiros Templários, a Maçonaria e a Igreja vieram a se separar na célebre noite de Monte Serrat, quando se concretizou-se a divisão em Ordem dos Pedreiros Livres e Sociedade de Jesus, fundada por Inácio de Loyola juntamente com seis outros frades e que, dali por diante seria inimiga rancorosa da Maçonaria.

Os jesuítas cresceram, fortificaram-se com todo o apoio da Igreja, e tornaram célebres as lutas e as perseguições entre Maçons e jesuítas. Todavia, apesar do poderio dos últimos, a Maçonaria voltou a ensimesmar-se, e subsistiu, mais uma vez, como sociedade secreta, até o passar do vendaval.

A história revela que foi o Papa Clemente XII, em 28 de abril de 1738, o primeiro pontífice a considerar hereje a instituição maçônica, posição assumida também por Bento XIV, Leão XII, Pio VII, Leão XIII, Pio VIII e Pio IX. Este último era maçã e adotava o nome de Giovanni Ferrari, tendo renunciado aos seus encargos maçônicos ao ser eleito pontífice do catolicismo. Tal renúncia motivou a campanha empreendida por aquela instituição e que culminou com a separação da igreja do Estado.

MAÇONARIA BRASILEIRA

A primeira loja maçônica brasileira foi fundada em 1801, no Rio de Janeiro, com o nome de

"Reunião", filiada ao Oriente da Ilha de França. No entanto, Tristão de Araripe, em discurso proferido na Câmara dos Deputados, afirmou que "tudo quanto foi ilustre no Brasil, há pertencido a Maçonaria: políticos, clérigos, militares, etc".

Pedro Calmon, na sua História Social do Brasil, vai mais longe e afirma que "os espíritos fortes do Império lá (na Maçonaria) começaram, nem havia vila florescente no interior que não tivesse a sua Loja, núcleo de agremiação intelectual que não precisa mais esconder-se nos mistérios da outrora".

Em 1806 o conde d'Arcos, vice-rei do Brasil, investiu contra a Maçonaria, por instigação dos jesuítas, proibindo os trabalhos em nosso País. Em 30 de março do ano seguinte, com a instalação da Loja "Virtude e Razão Restauradora", na Bahia, ressurgiu a Maçonaria no Brasil, numa das fases mais cruéis da perseguição dos jesuítas contra o movimento, segundo afirma A. Tendório e Albuquerque em seu trabalho "Sociedades Secretas".

Três anos após, em Pernambuco, foi criada uma Loja da qual fizeram parte os padres Miguel Joaquim de Almeida e Castro, João Ribeiro Pessoa e Luiz José Cavalcanti Lins, além de personalidades outras. Seguiram-se as Lojas "Comércio" e "Artes" (1816) e, no mesmo ano "Pernambuco do Oriente", "Pernambuco do Ocidente", "Guatimozin", "Restauração" e "Patriotismo".

NA PARAIBA

Na Paraíba, segundo pesquisadores, por voitas da Revolução Pernambucana de 1817, existiu na cidade de També ou Pedra de Fôgo, uma Loja Maçônica cujo nome era "Acrópago", e que teve seu venerável na pessoa de Arrura Câmara. Também em Mamanguape, no período em que aquela cidade foi capital da Paraíba, consta a existência de uma Loja maçônica.

Hoje, o nosso Estado conta com nada menos de 10 Lojas maçônicas, desde João Pessoa até Cajazeiras. A cinco mil se eleva o número de iniciados na Maçonaria, na Paraíba, dos quais cerca de 1.600 são regulares. No entanto, fonte bem informada e ligada ao movimento maçônico paraibano afirmou à reportagem que com os rigores da nova constituição, provavelmente em dezembro vindouro, o número de regulares venha a ser reduzido para 600.

No Brasil, o número de Lojas sobe a 350 e segundo uma estatística realizada em 1958, os iniciados maçons somam em torno do cem mil.

O SEGRÉDO

Grande é a auréola de mistério que se criou em torno da Maçonaria, especialmente acerca dos seus famosos segredos. Os maçons não os negam. Existem, sim. Todavia, ao contrário do que todo o mundo pensa, tais segredos giram em torno da própria organização do movimento.

Entretanto, a Maçonaria em muito participou da vida político-econômica e social brasileira. Grandes foram os expoentes que a ela pertenceram. Tiradentes, segundo afirma-se, foi um deles. D. Pedro II tinha gravado nas suas vestes imperiais os símbolos maçônicos. Muitos dos presidentes brasileiros foram maçons, entre os quais o estadista Getúlio Vargas e o ex-presidente Castelo Branco. Bispos e autoridades clericais outras também pertenceram ao movimento.

Pela participação de seus "irmãos" nos grandes movimentos históricos do Brasil e do mundo, os maçons tomam a imodesta liberdade de afirmar que deve-se a Maçonaria a realização das 1.ª e 2.ª guerras mundiais, a queda da Bastilha e a própria Revolução Francesa, a Independência Mineira, a Lei do Ventre Livre e a libertação total dos escravos, a separação da Igreja do Estado, a Independência brasileira e a Proclamação da República. "A Maçonaria, direta ou indiretamente, sempre esteve ligada a todos os acontecimentos de vulto da história universal", afirmam.

AS METAS

As grandes metas da Maçonaria são combater a analfabetismo, pois sente que um dos grandes entraves da liberdade, da harmonia e da concórdia universal é a ignorância. Enquanto isto, não se descuida de alertar as massas desprevenidas para o direito, a justiça, a razão e não permitindo que elas sejam levadas pela demagogia barata e desumana das elites e dos demagogos profissionais.

Todavia, está no seu próprio interior a sua grande luta e desde o tempo dos faraós, de Moisés, de Salomão, dos essênios, de Jaques de Molay, de San Martín, de Simon Bolívar, de George Washington, de Gonçalves Léo, de Duque de Caxias e de outros grandes vultos da sua história, a Maçonaria vem envidando todos os esforços no sentido de se manter inviolável e incorruptível, a sua moral e a sua independência. Tanto é o rigor interno, que qualquer maçã não reluta ao afirmar que "prefiro ter a minha cabeça cortada a revelar os segredos que me foram confiados", como também não se cansam de citar o exemplo de Abraão, disposto a sacrificar o filho em obediência às ordens do "Grande Arquiteto".

RIGOR PARAIBANO

O rigor na Paraíba, especialmente após a promulgação da nova constituição maçônica, leva à eliminação dos seus quadros qualquer filiado que transgrida ao menor dos seus ditames. Na época dos Templários, a Maçonaria foi uma ordem militar de rígidos costumes. Posteriormente, os conceitos democráticos fizeram com que as exigências legais fosse relaxadas, provocando o abuso aos das normas de liberdade. Hoje, o cumprimento do dever e de um compromisso assumido é o grande ditame da Maçonaria.

O segredo, na Paraíba, também é estritamente respeitado e os paraibanos maçons, sempre que surge uma oportunidade, afirma que o segredo é inerente a Maçonaria e que só existirá aquela enquanto existir este. Comentam ainda que "Jesus, ao descer do Tibet (idéia amplamente aceita pelos seus adeptos), reuniu seus discípulos e a eles ensina coisas e segredos que não revelava em sua totalidade ao público de fiéis. Para se saber por que fez-se necessária um aprofundado estudo do exoterismo, doutrina que tem suas bases nas formas trigonométricas a exemplo dos símbolos maçônicos".

Isto é Maçonaria: a ordem em que seus adeptos, em qualquer parte do mundo, a um simples aceno, por um simples contato de mãos, têm abertas todas as portas, encontrando um pai, um amigo, um irmão em qualquer dos quadrantes terrestres. OBS: a precaução contra os aproveitadores de tais vantagens e os especuladores é uma das grandes lutas da Maçonaria. Não adianta tentar.

“Paixões malsãs” 1813/143 FSP

Desde a semana passada o rosto do Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil, Moacir Arbex Dinamarco, com suas costeletas e bigodes fartos, não mais enfeita a parede do Palácio Maçônico da rua Rio de Janeiro, em Belo Horizonte. A retirada simbólica do retrato marcou o desligamento das lojas maçônicas de Minas Gerais do comando nacional do Grande Oriente do Brasil.

No 10.º andar do Palácio mineiro, 103 das 143 lojas maçônicas subordinadas ao Grande Oriente de Minas realizaram no dia 9 passado uma convenção para analisar a crise que se arrasta há dois anos na maçonaria do país. Além do retrato de Dinamarco, os maçons mineiros resolveram cassar-lhe o título de Grão-Mestre de Honra e repudiar duas medidas tomadas por ele: a suspensão dos direitos maçônicos do Grão-Mestre de Minas, Athos Vieira de Andrade, e a intervenção na maçonaria mineira.

A convenção autorizou ainda o Grande Oriente de Minas a formar uma nova Federação Maçônica com mais nove Grandes Orientes estaduais (1) que se rebelaram contra os resultados oficiais da última eleição para renovação do poder central da maçonaria, realizada em fevereiro.

Embora não seja a primeira, esta parece ser a mais grave crise na sociedade antes resguardada pelo manto do sigilo e aparente honorabilidade de seus membros. O escândalo surgiu quando foram anunciados os resultados das eleições, em que duas chapas disputaram uma campanha cujos limites e discrição tinham sido rompidos por violentas acusações recíprocas que iam da prática de abuso do poder até corrupção.

O deputado mineiro Athos Vieira de Andrade, um pastor presbiteriano de 44 anos de idade, encabeçava a chapa de oposição ao candidato oficial, dentista Osmane Vieira de Rezende, da Guanabara. Os resultados apresentaram números divergentes: para a oposição, Athos era o vencedor com 7.175 votos, contra 3.820 de Osmane. O Tribunal Eleitoral Maçônico, entretanto, pelo processo de anulação das atas, inverteu o resultado beneficiando Osmane, que ficou com 2.120 votos e Athos com 1.107. A anulação de cerca de 80% dos votos teria como motivo dívidas das lojas com o Grande Oriente, cadastros (títulos eleitorais) irregulares e atas remetidas fora dos prazos.

Esses resultados foram contestados inicialmente com o recurso ao Tribunal Maçônico, sem qualquer efeito. Posteriormente, foi convocada uma reunião para o dia 27 de maio, no Rio, onde se tentaria um acordo na seguinte base: renúncia de todos os candidatos, anulação do pleito e a escolha de um candidato único. O encontro foi presidido pelo Grão-Mestre Dinamarco, que leu um discurso anticonciliatório falando da “gravidade das últimas ocorrências desencadeadas no seio da Ordem pelas paixões malsãs de certo grupo de descontentes que, engajados no propósito de solaparem o secular



MG, o Oriente rebelde: Danylo, de óculos, e Athos, centro.

prestígio da maçonaria no mundo profano, vêm investindo contra a segurança interna da Ordem”. E, no dia seguinte, investiu contra os “descontentes” suspendendo seus direitos maçônicos e nomeando interventores nos Grandes Orientes de Minas, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.

Apesar da fidelidade e do respeito juraram ao Grão-Mestre Geral, os dirigentes de 10 Grandes Orientes estaduais tomaram como “descabidas” as palavras de Dinamarco e lançaram uma proclamação conclamando as lojas estaduais à cisão.

Na verdade, o grande ponto de divergência entre as duas facções da maçonaria é o dinheiro. Athos afirma que o interesse de Dinamarco em impedir que a oposição salsse vencedora nas eleições “se prende à prestação de contas da atual diretoria”.

Em seu amplo gabinete no Palácio da Lavradio, no Rio, o atual Grão-Mestre Geral responde com certo desdém às acusações da oposição. “São apenas 10 Grãos-Mestres que estão fazendo subversão ao se rebelarem contra a decisão da Justiça Eleitoral Maçônica”.

Para Dinamarco o movimento rebelde começou em maio do ano passado quando foram cassados os direitos maçônicos do Grão-Mestre de São Paulo: Danylo José Fernandes, acusado pela Loja “Francisco Glicério” de ter-se apropriado de 279 mil cruzeiros, que deveriam ter sido recolhidos ao Grande Oriente do Brasil. Danylo, alegando que o débito importava apenas em 180 mil cruzeiros, ainda tentou um acordo: comprometia-se a pagar 150 mil em bônus do Estado de São Paulo e 30 mil em dinheiro se fosse reintegrado no cargo de Grão-Mestre. O acordo não foi aceito e Danylo aliou-se a Athos Vieira, lançando sua candidatura ao poder central.

Essa união, contudo, representava muito mais do que uma aliança política. Danylo e Athos passaram a convocar as lojas maçônicas a não envi-

ar mais as contribuições regulares ao Grande Oriente. “pois quando eu for eleito, dizia Athos, resolverei todos os problemas”. Segundo Dinamarco, “a omissão no envio dos metais (eufemismo maçônico para designar dinheiro), soma que hoje alcança quase um milhão de cruzeiros, prejudicou as lojas que tiveram seus votos anulados”.

Dinamarco reservou as acusações mais violentas para Athos, um inexpressivo deputado cujo estranho passado político agora relembro, inclusive por Dinamarco que recomendara o nome de Athos aos maçons, nas eleições estaduais de 1970. “Para que ele ultrapasse os umbrais de nossas lojas e se projete o apoio de todas as classes sociais”, dizia Dinamarco numa conclusão “aos maçons do Brasil”. Para seus inimigos de hoje, Athos conseguiu maior projeção quando foi preso em Cuba por contrabandear dólares, durante uma visita que fez acompanhando uma delegação brasileira de 120 pessoas. Ele é acusado também de em dois anos nunca ter prestado contas do dinheiro do aluguel de várias lojas comerciais do edifício pertencente ao Grande Oriente de Minas Gerais, na rua Rio de Janeiro no centro de Belo Horizonte. Segundo Dinamarco, a renda mensal desse edifício é de cerca de 13 mil cruzeiros o que em dois anos há muito dinheiro”.

De qualquer forma, a cisão entre as 900 lojas maçônicas brasileiras não é mais uma simples ameaça de um pequeno “grupo de descontentes” e dentro de alguns dias deverá se tornar um fato concreto com a criação de uma nova federação com sede em Brasília — sonho acautelado há vários anos por alguns maçons. Dinamarco, aparentemente ignorando todo o escândalo, já começou a distribuir na semana passada convites para a posse de seu substituto, Osmane Vieira de Rezende, marcada para o dia 24 de junho. (Gimilson Cezar)

(1) São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Estado do Rio, Ceará, Rio Grande do Norte e Distrito Federal.

Uma sociedade outrora secreta

Nascida das antigas corporações de pedreiros da Idade Média, inicialmente com o objetivo de guardar os segredos dos métodos de construção e, com o passar dos tempos, para "reformular a conduta moral" dos homens, a maçonaria não é mais hoje o que se chama comumente de sociedade secreta. Além da já desgastada mística do sigilo, alguns rituais, símbolos e emblemas (esquadro, martelo, compasso, avental), e da filantropia, pouco restou da antiga grande influência maçônica.

Hoje, a maçonaria marca sua presença muito mais pela publicidade, ostensiva presença em festividades e comemorações importantes e promoção de desfiles paramentados espalhafatosamente. O atual Grande Oriente do Brasil, criado em 17 de junho de 1822, acredita que com esse

novo procedimento tornará a maçonaria mais aceita por todos.

Apesar da discussão do problema ter sido iniciada há pouco tempo já há fatos concretos de uma aproximação da maçonaria à Igreja Católica. Em Sergipe, o arcebispo de Aracaju dom Luciano Duarte e a Loja Maçônica Cotinguiba compraram em comum uma Fazenda Comunitária para abrigar famílias de retirantes. E num fato inédito dentro da Igreja Católica, dom Luciano compareceu a uma loja maçônica pra fazer uma palestra.

E verdade que enquanto se fortalece externamente abrindo suas lojas ao público e aproximando-se da Igreja, internamente crescem as divisões. Já em 1927 a maçonaria brasileira sofreu sua primeira grande cisão, dividindo-se em Grande Oriente do Brasil e Grande Loja, embora as diferenças de princi-

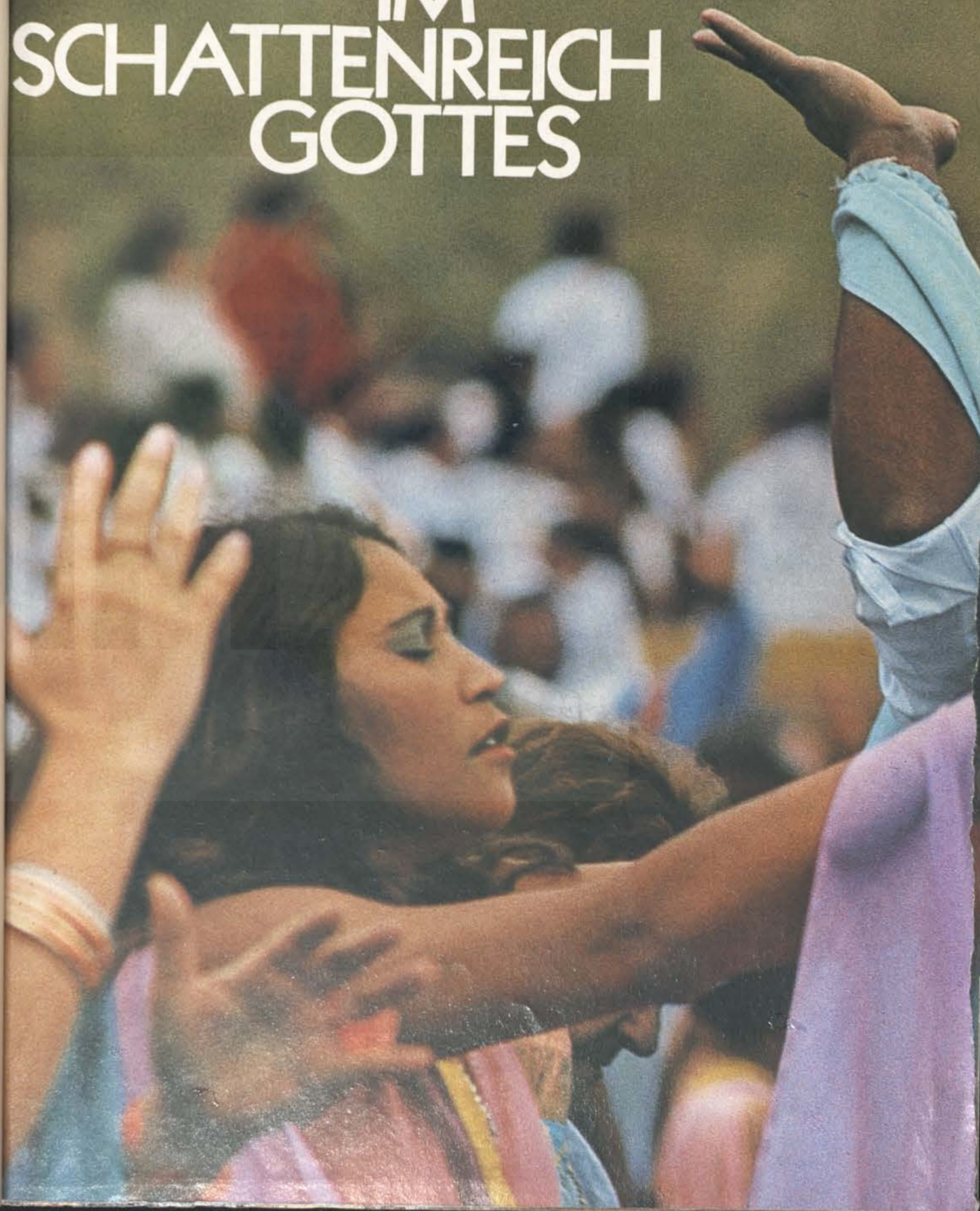
pio sejam mínimas. O Grande Oriente conta com 900 lojas enquanto a Grande Loja 600, agregando ambas um total de três milhões de maçons segundo as estimativas otimistas dos próprios maçons, entre ativos e inativos.

Se a divisão for levada a efeito é provável que o poder do Grande Oriente fique mais diluído ainda. A nova federação deverá ter pelo menos 80% das 900 lojas que formam o Grande Oriente, localizadas nos 10 Estados. Além disso, Athos Viera, que vai chefiar o novo órgão em Brasília, já iniciou entendimentos com o Grão-Mestre da Grande Loja, coronel José Lopes Bragança, para a fusão dos dissidentes atuais com os de 1927, criando uma organização incomparavelmente mais poderosa que a matriz original. (G. C.)

CCED

IM SCHATTENREICH GOTTES

foto Juni 78



16-2-81 1100

ICRELA

Alle Menschen werden gleich im »Spiritistischen Orden Christi«, einer der zahllosen brasilianischen Sekten. Im größten katholischen Land der Erde verbinden sich indianische und afrikanische Glaubensvorstellungen mit der christlichen Lehre zu phantastischen Mischformen. Gemeinsam ist ihnen das Warten auf einen Erlöser

CCED



16-2-81 Mo



Läuterung durch Kontakt mit den Geistern der Verstorbenen

»Solar dos Mediuns« - Herrenhaus der Medien heißt die Kultstätte des Ordens »Espiritualista Crista« im Dorf Vale do Amanhacer nördlich von Brasília. Am Rand eines Beckens mit geweihtem Wasser werden die Anhänger der christlich-spiritistischen Sekte durch Meditation zu Medien. Im Zwiegespräch mit den Geistern längst Verstorbener tauschen sie ihre »schlechten Energien« gegen »gute« aus

**Ein Bericht von Benno Kroll
mit Fotos von René Burri**

Daß ich dem ehemaligen KZ-Arzt in Brasilien begegnete, war, für sich betrachtet, nicht verwunderlich. Auch Mengele und Eichmann hätte man früher in Südamerika treffen können. Aber daß sein Gesicht vom Biß der Reue gezeichnet war, erschien mir befremdlich, und es erschütterte mich. In einem Konzentrationslager des Dritten Reiches soll er Häftlinge zu Tode gespritzt haben. Nun stand er vor mir, die Augen ins Ungewisse gerichtet, und die Konturen seines zarten Gesichts stürzten in einen Ausdruck namenloser Qual.

Doch war, der im Mittagsschatten eines wellblechgedeckten Tempels vor mir stand, kein vergeisterter Büber, sondern ein schwächlicher Negerjunge, elfjähriger Slumbewohner aus den favelas einer Satellitenstadt von Brasília, und er sühnte eine Schuld, die nicht die seine war. Er sühnte sie mit Blindheit.

Denn der deutsche Massenmörder war längst tot — gehenkt, füsiliert,

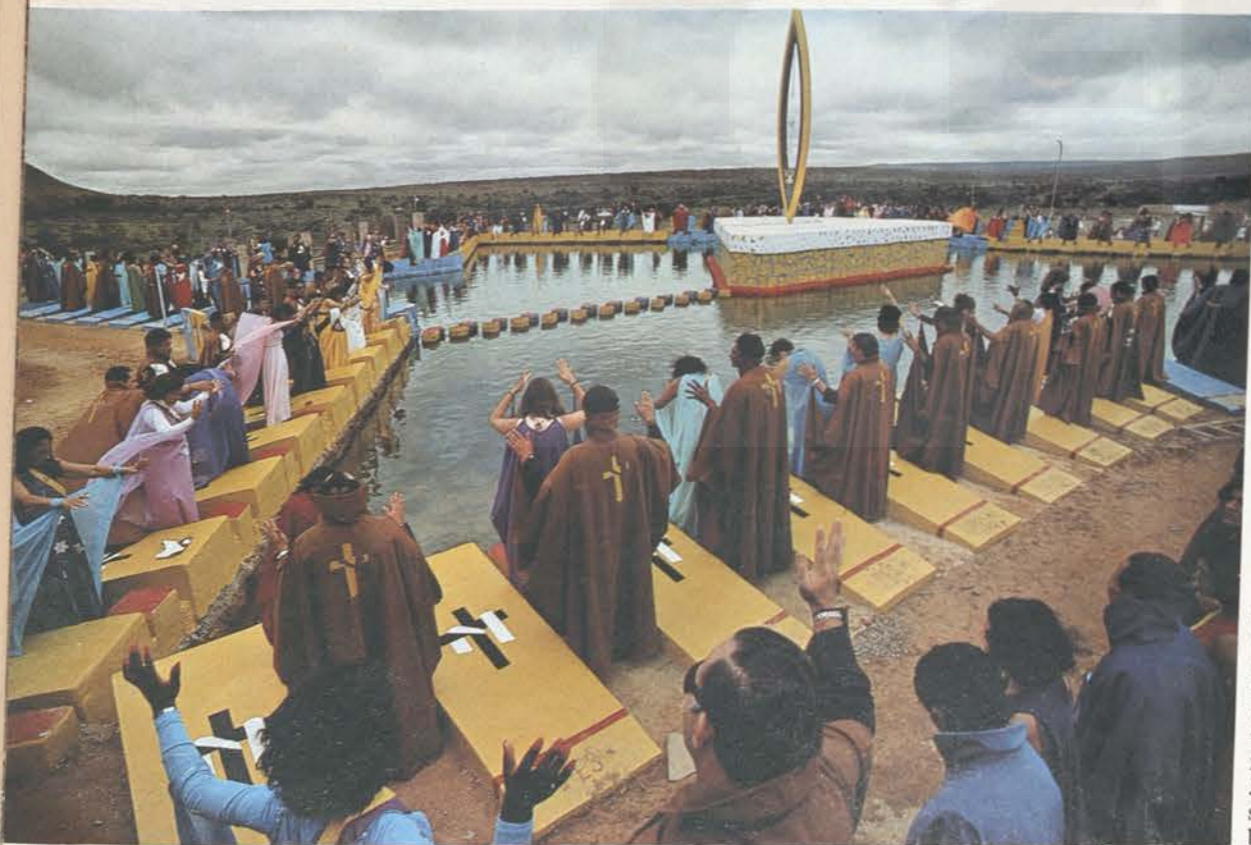
oder im Gefängnis verreckt. Nur sein Geist hatte sich post mortem von seinem erloschenen Körper gelöst und war zu jenem Planeten gereist, auf den die unsterbliche Essenz jedes Menschen heimkehrt, wenn der Leib zu Staub zerfällt — und von dem sie kommt, wenn ihr in Äonen der Läuterung wieder und wieder ein neuer Körper wird.

Auf diesem Planeten, den die Okulare irdischer Sterngucker nie erfaßt haben, denn er zieht jenseits aller Sonnen seine Bahn, regiert „Seta Branca“, der außerirdische Meister der Meister, der dennoch Gott nicht ist, denn niemand weiß, wer Gott ist. Seta Branca hat dem Dämon des deutschen Arztes, damit er zu einer neuen Unschuld finde, die Wiedergeburt in einem elenden Leib befohlen — in dem eines armen brasilianischen Negerjungen, der im Alter von sieben Jahren erblinden sollte.

Das erklärte mir mit der kühlen Flamme seiner Beredsamkeit der Mephisto in der dunklen Uniform, der mich durch den Herrschafts- und Demutsbereich seines Ordens führte.

Und derlei glauben auch seine Anhänger, die „Medien“ des „Espiritualista Crista“, einer christlich-spiritistischen Sekte. Und bedeutet, daß es 18 000 erwachsene Brasilianer glauben. Mario Sass, 70 Jahre alt, ist ihr „Tumuchi“, ein Hohepriester des Ordens, ein Brasilianer, glatt und schwarz scheidelt. Er sollte sich in meinen Augen noch um seine mephistophelischen Magie bringen, als er mir meine aufkeimende Spottlust erklärte, er habe in einer frühen Inkarnation die ägyptischen Pyramiden erbaut.

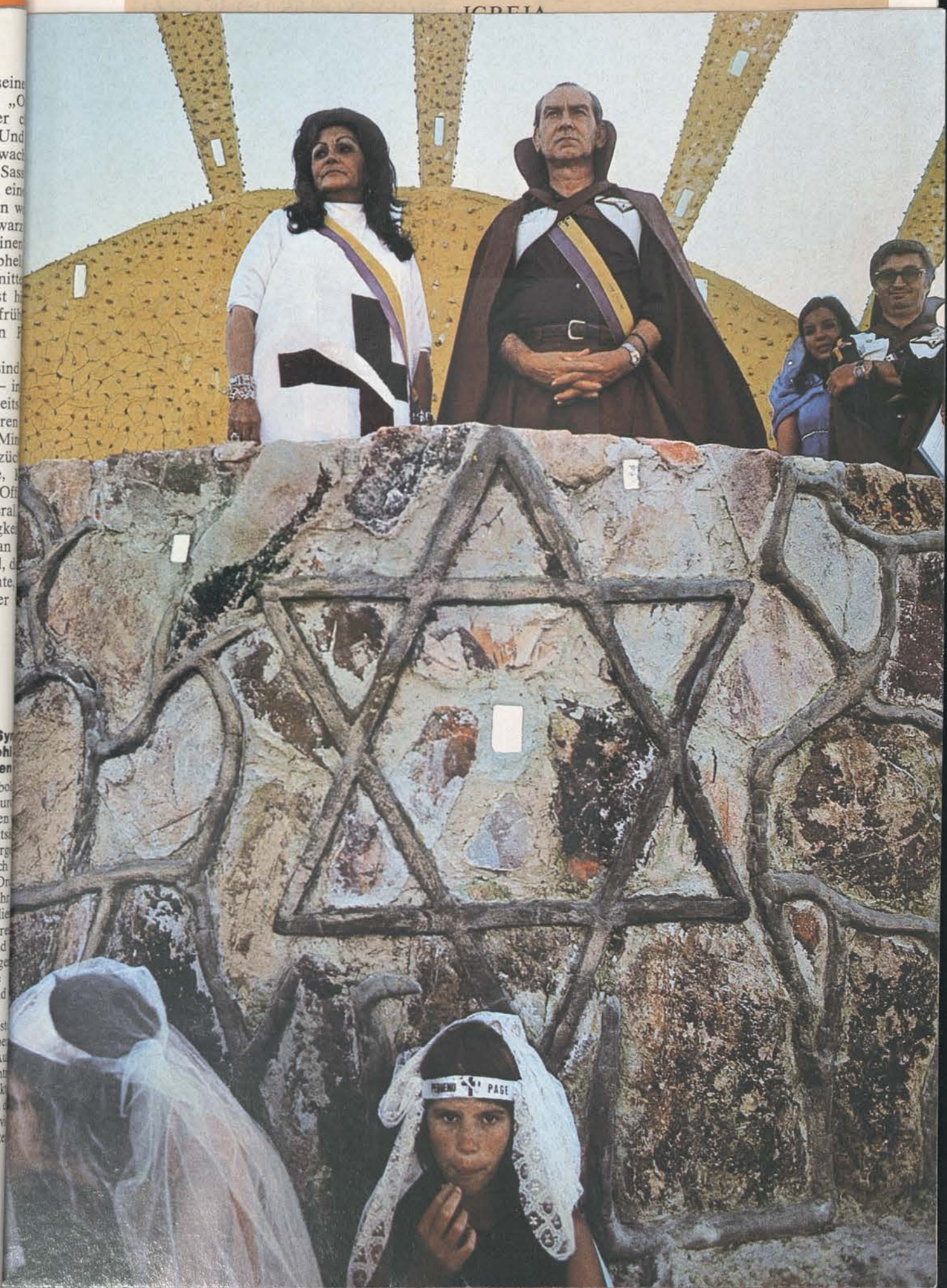
Die an ihn glauben, sind schwarz, braun oder weiß — in der Mehrzahl Arbeiter, Arbeitslose, Elende, in einer unübersehbaren immer noch anschwellenden Misere, aber auch Anwälte, Viehzüchter, Pflanzler, Kaufleute, Beamte, großabgeordnete, Senatoren, Offiziere — und einer ist ein General. Sie glauben mit jesuitischer Festigkeit an die Dogmen des Tumuchi, an die Erklärung von Leben und Tod, an die Naivität, wie ich anfangs meinte, an dem Genie oder der Habgier

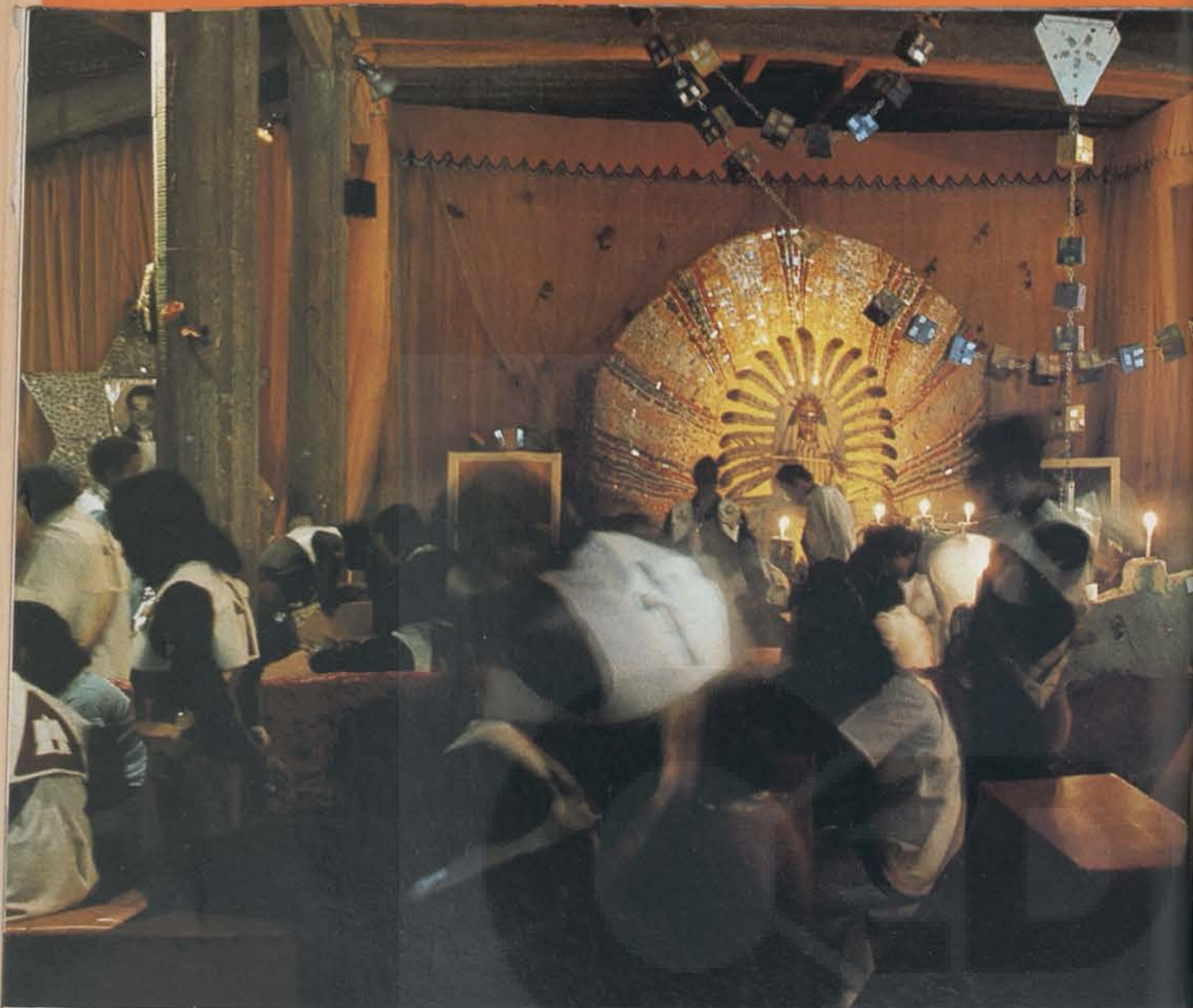


Rituelle und Symbole auf Befehl Außerirdischen

Die Ellipse symbolisiert das Nadelöhr, durch das die Gläubigen einer Menschheits zur anderen übergehen. In ihr gibt es nach dem Credo des Ordens keine Leiden mehr. Für die Leiden der Welt steht das Kreuz, dem Umhang und auf den Betonliegen Neiva, ehemalige Lkw-Fahrerin und nun die Seherin, und ihr Hohepriester der Tumuchi, habe auf Befehl des »Außerirdischen« Bekenntnis und Ritual der Sekte festgelegt, zu dem das Judentum den Davidstern an der Priestertafel beisteuern mußte.

16-2-11 Nov





schwistert sein kann. Doch Mario Sassi beteuerte mir wiederholt, daß die Sekte von niemandem Geld annimmt, keinen Cruzeiro, nicht einmal von dem, der in ihrem Tempel von seiner körperlichen, seelischen oder wirtschaftlichen Malaise geheilt wird. Auf eine vage, geschichtsferne Art ist der kleine Negerjunge wahrscheinlich davon überzeugt, daß sein Schicksal jenseits des Meeres und seiner Zeit in einem Abgrund des Grauens wurzelt. Ich hatte den Tumuchi gefragt, wieviel der Knabe von seiner außerirdischen Fügung weiß, und der Sektenchef hatte mir über den schwarzen Krauskopf hinweg auf englisch geantwortet: „Es scheint, als habe er an seine letzte Inkarnation eine extra-cerebrale Erinnerung.“

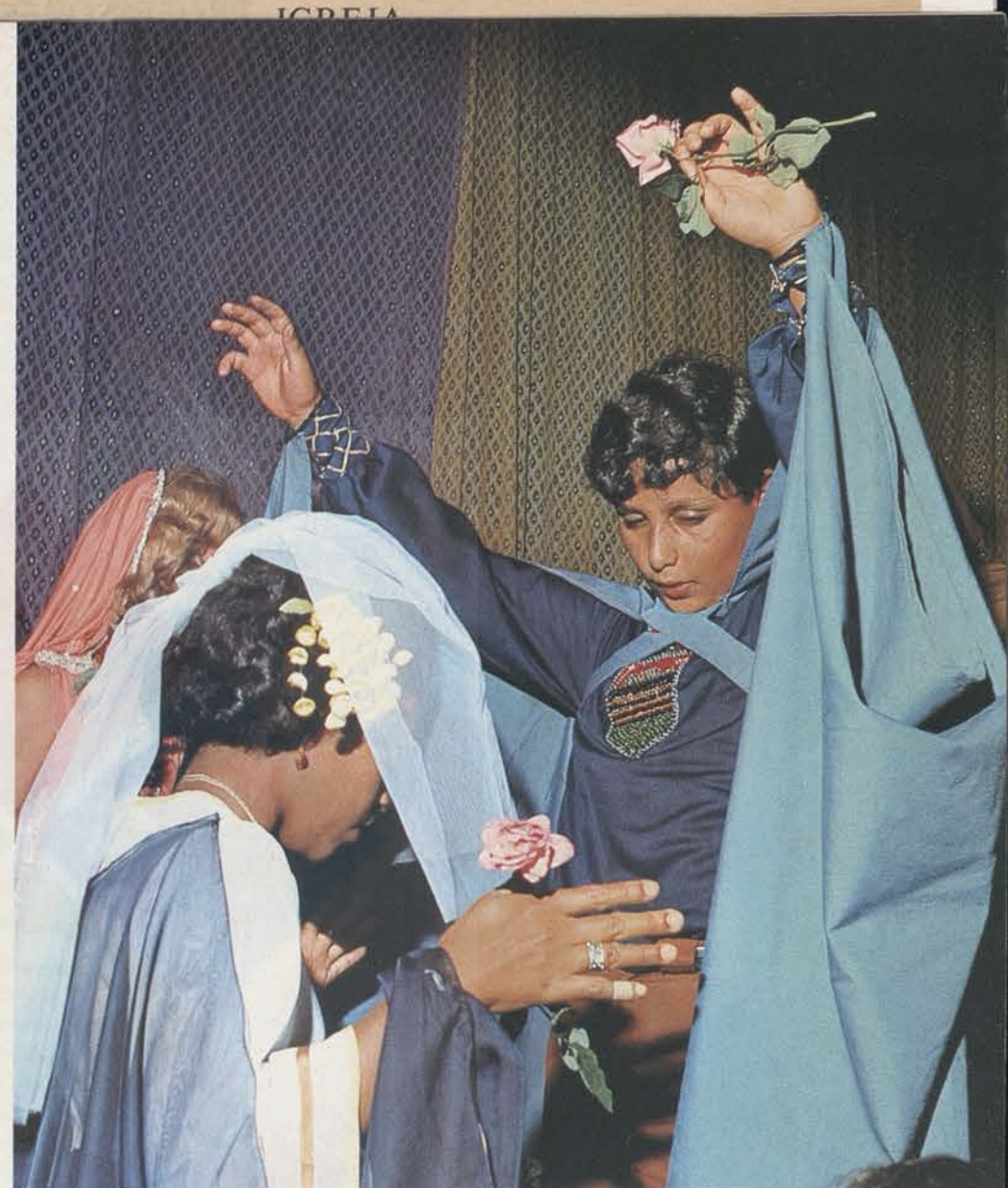
Und der Vater, der demütig und belastet dabeistand, mit seiner Rechten zärtlich den Arm des Sohnes umfaßte — was wußte er? Der Tumuchi sah, immer noch lächelnd, an beiden vorbei. Sein Blick schweifte die breite, sandige Dorfstraße hinab, auf der Menschen in Gralsritter-Umhängen spazierengingen, und blieb an einem ebenerdigen Haus hängen, das die Nachbarhäuser um eine halbe Fensterhöhe überragte. Dann sagte er: „Der Vater ist ein Medium. Er weiß, daß er ein Karma hat.“ Zwischen sanften Hügelkuppen, im dornigen Wildwuchs einer melancholischen Savannenlandschaft 40 Kilometer nördlich von Brasília, hat sich der harte Kern der Sekte 1969

um ein verlassenes Bauernhaus herum das Dorf Vale do Amanhacer baut. Es hatte begonnen, wie es Innern Brasiliens meistens beginnt, ob mit oder ohne Gott, ob des Kaffees, des Kakaos, des Kautschuks des Goldes oder eines Glaubens —, mit einer unautorisierten Landnahme und der hemdsärmeligen Errichtung schlichter Holzhäuser, die Hühnerställe und Schweineköpfe geheftet werden. Seit den Tagen des „Bandeirantes“, der frühen Entdecker und Eroberer des brasilianischen „Interiors“, ist die Rechtfertigung solcher Landnahme eine Sache der Zukunft, und wenn die Zukunft zur Gegenwart wird, eine Frage der Macht. Als der Gouverneur des Bundesdistrikts, auf dessen Boden



Der hl. Franz von Assisi als Inkarnation eines Indianerhäuptlings

Vor dem Altar von Seta Branca, dem »Weißen Pfeil«, huldigen die Ordensmitglieder mittelbar auch dem heiligen Franziskus. Der verstorbene Indianerhäuptling Seta Branca, für die Sekte das höchste außerirdische Wesen, steckte als frühere Inkarnation in der sterblichen Hülle des christlichen Heiligen. Von ihm abwärts hat sich der Orden eine vielschichtige Hierarchie geschaffen. Hochgestellt sind die »mestres«, die Meister. Ihnen gehen Assistentinnen zur Hand, die nach ihrer Segnung einen weißen Schleier tragen



neue Shantytown des Geisterkults gezimmert und gefügt worden war, die Sekte vertreiben wollte, da hatte sie die Macht, sich zu behaupten. Denn fünf Prozent der Staatsdiener des Gouverneurs waren der Sekte als Medien beigetreten. Sie schützten Vale do Amanhacer. In den graurissigen Häusern des Dorfes, aus deren Holzwänden die Nässe der Regenzeit in den heißen Winter schwitzte, leben heute 500 Menschen, darunter 300 Waisenkinder, die von der Sekte ernährt, gekleidet und geschult werden. In dem einstigen Bauernhaus aber, das den Blick des Tumuchi aufgehalten hatte, wirkt, von den Botschaften Verstorbener umwispert, „Tia Neiva“, die Seherin und Ordensstifterin.

Es war Sonntag. Meine Stimmung hatte etwas mit Karneval zu tun — ich war halb belustigt, halb bedrückt. Ich war nun den zweiten Tag in Vale do Amanhacer, noch Skeptiker, noch Rationalist. Das Dorf war wie am Vortage vom Gesumm der Geistergläubigen erfüllt, vom Geflüster Tausender, die einmal leeren Herzens ihre Kirchen verlassen hatten. Es waren nicht nur Medien des Ordem Espiritualista Crista, es waren vornehmlich Katholiken, fromme wie frömmelnde, die mit Bussen und zu Fuß nach Vale do Amanhacer gekommen waren und nun in einem unablässigen Rinnsal in den Tempel drängten. Jährlich kommen 60 000, sagte der Tumuchi. Bei denen, die in Lum-

pen und Sandalen kamen, fiel mir das Verständnis am leichtesten. Sie hatten nach jeder Messe und nach jedem Abendmahl unter der flüchtigen Labial ihres Herzens den ungestillten Hunger ihres Magens wieder verspürt. Jetzt erhofften sie sich Sättigung von einem Gekreuzigten, der mit Seta Branca konspirierte, mit dem Kabbalismus, mit Macumba und der mentalen Existenz Buddhas.

Tia Neiva — „Tante Neiva“ — war noch nicht erschienen. Ich hatte sie gestern von weitem gesehen, als sie in farbig fließenden Gewändern, mit goldenem Geschmeide und von den schwarzen Sonnen ihrer Lid-schatten umdüstert, die Dorfstraße überquerte. Aber ich hatte noch keine Gelegenheit gehabt, mit ihr zu sprechen. Daß ich nach journalistischer Sorgfaltspflicht mit ihr auch reden mußte, hatte etwas unsagbar Peinliches für mich: das Gespräch mit einer Frau, die vorgibt, so selbstverständlich ins Jenseits einzudringen, wie andere einen Hühnerstall aufstoßen. Mit derlei Gedanken folgte ich dem Tumuchi in den Tempel. Ich ahnte nicht, daß sich mir während meiner Zwiesprache mit Tia Neiva aus ganz anderen Gründen die Haare sträuben würden.

Ich trat ungeschützt in ein Chaos göttlicher Gewalten. Ölicher Weihrauchduft drang mir durch die Nase ins Gehirn, blaue, rote, gelbe Lichter schienen sich in das Dunkel der Ewigkeit zu bohren. Sie warfen diffuse Reflexe auf meine Netzhaut. Glöckchen klingelten, Gesänge säuselten, Liturgien brausten kraftvoll auf, Predigerstimmen raunten portugiesische Gebete, wohltonend und unverständlich — und doch nicht ohne Sinn, denn sie rührten an meine vergessene Sehnsucht nach Gott.

Alles geschah gleichzeitig, alles nebeneinander, dieser Tempel war kein Tempel, sondern — in einer Eternit- und Zementhülle von Sportpalastgröße — eine Ansammlung von Tempeln. Dieses Haus, versicherte mir der Tumuchi, sei von den Medien, die sich „Jaguare“ nennen, mit den nackten Händen errichtet worden. Nicht die Algebra eines Statikers, nicht die Blaupause eines Architekten, allein das mediumistische Wissen Tia Neivas habe der Arbeit Organisation und Ziel gegeben. Sie sei eine

Brasilien — ein Schmelztiegel von Religionen aus vier Kontinenten

Nirgendwo wächst der Protestantismus rascher als im größten katholischen Land der Erde. Aber tiefer als aller Kirchenglaube sind die spiritistischen Sekten mit ihren indianischen, afrikanischen, asiatischen Mischformen verwurzelt. Die Vielfalt der nichtchristlichen Religionen gliedert sich in drei Obergruppen

1. Der indianische Messianismus

Die Mythologie der Ureinwohner Brasiliens basiert auf der Hoffnung, eines Tages in ein „Land ohne Übel“ einzugehen, in die ewigen Jagdgründe, etwa vergleichbar der christlichen Vorstellung vom Paradies. Der von Stamm zu Stamm unterschiedlich artikulierte Glaube äußert sich in der allen Indios eigenen Haltung gegenüber diesseitigen Leiden, in ihrer Apathie oder ihrem Stoizismus. Der Rausch nach dem Genuß von Drogen, die von der Pflanzenwelt des brasilianischen Urwalds angeboten werden, ist schon eine Vorwegnahme des leidlosen Zustands im Jenseits.

Die indianische Heilerwartung knüpft sich fast immer an einen prophetischen Führer, einen übernatürlichen Häuptling, eine Art Messias. Er steht als Mittler zwischen Diesseits und Jenseits meist in großer Nähe zur heilbringenden Gottheit. Diese indianische Tradition reicht weit in die Zeit vor der Christianisierung Brasiliens zurück, und sie widerlegt die Auffassung von Religionswissenschaftlern, die heutigen Mischformen indianischer Religiosität hätten ihre Wurzeln ausschließlich im Heilsgedanken des Christentums.

Der autochthone indianische Messianismus ist der Sammelbegriff für jene Heilbewegungen, die ohne Kontakt mit der christlichen Kolonisation gewachsen sind. Sie gründen sich auf die stammeseigene Mythologie, in deren Bildern sich heute noch das ersehnte Endziel ohne christlichen oder afrikanischen Einfluß darstellt, zu dem traditionell indianische Riten den Zugang öffnen. Grundzug der Indio-Religionen ist ein stark ausgeprägter Pessimismus. Die Indianer glauben, daß die Welt alt geworden sei, daß ihr der Untergang drohe und daß daher die Heraufkunft des „Landes ohne Übel“ nahe bevorstehe. Traumvisionen oder Naturereignisse nähren die Erwartung vom Weltende. Fast immer bricht dann ein Stamm unter Führung seines „pagé“, seines Medizinmanns, auf,

um das „Land ohne Übel“ zu suchen. Fast immer führt die Wanderung nach Osten; denn nach der am meisten vertretenen Vorstellung liegt das Paradies jenseits des Meeres, jenseits des Atlantik. Der Zuzug zur Küste leitet den Verfall der Stammeskultur ein. Begleitet von Tänzen und Gesängen, einer Mischung zwischen Diesseits und Jenseits, der Indio ins „Land ohne Übel“ einholen. So lernten die weißen Siedler an der Küste die Indios zunächst als Angehörige einer Rasse kennen, deren Kultur Tänzen und Gesängen erschöpft.

Die synkretistische indianische Bewegung kam im 16. Jahrhundert auf, als die ersten Siedler Portugiesisch-Amerikas Indios zur Sklavenarbeit auf ihren Plantagen preßten. Die indianische Mythologie verschmolz mit dem Christentum — zuletzt wegen ihrer ähnlichen Heilsworte zu einem Synkretismus, einer religiösen Mischform.

Der Unterschied zum autochthonen reinen — indianischen Messianismus besteht in der Wandlung des Führers „pagé“ zu einer Christus-ähnlichen Gestalt. Der Medizinmann war eher ein Halbgott, während der neue Führer als göttlich gilt, ohne jedoch den Anspruch Christi zu tragen. Er bleibt indianisch. Das wichtigste Element dieser synkretistischen Glaubensbewegung ist der Umkehrpunkt der Welt: Die Indios lockt sich in Zeremonien aus, bei denen die Weißen, versklavt zum Opfer bestimmten Initianten die Hände selbst wieder Herren des „Landes ohne Übel“ durch Tanz und Gesang einladen, — allerdings in der Manier der weißen Hineinzufahren. Ist dies geschehen, werden einige Gruppen der Bewegung als „Candomblé“ bezeichnet. Das wichtigste Element dieser synkretistischen Glaubensbewegung ist der Umkehrpunkt der Welt: Die Indios lockt sich in Zeremonien aus, bei denen die Weißen, versklavt zum Opfer bestimmten Initianten die Hände selbst wieder Herren des „Landes ohne Übel“ durch Tanz und Gesang einladen, — allerdings in der Manier der weißen Hineinzufahren. Ist dies geschehen, werden einige Gruppen der Bewegung als „Candomblé“ bezeichnet. Das wichtigste Element dieser synkretistischen Glaubensbewegung ist der Umkehrpunkt der Welt: Die Indios lockt sich in Zeremonien aus, bei denen die Weißen, versklavt zum Opfer bestimmten Initianten die Hände selbst wieder Herren des „Landes ohne Übel“ durch Tanz und Gesang einladen, — allerdings in der Manier der weißen Hineinzufahren. Ist dies geschehen, werden einige Gruppen der Bewegung als „Candomblé“ bezeichnet.

2. Die afrikanischen Religionen

Der Afrikaner sieht sich in einer Welt, die von Kräften gesteuert ist, die sich selbst wieder Herren des „Landes ohne Übel“ durch Tanz und Gesang einladen, — allerdings in der Manier der weißen Hineinzufahren. Ist dies geschehen, werden einige Gruppen der Bewegung als „Candomblé“ bezeichnet. Das wichtigste Element dieser synkretistischen Glaubensbewegung ist der Umkehrpunkt der Welt: Die Indios lockt sich in Zeremonien aus, bei denen die Weißen, versklavt zum Opfer bestimmten Initianten die Hände selbst wieder Herren des „Landes ohne Übel“ durch Tanz und Gesang einladen, — allerdings in der Manier der weißen Hineinzufahren. Ist dies geschehen, werden einige Gruppen der Bewegung als „Candomblé“ bezeichnet.



Voodoo - ein Zauber wird zum Souvenir

Für Touristen fertigte ein unbekannter Maler aus São Paulo dieses Voodoo-Bild. Die Zusammenstellung der Zauber-Requisiten steht für keine bestimmte Richtung des Voodoo - einer Form der Macumba, die aus Dahomey über Haiti nach Brasilien kam. Der Voodoo ist heute weitgehend zur Folklore entartet. In den großen Städten Brasiliens wird »Voodoo-Art« industriell betrieben

Kardec definierte den Spiritismus Mitte des 19. Jahrhunderts. 1865 wurde in Bahia die erste spiritistische Sitzung Brasiliens registriert. Heute ist der Spiritismus als Glaubensbekenntnis neben dem Katholizismus und dem Protestantismus staatlich anerkannt.

Nach der kardecistischen Lehre liegt zwischen Gott und Mensch eine unermessliche Distanz mit einer Vielzahl bewohnter Welten. In diesem System nimmt die Erde als Sühneplanet eine sehr untergeordnete Stellung ein. Die hierarchisch gestaffelten Welten sind bewohnt von „desinkarnierten“ Geistern, also den Geistern Verstorbener, mit denen die Lebenden als Medien in Beziehung treten können. Alle Geister sind zur Vervollkommnung bestimmt, die stufenweise beim Passieren der Welten-Rangordnung erreicht werden kann. Auch Jesus ist so noch immer auf dem Weg zu Gottvater. Der Begriff der christlichen Gnade findet sich nicht mehr: Man kann nur zu Gott gelangen, indem sich der Geist bei jeder Reinkarnation, jeder Wiederverkörperung, äußert und dabei nachholt, was er in früheren Existenzen versäumt hat. Dabei gilt die Liebe unter Berufung auf Jesus als einzige Tugend. Der Spiritismus hat nicht nur beim Christen- und Judentum Anleihen gemacht, sondern auch vom Hinduismus Anregungen bezogen.

Der brasilianische Spiritismus

Spiritisten, Geistergläubige im engeren Sinne, sind in Brasilien nur die Anhänger der Lehren des Franzosen Allan Kardec. In der Kardecismus wird von interreligiösen spiritistischen Vereinigungen angelehnt. Die neuauftretende Religionslehre der Umbanda ist dagegen als eine Mischung des Spiritismus mit Resten afrikanischer Religionen zu verstehen.

Der Kardecismus hat in Brasilien eine Geschichte von über 100 Jahren. Allan

ungebildete Frau, sagte er, einstige Lastwagenfahrerin, das gebe sie in blanker Offenheit zu, aber sie sei ein hochkarätiges Medium, das bedeutendste der Gegenwart.

Nicht sie, Seta Branca sei der Begründer des Ordens, der Erbauer des Tempels, der Denker der Dogmen, der Schöpfer der Rituale, der Erfinder der Heilverfahren, der Gestalter des Tempelschmucks, der Couturier der Uniformen. Er habe sich Tia Neiva in Tausenden kräftezehrender Sitzungen mitgeteilt, und er, der Tumuchi, habe Seta Brancas Botschaften von Tia Neivas unbeholfener Zunge abgelesen und in die Denkdimensionen menschlicher Gehirne übersetzt.

Einst, sagte der Tumuchi, habe er selbst Anhänger spiritistischer Überzeugungen verspottet, damals noch Public-Relations-Manager der Elektrizitätsgesellschaft von São Paulo. Dann, 1965, sei er Tia Neiva begegnet: „Ich hatte so viele Probleme mit meinem Leben, ich dachte an Selbstmord. Tia Neiva aber gab mir auf alles, was ich suchte, eine Antwort.“ Noch verschwiegte mir der Tumuchi, daß die Seherin auch seine Geliebte wurde. Statt dessen sagte er: „Damals weichte ich ihr mein Leben.“

Und während ich ihm in die Tiefe des Tempels folgte, während ich, anfangs fassungslos, durchs Geröll eines verwirrenden Synkretismus mit seinen vielfältigen und widersprüchlichen Symbolen stolperte, der kaum etwas ausließ, kaum eine Hochreligion, kaum ein Schamanentum, kaum einen Mystizismus, da war es nicht der Zweifel, der mich beschäftigte — der war für mich Gewißheit. Es war die Frage: Betrug oder Naivität?

Die Menschenmenge im Tempel fesselte meine Schritte wie ein träger, klebriger Alptraum. Die wenigsten waren hier, um ihre Herzen zu reinigen, um Erkenntnis zu erlangen oder einer der widersprüchlichen Gottheiten zu huldigen. Die meisten waren gekommen, um Heilung von einem sehr diesseitigen und deshalb sehr schmerzenden Leiden zu erfahren — vom Hunger, von der Malaria, dem Krebs, der Epilepsie, von Liebesnot oder anderem Irresein.

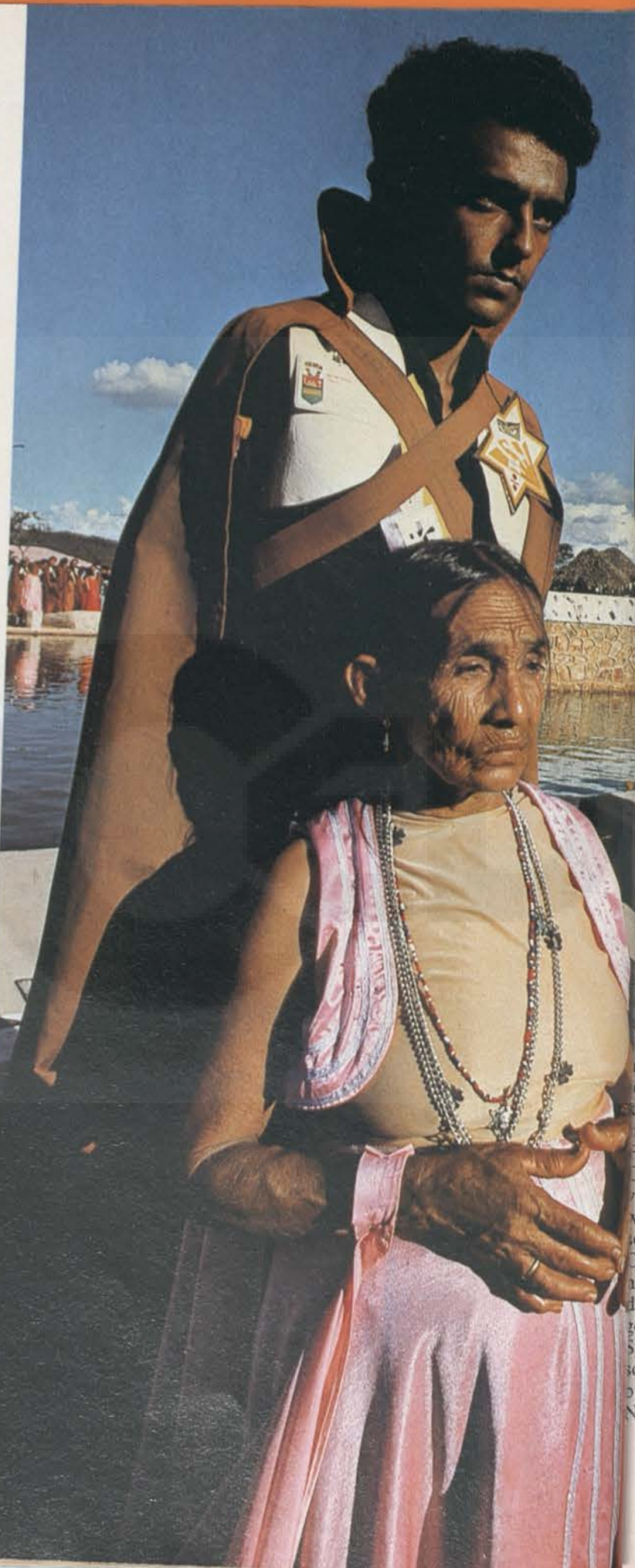
Sie hatten Zufriedenheit im Blick, kaum daß sie den Tempel betraten. Dieses plötzliche Glück, diese endli-

che Heimkehr erleuchtete sie, Stunden ehe sie sich bis zum Kopf einer tausendgliedrigen Schlange Harren der hindurchgewartet hatten, Stunden ehe sie unter den Beschwörungen ihrer uniformierten Exorzisten in Trance fielen und zu zischen und zu zittern und mit den Fingern zu schnipsen begannen — im Samba-Rhythmus.

Es waren stets zwei, die mit dem bösen Geist eines „Besessenen“ rangen, ein „Medium“ und ein „Doktrinador“, beide in schwarzem Hemd und weißem Plastik-Bolero, über den sie eine gelbe Schärpe gebunden hatten — das Medium mit einem Dreieck, der Doktrinador mit einem Kreuzifix auf dem Rücken und beide mit einem Davidstern auf der Brust. Nüchtern wie ein Kalkulator bei einer Fabrikbesichtigung kommentierte der Tumuchi: Das Medium agiere halb, der Doktrinador doppelt bewußt. In der Tat: An allen Tischen, an denen die Besessenen zuckten, als triebe ein Macumba-Trommler ihnen die Klöppel ins Fleisch, hatte das Medium die Augen geschlossen, der Doktrinador aber hatte Stahl im Blick wie ein Erzengel.

Doch ich verbot mir meinen heimlichen Sarkasmus. Die zehn Medien und die zehn Doktrinadores, die sich bis an die Grenzen ihrer Nervenkraft verströmten und Stunde um Stunde von anderen abgelöst wurden, die es ebenso taten, diese zwanzig mal zehn oder bei besonderem Andrang zwanzig mal vierzehn ernsten, ehrbaren, hilfsbereiten, hingebenen Brasilianer — Arbeiter, Studenten, Hausfrauen — konnten sich keinem gemeinschaftlichen Betrug verschrieben haben. Und — außerdem — die Trance der Besessenen? Ich mußte anerkennen: Hier wirkten Energien, die mir unzugänglich waren.

Dennoch: Alles, was in der Verstiegenheit dieses Seelen-Spitals auf meine Sinne wirkte, war — so jedenfalls der Tumuchi — über dieselbe Informationsleiter zu den Medien herabgestiegen: vom außerirdischen Seta Branca (der in seiner letzten Inkarnation ein friedlicher Indianerhäuptling war) zur irdischen Tia Neiva (einst ein Gutsfräulein, das Negerklaven beistand) — und von Tia Neiva zu Mario Sassi, dem Erbauer der Pyramiden.



Menschen aller Schichten und Rassen finden im Orden ihre eigene Art von Heil

In der Obhut der Medien sind alle Menschen gleich. Die indianische Landarbeiterin sucht durch Zwiesprache mit den Geistern eine bessere Zukunft für ihr Ungeborenes zu bewirken. Die weiße Bürgertochter glaubt mit der gleichen Hingabe an die Heilslehre der Ehefrau Tia Neiva. Sie läßt sich von einem »mestre« auf ihre Trauung vorbereiten, denn der Orden schließt auch Ehen. So sichert er sich die spätere Kindtaufe: Damit ein reinkarnierter Geist in eine bereits vorgebestimmte Hülle fahren kann



Wes Geistes seine Worte, welchen dunklen Ursprungs sie auch gewesen sein mögen — es war der Mund des einstigen Publicity-Fachmannes, der sie ausgesprochen hatte. Er hatte dem Standbild Seta Brancas im Tempel das Bronzeantlitz und den Federputz aus Neonröhren verordnet, der in allen Reklamefarben glühte. Er hatte in Wort und Schrift verkündet, daß Seta Branca in einer früheren Inkarnation der heilige Franziskus gewesen sei. Er hatte Christus vom Kreuz genommen und vom Blut gesäubert und ihn unverwundet und wächsernen Leibes in einem Tempel aufgestellt, weil der Orden „nur den Geist anbetet und nicht das Blut“. Er hatte den Kult des Davidsterns bestimmt, die Vergötzung stilisierter afro-kultischer Symbole, die Anbetung kabbalistischer Sinnbilder, das Eindringen in buddhistische Meditationen, das Nachbeten konfuzianischer Lehrsät-

ze. Und er hatten den Schwur der Medien formuliert: „In dieser Stunde komme ich, Dich zu bitten, mich in Deine orientalische Armee aufzunehmen... Nimm meinen Geist an Deinem Tisch auf... Schlage mich, wenn mein Geist Dich verläßt...“

Und jetzt öffnete sich sein Mund erneut: „Noch können wir Krebs nicht heilen“, sagte er, und es war ihm nicht anzumerken, ob meine Verblüffung ihn erreichte, „noch nicht. Wir können den Schmerz von einem Erkrankten nehmen, wenn er einmal in der Woche zu uns kommt. Aber in einer nahen Zukunft werden wir ihn auch heilen können. In einem Fall von Leukämie ist es uns bereits gelungen.“

Humbug? Größenwahn?

„Vor drei Jahren, als die Meningitis-Epidemie bei uns grassierte, starben die Menschen in den Hospitälern, und in Brasília war kein Bett frei. Aber keines unserer damals

7000 Medien wurde angesteckt. Denn wir wußten, daß es kein irdischer Virus war, der die Epidemie hervorrief. Es war die typische Art eines Erregers, der aus dem Weltraum kam. Und wir wußten, wie er zu neutralisieren war.“

Hirngespinnste?

„Es ist unsere Mission, Menschen zu helfen, gleichgültig, ob ihre Probleme körperlicher, seelischer oder ökonomischer Art sind, gleichgültig auch, ob sie schwarz oder weiß, reich oder arm, Analphabeten oder Akademiker sind. Wir fragen niemanden, wie er heißt. Aber sein Problem ist unser Problem.“

Altruismus als Lockspeise?

„Wir fragen ihn nicht einmal nach den näheren Umständen seines Problems, wir wollen lediglich wissen, ob es mit seinem Körper, seiner Seele oder seinem Portemonnaie zu tun hat. Wir haben für jede Problemart eine andere Behandlungsmethode. Ist beispielsweise sein Mißgeschick finanzieller Art, dann müssen wir nur einen negativen Strom aus seinem Innern leiten, keinen bösen Geist, nur einen Strom.“

Okkulte Einfalt?

„Unsere Doktrin läßt sich mit drei Worten ausdrücken: Liebe, Menschlichkeit und Toleranz.“

Phrasen?

„Und wir nehmen kein Geld für unsere Hilfe, nicht einmal ein Geschenk.“

Lüge?

Nein, so lapidar lassen sich die Überzeugungen Mario Sassis wohl doch nicht in Frage stellen. Zwar ist kaum damit zu rechnen, daß Krebsleidende eines Tages an mediumistischem Zauber genesen, aber es muß damit gerechnet werden, daß Mario Sassi es glaubt. Denn was er denkt, denkt er nicht als erster. Sein Credo wurzelt tief in der Religionsgeschichte Brasiliens. Der brasilianische Spiritismus ist keine Verschobenheit einiger verirrter Schafe des Herrn, sondern seit über 100 Jahren die religiöse Anschauungswelt einer wachsenden Zahl botmäßiger Christen, die der Barmherzigkeit des Erlösers im Prunk ihrer Kirchen nicht begegneten.

Heute suchen vier Millionen Menschen — ein rundes Zehntel der erwachsenen Bevölkerung Brasiliens — in außerirdischen Kontakten und me-

16-2-11 Mo

ICRELA

16-2-11 Nov



dialer Trance die göttliche Ordnung der Welt. Denn darin unterscheidet sich der Spiritismus Brasiliens von den okkulten Zirkeln anderer Länder: Er ist eine Religion.

Zwar ist Brasilien das größte katholische Land der Erde (102 von 110 Millionen Brasilianern gehören, mindestens nominell, der römisch-katholischen Kirche an), zwar ist es gleichzeitig das Land, in dem der Protestantismus am schnellsten wächst (von 1957 bis 1961 beispiels-

weise von 2,86 auf 6,06 Prozent), aber es ist auch das Land, in dem der Spiritismus am weitesten verbreitet ist. Auf den Fragebögen staatlicher Erhebungen sind drei Konfessionen vorgedruckt: Katholizismus, Protestantismus und Spiritismus.

Obwohl bis 1889 (und noch einmal von 1934 bis 1945 unter dem Diktator Getúlio Vargas) Staatskirche, ist es dem Katholizismus in Brasilien nie gelungen, zur Denk- und Verhaltenspriorität eines Volkes zu

werden — wie im portugiesischen Mutterland oder im spanischen Lateinamerika. Brasilianern ist es nicht näher bestimmtes Ewiglich, blicklos einer Heiligen Meit hinaufzuwachsen. Die Kirche hat der Latifundien in einer Kultstätte des Macumba Schweineblut und Samba-Hüls dem Elend der Massen. Erst vom Fluch des bösen Nachbarn 1945 bis 1964, in dem säkularen befreien. Auch Macumba, ursprüngling der Freiheit zwischen Varch eine Kultform der Bantu-Sias und der gegenwärtigen Generals-ven, ist heute eine Spielart des Siktatur, besann sie sich darauf, daß tismus, zunehmend attraktiv auch eele und Magen im selben Chri-Weiße selbst höherer Schichten, ten wohnen, und daß es dem Magen

Das Geister-Zeremoniell wird ausstaffiert wie die Kulisse eines Science-fiction-Films

Vor den bleicheren Strahlen einer aufgehenden Sonne, flankiert von einem schärpenumwehten Kreuz, beschwören die Medien die Geister der Verstorbenen, die irgendwo obscure Planeten umschweben. Der Orden hat die Szene mit Symbolen versehen, die an Tia Neivas Landstraßen-Vergangenheit erinnern, und seine Mitglieder tragen Kostüme wie Leinwand-Kosmonauten

gegeben ist zu hungern. Erstmals fanden die Sozialreformer unter den Klerikern das Gehör des Episkopats. Dom Hélder Câmara, Erzbischof von Olinda und Recife, wurde Präsident der brasilianischen Nationalkonferenz der Bischöfe. Doch die Generäle — nachdem sie 1964 den demokratischen Präsidenten João Goulart gestürzt hatten — erklärten die „Umerziehungsbewegung“ der Kirche als subversiv, sie unterdrückten die neuen katholischen Gewerkschaften und säuberten das kirchliche Radio-Alphabetisierungsprogramm von demokratischen Inhalten.

Dom Hélder Câmara, heute als Kommunist verteufelt, findet in der brasilianischen Öffentlichkeit kaum noch Resonanz, die Presse verschweigt ihn. In den katholischen Gemeinden geht die Fürbitte wieder über die Fürsorge, aber das Flehen hat eine dünne Stimme: In den 34 000 Kirchen des Landes predigten 1975 nur 13 000 Priester.

Und der proselytische Protestantismus nordamerikanischen Ursprungs, der mit seinem Freiheits- und Gleichheitsideal unter den Benachteiligten des Klassenstaats so erfolgreich war, kümmert sich nur noch um die innere Demokratie seiner Sekten.

Was katholische Priester und protestantische Prediger jedoch — politischer oder kanonischer Gewalt gehorchend — aus Verkündigung und Feldarbeit ausschließen, das schließen die Erleuchteten der Geisterlehre desto emphatischer ein: das Bekenntnis zum demokratischen Prinzip und — vor allem — den Anspruch, körperliche Leiden und seelische Kümernisse zu heilen.

Öfter als es die Schulmedizin wahrhaben will, lösen sie diesen Anspruch ein. Dabei spielt es kaum eine Rolle, daß sie den Ursprung von Krankheiten unterschiedlich deuten. Für die Anhänger des Macumba und des „niedereren“ Umbanda ist Krankheit eine Folge des bösen Blicks, den ein Mißgünstiger mit magischer Energie auf sein Opfer richtet. In diesen animistischen Zirkeln afrikanischen und indianischen Ursprungs werden die Leidenden von Exorzisten geheilt und die bösen Geister mit Tieropfern besänftigt. Für die Gefolgsleute des „höheren“ Umbanda

und reputierlicherer Formen des Spiritismus ist alles Leiden nach dem hinduistischen Gesetz des Karma die Konsequenz einer früheren Inkarnation, so für die Jünger Allan Kardecs, der den brasilianischen Spiritismus mit seinem „Buch der Geister“, erschienen 1857, begründet hat.

In der Kultschmelze Mario Sassis findet sich von allem etwas: In Vale do Amanhacer glauben die Medien an das Karma, gleichzeitig glauben sie, daß jemand von einem „unerlösten“ Geist „besessen“ sein kann, und sie praktizieren den Exorzismus. Trommeln, Tanzen, Tieropfer und kultisches Rauchen freilich, im niederen Umbanda an der Grenze zum Macumba noch geübt, lehnt Mario Sassi ab.

Eines aber glaubt er wie alle Spiritisten: daß alle Menschen gleich sind — was Christus zwar auch verkündet, die brasilianische Kirche aber vergessen hat. Und wo sie ungleich sind, da unterscheiden sie sich nur nach dem Grad ihrer Vollendung. Alle spiritistischen Schulen überwinden in Trance und Wiedergeburt die Klassegegensätze der Gesellschaft. Ein Medium kann ein Bettler sein, verachtet und geschmäht, er ist dennoch ein Medium. Denn nach spiritistischer Überzeugung hat jedermann eine Potenz als Medium und damit die Pflicht, sie zu entwickeln. Selbst der „Caboclo“, der ungebildete, ungehobelte portugiesisch-indianisch gemischte Bewohner der Wildnis, wächst im Umgang mit den Außerirdischen über die Gering-schätzung der Gesellschaft hinaus, etwa wenn er den desinkarnierten Geist eines toten Fazendeiros erreicht und als Ebenbürtiger dessen Botschaft empfängt.

Überdies ist das Leben auf dem „Sühneplaneten“ Erde im großen Buch der mentalen Existenz des Menschen stets nur ein Kapitel. Jede Wiedergeburt kann Aufstieg oder Abstieg bedeuten. Wer in einer früheren Inkarnation ein Arzt war, ist heute ein armer Negerjunge, wer heute ein General ist, war ehemals vielleicht ein Sklave. Jedem aber, auch dem Ärmsten, gibt die Gewißheit, daß er das Leben zu deuten vermag, die Kraft, es mit Selbstachtung zu leben.

Das christliche Gebot, Gott zu lieben, der ihnen ein Unbekannter ist,

haben die Spiritisten aus ihrem Pflichtenkatalog verbannt. Statt dessen lieben sie die Menschen, die leiden wie sie, ihre Genossen im ewigen Prozeß der Katharsis. Mario Sassis Waisenkinder sind dafür ein Beispiel, die Taten der „Kardecisten“, der Anhänger Allan Kardecs, ein noch besseres. In der Volkszählung von 1972 bekannten sich 633 000 Brasilianer zu dieser Kultgemeinschaft. Zählt man die Dunkelziffer jener hinzu, die dem Zensor, weil sie nicht belächelt werden wollten, statt ihres Geisterglaubens lieber die Konfession ihrer Kindheit nannten, dann ist es einer knappen Million Spiritisten gelungen, den katholischen Koloß auf dem Felde der Nächstenliebe zu beschämen.

Denn in den 100 Jahren ihres Wirkens haben die Kardecisten in Brasilien 25 Krankenhäuser gebaut, eine Zahl, die von der katholischen Kirche in vier Jahrhunderten nur um 20 übertroffen wurde. Katholischer Caritas sind mittlerweile 178 Ambulanzen und 50 Obdachlosen-Asyle zu danken, kardecistischer Wohltätigkeit immerhin 168 beziehungsweise 104.

Tia Neiva war beklemmend schüchtern, als sie mich in ihrer Bauernkate empfing. Der Tumuchi saß mit schlecht verhohlener Begehrlichkeit neben ihr. Seine Erwartung, das spürte ich, galt meiner Niederlage, dem Sturz meines aufgeklärten Hochmuts. Der Raum, in dem wir ein feierliches Dreieck bildeten — Tia Neiva hinter dem Schreibtisch, Mario Sassi unter einem Kruzifix an der Wand, ich in einem Ohrensessel am Fenster —, war wie ein Zigeunerkarren mit den Fetischen sentimentaler Erinnerung überfrachtet, mit Puppen, Nippes und den Fotografien der Bewohnerin.

Auch Neiva Chavez Zelaya, heute 53, hat sich in den Traumstunden der Trance mit einer Gesellschaft versöhnt, die sie bei wachem Bewußtsein früher als feindlich erlebt hatte. Geboren im trockenen Küstenstreifen des Bundesstaats Sergipe, der kaum die Hälfte seiner Bürger ernährt, Tochter eines Elenden, wurde sie früh eines Elenden Frau und bald auch dessen Witwe. „Ihr Mann war ein Bandeirante“, hatte der Tumuchi erzählt, „er hat für die Zivilisierung der brasilianischen Wildnis ge-

kämpft.“ Das stimmt. Mit einer dertschaft anderer Männer, die arm waren wie er, hat Neiva die Baumriesen geschlagen, die Straßenneubau von Goiânia in Belém im Wege standen, und bedeutete einige tausend Kilometer heißen, zornigen Ringens. Regen und Lehm und Hitze. Er erlag er dem Stich einer Fliege. Neiva war 22, als er in einem Urwaldcamp starb, und einzige, was er ihr hinterlassen hatte, waren vier Kinder. Die Witwe aber kehrte nicht zu ihrer väterlichen Familie zurück. Als erste Frau Brasiliens machte sie den Führerscheintaxi Lastkraftwagen.

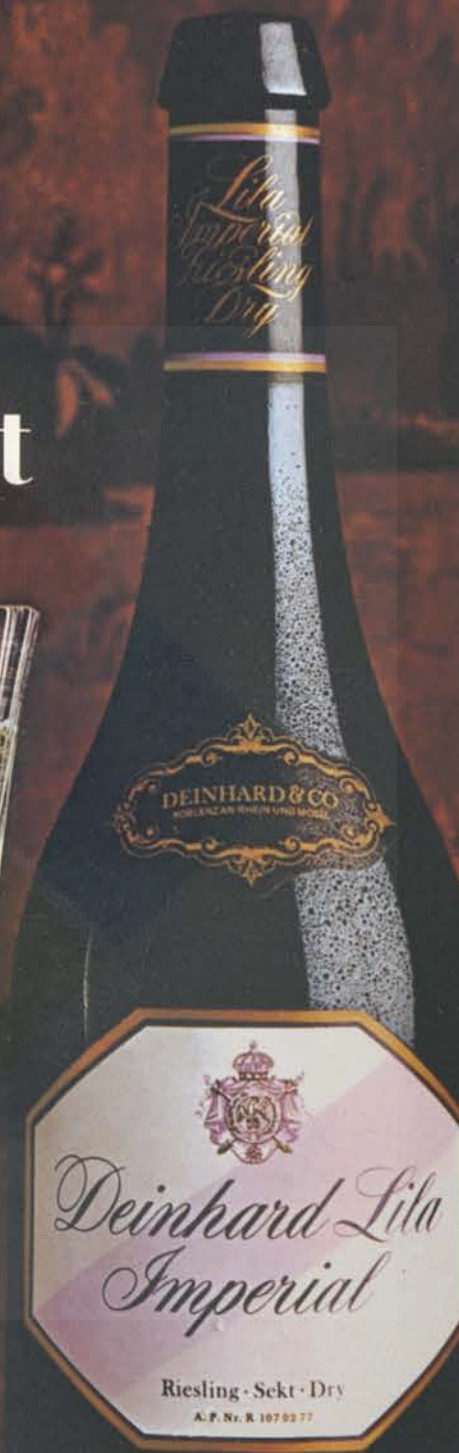
Die Frau, die sie dann wurde, imponierend. Ich habe Fotos aus jener Zeit gesehen: Da wirkt sie schon in ihrem schmutzigen, beutelhaften Overall schlank und schön und stolz ihrer frühen Emanzipation leuchtet. Jetzt, 30 Jahre später, die Kontemplation in ihrem Antlitz den Stolz gelöscht. Doch mit welchem Ergebnis? Drückt dieses Gesicht Gewißheiten aus? Das Foto der einstigen Lastwagenfahrerin mit rastloser Energie um das Leben ihrer Kinder gekämpft und in der neuen Stadt Bohnen geladen hatte, sie, lokale Preisgefälle nutzend, der nächsten Stadt zu verkaufen, verbrannt. Aber jetzt? Gingen Stellen der Kraft von ihr aus? Ich sah die Schüchternheit dieser Frau, das, was ich dafür hielt. Und noch: Während ich in diesem Raum saß und Tia Neiva in sich versank während ich lange warten mußte, sie ihr Schweigen brach, bekam ich Angst.

Sie mußte sehr gelitten haben, wenn stimmt, was der Tumuchi erzählt hatte. Danach sah und hörte sie 1959 zum erstenmal die Geister, die sie fortan nicht mehr losließ. Aber Tia Neiva akzeptierte sie nicht. Sie saß noch immer am Lenker ihres Lasters und hatte noch immer die Kinder am Rockzipfel. Sie holperte sie mit Stahl und Zement über die Baustelle von Brasília. Sie wollte die Geister loszuwerden, ging sie zu einem Psychiater. Doch ehe sie sagen konnte, sah sie neben ihm einen Mann. „Ich sehe einen alten Mann“, sagte sie, „der Mann hat ein Gesicht wie ein Hund.“ So hatte der Vater

16-2-81 Mo

IGREJA

Kultiviert



Deinhard Lila Imperial

Maß für klassischen Sekt

Psychiaters geheißten, der drei Monate vorher gestorben war. „Du gehst besser zu einem Priester“, riet ihr der Seelenarzt.

Der Geistliche, zu dem die Katholikin Neiva Chavez Zelaya ging, war Padre Roque, Kaplan in Núcleo Bandeirante, jener Barackenstadt, in der die Männer wohnten, die Brasília bauten. „Ich glaube, ich bin krank“, sagte Tia Neiva zu ihm. „Ich habe Gesichte.“

„Das ist der Teufel“, sagte, wie zu erwarten war, Padre Roque. „Bete um deine Seele und bringe Ziegelsteine für den Aufbau unserer Kirche.“ Tia Neiva betete, und sie schleppte Ziegelsteine heran. Aber die Geister verließen sie nicht.

Padre Roque ist heute noch Priester in Núcleo Bandeirante, und die Kirche ist immer noch nicht fertig. Ich hatte auf ihn gewartet, während er im Innern der nackten Baustelle seines Gotteshauses ein Kind taufte. Dann bat ich ihn um eine Stellungnahme zu Tia Neiva und ihrer Sekte. Ihm war anzusehen, daß er eine ehrliche Haut war und die „Feijoadá“ liebte, das brasilianische Nationalgericht mit schwarzen Bohnen und Speck. Sein spitzenbesetztes Chorgewand floß zärtlich über den Kegel seines mächtigen Körpers. Aber seine Augen blitzten mich zornig an. „Ich habe keine Stellungnahme!“ sagte er. Dann hatte er sich brüsk abgewandt und mich stehen lassen.

Ich sah zu Tia Neiva hinüber. Sie war in wenigen Minuten gealtert. Sie hatte ihre Augenlider gesenkt, die Arme auf dem Schreibtisch aufgestützt und berührte mit den Fingerspitzen ihre Schläfen. Und während sie sich konzentrierte, strebten die Linien ihres Gesichts zur Nasenspitze hin, und ihr Mund wurde faltig und spitz. Ihre goldenen Ketten klingelten nicht mehr.

Sie war lungenkrank, seit sie, wie der Tumuchi mir erzählt hatte, fünf Jahre lang bei einem tibetanischen Mönch — Umahan sein Name — in die Lehre gegangen war. Nach der Nacht, so der Tumuchi, habe sie ihren Körper verlassen und sei zu ihm nach Tibet gereist und habe bei ihm gelernt. Tagsüber aber habe sie in Brasília mit Kranken gearbeitet, sie habe ihnen ihre Hände aufgelegt und

sie geheilt. Dieser jahrelange Energieverbrauch habe sie körperlich so geschwächt, daß sie am Ende eine Tuberkulose bekam.

Ich weiß nicht, warum ich mich auf einmal so hilflos fühlte. Als Tia Neiva endlich die Augen hob und sie mit einem fast verzweifelten Ausdruck auf mich richtete, spürte ich meine aufgeklärte Schulbildung wie eine Bürde.

„Du hast eine zu große Qual in dir.“

Das war Tia Neivas erster Satz, ich habe ihn noch auf dem Tonband. Was Tia Neiva weiter bekundete, war oft von langen Pausen der Versenkung unterbrochen — und von den Übersetzungen des Tumuchi. In geraffter Fassung:

„Aber da sind gute Dinge in deinem Leben. Du hast eine schöne Aura. Dein Leben geht stetig bergauf. Dann stoppt es etwas. Immer enden die Dinge. Aber es wird noch viel geschehen. Du wirst neue, völlig andere Wege gehen. Mit neuen Realisationen. Du hast viele Chancen gehabt. Aber du bist immer weit von den Menschen entfernt. Die Menschen kommen nie nahe an dich heran. Du möchtest stärker, heftiger, intensiver leben. Aber etwas fehlt dir immer. So bist du. Nichts verwirklicht du vollständig. Du erreichst viele Dinge, aber du bist nicht fähig, die Dinge zu assimilieren. Du hast keinen Ausdruck, keine Sprache für das, was du wirklich in deinem Kopf hast. Du hast immer Schwierigkeiten, auszudrücken, was in dir vorgeht. Aber es öffnen sich dir neue Horizonte...“

Bis dahin hatte ich, was ich hörte, rationalisieren können: Sie weiß, daß ich ein Schreiber bin, jeder Schreiber denkt mehr, als er auszudrücken vermag, jeder Mensch hat eine Qual in sich, jeder eine Chance. Dann aber sagte sie einen Satz, der mich bis ins Innerste traf. Ich spürte zum erstenmal in meinem Leben, wie das Grauen, das mich überfiel, meine Kopfhaut spannte, ich spürte buchstäblich, wie sich mir die Haare sträubten. Tia Neiva hatte gesagt:

„Das schöne Mädchen, das so jung gestorben ist, ist immer bei dir.“

Seit dem Tod meiner ersten Frau war ein Vierteljahrhundert vergan-

gen. Ich hatte sie mit 21 geheilt, sieben Monate darauf war sie gestorben. Jetzt sagte Tia Neiva, sie befinde sich mit uns im selben Zimmer, stünde hinter mir, die Hände auf meinen Schultern („Spürst du nicht?“), und der alte Mann mit Glatze und dem Bärtchen, der ein Engländer aussieht und hier (wer anders als mein Vater?), steht neben ihr. Tia Neiva beschränkte sich nicht aufs Verbale. Sie beschrieb mir meine Frau mit den Händen, sie sich das Haar aus der Stirn gewaschen hatte — Tia Neiva beherrschte in einer Vollkommenheit, die mir frösteln ließ, die schöne Gestik einer Frau. Aber sie bebilderte mir kein Gebärdenpiel nicht die Verlegenheit, sondern die transzendente Gegenwart einer Toten.

„Wo immer du gehst“, sagte Tia Neiva, „ist sie bei dir und beschützt dich.“

Dann sagte sie nach einer langen Pause, in der ihr Gesicht erneut fiel:

„Sie heißt Mariuscha.“

„Nein“, sagte ich, fast enttäuscht, „so hieß sie nicht.“

„So heißt sie“, sagte Tia Neiva. Stunden später — ich hatte die zung abgebrochen, als Tia Neiva gann, mir meine Zukunft zu deuten — ging ich mit dem Tumuchi zum Dorf. Der Publicity-Fachmann aufgeräumt erkennen, daß er der ge ledig war, ich würde den Orden der Espiritualista Crista als einen Haufen von Idioten beschreiben. So ließe sich endlich dazu herbei, meine ehrliche Frage nach den Einkünften des Ordens zu beantworten:

„Es gibt Medien, die sehr reich sind und den Orden mit Spenden unterstützen“, sagte er. „Jedes Mitglied spendet, und wenn es nur ein Zement oder ein Arbeitstag ist.“

Vor mir lag eine Woche der Arbeit. Ich würde bei Licht schlafen nachts das Badezimmer meiden, würde fürchten, seltsam, daß Spiegel mich nicht spiegeln. Als am Abend dieses Tages nach der Autofahrt zurückfuhr und dabei an meine Frau dachte, da fiel mir ein, daß versucht hatte, ihr am Anfang unserer Beziehung einen sentimentalen Kosenamen zu geben. Ich hatte versucht und es später selbst vergessene sie Maruschka zu nennen.

IGREJA

Depois da Igreja Católica, a volta às origens também nas Igrejas Protestantes

Os pastores presbiterianos apoiaram a greve dos metalúrgicos em 1979, manifestaram-se a favor de D. Paulo Evaristo Arns, D. Pedro Casaldáliga, D. Claudio Hummes, e fizeram pronunciamentos políticos em variadas situações. Já os metodistas assinaram vários documentos que em posição progressista nada ficam a dever aos católicos, são quase idênticos em alguns pontos. Apoiaram até um congresso da UNE no ano passado.

Para tentar entender um pouco do que está ocorrendo com os protestantes, é preciso ver sua história.

A Igreja Presbiteriana tem um governo democrático. Quando se diz presbiteriana, denota que ela é governada por um presbitério, ou seja, um grupo de pastores e de anciãos. Nessa reunião anual são estudados os problemas da Igreja, a sua atuação perante a situação religiosa e social do seu povo. Recentemente houve eleição na Igreja Presbiteriana Independente.

Alguns pastores foram acusados de “esquerdistas” e expulsos das Igrejas Presbiterianas em 1964, após o golpe militar, pois procuravam associar a situação geral do país com determinadas linhas religiosas. Esse grupo de

pastores formou a Aliança das Igrejas Reformadas.

Outro grupo desligou-se dos presbiterianos — e formou a Igreja Presbiteriana Independente — por duas razões: a primeira era o grande número de maçons entre seus membros ou pastores, que sempre negaram pertencer à Maçonaria; e outra é porque eles queriam determinar, por si próprios, o destino a ser dado ao dinheiro recebido dos Estados Unidos.

O grande momento de sua última assembleia, ocorrida recentemente, foi o fato da Igreja Presbiteriana abrir-se para o ecumenismo. “Foi uma reviravolta histórica”, sentenciou um membro desta Igreja, que atribuiu essa guinada ao pastor Abeval Pires da Silveira, da 1ª Igreja Presbiteriana. “Ele foi formado nos Estados Unidos, daí ter uma visão ecumênica”, arriscam uns.

A Igreja Metodista, por seu lado, surgiu na Inglaterra, em 1739, e desde sua fundação tem como princípio estender a mão aos marginalizados.

Da Inglaterra eles foram aos Estados Unidos, e daí vieram para o Brasil. Aqui, concentraram grande parte de seus esforços no Instituto Metodista de Ensino Superior (que, inicialmente, era uma faculdade de teologia), localizado

no bairro de Rudge Ramos, em São Bernardo de Campo.

Depois do Concílio Vaticano II, houve certa polêmica na diretoria do Instituto quanto à linha pastoral de ação frente ao ecumenismo. Alguns pastores metodistas participaram de cultos ecumênicos e realizaram casamentos mistos, enquanto outros não apoiaram o movimento ecumênico.

Inspirando-se na atuação do bispo Paulo Ayres, do Rio, e vendo o trabalho do CESE, uma organização ecumênica brasileira engajada na promoção humana e em serviços sociais, um grupo desligou-se da cúpula de Rudge Ramos, no ABC, e fundou a Universidade de Piracicaba, onde se aplica mais a Teologia da Libertação do que a teologia formal. Tanto que está programada para a última semana de março um congresso com a participação de teólogos como frei Gorgulho, Leonardo Boff, Carlos Mesters, entre outros.

Trata-se de um grupo bastante aberto, que se liga aos problemas sociais — acolheu o último congresso da UNE embora proibido pelo governo —, e se sente fiel ao pensamento e à pastoral original da Igreja Metodista fundada por John Wesley. Uma volta às suas origens.

(Rivaldo Chinem)

A demissão do pastor Dario

Por se colocar a favor das lavadeiras de Juiz de Fora, de se manifestar a favor da anistia e de fazer uma palestra sobre “Violência e Fé Cristã”, o pastor Dario Geraldo Schaeffer foi exonerado das suas funções pastorais, a partir de 5 de janeiro, pelo presbitério da Comunidade Evangélica de Juiz de Fora (MG). Em dez anos, Schaeffer é o quinto pastor que deixa aquela comunidade. Desses cinco, pelo menos três saíram sob pressão. Só que desta vez não foi sequer convocada uma assembleia geral dos membros de Juiz de Fora, nem se seguiu os canais competentes — Pastor Distrital, Pastor

Regional e Conselho Diretor da Igreja — como prevê o Estatuto do Ministério Eclesiástico.

Extra-oficialmente o presidente da comunidade alegou ao pároco que ele não gozava mais das “simpatias” da comunidade, e demitiu Dario. Não ouviu nenhuma explicação sequer por parte dele, como estas palavras que citou para justificar o seu trabalho:

— Ninguém pode ser levado à fome, à miséria; quando isso ocorre, desconsidera-se o santuário do Espírito (1 Coríntios 6,19). (...) Não se justifica a exploração do outro. O caminho do cristão é o caminho da cruz e não da glória, e bem por isso não é o caminho da ascensão social.

Dario vem recebendo apoio de pastores e estudantes da Faculdade de Teologia de Juiz de Fora, bem como do pastor regional, Albérico Baeske.



Mobral e a CNBB contra analfabetismo sexual

"Uma tentativa de educação sexual popular, que contribua para superar o verdadeiro analfabetismo sexual que existe em nosso país". Essa é a definição que o médico sanitário Gerson Noronha Filho dá ao Programa de Educação Comunitária para a Saúde do Mobral do qual é gerente.

Esse programa — que já foi lançado em Recife e no Rio de Janeiro — faz parte do convênio entre o Mobral e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), assinado em dezembro passado, e deverá envolver cerca de 500 emissoras de rádio, que fornecerão o suporte, explicou Noronha, já que a preocupação é formar monitores e lideranças nos locais de aplicação do programa. "O Mobral tem 350 mil agentes, que podem entrar em contato com 8 milhões de pessoas, e todos eles serão mobilizados", disse ele.

No Rio de Janeiro o lançamento foi feito através de um debate de uma hora na rádio JB (ocorrido no dia 10, às 9 horas da manhã), quando Noronha respondeu perguntas feitas pelo telefone. Vários ouvintes questionaram a capacidade das camadas mais pobres compreenderem as instruções do programa, enquanto outros queriam informações mais diretamente ligadas ao tema — o funcionamento do corpo, a sexualidade feminina, o papel do clítoris na sexualidade feminina, a reprodução, o prazer sexual etc. Outros ouvintes estavam interessados ainda em questões mais institucionais, poderíamos dizer — queriam entender os motivos dessa associação entre o Mobral e a CNBB.

"O Mobral já trabalha com a Igreja desde 1979", disse Noronha. Ele garante que o programa de educação sexual não é uma campanha de controle da natali-

dade, mas sim "uma colaboração entre a CNBB e o Mobral na área do planejamento familiar, utilizando os métodos naturais aprovados pela Igreja". Sua fundamentação encontra-se no livro *Transmissão da Vida*, feito pelo Mobral com a colaboração da Irmã Maria José Torres, e cuja introdução foi escrita por Dom Luciano Mendes, secretário geral da CNBB.

Noronha assinala também que o Mobral não pretende, através do programa, introduzir-se nas Comunidades Eclesiais de Base. "O convênio deixa muito claro que cabe a cada Comunidade de Base decidir sobre a conveniência de aplicar ou não o programa. O Mobral dá apenas uma pequena colaboração, já que percebe o espaço institucional que existe entre ele e a Igreja".

(J.C.R.)

Brasileiros Judeus ou Judeus do Brasil?

EVA ALTERMAN BLAY

Períodos de totalitarismo têm sido sinônimo de cassação da cidadania de brasileiros de origem judaica. Será que estamos nos aproximando novamente de uma destas nefastas fases? Examinemos alguns fatos. Um ex-governador e candidato a Presidente da República esgrime como argumento de defesa contra um jornalista ser o mesmo possuidor de dupla cidadania por ser judeu. Setores da indústria bélica brasileira quando fecham contratos com grupos árabes curvam-se à exigência do freguês e não empregam técnicos brasileiros de origem judaica. Até mesmo na USP, em recente greve salarial, prédios aparecem pichados e o eminente físico brasileiro José Goldemberg, não é criticado enquanto reitor mas como um judeu que é reitor. E nesta mesma instituição, onde estudei e fiz toda minha carreira universitária por mais de 20 anos, um jornal de funcionários, a propósito do lamentável conflito palestino-israelense, faz ressurgir a categoria judeus, somos todos chamados de "assassinos e racistas", afirma que na USP existiria "imensa comunidade judaica" (será que eles contaram quantos são?) e "exige" que a mesma se posicione. Assim, de repente, nos tornamos estrangeiros...

Esta história infelizmente não é nova. A imigração judaica para o Brasil remonta aos navegadores de Cabral, perdura durante a colônia, esparrama-se pelas margens dos igarapés amazônicos onde hoje ainda são encontrados descendentes dos judeus sefarditas falando uma mistura de línguas indígenas como ladino. Mas os judeus só são notados no cenário brasileiro a partir dos anos 30. Perseguição e preconceito ajudaram a ocultar traços históricos. A Inquisição patrocinada pela Igreja Católica punia com a morte o indesejável pecado de partilhar a fé judaica. Em troca, os inquisidores ficavam com os bens materiais dos perseguidos. Estes não estavam sós, pois provar a pureza de sangue significava não ser judeu, cristão novo, mulato, negro ou mouro. Nos anos 30, os imigrantes judeus provenientes principalmente da Europa, eram artesãos, operários, vendedo-

res ambulantes e muitos se somaram à classe trabalhadora brasileira em formação lutando pelos mesmos ideais como jornada de 8 horas, direito à greve, salário, proteção à mulher e à criança trabalhadora. Pagaram à ditadura getulista como os demais trabalhadores com a prisão, tortura e, a deportação que, no caso dos judeus representava a morte em campos de concentração.

A Constituição de 34 procurou incorporar algumas das reivindicações trabalhistas e propunha eleições presidenciais. Vargas relutava, a crise econômica crescia, ocorriam levantes nos quartéis por melhores salários (20 em 1931) mas noticiavam-se apenas as ditas desordens operárias. Para controlar a situação promulgou-se em 35 a Lei de Segurança Nacional suspendendo todos os direitos civis. Vargas através do DIP constrói sua imagem, distribui 90 mil fotos (entre 37 e 39) e cria 42 novas estações de rádio ampliando em 73% esse meio de comunicação por ele controlado. O clima de insegurança é artificialmente exacerbado e os militares, o parlamento e o povo são informados da existência de um plano terrível para destruir o capitalismo, a família, a moral, o Exército e a Igreja. Este seria o Plano Cohen, por coincidência batizado com nome bíblicamente judaico. Para garantir a segurança nacional, em outubro de 37, o Congresso aprova o Estado de Guerra, suspendem-se as eleições e todos os abusos são permitidos.

O Plano Cohen tem um antecessor periodicamente reeditado, o apócrifo Protocolos dos Sábios de Sião, onde os judeus são acusados de compor uma máfia internacional interessada em destruir, dominar etc. A edição brasileira mais recente foi denunciada há seis meses. Curioso o momento que vivemos: uma Constituinte em andamento tumultuada, o povo em luta por melhores condições de vida, anseio por eleições presidenciais, falta distribuição de estações de rádio e o reavivar do antigo alibi que cataliza setores tão diferentes da sociedade brasileira.

EVA ALTERMAN BLAY é professora-titular e chefe do Departamento de Sociologia da USP.

'Debilidade da Igreja fortalece as seitas'?

14/12/83

FPP

Sr.: Quando o jornalista Jary Cardoso me procurou para conversar a respeito do pentecostalismo e do avanço das seitas protestantes no Brasil destas últimas décadas, eu disse a ele que o referencial teórico adotado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* estava prejudicado por hermenêutica partidária e ideológica deformadora, portanto, da realidade, e que, no caso religioso, os resultados da pesquisa já estavam estabelecidos de antemão, como é comum nesses casos. Não, naturalmente, pelo repórter, mas pela orientação do jornal.

Na verdade, a série de reportagens sob o título de "igrejas vazias" queria demonstrar o que a priori já estava estabelecido pela editoria religiosa do jornal. Declarei ao jornalista que, no meu entender, a série estava "furada", e que o crescimento das seitas orientais e do pentecostalismo nada tinha a ver com o surgimento da Teologia da Libertação, corrente de pensamento teológico acerbamente criticada pelo jornal.

Tentei demonstrar-lhe que o jornal estava enganado pelas seguintes razões: em primeiro lugar, porque a área de influência da Teologia da Libertação tem sido insignificante, numericamente falando, em relação ao conservadorismo ainda reinante na Igreja Católica Romana; o culto aos santos e a Maria continua crescendo em muitos setores do País como, por exemplo, em Aparecida; o papa continua a prestigiar preladados de tendência direitista que não se cansam de atacar os teólogos e movimentos de "Libertação"; em segundo lugar, disse-lhe que a não existência ou a não proliferação de tais seitas e religiões antes do Vaticano II, na mesma intensidade visível hoje em dia, não passa de mera coincidência: o reverendo Moon ou o missionário Manuel de Mello são líderes populares mais recentes; em terceiro lugar, a busca desses cultos mais "espiritualizados" está relacionada com os rumos que tomou a repressão política em nossa terra a partir de 64: convinha aos detentores do

poder a multiplicação de movimentos entorpecedores da consciência que pudessem agir à maneira de aparelhos ideológicos de Estado; em quarto lugar, o crescimento numérico de tais religiões e seitas não é assim tão avassalador como esse jornal nos quer fazer crer: faltam aos pentecostais, por exemplo, serviços confiáveis de estatística; tenho inúmeros amigos nessa área religiosa que gostam de falar em números redondos, expressando muito mais os seus desejos do que mesmo a realidade.

O jornalista que me entrevistou não mencionou na reportagem em que fui citado (13 de novembro de 83) a minha crítica fundamental à série. Reconheço que as declarações de frei Raimundo Cintra procuram corrigir, em parte, a omissão (27 de novembro de 83). Entretanto, não quero deixar a impressão de ter-me preocupado apenas com alguns temas de menor importância quando estes outros são os mais profundos.

Foi, no entanto, o editorial do dia 30 de novembro deste ano que me levou a escrever estas considerações. Nele, a tese das "igrejas vazias" tem como premissa e causa a "Teologia da Libertação". Af se confirmaram as minhas suspeitas. Além de seu teor panfletário (acusa novamente a Teologia da Libertação de "conscientização ideológica marxistóide"), parece falar mais de fantasmas do que de fatos concretos. Convém observar que as causas que levaram a série a concluir "que por muito tempo as igrejas ainda vão continuar vazias" não são necessariamente as mesmas do editorial.

Prof. Jaci C. Maraschin, Doutor em Ciências da Religião, Capital.

As cartas — datilografadas — devem conter no máximo 30 linhas e, bem legíveis, o nome, endereço completo e os números de telefone e da carteira de identidade do remetente.

Vaticano e CNBB têm opiniões divergentes sobre Maçonaria

201185
FSP

DERMI AZEVEDO

DA nossa equipe de reportagem

A posição a ser adotada pela Igreja diante da Maçonaria é um tema visto de maneira completamente diferente pelo Vaticano e pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Enquanto Roma afirma que "o parecer negativo da Igreja sobre as associações permanece imutável, pois os seus princípios foram sempre considerados inconciliáveis com a doutrina católica", a CNBB inclui o diálogo com a Maçonaria em seus planos pastorais e pressiona o Vaticano para que abrande sua posição.

Até hoje, o presidente da CNBB, d. Ivo Lorscheiter, 58, está esperando resposta do cardeal Joseph Ratzinger, 58, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, para as cartas que enviou, em março e outubro de 1984, pedindo esclarecimentos sobre a dura "Declaração sobre a Maçonaria" que a Congregação publicou em 26 de novembro de 1983.

Contrariando o novo Código de Direito Canônico (que, ao contrário do anterior, não faz qualquer condenação à Maçonaria), a "Declaração" de Ratzinger diz, inicialmente, que a não menção aos maçons, no Código, deve-se apenas "a um critério redacional". Reitera, em seguida, que permanece proibida, para os católicos, a inscrição nas lojas maçônicas. E que os já pertencentes "estão em estado de pecado grave e não podem aproximar-se da Sagrada Comunhão".

Afirmando que o próprio João Paulo 2º apoiou esta posição, Ratzinger nega, depois, competência aos bispos diocesanos para adotarem posições divergentes neste campo. Acontece, porém, que a CNBB recebeu, em 12 de março de 1975, através da Nunciatura Apostólica em Brasília, orientação diferente do próprio Vaticano. E quer, agora, uma explicação pastoral que considere a nova realidade de diálogo, implementada por João 23, pelo Concílio Vaticano 2º, por Medellín e Puebla.

"Visto ser a Maçonaria uma sociedade secreta — perguntava a CNBB ao Vaticano em 4 de janeiro de 1975 —, qual é o critério a usar-se para verificar se uma associação maçônica realmente não conspira contra a Igreja: bastará o depoimento de algum ou de alguns dos seus membros ou será necessária uma atitude oficial da própria loja?"

"Seria talvez desejável — respondeu o Vaticano, um mês depois —, mas certamente não suficiente e não de se esperar, uma declaração pública por parte da associação em questão, na qual se dissesse que não entra nos intentos dela combater a Igreja: parece, entretanto, que se possa dar fé àqueles católicos que, inscritos há anos na Maçonaria,

solicitam espontaneamente serem admitidos aos sacramentos (o que lhes será negado por esse motivo), declarando *onerata ipsorum conscientia* (com o ônus de sua própria consciência) que a associação na qual estão inscritos não persegue e não tem mais exigido deles compromissos contrários à sua reta consciência cristã."

Capitalismo separa

Na opinião do maior maçólogo católico brasileiro, o jesuíta gaúcho Valério Alberton, 76, "a Maçonaria nasceu com a Igreja Católica e existe apenas um grande demônio interessado em separar essas duas forças espirituais que têm muitos pontos em comum: o capitalismo selvagem". Autor da "Maçonaria e Igreja Católica: ontem, hoje e amanhã" (já na segunda edição) e de "O conceito de Deus na Maçonaria" (publicado pela editora maçônica Aurora, do Rio de Janeiro), Alberton disse ao repórter Delmar Marques, de nossa Sucursal em Porto Alegre, que a CNBB planeja sugerir ao Vaticano que crie um secretariado especial para o diálogo com a Maçonaria, não enquadrados nos secretariados já existentes para os cristãos, não cristãos e não crentes.

"O relacionamento entre Igreja e Maçonaria no Brasil é bom e tende a melhorar" — diz o funcionário público Paulo Rodarte, 64, fundador do Grande Oriente Independente do Rio de Janeiro, lembrando que "de um lado e de outro, ainda há quem não aceite um fato histórico irreversível: a da aproximação definitiva entre as duas instituições. As árvores que plantamos começam a dar bons frutos, hoje, e darão mais, amanhã".

Outro líder maçom, o capitão da reserva do Exército Hans Petersen, 60, deputado do grão-mestre da "muito respeitável Grande Loja do Rio Grande do Sul", com sede em Porto Alegre, afirma que "os princípios básicos da Igreja e da Maçonaria (a crença em Deus e na imortalidade da alma) são os mesmos e não há motivos para conflitos entre elas". E enfatiza que "os preconceitos vão sendo vencidos pouco a pouco, de lado a lado".

Para o padre e sociólogo José Oscar Beozzo, 43, "uma coisa é a Maçonaria na Itália, onde o caso da loja P-2 marcou muito alguns setores do Vaticano, numa linha desfavorável ao diálogo, e outra é a Maçonaria no Brasil, mais aberta ao entendimento". Já o presidente da Academia Brasileira Maçônica de Letras, general da reserva Morivalde Calvet Fagundes, 73, destaca que "no Brasil, ainda há necessidade de um melhor conhecimento recíproco entre Igreja e Maçonaria" e que suas finalidades são as mesmas: "A busca do aperfeiçoamento do homem e da humanidade, a promoção da liberdade e dos bons costumes."

No Brasil, confronto e busca de aproximação

As relações entre Igreja e Maçonaria na História do Brasil registram séculos de confronto e décadas de esforços em favor do diálogo. Na luta pelos ideais republicanos, clérigos maçons participaram de revoluções, como a de 1817, em Pernambuco e sofreram a repressão da monarquia. Foram maçons do grau 33 personalidades como o padre Diogo Antônio Feijó, o cônego Januário da Cunha Barbosa, frei Francisco de Mont'Alverne, frei Caneca e outros padres revolucionários nordestinos. O frei Joaquim do Amor Divino Caneca traduziu do inglês o livro "A história da franco-maçoneria".

Entre os padres, os maçons e os militares, unidos, as leituras predominantes, nas épocas que precederam e se seguiram à Independência do Brasil, eram Jean Jacques Rousseau, Adam Smith, Victor Cousin e Emmanuel Kant. Mas, paradoxalmente, a progressiva separação entre a Igreja e o Estado no Brasil foi acompanhada por uma crescente dependência eclesial para com Roma e por conflitos ligados à chamada romanização.

A questão religiosa

É o caso, por exemplo, da chamada "questão religiosa", definida pelo historiador Hugo Fragoso como "o conflito do Estado com a Igreja do Estado." Ele diz, em um dos capítulos de "A História da Igreja no Brasil" (Vozes, 1980), que "o governo imperial, pelo padroado régio, transformara a religião católica numa espécie de Departamento de Estado" e que "os liberais, por outra parte, afirmavam que a religião católica tinha transformado o Brasil num Estado da Igreja". A tese básica do franciscano Hugo Fragoso é a de que

"a questão religiosa foi uma expressão brasileira da grande luta da Igreja de então e o mundo liberal, transcendendo, em seu significado último, os limites do episcopado brasileiro e da própria Maçonaria do Brasil".

A questão religiosa começou quando o bispo do Rio de Janeiro suspendeu de ordens o padre Almeida Martins, por ter feito e publicado conferência maçônica no Grande Oriente do Lavradio, numa homenagem ao Visconde do Rio Branco, em 1872. Os bispos de Olinda (PE), d. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, e

o de Belém do Pará, d. Antônio Macedo Costa, interditarão irmandades que tinham maçons como sócios. O imperador Pedro 2º processa e manda prender os bispos, em 1874. A anistia, concedida pelo Duque de Caxias, no ano seguinte, encerra o caso, cujas sequelas permanecem por muitas décadas.

As posições do Vaticano

A História do Brasil indica, porém, que durante quase um século o clero nacional praticamente ignorou as condenações vaticanas à Maçonaria. A primeira delas fora feita em 28 de

setembro de 1738 pelo papa Clemente 12, na famosa carta apostólica *In eminenti*, proibindo, "em nome da santa obediência", qualquer participação dos católicos nas lojas dos "franco-maçons", como eram chamados na época.

Os documentos condenatórios foram sendo publicados sem interrupção pelos papas Pio 7º, Leão 12, Pio 9º, até Leão 13. Mas sinais de mudança começaram a ocorrer com João 23 e o Vaticano 2º. Neste concílio, registraram-se intervenções em favor do diálogo com os maçons. A principal delas foi feita pelo bispo de Cuernavaca, México, d. Sergio Méndez Arceo, pedindo fim das condenações e o início do diálogo.

Enquanto os documentos papais escassearam, os documentos da Cúria Romana foram aumentando. Os maçonólogos registram que esses documentos mantiveram-se contrários à Maçonaria durante séculos, passando, a partir dos anos 60, a apresentar matizes, ora de distensão, ora de endurecimento quanto aos maçons. A carta de julho de 1974, da Congregação para a Doutrina da Fé, foi vista como uma grande abertura ao afirmar que as condenações do cânon 2.335, do antigo Código de Direito Canônico, aplicavam-se somente aos católicos maçons, membros de lojas "inimigas da Igreja".

O clima ameno dos pontificados de Paulo 6º e João Paulo 1º foi substituído pelo clima apologetico com João Paulo 2º e Ratzinger. Mas a Igreja Católica, sobretudo no Terceiro Mundo, é marcadamente dialogal e luta para afirmar sua autonomia, não baixando sempre a cabeça diante de Roma, como ocorreu em vários momentos da história contemporânea da Igreja. (DA)

País reúne 200 mil maçons

Com 100 mil membros ativos e outros 100 mil filiados inativos, a Maçonaria brasileira é considerada a maior do mundo latino. Inclui, entre seus membros, personalidades do mundo econômico, político e cultural. Mas, ao contrário do que se afirma comumente, não registra, na sua lista de filiados, os nomes nem do presidente eleito Tancredo Neves (um católico praticante e religiosamente conservador de S. João Del Rey), nem de qualquer presidente do regime de 64. No período precedente, somente Jânio Quadros era aprendiz maçom, mas não era ativo.

A presença maçônica no Brasil foi consolidada em 1821, com a fundação da loja Reunião, no Rio de Janeiro, ao Grande Oriente da França. Não considerado regular pela Maçonaria original e tradicional, a da Inglaterra. O primeiro Grande Oriente brasileiro foi fundado em 1813, fracassan-

do com a derrota da Revolução Pernambucana de 1817. Depois de suportar a repressão ordenada por d. João 6º, a Maçonaria renasce com a campanha pela Independência. Outro Grande Oriente é fundado por José Bonifácio de Andrada e Silva em 1922.

D. Pedro 1º torna-se grão mestre da Ordem, mas d. Pedro 2º a proíbe, mais tarde. Com sua abdicação, o Grande Oriente é restaurado e José Bonifácio volta a dirigi-lo. Volta a predominar o rito escocês antigo, aceito em 85% das lojas maçônicas brasileiras. Hoje, a Maçonaria brasileira está dividida em três correntes autônomas: as Grandes Lojas, criadas em 1927 sob influência norte-americana; o Grande Oriente do Brasil, o mais antigo, de tradição inglesa; e a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, uma dissidência do Grande Oriente do Brasil, surgida há dez anos.



Com João 23, a Igreja abriu um diálogo com a Maçonaria — agora ameaçado pelas instruções do cardeal Ratzinger

CNBB ACUSA CIA DE FINANCIAR AVANÇO DAS SEITAS^{VD} RELIGIOSAS

NB Sucursal de Brasília 31/11/85

Há indicações de que esse plano não é só de governos nacionais de direita ou de militares, mas faz parte também da geopolítica norte-americana, pois haveria infiltração da CIA nesses grupos ou eles estariam a serviço da mesma". Esse é um trecho do documento que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil enviou a pedido do Vaticano para a Santa Sé denunciando a ligação entre o fenômeno das seitas no Brasil com as tentativas de controle político por parte dos Estados Unidos e a difusão de propaganda anticomunista com a finalidade de deter o avanço da Igreja Progressista.

O documento, que ressalta o caráter anticomunista e reacionário desses grupos, de natureza evangélica ou oriental, foi apresentado no encontro que está sendo promovido pela Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam) em Brasília. Até entre os índios esses grupos estão agindo, numa pregação contrária à da Igreja, que defende entre os indígenas "um ecumenismo que une e um diálogo religioso que respeite as diferenças e a inculturação".

Organismos fortes, especialmente dos Estados Unidos — quando se verifica a presença da Agência Central de Inteligência (CIA) —, estariam sendo financiados para atuar no Brasil. Baseada em "dados fornecidos por organizações internacionais", a CNBB afirma que "várias missões recebem grande apoio financeiro, especialmente dos Estados Unidos". Além disso, a arregimentação em massa garante grande quantidade de recursos oriundos das contribuições dos fiéis. Certas organizações chegam a criar empresas para atuar no campo comercial.

A juventude está entre as prioridades dessas organizações, embora, de acordo com a CNBB, seja "mais atraída por movimentos de origem indiana e oriental". Alerta, no entanto, para a seita do milionário reverendo Moon, de conhecida pregação de extrema-direita anticomunista e apologista dos Estados Unidos, que ultimamente transferiu para Montevidéu a sede dos seus negócios na América Latina. Sobre a questão de os jovens adeptos desse e outros movimentos semelhantes sofrerem lavagens cerebrais, os bispos não têm uma posição firmada. Segundo eles, porém, existem estudos que confirmam a existência dessas práticas.

Causas

"Em tempo de crise no sentido da incerteza econômica, empobrecimento, fechamento político e ditadura — diz o documento da CNBB —, a religiosidade

umenta. Ela pode expressar-se em movimentos religiosos independentes ou pode ser captada por igrejas e religiões estabelecidas. Depende da capacidade de responder aos apelos da crise". Ainda de acordo com os bispos, "as desigualdades sociais e a forte hierarquização da sociedade se refletem nas igrejas e religiões. Nessa situação, grande parte dos servidores, tanto da sociedade quanto das religiões estabelecidas, são de difícil acesso para o pobre, e ele os busca em grupos e movimentos que se organizam à margem da sociedade e das religiões estabelecidas".

A CNBB ainda não dispõe de um levantamento conclusivo do número dessas organizações no País. Uma das dificuldades é a Umbanda, cujos integrantes se identificam como católicos. Num País que sofre intensa influência dos rituais e da religiosidade africanos, qualquer pesquisa que não se aprofundar quantitativamente sobre os cultos afro-brasileiros, que se estendem por todas as capitais e municípios, corre o risco de não abarcar toda a verdade.

Há, ainda, divergências a respeito dos participantes das Assembléias de Deus e pentecostais; enquanto alguns estudos dão 13 milhões como o total dos primeiros, outros sustentam que apenas os pentecostais já sejam 12 milhões. A grande maioria da população, no entanto, continua pertencendo à Igreja Católica. As evasões ocorrem em função dos movimentos que apontam para alternativas ao catolicismo e à ortodoxia, circunstâncias que ocorrem em períodos de insatisfação e contestação à sociedade como um todo.

Desse estado de espírito se aproveitam os grupos fundamentalistas e violentamente anticomunistas que têm aumentado suas bases no Brasil. Há pouco existia uma verdadeira "igreja eletrônica", dependente do exterior; hoje diminuíram os programas veiculados pela televisão, rádio e outros veículos, que instilavam principalmente o conformismo social em troca da "salvação". Mas a Igreja Católica continua a enfrentar o aparecimento de grupos internos e externos, estimulados inclusive por fatores econômicos e financeiros vindos do Exterior.

O Suplemento Especial do JORNAL DO PAÍS divulgou o levantamento sobre o funcionamento das seitas no Brasil e sua utilização para veicular os interesses dos EUA: o imobilismo social, o conformismo, o anticomunismo.

As infiltrações são acobertadas pelas ditaduras

Há cinco meses o JORNAL DO PAÍS dedicou um Suplemento Especial ao problema das seitas, denunciando a conexão norte-americana, com a divulgação de trechos de documento da Assembléia-Geral da Missão Evangélica, que apontava as "seitas ditas protestantes" financiadas pelos Estados Unidos como instrumento do imobilismo social e alienação das populações dos países em que se infiltravam, acobertados por ditaduras e corrupção.

Publicado pelo boletim *La Documentation Catholique* e depois divulgado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o documento desvendava ainda outras finalidades dessas organizações religiosas vindas de fora: a instilação do espírito individualista entre os fiéis, a veiculação de ideologia cultural anglo-saxônica, a colocação do modo de vida da classe média norte-americana como padrão existencial, a propagação de pretensos programas sociais forjados nos Estados Unidos para contrapor aos programas sociais dos países em que atuavam.

O Suplemento do JORNAL DO PAÍS mostrava ainda que a CNBB, num levantamento incompleto do número de seitas existentes no Brasil, havia chegado a um total de 4 077, mediante consulta às arquidioceses, em nível nacional. Das 235 dioceses, apenas 64 responderam no entanto, evidenciando-se que o número é bem maior. Autoridades da Igreja frisaram na época que o problema não é apenas religioso, mas também social e político. O próprio Cardeal-Primaz do Brasil, D. Avellar Brandão Vilela, definiu o fenômeno das seitas como "um trabalho organizado por grupos estrangeiros gananciosos, que pretendem afastar o povo da Igreja Católica".

Outras reportagens no Suplemento mostravam a já evidente ligação dos Estados Unidos e da CIA com a aventura das seitas nos países subdesenvolvidos. Mesmo preso nos EUA por sonegação de impostos, o sul-coreano Sun Myung Moon não tinha por que se preocupar com o império montado em 138 países e suas propriedades avaliadas em US\$ 5 bilhões.

Seitas religiosas:



Num país católico, elas são mais de 4 mil

Especial Jornal do País Nas bancas

A conexão norte-americana

A conexão norte-americana das seitas religiosas no Brasil é um fato que vem sendo divulgado há alguns meses. O JORNAL DO PAÍS, através de seu Suplemento Especial, tem trazido para o conhecimento do leitor brasileiro documentos e informações que revelam a atuação dessas organizações em nosso país, financiadas e controladas por grupos norte-americanos.



Para D. Avellar, o alvo é a Igreja

O Cardeal-Primaz do Brasil, Dom Avellar Brandão Vilela, afirmou que o objetivo das seitas é a substituição da Igreja Católica. Segundo ele, essas organizações buscam atrair os fiéis através de promessas de prosperidade e bem-estar, oferecendo programas sociais que se apresentam como alternativas às ações da Igreja.



Na disputa pelos fiéis, os japoneses vão na frente

O Orientalismo como indústria. O crescimento das seitas religiosas no Brasil é impulsionado por grupos estrangeiros que veem no país um mercado fértil para a expansão de suas atividades. Entre eles, os japoneses destacam-se pela agressividade na disputa pelos fiéis.



PRÓ-VIDA: Existe mesmo o nono curso? A discussão sobre a existência de um nono curso no ensino fundamental é tema de debate em escolas e universidades. Alguns defendem a inclusão de uma nova etapa de ensino, enquanto outros consideram desnecessária.

Na disputa pelos fiéis, os japoneses vão na frente. O crescimento das seitas religiosas no Brasil é impulsionado por grupos estrangeiros que veem no país um mercado fértil para a expansão de suas atividades. Entre eles, os japoneses destacam-se pela agressividade na disputa pelos fiéis.

Seita norte-americana financia pesquisa sobre igrejas cristãs

11-3-85
Reportagem Local

Uma pesquisa sobre as igrejas cristãs de São Paulo, com o objetivo de propor uma mudança de estratégia aos evangélicos, está sendo realizada, desde outubro passado, pela Fraternidade de Igrejas Paulistas com financiamento da "World Vision" ("Visão Mundial"), corporação religiosa norte-americana, sediada em Monróvia, Califórnia.

Coordenada pelo presbiteriano independente e economista Paulo Augusto de Moraes, 29, a pesquisa será concluída em agosto e debatida pela Fraternidade de Igrejas em encontro de pastores. De acordo com as primeiras conclusões, São Paulo tem cinco mil templos, católicos e não católicos. Entre estes, 70% são pentecostais, de várias ramificações, o que faria de São Paulo "a capital mundial do pentecostalismo", segundo Paulo Moraes.

"Homem da tecnópole"

O bairro da Vila Mariana foi escolhido

para um "estudo de caso" dentro da pesquisa. E, entre as conclusões, inclui-se a caracterização do chamado "homem da tecnópole" paulistano. Como explica o pastor Silas Amara, 33, supervisor de evangelização urbana da "Visão Mundial" em São Paulo, o "homem da tecnópole" é "moralmente mais livre, relaciona-se em bases funcionais, perdeu as relações primárias de família, luta para produzir e tirar proveito da vida, está com a vida espiritual afetada e cada vez mais fechado em si mesmo".

"O seu êxito — diz o estudo — baseia-se na acumulação direta de bens acumulados; vive imune ao controle dos demais e tem seu espaço determinado pela mobilidade da tecnópole; é extrovertido e relaxado moralmente, além de solitário e consumista; tudo lhe é normal; entrega os problemas da cidade aos tecnocratas e não encontra respostas para suas necessidades".

314/05
44
740

Deic procura acusados de lesar fiéis adventistas

Reportagem Local

A Divisão de Vigilância e Capturas do Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic) está tentando localizar o ex-pastor evangélico Ernesto Paulozzi Júnior e o comerciante Carlos Wilsno Capone, acusados de lesar, no início de 1984, mais de mil adeptos da Igreja Adventista do Sétimo Dia em mais de Cr\$ 10 bilhões. Ambos tiveram sua prisão preventiva decretada pelo juiz Paulo Roberto Teixeira Santos, da 13ª Vara Criminal, em despacho proferido no dia 17 de março. Os mandados, entretanto, chegaram apenas no dia 9 à Divisão de Capturas.

Segundo informações do advogado de uma das vítimas, que pediu anonimato, Paulozzi está nos Estados Unidos. Já Capone, que trabalhava nos últimos meses em uma loja de departamentos da Capital, não foi trabalhar ontem. E seus familiares afirmaram desconhecer os advogados de defesa, não sendo possível localizá-los.

A prática, que seria coordenada por Paulozzi, consistiria em convencer os fiéis a aplicarem investimentos financeiros na Bolsa de Mercadorias, através de Capone, que se apresentava como pastor da mesma Igreja e corretor financeiro. Muitos

dos adeptos chegaram a vender casas e automóveis para participar da operação.

O dinheiro arrecadado, no entanto, era depositado em contas bancárias, e apenas uma minoria de "investidores" conseguiu obter "lucros", que em alguns casos foi de 200% ao mês. Na verdade, esses beneficiados serviam de atração para novos interessados. Na oportunidade, segundo um gerente do Banespa, a conta de Capone apresentava movimento superior ao da conta do Metrô. Após as denúncias e indiciamento, Paulozzi foi excluído da Igreja Adventista, que reúne aproximadamente um milhão de seguidores no País.

Também estão indiciados no processo, por co-autoria, Jairo Antônio Romagnoli, proprietário da agência de automóveis "Romag", na rua do Orfanato, bairro do Ipiranga, Helena Frieda Paulozzi, Ernesto Paulozzi, pais do ex-pastor, Tamar Ciceles Cunha e Mentor Filizola Machado.

De acordo com a acusação, por indicação do ex-pastor, Romagnoli comprava os carros das vítimas para que pudessem aplicar o dinheiro no "investimento", ao mesmo tempo em que acertava com elas financiamentos para a compra de veículos "zero quilômetro", com os lucros que, em tese, viriam a ser obtidos.

Livros esotéricos, um negócio do

215185
FSP

além

LILIAN PACCE

Da nossa equipe de reportagem

Raramente eles se exibem nas listas de mais vendidos. Preferem, na surdina, devorar fatias inteiras do mercado editorial: são os livros "espirituais" e "esotéricos", como "O Poder do Subconsciente", do pastor americano Joseph Murph, editado pela Record, que só perde para "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, entre os best-sellers da editora. O primeiro está na 25ª edição e já vendeu quinhentos mil exemplares e o segundo 617 mil. Um rentável negócio, como provam os números registrados pela especializada Cultrix/Pensamento, que trabalhava há quatro anos com duzentos títulos, saltou hoje para setecentos e tem trezentos programados até meados do próximo ano. A própria editora Record tem 25% de suas obras editadas no setor dos mistérios supra-reais. Waldir Bertolotti, 46, gerente geral da editora em São Paulo, explica este sucesso com uma tese surpreendente: todo livro que começa com a palavra "poder", diz ele, está com meio caminho andado. Não é por acaso que a Record tem 24 títulos com esta palavrinha mágica. "Pouca gente atenta para este mercado que é tão forte", diz o especialista. Tão forte que hoje alguns de seus produtos já não causam qualquer estranheza: ninguém mais é considerado "estranho" por possuir um I Ching ou ornamentar a casa com pequenas pirâmides.

Acoplados ou não à expressão "poder", o certo é que os temas deste setor do mercado são variadíssimos: astrologia, tarô, I-ching, cabala, alquimia, zen budismo, yoga, taoísmo, islamismo, radiestesia, telepatia, maçonaria, ordem rosa-cruciana, magia, pirâmide (até psicologia e espiritismo — ver box — para alguns) — são alguns dos esoterismos praticados e divulgados atualmente. Em comum, a origem milenar e controversa.

Segundo a trilha da editora Pensamento, há quatro anos a Francisco Alves, conhecida por seus livros didáticos, resolveu lançar a coleção esotérica "Arcanos". São nove títulos com mais sete previstos para o próximo ano. Entre os mais vendidos, "Formulário da Alta Magia", de P.V. Piobb, e "Manual do Ocultismo", de Sepharial.

Outra que já está de olho nos mistérios é a Nova Fronteira, que está realizando pesquisas na área, para ver se ainda há espaço, antes de investir com tudo. Por enquanto mantém os títulos agrupados sob a rubrica "Caminhos do Desconhecido". "A Grande Pirâmide", de Tom Valentini, está na 5ª edição e "é reeditado frequentemente por vender sempre", afirma Jiro Takahashi, 36, da Nova Fronteira. "As Profecias de Nostradamus", de Erika Cheetham, está na 10ª edição, atrás de "O Triângulo das Bermudas", de Charles Berlitz, que alcançou a 18ª.

"Estes livros despertam muita curiosidade pelo mistério, pelo desconhecido. O oculto está relacionado com a carência, inquietação e angústia do ser humano", arrisca Takahashi.

A Pensamento, embora seja a editora que detenha o maior número e vários dos melhores livros esotéricos, prefere não divulgar suas cifras, até porque muitos de seus contratos são anuais e não por edição lançada. Mas é certo que o zen-budista "Gestos de Equilíbrio", de Tarhang Tulku, está na 4ª edição ao lado de "A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen", de Eugen Herrigel, e de "I-Ching — o livro das mutações", de Richard Wilhelm, considerado a melhor tradução (de Alayde Mutzenbacher e Gustavo Correa Pinto).

E o mercado já tem até novatos, como a editora Nova Stella que começa a entrar no setor pretendendo dar o mesmo espaço para as ciências esotéricas e para os livros propriamente científicos. Segundo os proprietários José Luís, 27, e Ana Maria Goldfarb, 31, o objetivo é preencher a lacuna existente na área acadêmica sobre o assunto. No prelo, uma tese sobre alquimia na Idade Média feita no departamento de História da USP, um livro de astrologia para adolescentes e um outro sobre o pensador René Guénon (autor de "Símbolos Fundamentais da Ciência Sagrada", entre outros).

"Até que nem tanto esotérico"

Os mistérios do esoterismo provocam polêmicas entre quem os estuda. Sinteticamente, explica a baronesa russa Agnet Engelhard, 79, estudiosa do assunto: "O esoterismo é tudo o que não é palpável, visível. E o conjunto de coisas que tenta entrar no caminho invisível para ampliar o reino da mente. Eso, em grego, é interno. O exoterismo é o externo. A criação do mundo em sete dias por Deus é exotérica e o conhecimento de seu simbolismo é esotérico".

Para Luis Pellegrini, 40, proprietário da livraria especializada Zipak e ex-editor da esotérica Planeta, o "esoterismo é lógico mas não é cartesiano; o ocultismo é uma ramificação, sinônimo de magia; e, o misticismo, uma abordagem emocional da realidade, que coloca o intelecto em segundo plano". Para ele, todos os meios que tem como objetivo o auto-conhecimento em nível profundo pertencem à escola esotérica: "O objetivo da psicologia junguiana, da cabala judaica ou do taoísmo é o mesmo. Suas manifestações é que variam de acordo com o tempo e espaço em que aparecem. Já a numerologia é um subproduto da cabala. A primeira busca a adivinhação; a segunda, o auto-conhecimento. Tudo no universo está entrelaçado e, a astrologia por exemplo, procura

explicar as relações internas da pessoa a partir do estudo das relações entre os astros. Há um ditado esotérico que diz: "Não cai uma única folha de uma árvore sem que o universo inteiro se modifique".

Mas para Sandra Galeotti, 36, formada em Filosofia e Religiões Comparadas, esoterismo é sinônimo de ocultismo, tradição iniciática, tradição da sabedoria oculta e ciência oculta: "Todas buscam conhecer a natureza humana e as relações naturais existentes entre o homem e o cosmos. A diferença entre o cientista esotérico e o cientista positivista é que, para o primeiro o universo é um grande organismo regido pela sincronidade e, para o segundo, o mesmo universo é um grande mecanismo. A sincronidade que o ocultista sempre conheceu, hoje é reconhecida pela física de alta energia que descobriu sua existência no comportamento de partículas elementares em relação às reações nucleares". E cita os precursores Niels Bohr, Rosemberg, Einstein (e a teoria da relatividade) e seu seguidor Fritjof, que foram buscar informações na mística do esoterismo do zen-budismo e na Vedanta Adwaita (escola metafísica da Índia).

Enquanto Luis Pellegrini afirma que o importante são os fins e não os meios, Sandra lembra o chefe tibetano dos lamas vermelhos, Djwal Khul, para quem a diferença entre o esotérico e o místico está nos meios utilizados e não nos fins alcançados. O ocultista, segundo ele, busca embasamento científico para sua intuição, investiga os fenômenos paranormais e o processo intuitivo sob o enfoque científico e não emocional. O místico é devoto por natureza, exalta a emoção e sensibilidade através da disciplina espiritual para conseguir uma visão mística de Deus. Portanto, o ideal seria o ocultista desenvolver capacidade de amar do místico e este adquirir conhecimentos objetivos para equilibrar sua emocionalidade e não cair no fanatismo e alienação. Para Sandra, são escolas esotéricas apenas as ordens rosa-crucianas, a ordem templária, a sociedade teosófica, a sociedade da eubiose, a maçonaria mística de Memphis-Misraim, a franco maçonaria e a "Archan School. A astrologia, a alquimia, o tarô, o I-Ching, a cabala, a radiestesia e outros são na verdade "alguns dos inúmeros estudos desenvolvidos pela ciência iniciática, que estuda todos os aspectos de um todo, interrelacionando-os".

Algumas indicações

Os pontos mais indicados para se encontrar livros esotéricos são as casas especializadas. Em São Paulo, duas livrarias cuidam exclusivamente do setor: a Horus (rua Bela Cintra, 746; tel. 259 5394) e a Zipak (alameda Lorena, 1430; tel. 282 2224).

Quanto ao que procurar, há uma certa unanimidade entre os especialistas e entre os livreiros. Entre os autores mais indicados estão Charles Leadbeater, Annie Besant, Alice Bailey e Helena Blavatsky (uma série de doutrinas).

Entre os livros que desvendam o mistério do esoterismo em geral, os mais citados são "O Oculto", do jornalista inglês Colin Wilson (dois volumes, da ed. Francisco Alves); "História da Filosofia Oculta", de Alexandrian (Edições 70, de Portugal); "Iniciação Esotérica", de Ciriaco de Figueiredo (ed. Pensamento); "Idéias Básicas da Sabedoria Oculta", de Anna Kennedy (ed. Pensamento); "As razões da Coincidência", de Arthur Koestler (ed. Nova Fronteira) e ainda "Maçonaria Mística Oriental", de Swimburn Clyner (Pensamento).

O best-seller de astrologia é "Astrologia, Karma e Transformação", de Stephen Arroyo (ed. Europa-América de Lisboa), livro mais vendido nos oito anos de existência da Zipak. Para Luis Pellegrini, este estouro esotérico no mercado editorial começou no governo Geisel, quando os livros políticos começaram a ser liberados. "Os livros esotéricos dão possibilidade imediata de aplicação prática". Agora, é encontrar sua fórmula esotérica e usufruir de sua magia.

Os espíritos que escrevem

O espíritos vendem mais do que os vivos. Mais que, por exemplo, os best-sellers Harold Robbins, Sidney Sheldon, J. M. Simmel. Só o médium uberabense Chico Xavier tem cerca de quinze milhões de exemplares vendidos entre seus 256 títulos de obras psicografadas ("ditadas por espíritos") disponíveis no mercado. Os autores mais famosos por ele psicografados são Humberto de Campos, Bezerra de Menezes e André Luiz ("Nosso Lar", deste último, tem 460 mil exemplares vendidos).

De Humberto de Campos são doze psicografias — as cinco primeiras são homônimas mas, após a reivindicação de sua viúva quanto aos direitos autorais (de onde ficou decidido que ela só teria direito às obras publicadas em vida), o restante dos livros passou a ser de autoria do irmão X, seu pseudônimo.

Até Tolstói, o conde e escritor russo, já foi psicografado por Yvonne A. Pereira: "sua" obra "Ressurreição e Vida", da Federação Espírita Brasileira, está na 5ª edição. De Victor Hugo, autor em vida de "Os Miseráveis", temos à disposição no mercado editorial brasileiro "Almas Crucificadas", "Dor Suprema", "Na Sombra e na Luz", entre outros.

Segundo Stig Roland Ibseu, 58, espírita e proprietário da livraria especializada Boa Nova (r. Aurora, 706), o teórico espírita Allan Kardec ocupa o segundo lugar desta misteriosa lista de best-sellers. Ele tem seis obras distribuídas por cinco editoras que já venderam cerca de onze milhões de exemplares, entre eles "O Livro dos Espíritos" e o "Evangelho Segundo o Espiritismo".

"O espiritismo brasileiro é muito evangelizado e assistencial", explica o sr. Stig. E arrisca uma estimativa: "São mais ou menos mil títulos editados por 25 editoras que devem vender dois milhões de exemplares por ano".

Dúvidas esotéricas

Tanto entre os estudiosos quanto entre os próprios espíritas há divergências na crucial questão: o espiritismo faz parte do esoterismo? O sr. Stig é categórico: "Não tem nada de esotérico, nada de oculto. A doutrina kardecista não elege sistemas, não tem métodos. Se você pensar bem, nem religião é".

Já o livreiro Luis Pellegrini afirma que o espiritismo é uma escola esotérica do tipo sincrética: "Sua base teórica é oriental na medida em que parte de dois conceitos básicos do hinduísmo e outras religiões orientais: a lei do carma (de causa e efeito) e a lei da reencarnação, sendo que a vida seguinte depende do seu carma na vida anterior". Segundo ele, Allan Kardec foi ao Oriente buscar informações para codificar as leis espíritas. E o espiritismo se distinguiria de outros sistemas esotéricos devido "à possibilidade de comunicação direta ou indireta com os mortos. A psicografia é uma forma de comunicação mediúnica; não há como provar que a obra foi realmente ditada pelo espírito, mas é uma alegação que merece respeito", afirma ele. Basta dizer que Chico Xavier tem mais de cinquenta mil versos publicados de cerca de 277 poetas. (LP)

A fim de que se pudesse formular uma pastoral adequada para responder ao tremendo crescimento dos grupos religiosos independentes, popularmente conhecidos como "seitas", o Secretariado para a Unidade dos Cristãos do Vaticano pediu às Conferências Episcopais do mundo inteiro que fizessem um estudo, cuja primeira etapa consistiu em responder o seguinte questionário:

1 — Em que medida e de que maneira o problema das "seitas" está presente em seu país ou região? Por exemplo: que tipo de "seitas" (de origem cristã ou não), quantos adeptos, em que medida essas "seitas" estão atraindo católicos?

2 — Quais são os principais problemas pastorais causados por esse fenômeno? Que grupos de católicos são mais afetados? Os jovens? As famílias?

3 — Que atitude a Igreja em seu país tomou em relação ao problema?

4 — Quais as razões aparentes para o sucesso das "seitas" entre os católicos do seu país ou região (condições sócio-culturais ou políticas especiais, necessidades religiosas ou psicológicas não satisfeitas etc)?

5 — Que atitude o Evangelho exige de nós em relação a essa situação?

6 — Que documentos ou livros sobre a questão das "seitas" foram publicados em seu país ou região (seja por católicos ou por membros de outras Igrejas que estão enfrentando o mesmo problema)?

7 — Há pessoas com competência especial no assunto que poderiam colaborar nesse estudo em estágio posterior?

Muitas respostas foram recebidas de todos os continentes (países desenvolvidos e em desenvolvimento), algumas incluindo informações bastante detalhadas. De posse de toda essa vasta documentação, o Secretariado elaborou um Relatório que deve ser alvo de séria reflexão por parte de todos nós, e que passamos a comentar:

Movimentos religiosos ("seitas")



xão por parte de todos nós, e que passamos a comentar:

Há dificuldade em se conceituar exatamente o que seja uma "seita". Certas mentalidades ou atitudes sectárias (intolerância, proselitismo agressivo etc) não são suficientes para caracterizar uma "seita", uma vez que essas atitudes também são encontradas nas Igrejas. Além disso, a palavra "seita" parece trazer uma conotação depreciativa, e há quem afirme que ao usá-la podemos nos colocar numa posição de superioridade que nos impediria de enxergar muita coisa importante nesses grupos.

Por isso alguns preferem termos neutros como "novos grupos religiosos" ou "movimentos religiosos independentes". Entre nós esses grupos são cristãos — os diversos ramos do Pentecostalismo, por exemplo — e não cristãos — Testemunhas de Jeová, Hare Krshna, Moonismo, cultos espiritualistas (Umbanda etc), grupos orientais (Seicho-No-Iê, Igreja Messiânica, Perfect Liberty) etc.

O Relatório se queixa que as respostas ao questionário revelaram às vezes uma certa

falta de conhecimento das outras Igrejas Cristãs (a ponto de confundir-las com "seitas"). Algumas respostas classificavam como "seitas" até mesmo as outras grandes Religiões (Hinduísmo, Budismo etc)...

Dificuldades de conceituação à parte, quase todas as respostas constataram a emergência e rápida proliferação de todos os tipos de novos movimentos, grupos e práticas religiosas. O fenômeno é considerado uma questão séria e até mesmo alarmante, e somente em muito poucos países parece não existir (por exemplo naqueles predominantemente islâmicos).

Os movimentos se desenvolvem rapidamente e quase sempre com grande sucesso. Em alguns casos aparecem até mesmo dentro das grandes Igrejas cristãs, através de atitudes sectárias; em outros ocorrem fora delas ou contra elas.

Na próxima semana falaremos sobre os tipos de pessoas apontados pelo Relatório como mais vulneráveis à ação desses movimentos.

19/10/85 FSP

No Rio, 1ª Feira Esotérica reúne mais de cem expositores

Da Sucursal do Rio

Parapsicólogos, egiptólogos, radiestesistas, correi. A 1ª Feira Esotérica, que reúne estas e outras misteriosas ciências e práticas, foi aberta ontem à tarde, no Riocentro, na zona rural do Rio: local mais conhecido pelo carma gerado com a explosão, em 1981, de um Puma que transportava dois militares, do que pela concentração de forças e energias positivas.

A 1ª Feira Esotérica é um misto de ciência, religião e comércio espalhado por 13.600 m² ocupados por mais de cem estandes, nos quais, até o próximo dia 27, será possível adquirir objetos e ensinamentos relativos aos diversos campos do esoterismo. Tudo em meio a músicas de características místicas e a um forte cheiro de incenso.

A organização do evento é de Kaanda Ananda, um gordo barbudo de 38 anos que se diz um estudioso de todas as manifestações esotéricas e que é o responsável pela criação, no bairro da Tijuca, na zona norte da cidade, do Esotérico Shopping Center, uma concentração de lojas dedicadas ao ocultismo. A feira foi produzida por uma empresa especializada em eventos, a Squadrito, cujo diretor técnico, Eduardo Qualharini, 35, se dizia exausto pelo esforço dos últimos dias. "Esta é a mais complicada feira que já organizei. Para confirmar sua participação, alguns expositores fizeram questão de conferir a posição dos astros nos dias previstos para o evento. Outros analisavam detalhadamente o número do estande que lhes era destinado, com medo de alguma energia negativa".

Túnel futurista

O visitante da 1ª Feira Esotérica, depois de pagar cabalísticos Cr\$ 13

mil pelo ingresso, passará por algumas pirâmides e entrará no pavilhão de exposições através de um túnel prateado de visual futurista. Ali, terá contato com uma boa mostra de tudo aquilo que —garantem os expositores— existe entre o céu e a terra.

Logo no primeiro corredor os brasileiros se sentem em casa, pois é quase todo dedicado às religiões de origem africana. Ali, por Cr\$ 1 mil a unidade é possível comprar búzios, figas de arruda e da guiné, fitinhas do Senhor do Bonfim e miniestrelas do mar. E, por Cr\$ 250 mil, uma bola de cristal.

A democracia entre os estandes é total: um "pronto-socorro homeopático" convive com posto de vendas da Golden Cross que, com o estande da Capemi Pecúlios, forma o conjunto mais inesperado da feira. As pirâmides, porém, são a grande atração do evento: elas estão disponíveis nos mais diversos materiais, tamanhos e preços — de Cr\$ 40 mil a Cr\$ 500 mil. Em seu estande, o engenheiro Harro Mueller, 30, cercado de pirâmides e de anéis atlantes, vende, por Cr\$ 80 mil, um pequeno cone azul "radiofônico" que, segundo ele, ao ser ligado na tomada, desaccrrega na corrente elétrica todas as energias negativas.

As consultas aos mistérios do tarô, da astrologia e a quiromancia se constituem em outra atração da feira. Ao comprar um pequeno chaveiro com o símbolo do evento (Cr\$ 40 mil), o visitante —guiado por uma "esoterete", moças em macacões cinza-metálicos— poderá conhecer um pouco de seu passado, presente ou futuro. Os interessados nos aspectos mais teóricos do esoterismo têm uma boa oportunidade de se atualizar através de dezenas de palestras, pagas à parte, que abordam desde a medicina esotérica ao vampirismo, que será desvendado por Paulo Coelho, ex-parceiro de Raul Seixas.

Evangélicos formam 3º maior "partido" na Assembléia Nacional

Depois do PMDB e do PFL, o terceiro maior Partido da Assembléia Nacional Constituinte é formado por deputados evangélicos. São ao todo 33 deputados. Um desses 33 deputados federais evangélicos é Salatiel Carvalho, do PFL de Pernambuco.

Ele afirma que o bloco de parlamentares evangélicos, composto por deputados do PMDB, PFL, PDT, PTB, PDC e PT, reunido na casa do deputado Daso Coimbra, do PMDB do Rio de Janeiro, decidiu fazer um "lobby" no Congresso constituinte em assuntos como aborto, combate às drogas, ao jogo e à pornografia, nos meios de comunicação.

Segundo ficou acertado entre todos os participantes, o grupo se unirá sempre que um assunto puder ser analisado "sob a

ótica protestante". Na próxima semana, ficou acertado ainda, será distribuído um questionário ao grupo, contendo cerca de 40 questões. A intenção é avaliar a posição dessa bancada informal sobre matérias que mobilizarão os constituintes. O maior grupo protestante é da Igreja Assembléia de Deus, a qual pertence Salatiel Carvalho.

Salatiel Carvalho, que faz questão de dizer que não é pastor, mas sim o pai e o sogro, apesar de ser filiado à Assembléia de Deus, destaca que os evangélicos não discutirão assuntos relacionados apenas à religião. "Vamos discutir todos os assuntos de interesse do País, passando pela inflação até a distribuição de renda, déficit público, taxas de juros e eleição para presidentes".

*Honos irmãos separados
Dad viras!*

RELIGIÃO

Hora das trevas

Fanatismo faz ameaças e causa prejuízo

Das águas do Golfo Pérsico à pequena cidade italiana de Ravenna, passando por metrópoles como Paris e Londres, o clima de fanatismo alucinado desencadeado a partir da reação do aiatolá Khomeini ao livro *Os Versos Satânicos*, do escritor Salman Rushdie, não está poupando ninguém — nem a própria religião muçulmana, exposta subitamente ao ridículo, por força de seus xiitas. Em nome de Alá, a lista negra do aiatolá passou a incluir desde uma cantora francesa, Véronique Sanson, ao poeta italiano Dante Alighieri, sepultado há mais de 600 anos. “Está montado o cenário de uma prolongada e decisiva guerra santa, tendo de um lado o Islã e de outro os arrogantes infiéis”, ameaçou na quarta-feira passada o presidente do Parlamento iraniano, Hashemi Rafsanjani, um dia depois de o Irã romper relações diplomáticas com a Grã-Bretanha, por ter reagido com veemência à sentença de morte ditada por Khomeini contra Rushdie, um indiano que tem cidadania britânica.

O delírio do fanatismo xiita atingiu seu ponto mais alto no último dia 4, sábado. Naquela manhã, duas cartas manuscritas chegaram às mãos do prefeito da cidade italiana de Ravenna, Mauro Dragoni, e ao jornal local. Assinadas pelos Guardiães da Revolução Islâmica, as cartas colocavam no mesmo balaio literário o livro de Rushdie e a *Divina Comédia*, de Dante, enterado na cidade em 1321. O texto exigia que Dragoni declarasse publicamente que Dante cometeu “uma grave falsidade”



Dante: atraso de seis séculos

ao condenar ao inferno — uma das três partes da maior obra-prima da literatura italiana — o profeta Maomé. Caso contrário, o túmulo de Dante seria destruído. Por mais absurda que possa parecer a idéia de se atacar com seis séculos de atraso o túmulo do autor de uma obra literária, a ameaça foi levada a sério. “Não devemos subestimar nada”, afirmou Dragoni.

FORA DO AR — Embora sem condenações à morte nem ameaça de guerra santa, o clima de trevas medievais cruzou a fronteira religiosa e ressurgiu nas fileiras do cristianismo. Depois dos protestos contra o filme de Martin Scorsese *A Última Tentação de Cristo*, o alvo da semana foi a cantora americana Madonna. A associação católica italiana Famiglia Domani condenou o videoclipe *Like a Prayer* (Como uma prece). No clipe, Madonna observa uma cena de racismo contra um negro. Refugiando-se numa igreja para rezar, ela descobre o mesmo rosto negro na imagem de um santo. Depois das preces, o santo ganha vida. Os dois dançam, beijam-se e consumam uma coreografia que mistura sensualidade e religião bem ao gosto da cantora. O videoclipe não chegou a ser proibido em nenhuma parte, mas o estrago já estava feito. A Pepsi, que firmara



GAMMA/SOLA

O comercial com Madonna: inocência autocensurada



Isabelle: “A vontade é de não se submeter”

um contrato de 5 milhões de dólares com Madonna por três comerciais, suspendeu a exibição do anúncio — uma cândida peça publicitária que retrata uma fase da infância da própria cantora. O comercial usa como trilha sonora a mesma música que dá título ao polêmico videoclipe, e a Pepsi não quer correr o risco de um caso ser associado ao outro. Não sem razão. “A geração Pepsi não vai contar com cristãos”, ameaçou o pastor metodista Donald Wildmon. “O videoclipe é uma das coisas mais ofensivas que já vi.”

Nesse novo capítulo da luta entre a luz e as trevas, os métodos às vezes se confundem. O radialista americano Tom Leykis chegou a defender em seu programa que se fizesse uma enorme fogueira para destruir os discos e fitas do cantor Cat Stevens, que se converteu ao islamismo em 1979 e adotou o nome de Yusuf Islam. Foi uma reação, quase tão furibunda quanto a dos aiatolás, às declarações do cantor defendendo a sentença de morte contra Rushdie. Mas, apesar do medo disseminado por esse clima de cruzadas, há quem se atreva a reagir, como a cantora Véronique Sanson, que insiste em cantar sua música *Allah*, embora ameaçada de morte. O exemplo mais surpreendente, porém, partiu da atriz francesa Isabelle Adjani. Ao receber o Cesar — o prêmio francês para os melhores no cinema — no último dia 4, ela não se limitou a um *merci*. Preferiu ler um texto em defesa da liberdade de pensamento, que terminava precisamente com um trecho do livro de Rushdie. “A vontade é de não concordar, de não se submeter”, disse ela. ●

Unimep não deverá ser vendida

17-2-86
Da Redação da Folha
e da Reportagem Local

O Conselho Geral da Igreja Metodista do Brasil enviou documento, no último sábado, à 5ª Região Eclesiástica Metodista, de Campinas, à qual se encontra vinculada administrativamente a Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), situada a 171 km a noroeste de São Paulo, em que explica a sua decisão de absorver a instituição, que passará da esfera regional para a administração geral da Igreja. Dessa forma, segundo a assessoria de imprensa da Unimep, a universidade não deverá ser vendida a terceiros.

A questão da venda da Unimep enquanto universidade, e não apenas de suas propriedades, foi decidida no último mês de dezembro em reunião realizada pelo concílio regional, ao qual a Unimep está subordinada. Segundo a assessoria de imprensa, a proposta de venda baseou-se na preocupação de alguns metodistas

com a mudança da política educacional do país, que defende maior autonomia às universidades, apontando a possibilidade de eleições diretas para reitor, o que levaria a Unimep à quase total independência da igreja que a mantém. O concílio, entretanto, rejeitou esse raciocínio, mas aprovou a formação de uma comissão que iniciaria gestões para a transferência da Unimep a terceiros, devido aos problemas financeiros da instituição — uma dívida atualmente estimada em Cr\$ 40 bilhões.

A comissão é presidida pelo ex-reitor do IMS (Instituto Metodista de Ensino Superior), de São Bernardo do Campo (Grande São Paulo) e ex-membro do Conselho Federal de Educação, Benedito Bittencourt. Ele teria uma proposta de compra, no valor de Cr\$ 220 bilhões, das Faculdades Metropolitanas Unidas, de São Paulo. Além dessa proposta, haveria outros grupos interessados. Segundo o reitor Elias Boaventura, estes seriam a Fundação Bradesco, a

Igreja de Reunificação do Cristianismo Mundial, do reverendo coreano Moon, e os cursos Objetivo e Anglo.

O Conselho afirma no documento ao concílio regional que pesou em sua decisão o fato da Unimep ser "uma experiência de dez anos que já alcançou importância dentro e fora do país, ter no seu projeto ampla possibilidade de implantação das diretrizes para a educação na igreja metodista e constituir um campo de desenvolvimento de idéias renovadoras em relação à educação e projetos sociais patrocinados pela igreja".

O reitor Elias Boaventura disse, no sábado, que a mudança será benéfica para a Unimep. Ele declarou que foi o conselho geral que impediu a intervenção que setores mais conservadores da igreja tentaram executar no ano passado, afastando-o da reitoria. O reitor está tentando obter verbas do governo federal, através do MEC e da Caixa Econômica Federal.

AA

CEDEM

Igreja debate avanço de seitas no Brasil

Da Reportagem Local

O avanço dos chamados "movimentos religiosos independentes" no Brasil —atingindo as bases da Igreja Católica e, também, o contingente das igrejas protestantes mais antigas—, além do estabelecimento de um fluxo informativo menos conflitante entre as dioceses, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), o papa João Paulo 2º e a Cúria Romana, são alguns dos temas centrais da reunião de cúpula, iniciada ontem no Vaticano e com término previsto para o próximo sábado, entre o papa, os dirigentes dos vários dicastérios (ministérios) pontifícios, os cinco cardeais brasileiros, a presidência da conferência episcopal e os dirigentes dos catorze secretariados regionais dessa entidade.

A reunião foi convocada pelo papa, em julho do ano passado, em conversa pessoal com o presidente da CNBB, d. Ivo Lorscheiter, no Vaticano. A convocação foi renovada em dezembro último, durante o Sínodo, por lembrança do próprio João Paulo 2º. Oficialmente, seu objetivo é o de fazer uma revisão das visitas "ad limina apostolorum" do episcopado brasileiro (que tem o maior número de bispos no mundo —365— com direito a essa viagem canônica ao papa, de cinco em cinco anos)—dentro de "um clima informal".

É a primeira vez na história das visitas "ad limina" dos bispos brasileiros, no entanto, que o papa procede a uma avaliação desse tipo, levando os principais dirigentes da CNBB a Roma, às vésperas da Semana Santa —que começa no próximo dia 23, Domingo de Ramos— e da 24ª assembleia geral do episcopado, sobre a nova Constituição, marcada para a primeira quinzena de abril, em Itaiaci, município de Indaiatuba, a 99 km de São Paulo. Ao contrário do que ocorreu, por exemplo, no recente Sínodo, quando os bispos levaram teólogos como assessores, na reunião desta semana está excluída a presença de peritos e a agenda também não foi enviada com antecedência.

O avanço dos novos movimentos religiosos (a CNBB não utiliza em seus documentos a palavra "seita", por considerá-la preconceituosa) e um dos temas principais da reunião. A partir de pesquisas feitas pelo Celam (Conselho Episcopal Latino-Americano) e dos primeiros dados levantados no Brasil, o Vaticano está preocupado com o avanço do pentecostalismo, de religiões orientais e de outras que não são consideradas nem católicas, nem protestantes, como os "Testemunhas de Jeová" e a "Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias" (mórmons). Uma das causas desse fenômeno, segundo os primeiros estudos empreendidos pelo Vaticano, Celam e CNBB, seria o caráter "muito frio e racional" do culto católico que não criaria "o clima de acolhimento e de comunidade" dessas outras confissões religiosas.

Fluxo informativo

No plano interno da Igreja Católica no Brasil, um tema crucial da reunião é o estabelecimento de um "modus vivendi" entre a CNBB, as dioceses e o Vaticano, em termos de fluxo informativo. Trata-se de definir em que casos os bispos diocesanos poderão comunicar-se diretamente com o Vaticano sem passar pela CNBB e até que ponto a conferência episcopal pode representar o conjunto dos bispos. Do ponto de vista doutrinário, a conferência é um espaço de articulação política e pastoral, enquanto cada bispo pode estabelecer, livremente, seu fluxo de comunicação com o papa e a Cúria.

A partir desse dado, a presidência da CNBB e cardeais, como d. Paulo Evaristo Arns e d. Avelar Brandão Vilela, consideram positivo que o debate de Roma aconteça diretamente com a conferência episcopal. Nos últimos quatro anos, o principal canal paralelo entre a Igreja no Brasil e o Vaticano aconteceu entre o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, d. Eugênio Salles, e seu colega, o cardeal alemão Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, no Vaticano. E a

CNBB nunca aceitou que isto acontecesse.

Outros temas

Depois da visita do papa ao Brasil, em 1980, este é o primeiro contato mais amplo de João Paulo 2º com a Igreja brasileira. Extra-oficialmente, também entrarão na pauta do encontro de cúpula, entre outros, estes temas: 1. Retomada do projeto de um texto para missas em linguagem popular (vetado pelo Vaticano que poderia, agora, aprová-lo); 2. Revisão do funcionamento da CED (Comissão Episcopal de Doutrina) da CNBB, presidida por d. Aloisio Lorscheiter (uma corrente da conferência, liderada pelo arcebispo de Aracaju, d. Luciano Cabral Duarte, pretende rever os estatutos desse organismo); 3. Perspectivas da Teologia da Libertação na Igreja, incluindo o novo documento do Vaticano sobre este tema, com abordagem "positiva", e a situação do teólogo Leonardo Boff depois do "silêncio" de um ano (a terminar em maio próximo) e a suma teológica "da libertação" —com 50 volumes, dos quais três já foram publicados pela Vozes com apoio explícito de 115 bispos.

Deverão ser debatidos, igualmente, pontos considerados "polêmicos" pelo Vaticano, como a colaboração entre evangélicos e católicos, no Brasil, em projetos acadêmicos, bíblicos e pastorais.

Para teólogos, diálogo é positivo

O entendimento direto entre a direção da CNBB e a Cúria Romana —no encontro que está sendo realizado em Roma— “é algo positivo”, na opinião dos teólogos Julio de Santa Ana, metodista, e José Oscar Beozzo, padre católico e presidente da Cehila-Brasil (Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina).

Eles disseram, ontem, que o estabelecimento de “uma comunicação direta” entre a conferência episcopal brasileira e o governo central da Igreja “sempre foi uma reivindicação da CNBB”.

Para o teólogo Julio de Santa Ana, 51, uruguaio, um dos diretores do Cesep (Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e à Pastoral), de São Paulo, “sempre que há diálogo na vida da Igreja, trata-se de algo positivo, dentro do exercício da conciliaridade”. Acrescentou que “o drama é quando as partes se fecham e não há diálogo e sim uma exposição unilateral”.

Imprensa italiana comenta visita

A reunião de cúpula, no Vaticano, entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o papa João Paulo 2º e funcionários curiais —iniciada ontem de manhã— foi qualificada pelo diário “Stampa Sera”, de Turim, na Itália, na edição de ontem, como um encontro “sem ou quase sem precedentes”, lembrando que reuniões semelhantes aconteceram no sínodo holandês de 1980, com os bispos dos Estados Unidos —antes de publicarem carta coletiva sobre a corrida armamentista nuclear—, e com o episcopado peruano, no segundo semestre de 1984, durante o processo movido pelo cardeal Joseph Ratzinger contra o teólogo Gustavo Gutiérrez.

Citando a versão oficial do Vaticano sobre a reunião desta semana —“um encontro informal para apro-

fundar, em diálogo fraterno, temas relativos à vida e à atividade da Igreja no Brasil”—, o “Stampa Sera” diz que “se o papa chamou os bispos brasileiros para conversar três dias com ele, não deve ser por motivos irrelevantes” e que “os precedentes históricos de encontros desse tipo indicam que estes ocorreram em torno de correções de rumos que o Vaticano considera necessárias”. O diário italiano acrescenta que a agenda da reunião não foi divulgada, suspeitando-se que o tema central será a Teologia da Libertação e o próximo documento do Vaticano sobre o assunto. Outros temas, de acordo com o diário, serão a competição entre a Igreja Católica e seitas “vindas do exterior”, além da “opção preferencial e não exclusiva pelos pobres”.

Fiéis consideram-se inter-

FOLH
Dos

Fotos João C

imensos salões da Brasil para o e da Deus é Amor e nos enos templos improvisados das mbliéis de Deus, às margens de as estradas brasileiras, os pentais consideram-se interlocuto-privilegiados da terceira pessoa antíssima Trindade, o Espírito. Mesmo sem terem esse dado natizado, eles são herdeiros de tensão intra-eclesial que vem as origens do cristianismo, aqueles que consideram a a institucional como veículo os dons do Espírito e os outros privilegiam o contato direto, dual, dentro do entusiasmo reatado pela vida comunitária e xaltação do divino.

uia Ecumênico da CNBB define tecostalismo como o “conjunto ominações protestantes que se n na convicção da presença do Espírito Santo nas suas idades, mediante manifesta-carismáticas extraordinárias, rdo com o relato dos Atos dos los sobre o primeiro Pentecostão”. Segundo o relato bíblico, tecostes foi a manifestação do to sobre os apóstolos de Jesus permitindo que, mesmo sem s, passassem a falar várias i.

No Brasil

um certo consenso entre os adores em apontar o início do —1900— como o começo do ostalismo, de modo mais sistado, nos Estados Unidos, no e Cura Bethel, em Topeka, as, meio-oeste do país. No da CNBB, os primeiros missi-pentecostais chegaram ao em 1910, em Platina, norte do , e em 1911, em Belém (PA). estudos indicam, porém, os ários suecos Gunnar Zingren el Berg como introdutores do stalismo no país em 1912.

ovimento expandiu-se rapida-Praticamente a cada mês tanto no mundo desenvolvido no subdesenvolvido, um grupo o que se autodenomina pente-O estudo da CNBB para o o cita, como igrejas pentecos-is conhecidas, a Congregação o Brasil, as Assembléias de Igreja do Evangelho Qua-ar, além das igrejas fundadas sionários brasileiros, como a ara Cristo, a Deus é Amor e a entecostal da Nova Vida.

As Assembléias

os do “segundo batismo no Santo”, os membros das éias de Deys são os mais s pentecostais brasileiros. s nos Estados Unidos, na



Na Deus é Amor, a oradora pede ao jovem que se “martirize diante de Cristo”

primeira década deste século, elas representam o ramo mais numeroso do protestantismo brasileiro, de acordo com o Guia Ecumênico. Progressivamente nacionalizadas, são dirigidas por uma estrutura muito simples, com seus pastores, presbíteros (que integram os “conselhos de anciãos”) e auxiliares leigos. A nível nacional, integram a Convenção Geral das Assembléias de Deus, com sede no Rio de Janeiro.

Já a Igreja Pentecostal Deus é Amor, de Davi Martins Miranda

—com a qual as Assembléias e a Brasil para Cristo não desejam confundir-se—, tornou-se, com o tempo, uma grande empresa espiritual. Seu fundador é cunhado de Manoel de Mello, que fundou a Brasil para Cristo. Davi resolveu fundar sua própria igreja em 1962, com o objetivo de “prorrogar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, combater, por todos os meios lícitos ao seu alcance, o vício e o crime, considerando-os responsáveis diretos

Locutores do Espírito Santo

"Irmão" ameaça e toma filme de fotógrafo

Da Redação do Folha

O repórter fotográfico da Agência Folhas, João Caldas, escalado para a reportagem sobre as igrejas pentecostais, foi, na sexta-feira, dia 14, às 16h, à Igreja Deus é Amor, do pastor Davi Miranda, no Glicério, centro de São Paulo. Dirigiu-se à secretaria da igreja para falar com o presbítero Sérgio Sora e obter autorização para fotografar o culto que acontecia naquele momento. No entanto, foi informado por um funcionário de que o presbítero não o receberia e que não adiantaria insistir. Como não foi autorizado nem desautorizado, Caldas voltou à igreja e fotografou os "irmãos obreiros" e os fiéis entra-

rem numa espécie de "transe". Um desses "irmãos" — que não se identificou — disse que não era permitido fotografar e que os dois deveriam ir até a secretaria. Disfarçadamente, Caldas tirou o filme da câmera e trocou por outro, ainda virgem. Feito isso, o fotógrafo disse que não iria à secretaria, pediu ao "irmão" que tirasse as mãos de seu ombro e, quando saía, foi cercado por fiéis. O presbítero Sora apareceu, dizendo que poderia processá-lo e que teria de entregar o filme. O fotógrafo argumentou que o filme era propriedade do jornal e não poderia entregá-lo. Diante da insistência, Caldas tirou o filme virgem da máquina e o entregou, retornando ao jornal com o filme que havia batido.



Os fiéis rezam e imploram, chamam por Cristo, numa espécie de transe místico

...ela degenerescência da raça e pelo lagelo físico da humanidade, além de cooperar com as autoridades na manutenção da ordem pública".

Poder na comunicação

Vinte e quatro anos depois, Davi é um homem rico e influente. Segundo estatísticas da Igreja Luterana, o líder da Deus é Amor detém a concessão de dezesseis emissoras de rádio em todo o país (entre as quais a Rádio Universo, de Curitiba, PR), divulgando seiscentos programas ra-

diofônicos diários, preparados em seis estúdios de gravação. É dono de uma produtora de discos, de uma gráfica e de um templo em São Paulo, perto da antiga Rodoviária do Glicério, no centro paulistano, com 25.727 metros quadrados de área, 83 portas e capacidade para vinte mil cadeiras. O missionário polariza, aos domingos, o coração e a mente de pelo menos 120 mil homens e mulheres, a maioria deles migrantes nordestinos, mineiros, paranaenses e do interior de São Paulo.

Indiciado em vários processos — partir de denúncias de charlatanismo —, Davi Miranda exorciza demônios, invoca o Espírito Santo, cura os vícios e recolhe milhões cruzados dos seus crentes, depois pedir palmas para Jesus. Além das ofertas durante os cultos, os fiéis registrados entregam, para a igreja, dez por cento de seus salários mensais.

Das igrejas pentecostais fundadas por brasileiros, a Brasil para Cristo é a mais tradicional. Fundada em 1918 pelo missionário Manoel de Mello, essa igreja é a única, no pentecostalismo nacional, a integrar organizações ecumênicas: a Cese (Coordenação Ecumênica de Serviço), Salvador (BA), que já foi presidida por Mello, e o Conselho Mundial das Igrejas, de Genebra, Suíça. Crítico radical do chamado "culto às imagens" no catolicismo, o pastor Mello está se aposentando da igreja e seu sucessor é o próprio filho, Pastor Lutero Mello.

As estatísticas dessa igreja incluem cam que são transmitidos diariamente por 250 emissoras de rádio em todo o país. E o boletim "A verdade", da Brasil para Cristo, aponta o templo da rua Guaicurus, no bairro da Pompéia, zona oeste de São Paulo, como "o maior templo evangélico do mundo, podendo abrigar mais de 25 mil pessoas". O pastor presbiteriano Jaime Wright afirma que o templo tem som de 4.760 metros quadrados e só pode abrigar dez mil pessoas sentadas. "Essas imprecisões aritméticas, usadas na competição megalomane entre grupos pentecostais, só servem para chacotear ainda mais o rebaixado evangélico, desacreditando-o perante um público já farto de caudilhistas de qualquer espécie", afirma Wright, assessor particular do cardeal-bispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns.

Evangelho Quadrangular

Uma das denominações pentecostais mais atuantes no Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada em 1918, em Los Angeles, Califórnia, na costa oeste dos Estados Unidos, pela viúva Aimee Semple McPherson. Nos seus templos, costumam colocar, em lugar visível, uma bandeira de quatro cores (amarelo, vermelho, azul e roxo), com uma cruz vermelha no centro e o número quatro escrito no centro, simbolizando os elementos fundamentais da doutrina: a conversão, a cura pelo batismo no Espírito Santo e a iminente segunda vinda de Cristo à Terra. (DA)

Seita Moon é acusada de alegar finalidade falsa ao comprar casa

1813/86
29

A mansão de 7 mil 500 metros quadrados no Condomínio Vale Real, em Jacarepaguá, onde há uma semana se instalou a seita Moon, foi comprada pelo pastor Maurício Baldini sob a alegação de que serviria de residência a sua família. A denúncia foi feita pelo empresário Luís Felipe Índio da Costa, sogro do ex-proprietário da mansão, Guálter Azeredo Lopes, a quem Baldini se apresentou como "representante de uma seita religiosa cristã".

Segundo Luís Felipe, o sogro só soube que se tratava da seita Moon "às vésperas do fechamento do negócio", mas foi tranquilizado pela garantia de Baldini de que a casa serviria a sua família. Durante toda a manhã de ontem, os condôminos reuniram-se com representantes da Associação dos Moradores da Freguesia para tomar uma posição ante o grupo religioso, acusado de aliciar jovens.

Um deles disse que "a luta não é dos moradores do Vale Real nem da Freguesia, pois não queremos transferir a seita para outro bairro, outra cidade nem outro Estado, mas expulsá-la do país". Após vários contatos, receberam o apoio das igrejas cristãs de Jacarepaguá, do Educandário São José e São Bento, do Movimento Socialista Bancário e do 18º BPM, que mandou uma patrulha vigiar o local de hora em hora. Na mansão vivem 15 jovens que circulam pelo condomínio doutrinando crianças, distribuindo folhetos e retratos do Reverendo Moon.

Doces

— Nossa luta não será em vão. O Prefeito Marcelo Alencar tem que nos ouvir. Se houvesse o direito de vizinhança, isso tudo não teria acontecido — disse o presidente da Associação dos Moradores do Vale Real, Gérson Duque Estrada. Segundo Gérson, o Secretário Municipal de Administração, Luís Carlos de Oliveira, também morador de Jacarepaguá, já levou ao conhecimento do prefeito a instalação da seita num bairro exclusivamente residencial.

— Não se trata do vizinho indevido e, sim, do aspecto moral do problema. A seita é uma ameaça ao nosso lar, a nossos filhos — disse o industrial americano Roberto Floyd, o primeiro morador do Vale Real.

Ele contou na reunião dos moradores uma experiência que um amigo seu teve com a seita nos Estados Unidos. Proprietário de uma fábrica de doces quase falida, o amigo foi procurado por dois jovens adeptos da seita que, de sacolinha na mão, despejaram US\$ 10 mil na sua mesa. Queriam comprar doces. E o amigo de Robert vendeu. Seis meses depois, tinha recuperado a fábrica à custa dos doces vendidos à seita.

— Sabe o que eles faziam com os doces? Obrigavam os adeptos a revendê-los em troca de casa e comida. Se no final do dia os jovens não tivessem vendido nenhum doce, dormia na solitária.

* O POVO - 03-04-86 *

Fiéis são ludibriados por pregadores protestantes

Recife - Nada melhor do que uma Sexta-Feira da Paixão para sensibilizar o povo oferecendo curas e milagres. A Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, reuniu cerca de 15 mil no ginásio de esportes Geraldo Magalhães, o "Geraldão", para uma sessão de orações e curas. Não seria nada estranho se, entretanto, a uma certa altura do culto um dos pastores presentes não começasse a pedir o pagamento dos fiéis pelas orações e eventuais graças alcançadas.

— Quem dá, mais alcança — repetia o pastor recolhendo o dinheiro dos fiéis.

Curas não se viu, mas ao final da sessão os quatro pastores reuniram os donativos em quatro sacos de 60 quilos cada, ajoelhavam-se sobre eles e agradeceram com as mãos elevadas aos céus o dinheiro arrecadado.

Em meio a uma pregação e outra, os pastores orientavam os fiéis a não se envolverem com política, nem sequer em discussões sobre o assunto, porque política é para os políticos e não para o povo.

18. April 1986 FFP

Decon indicia membros de seita por curandeirismo e estelionato

Da Reportagem Local

O delegado Luiz Carlos Matuk, da 1ª Delegacia de Saúde Pública e Meio Ambiente do Decon (Departamento de Crimes contra a Economia Popular), indicou ontem por curandeirismo e estelionato os cinco sacerdotes de uma seita que se intitula "Igreja Católica das Santas Missões", acusados por vários ex-fielis. O fundador e líder da seita, Francisco Salles da Silva, 31, é o principal indiciado. Ele dirige um templo instalado no andar superior de um velho sobrado da av. Rangel Pestana, em frente à estação Roosevelt, no Brás (zona leste de São Paulo), onde,

em um grande cartaz que cobre toda a fachada superior do prédio, afirma-se vidente e se oferece para fazer "a prece poderosa para desmanchar feitiço, retirar encosto e problemas pessoais" de quem o procurar ali das 9h às 15h, "todos os dias".

Manuel Martinho Cassiano de Freitas e Adriana Guimarães de Freitas, proprietários de uma oficina de reparação de tapetes em Carapicuíba (município na região oeste da Grande São Paulo), procuraram a seita porque os seus negócios não estavam indo bem. Contaram à polícia que o "padre" Francisco lhes disse que estavam sendo vítimas de um poderoso feitiço e que faliriam e em

seguida morreriam, a menos que pagassem Cz\$ 5.850 à Igreja das Santas Missões. "Esse dinheiro", teria dito Francisco, "é para financiar a viagem de três padres a Salvador, onde o feitiço está enterrado em um cemitério". O casal pagou, mas dias depois arrependeu-se e procurou o Decon.

Os outros indiciados são os "padres" Osmar dos Santos, 20; Adão Ramos Bittencourt, 39; Paulo Correia da Silva, 39; Antônio Tertuliano Neto, 18 e a mulher de Francisco Salles da Silva, Maria Amorim da Silva, 28, secretária da seita e conhecida pelos fiéis como "Irmã Fátima".

20 14 1961 197

Na Assembléia de Deus, fiéis debatem briga de pastores

Da Reportagem Local

Os 170 mil membros da maior Assembléia de Deus do Brasil, situada no bairro do Belém (zona leste de São Paulo), estão discutindo, em suas reuniões dominicais, a briga entre o pastor presidente da Igreja, José Wellington Bezerra da Costa, 52, e o seu colega Manoel Antônio de Freitas, 56, afastado do ministério pastoral em 5 de agosto do ano passado. Manoel luta agora na Justiça para retomar suas funções, e acusa José Wellington de "ladrão e assassino". Este, por sua vez, acusa o pastor afastado de "ter praticado adultério" com uma frequentadora da igreja do Belém. Somente esta igreja movimenta mensalmente cerca de Cz\$ 350 mil, oriundos do pagamento do dízimo (a décima parte do salário dos fiéis) para as despesas pastorais.

Acusações

Segundo José Wellington, tanto a Convenção Estadual dos Pastores da Assembléia de Deus (com 900 membros) quanto a Mesa Diretora da Convenção Nacional (que reúne os pastores deste ramo pentecostal em todo o país) homologaram a sua decisão de afastar Manoel Antônio. Este alega, no processo que tramita na 1ª Vara Cível de São Paulo, que está sendo vítima de "injúria, difamação e calúnia".

Manoel Antônio acusa o pastor José Wellington de ter nomeado o filho como primeiro tesoureiro da Igreja, de ter comprado uma casa com dinheiro dos crentes e de ter sido condenado, em 1969, pelo juiz da 10ª Vara Criminal, da Casa Verde (zona norte de São Paulo), a um ano de detenção, com direito a "sursis", acusado de homicídio culposo.

José Wellington atropelou e matou, com o caminhão em que trabalhava, o feirante Benedito Rodrigues Cid. Manoel também acusa José Wellington de ter "falsificado seus diplomas" de 1º e 2º graus para poder ser admitido na Faculdade de Direito de Pouso Alegre (MG), onde se formou.

Diplomas

Entre os documentos apresentados em Juízo pelo pastor Manoel encontra-se cópia do Diário Oficial do Estado de São Paulo de 3 de setembro do ano passado, em que a Divisão Regional de Ensino-5 (Leste) declara nulos os documentos expedidos para José Wellington e para outros 35 alunos pelo Instituto de

Austeridade marca adeptos da Igreja

Se, em qualquer grupo organizado, uma denúncia de corrupção provoca polêmica, isto acontece com muito mais força nas Assembléias de Deus, o ramo mais numeroso do pentecostalismo brasileiro, cujos crentes são conhecidos pela sua vida austera e simplicidade de costumes. Os pentecostais são considerados hoje, pelo seu número e crescimento, a terceira força do cristianismo mundial, depois do catolicismo e do protestantismo histórico (diretamente oriundo da Reforma de Martinho Lutero, no século 17).

Segundo o "Guia Ecumênico" da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), as Assembléias de Deus surgiram nos EUA, em 1914, da reunião de ministros pentecostais de mentalidade conservadora e missionária para um trabalho de pregação e missão mais efetivos. Pouco depois, elas foram introduzidas no Brasil pelos norte-americanos. As comunidades são dirigidas por pastores, um conselho de presbíteros e auxiliares leigos. Como todos os pentecostais, eles se baseiam no chamado "batismo no Espírito Santo" (diverso do batismo católico) e no "dom das línguas" (um dos dons atribuídos ao Espírito Santo, pelo qual os crentes poderiam falar várias línguas durante os cultos). São ávidos ao diálogo com outras Igrejas.

Educação Santo Antônio, de Suzano (SP), cujos diretores foram presos pela Polícia Federal, acusados de venda de diplomas falsos de 1º e 2º graus.

O pastor José Wellington negou ontem, às 14h, por telefone, todas as acusações feitas pelo pastor Manoel. Mas confirmou ter sido condenado pela Justiça, qualificando a morte do feirante como "um acidente de trânsito".

O pastor disse também que não lida com as finanças da igreja, e que o próprio Manoel assistiu à sua formatura em Direito. Enquanto tramita, na Justiça, o caso dos dois pastores, circula, entre os crentes, um panfleto acusando doze dirigentes da Assembléia de Deus como "falsos pastores".

1515186 FSP

Adeptos de Moon querem eleger 57 constituíntes

JOÃO BATISTA NATALI
Da Reportagem Local

A Associação Internacional Causa-Brasil, ligada à organização político-religiosa do reverendo sul-coreano Sun Myung Moon, está ativamente empenhada em assessorar 57 candidatos ao Congresso Constituinte, já selecionados e "com chances de vitória". É o que diz seu presidente, Miguel Ângelo Bueno Rocha, 38, sem revelar, no entanto, o custo financeiro da operação. Ele afirma que as campanhas correrão sobretudo com base no voluntariado dos 180 mil filiados e simpatizantes que a entidade acredita possuir no Brasil.

Rejeitando a qualificação de ultra-direita, e atribuindo à Causa-Brasil finalidades "puramente educativas", Bueno Rocha justifica essa forma de atuação eleitoral como contraponto aos "agentes desagregadores da sociedade, sobretudo os marxistas que dominam os meios de comunicação".

A aproximação com os políticos que se beneficiarão da logística da entidade para suas campanhas — ele se recusa a identificá-los nominalmente — deu-se em sete seminários regionais, promovidos de janeiro a abril, e que contaram com exatos 305 participantes. Neles, foram discutidas as idéias políticas do reverendo Moon, defendendo-se, em oposição "ao marxismo e ao capitalismo anti-espiritualista", a idéia de "familismo", em que a relação de respeito dos filhos para com os pais deve se prolongar na relação alunos-professores e empregados-patrões. Também nos seminários foram discutidas duas obras que a Causa editou em dez mil exemplares cada uma: "O Assalto ao Parlamento", do ex-deputado tcheco Jan Kozak, para quem os comunistas conquistaram o poder em seu país através de manobras bem sucedidas durante a Constituinte, e "Psicopolítica", suposta coletânea de textos soviéticos sobre um conjunto de técnicas de persuasão que caracterizariam uma "guerra psico-cerebral".

Bueno da Rocha, que diz, pessoalmente, apoiar para o governo de São Paulo o virtual candidato do PDS, Paulo Maluf, afirma que os candidatos ao Congresso constituinte que contarão com a Causa-Brasil, segundo ele organizada em quinze Estados, não disputarão, necessariamente, suas cadeiras por aquela legenda, havendo, ao contrário, por ordem decrescente, filiados do PFL e do PMDB, antes de se chegar ao PDS e ao PTB.

O dirigente da entidade diz não haver analogia com a atuação, pré-1964, do Ibad, Instituto Brasileiro de Ação Democrática, objeto de inquérito no Congresso Nacional por

ter financiado a eleição de ponderável bancada de deputados e senadores de ultra-direita, ou então de defensores incondicionais dos investimentos estrangeiros. Mesmo assim, Bueno da Rocha define-se como adversário da reserva de mercado na informática, da reforma agrária fundamentada na redivisão de terras e "que penalize os ricos que tenham trabalhado mais que os pobres", das limitações que a futura Constituição venha a impor à propriedade privada, do liberalismo na legislação sobre o direito de greve.

Independentemente da Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial, designação da Igreja fundada por Moon, Bueno Rocha afirma que a mobilização centrada no Congresso constituinte contará com quatro outras estruturas

paralelas, criadas desde que, em 1975, o grupo passou a atuar no Brasil. Trata-se da Amasa, Associação Mundial de Assistência e Amizade, que em São Paulo diz distribuir diariamente em cortiços e favelas treze mil pães a preço de custo, e assiste direta ou indiretamente "cerca de setecentas creches"; do Carp, Colegiado Acadêmico para a Reflexão de Princípios, reunindo três mil universitários e que pretende lançar militantes próprios nas próximas eleições da UNE e UEE; dos Diretórios da Causa (há 37 no interior de São Paulo); e finalmente da AIC, Associação Internacional Cultural, que reuniria quatro mil professores universitários em todo o país.

O presidente da Causa-Brasil afirma que os gastos necessários para que a operação eleitoral seja eficaz — "Se o candidato precisar de um milhão de impressos, e se tivermos condições, nós os providenciaremos" — independem do ingresso de dinheiro estrangeiro, sobretudo dos Estados Unidos ou do Uruguai, onde o grupo Moon transformou-se em potência nas economias locais. O "lobby" para o Congresso constituinte (palavra que Bueno Rocha rejeita) tampouco independeria do único grande investimento de risco que a Igreja fez no Brasil: uma empresa de pesca sediada em Belém (PA), que dispõe de 78 barcos e exporta camarões e lagostas. Para o dirigente da Causa, bastará a mobilização de recursos, por ele não explicitados, captados com as atividades profissionais dos fiéis de Moon, "que recebem pequenas empresas, cujos lucros são divididos com a Igreja para o financiamento de outros negócios". É assim que, segundo Bueno Rocha, de catorze padarias paulistanas hoje controladas pretende-se chegar em breve a cem, havendo empresas de importação, clínicas dentárias e pequenas confecções.

Igreja mistura lucros e anticomunismo

A Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial, ou simplesmente Igreja da Unificação, foi fundada em 1945 na Coreia pelo controverso reverendo Sun Myung Moon, 66, tendo experimentado um rapidíssimo processo de expansão religioso e sobretudo financeiro, responsáveis por seus estimados 2 milhões de fiéis (sobretudo no Japão e Estados Unidos) e investimentos que, segundo cálculos modestos, totalizariam hoje no mínimo US\$ 2 bi, ou Cz\$ 27,6 bilhões.

Sob a artilharia do Vaticano e do Conselho Mundial das Igrejas, que contestam seus fundamentos teológicos, a imensa organização político-religiosa defende a unidade de todas as correntes espirituais para conter a expansão do marxismo, por ela apontada como o grande inimigo. Um inimigo com o qual esporadicamente alia-se, como para a construção, na

China Comunista, de uma fábrica de automóveis que deverá empregar 14 mil operários.

Nos Estados Unidos, onde Moon cumpriu até outubro do ano passado pena de quatro anos de prisão por sonegação de impostos, o grupo dispõe de uma cadeia de jornais liderada pelo "Washington Times" (US\$ 150 milhões de dólares de prejuízo operacional, desde que passou a circular em 1982), que apoia a política externa do presidente Reagan e lança periódicas campanhas para financiar os guerrilheiros anti-governamentais da Nicarágua.

Por aqui, os seguidores de Moon pretendem até setembro lançar a "Folha do Brasil", primeiro passo para um grupo de imprensa cujos custos e mecanismos industriais estão sendo decididos, esta semana, pela cúpula do grupo, em Nova York.

José de Paiva Netto 29/6/86 7m

Progresso de destruição

Algumas pessoas podem achar que, falando em Jesus, não somos objetivos. Mas, os que assim pensam tiveram milhares de anos para provar a sua objetividade. E o que fizeram? Houve progresso, sim, mas não quanto deveria, porque não atende a todos e é um progresso sempre ameaçado pela destruição. Os dirigentes das superpotências, não satisfeitos com o número de armas terríficas que já possuem, estão mandando construir outras, que deixam os próprios cientistas apavorados com a perspectiva de uma destruição total. Falam em raios laser, usados a partir de satélites contra a Terra; na chamada bomba do Juízo Final que, se usada, destruiria toda a vida da Humanidade. Então, que objetividade é essa? Só se for a da loucura, da tara pela destruição. Então, nisso realmente são objetivos! Na objetividade da morte. Mas são nossos irmãos perante Deus. Têm erros. Também os temos. Só que as falhas deles, as distorções de suas mentes, põem em perigo toda a Civilização. Incluindo os desatentos...

Por outro lado, não é necessário que o planeta seja levado à destruição para que algumas nações vivam bem. Infelizmente, é o que mais acontece neste desumano planeta de "homens práticos"... **Falta humanidade à Humanidade.**

Não somos palmatória do mundo. Mas, vimo-nos no dever e na obrigação de lembrar, alto e bom som, que Jesus tem que ser respeitado, o seu

pensamento estudado e seus ensinamentos realmente vividos. Não somente lembrado nas cerimônias religiosas. Eis o grande erro: muita gente pensa que Religião existe apenas para ser vivida nos veneráveis templos de sua devoção.

Ainda hoje, certas pessoas vão aos templos para ver com que vestimentas as outras estão ou se *Joaninha* veio bem-pintada, ou se *Mariazinha* está namorando o *Joãozinho*... Isso se aplica a todos os ramos religiosos. Entendemos — como naturalmente o fazem os verdadeiros católicos, protestantes, espíritas, umbandistas, judeus, muçulmanos, xintoístas, bramanistas — que Religião é a vida diária, é como o ar que respiramos. Vejo-a como algo dinâmico, vivo, realizador, que abre caminhos de luz nas Almas dos homens, e que, por esta razão, tem de estar na vanguarda. E é assim que propomos que os Seres Humanos entendam Jesus: como a **Religião da vida diária**. O ser mais pragmático do Planeta. O mundo vive apelando para fulano, sicrano, nação tal ou qual. Mas, na LBV somos da seguinte opinião: nestes tempos pré-armagedônicos, **apelar para Jesus, em primeiro lugar**. E não nos arrependemos disso: basta ver o crescimento da Legião da Boa Vontade, no seu trabalho de conagração por uma Humanidade mais feliz.

Quem confia em Jesus não perde o seu tempo.

Igrejas à venda

Inglêses se desfazem de seus templos

Os ingleses estão escandalizados com a dilapidação do patrimônio de uma de suas mais caras instituições nacionais: a Igreja Anglicana, que o rei Henrique VIII fundou no século XVI, depois de romper com Roma e se desligar do catolicismo. Nos últimos vinte anos, 583 de um total de 1 053 templos de sua religião foram vendidos a terceiros e na maioria dos casos transformados em locais de atividades leigas. O

anualmente — eram 18 milhões há dez anos e hoje são apenas 9 milhões —, a Igreja se encontra sem caixa e a única saída que vê é ir vendendo os seus templos.

DISCOTECA NA IGREJA — O porta-voz Miles lembrou aos fiéis mais críticos da venda dos templos que eles podem ter um consolo: nenhum antigo edifício anglicano passou a abrigar "atividades que possam criar constrangimento". Nessa observação estava embutida uma crítica a outras denominações cristãs em atividade na Inglaterra que também defrontam com a debandada de fiéis e a conseqüente escassez de fundos. Há um ano, a Igreja Presbiteriana Galesa negociou um de seus templos, localizado no coração da Londres boêmia, próximo à Shaftesbury Avenue, por um 1,5 milhão de dólares. Os autores da transação deixaram de vendê-lo à Igreja Ortodoxa Russa e ficaram com a melhor oferta. Quem comprou o templo foi o empresário da noite Peter Gatien, um canadense de 33 anos, dono das boates Lime Light de Nova York e de Chicago.



Ele transformou um tradicional templo presbiteriano na Lime Light de Londres, uma discoteca de três andares que recebe de 700 a 800 clientes por noite e é freqüentada por Mick

A Lime Light de Londres: drinques no antigo altar

dinheiro obtido nessas transações — 9,9 milhões de libras esterlinas ou aproximadamente 203 milhões de cruzados — foi aplicado na construção de casas para religiosos, na reforma de prédios e no pagamento de dívidas. "Não se trata de uma dilapidação patrimonial comum, mas do reflexo de uma disritmia de fé que abalou economicamente nossa religião", explicou John Miles, porta-voz da Igreja Anglicana. Teoricamente, a Igreja Anglicana está ligada ao governo e é responsável pelo bem-estar espiritual de 46 milhões de ingleses. Arcebispos, bispos e deões são nomeados pela rainha Elizabeth II, sob a orientação da primeira-ministra Margaret Thatcher. Na prática, porém, ela não recebe qualquer ajuda do governo e depende inteiramente de doações dos fiéis para fazer frente a suas despesas. Como o número de anglicanos praticantes vem caindo

Jagger e Rod Stewart. Os fregueses dançam onde estavam colocados os bancos de oração e tomam drinques no altar, que foi convertido em bar sem perder o estilo e várias peças litúrgicas. Onde ficava a cripta, há agora um restaurante japonês. Há muitos casos iguais ao do templo da Igreja Presbiteriana Galesa. Em Glasgow, na Escócia, um velho templo protestante transformou-se na danceteria-bar Cardinal Follies. Só a Igreja Católica, que conta com 5 milhões de fiéis na Grã-Bretanha, não registra um único caso de venda. Ao contrário: os católicos acabam de adquirir duas antigas igrejas protestantes na Escócia. No Brasil, há em São Paulo um caso de igreja transformada em casa noturna. Este ano, foi inaugurada no bairro de Carandiru a danceteria-bar Ácido Plástico, que tomou o lugar de um templo protestante. ●

O FENÔMENO DAS SEITAS OU NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS: DESAFIO PASTORAL

Publicamos a seguir o relatório provisório baseado nas respostas (cerca de 75) e na documentação provenientes, até 30 de outubro de 1985, de Conferências Episcopais regionais e nacionais (cf. "L'Osservatore Romano", ed. port., de 29/6/86).

PREFÁCIO

Respondendo a uma preocupação manifestada pelas Conferências Episcopais de todo o mundo, o Secretariado para a União dos Cristãos, o Secretariado para os Não-Cristãos, o Secretariado para os Não-Crentes e o Pontifício Conselho para a Cultura, empreenderam um estudo sobre a presença e atividade das "seitas", dos "novos" movimentos religiosos, dos "cultos". Estes Dicastérios, juntamente com a Secretaria de Estado, discutiram por algum tempo esta preocupação.

Num primeiro momento, em fevereiro de 1984, o Secretariado para a União dos Cristãos, em nome dos quatro Dicastérios supramencionados, enviou um Questionário (cf. Apêndice) às Conferências Episcopais e a organismos semelhantes, com a intenção de receber informações e indicações aprofundadas a fim de promover a ação pastoral e de examinar novas linhas de pesquisa. Até outubro de 1985 chegaram numerosas respostas das Conferências Episcopais de todos os Continentes, bem como de alguns organismos episcopais regionais. Algumas respostas incluíam uma informação detalhada de algumas dioceses particulares e vinham acompanhadas de cópias de cartas pastorais, folhetos, artigos e estudos.

Evidentemente é impossível sintetizar a vasta documentação recebida, que aliás deverá ser constantemente atualizada, como

base para uma pastoral construtiva que responda ao desafio apresentado pelas seitas, pelos novos movimentos religiosos e por "cultos". O presente relatório, portanto, baseado nas respostas e documentação recebidas, quer unicamente dar uma primeira visão geral.

Este relatório está assim subdividido: 1) Introdução; 2) Causas da propagação dos referidos movimentos e grupos; 3) Desafios e contatos pastorais; 4) Conclusão; 5) Convite do Sínodo de 1985; 6) Temas para estudos e pesquisas posteriores; 7) Bibliografia; 8) Apêndice.

1. INTRODUÇÃO

1.1. **Que são as seitas? Que se entende por "cultos"?** É importante reconhecer que existem dificuldades nos conceitos, nas definições e na terminologia. Os termos "seita" e "culto" têm algo de depreciativo e parecem implicar antes um juízo de valor negativo. Prefere-se usar termos mais ambíguos, como "novos movimentos religiosos", "novos grupos religiosos". O problema da definição destes "novos movimentos" ou "grupos" distintos das "Igrejas" e das "comunidades eclesiais" ou dos "legítimos movimentos dentro da Igreja", é matéria discutida. Convém em primeiro lugar fazer uma distinção entre as seitas que têm origem na Religião cristã e as que se baseiam noutras religiões ou noutras fontes humanitárias. O problema torna-se mais delicado quando estes grupos têm uma origem cristã. É importante, pois, fazer esta distinção.

Com efeito, o espírito sectário, isto é, uma atitude de intolerância unida a um proselitismo agressivo, não é necessariamente o fato constitutivo de uma "seita" e, em todo o caso, nem a caracteriza. Estas atitudes podem ser encontradas também em grupos cristãos ou dentro de algumas Igrejas ou comunidades eclesiais. Todavia, estes grupos podem mudar de maneira positiva, mediante um aprofundamento da sua formação cristã e através do contato com outros cristãos.

Nesse sentido, estes grupos podem crescer dentro de uma mentalidade mais "eclesial".

O critério para distinguir entre seitas de origem cristã e Igrejas e comunidades eclesiais, poderia talvez ser procurado na fonte do ensinamento destes grupos. Por exemplo, os grupos que associam à Bíblia outros "livros revelados", outras "mensagens proféticas"; os que excluem da Bíblia alguns livros protocanônicos ou lhe alteram radicalmente o conteúdo.

Uma das respostas à primeira pergunta do questionário tenta descrever as seitas do seguinte modo:

"Por razões práticas, um culto ou uma seita vêm definidos às vezes como 'alguns grupos religiosos com uma concepção do mundo peculiar própria, derivante, mas não idêntica, dos ensinamentos de uma das principais religiões do mundo'. Embora nos referamos aqui a determinados grupos que normalmente insistem na liberdade do homem e da sociedade em geral, os cultos e as seitas estão caracterizados por um determinado número de qualidades específicas, que geralmente consistem em serem autoritários na sua estrutura, em se servirem de formas de lavagem cerebral e de controle mental, em praticarem uma coerção coletiva e em inspirarem sentimentos de culpa e de medo, etc. Um trabalho de base sobre estas características foi publicado por um americano Dave Breese, *Know the Marks of Cults* (Victor Books, Wheaton III, 1975).

1.2. Quaisquer que sejam as dificuldades para distinguir entre seitas de origem cristã e Igrejas, comunidades eclesiais ou movimentos cristãos, as respostas ao Questionário revelaram que existe uma séria imprecisão na terminologia, o que é devido ao escasso conhecimento e compreensão das outras Igrejas cristãs e comunidades eclesiais. Alguns incluem dentro das "seitas" Igrejas e comunidades eclesiais que não estão em perfeita comunhão com a Igreja Católica Romana; incluem até alguns seguidores das maiores religiões do mundo (hinduísmo, budismo, etc.), nem sempre muito difundidos no próprio País.

Afora as imprecisões de discernimento, e portanto de terminologia, quase todas as Igrejas locais advertem o *emergir* e a rápida *proliferação* de todo o tipo de novos movimentos religiosos ou pseudo-religiosos, de grupos ou práticas. O fenômeno é considerado por quase todos os que responderam ao questionário como um problema sério, e para alguns constitui uma situação alarmante. Só em poucos países parece não existir

problema algum (por exemplo, nos países com maioria islâmica).

1.3. O fenômeno desenvolve-se rapidamente em muitos lugares com um certo êxito. Isto cria problemas pastorais, dos quais o mais imediato é muitas vezes saber como se comportar com um membro de uma família católica que está comprometido com uma seita. O pároco ou o agente pastoral, ou o conselheiro, em geral e em primeiro lugar, devem pôr-se em contato com os pais ou amigos da referida pessoa. Muitas vezes se pode aproximar desta pessoa só indiretamente, quer para lhe oferecer algum conselho, quer para ajudar algum membro a reintegrar-se na sociedade ou na Igreja. Isto, de fato, requer competência psicológica.

Os grupos mais atingidos

1.4. O grupo mais vulnerável e — parece — o mais atingido é sobretudo o dos jovens. Quanto mais estes são "sem vínculo algum", ociosos, inativos na vida paroquial ou no trabalho paroquial voluntário, provenientes de um ambiente familiar instável ou pertencentes a minorias étnicas, ou vivem em lugares longe da influência da Igreja, etc., tanto mais eles parecem ser presas fáceis do proselitismo dos novos movimentos e das seitas. Algumas seitas, porém, parecem encontrar os seus adeptos entre os adultos, enquanto outras prosperam nas famílias de elevado teor de vida econômica e cultural. Neste contexto deve-se mencionar os *campus* universitários, que muitas vezes parecem ser um terreno favorável para a multiplicação das seitas ou para as suas tentativas de recrutamento. Relacionamentos difíceis com o clero ou situações matrimoniais irregulares podem também conduzir a uma ruptura com a Igreja e à passagem para um novo grupo.

Pouquíssimos são os que se unem a uma seita por motivos desonestos. A acusação maior que se pode fazer às seitas é talvez que, muitas vezes, elas abusam das boas intenções e dos desejos das pessoas insatisfeitas. Com efeito, elas obtêm maior sucesso quando a sociedade ou a Igreja não lhe ofereceram uma boa motivação.

1.5. As *causas do seu sucesso* relativo entre os católicos são evidentemente múltiplas e podem ser individuadas a vários níveis. Antes de tudo estão as necessidades e as aspirações, que aparentemente eles não encontram dentro da Igreja; depois, as técnicas de recrutamento e de formação das seitas; e, enfim, também existem razões estranhas ao sentido de se pertencer à Igreja

ou aos novos grupos: vantagens econômicas, interesses ou pressões políticas, simples curiosidade, etc.

Uma avaliação destes motivos pode ser feita somente dentro do contexto particular em que elas surgem. Todavia, os resultados de uma avaliação geral (e é precisamente isto que se trata de oferecer através deste relatório) podem manifestar e de fato manifestam uma gama de motivos "particulares", que na prática se revelam ser verdadeiramente universais. A crescente interdependência no mundo contemporâneo pode ser uma das causas dessa "universalidade". O fenômeno parece ser sintomático das estruturas despersonalizantes da sociedade moderna — criadas no Ocidente e amplamente exportadas para o resto do mundo — que criam múltiplas situações de crise a nível tanto individual como social. Estas situações de crise revelam necessidades diversas, aspirações e problemas que exigem, individualmente, respostas concretas e adequadas. As seitas pretendem ter e dar estas respostas; e fazem-no a nível tanto afetivo como intelectual, respondendo muitas vezes às necessidades afetivas de maneira que estas adormentam as faculdades cognoscitivas.

Estas necessidades e aspirações de base podem descrever-se como manifestações do desejo humano de integridade e de harmonia, de participação e de realização em todos os níveis de existência e experiência humanas; como tantas outras tentativas de ir ao encontro da aspiração humana à verdade e ao conhecimento de valores constitutivos que, num determinado momento (coletivo ou individual), a história parece ter escondido, destruído ou perdido em relação à pessoa que está exposta a rápidas mudanças, a tentações agudas, a medos, etc.

1.6. As respostas ao questionário mostram que o fenômeno deve ser considerado não tanto como um perigo para a Igreja (embora muitos dos que responderam considerem o proselitismo agressivo de algumas seitas como o maior problema), mas, pelo contrário, como um desafio pastoral. Algumas respostas observam também que — embora preservando sempre a nossa própria integridade e honestidade — devemos recordar que todo o grupo religioso tem o direito de professar a própria fé e de viver segundo a própria consciência; que nas relações estabelecidas individualmente com os grupos, temos o dever de proceder segundo os princípios do diálogo religioso formulados pelo Concílio Vaticano II e pelos outros documentos da Igreja. Assim, pois, imperativo dever é recordar o respeito devido a

cada indivíduo, e que a nossa atitude para com os crentes convictos teria que ser de abertura e compreensão e não de condenação.

As respostas ao questionário revelam uma imensa necessidade de informação e de educação dos crentes e de um diálogo pastoral renovado.

2. MOTIVOS DA EXPANSÃO DESTES MOVIMENTOS E GRUPOS

Situações de crise ou de vulnerabilidade geral podem revelar e/ou produzir necessidades e aspirações que se tornam motivações de base para se dirigir às seitas. Manifestam-se a nível tanto intelectual como afetivo e apresentam caracteres comuns, isto é, estão centradas no "eu" em relação com "outros" (social), com o passado, com o presente, com o futuro (cultural, existencial) e com o transcendental (religioso). Estes níveis e tais dimensões são *inter-relacionáveis*. Estas necessidades e aspirações podem-se agrupar sob nove títulos principais, embora, em casos individuais, se inter cruzem com freqüência. Para cada grupo de "aspirações", indicamos o que as seitas parecem oferecer; todavia, ainda que as causas principais de sucesso devam ser compreendidas nesta perspectiva, é preciso ter presentes os métodos de recrutamento e as técnicas de doutrinação de muitas seitas (cf. 2.2).

2.1. Necessidades e aspirações — o que as seitas parecem oferecer

A busca da pertença (sentido de comunidade)

2.1.1. A estrutura de muitas comunidades foi destruída; os tradicionais modos de vida, desagregados; os lares, desunidos; os homens sentem-se desarraigados e sozinhos. Daí uma necessidade de pertença.

Temos utilizado nas respostas: pertença, amor, comunidade, comunicação, calor humano, relacionamento, cuidado, apoio, amizade, afeto, fraternidade, ajuda, solidariedade, encontro, diálogo, consolo, aceitação, compreensão, participação, proximidade, mutualidade, estar junto, reconciliação, tolerância, raízes, segurança, refúgio, proteção, salvação, amparo, casa.

As seitas parecem oferecer: calor humano, atenção e apoio nas pequenas comunidades unidas; partilha de intentos e de fraternidade; atenção aos indivíduos; proteção e segurança, de modo especial nas situações de

crise; re-socialização de indivíduos marginalizados (por exemplo, os divorciados); um grupo que muitas vezes pensa pelo indivíduo.

A busca de respostas

2.1.2. Nas situações complexas e confusas existe obviamente uma busca de respostas e de soluções.

As seitas parecem oferecer: respostas simples, bonitas e prontas a perguntas e situações complicadas; versões simplificadas e parciais das verdades e dos valores tradicionais; uma teologia pragmática, uma teologia de sucesso, uma teologia sincretista proposta como "nova revelação"; uma "nova verdade" para pessoas que muitas vezes conhecem pouco a "antiga" verdade; diretrizes bem claras; um apelo a uma superioridade moral; provas de elementos "sobrenaturais"; glossolalia, *trances*, *médiuns*, profecias, possessão, etc.

A busca de integralidade

2.1.3. Muitos sentem que não se encontram mais consigo mesmos, com os outros, com a própria cultura e o próprio ambiente. Experimentam a ruptura. Sentem-se prejudicados pelos pais ou mestres, pela Igreja ou pela sociedade. Sentem-se excluídos. Querem uma visão religiosa que possa harmonizar tudo e todos; um culto que dê espaço ao corpo e à alma, à participação, à espontaneidade e à criatividade. Querem ser curados, também no corpo (as respostas da África insistem particularmente neste aspecto).

Termos usados nas respostas: cura, integridade, integração totalidade, harmonia, paz, reconciliação, espontaneidade, criatividade, participação.

As seitas parecem oferecer: uma experiência religiosa satisfatória; especial relevo à salvação, à conversão; um lugar para experiências e emoções, para a espontaneidade (por exemplo, nas celebrações religiosas); salvação corporal e espiritual; ajuda para os problemas da droga ou do alcoolismo; uma certa relação com a vida.

A busca de identidade cultural

2.1.4. Este aspecto está intimamente unido com o número anterior. Em muitos países do Terceiro Mundo a sociedade mesma se encontra fortemente distanciada dos valores culturais e sociais (e religiosos) tradicionais; o mesmo ocorre para os crentes.

Os principais termos usados nas respostas são: inculturação/encarnação, alienação, modernização.

As seitas parecem oferecer: amplo espaço para a herança cultural-religiosa tradicional, criatividade, espontaneidade, participação, uma forma de oração e de pregação muito ligada às características culturais e às aspirações das pessoas.

A necessidade de ser reconhecido, de ser especial

As pessoas têm necessidade de sair do anonimato, de construir uma identidade, de sentir que são particulares, e não apenas um número ou um membro anônimo de uma multidão. As grandes paróquias ou congregações, estão orientadas para a administração e o clericalismo, deixando pouco espaço para o encontro com cada pessoa individualmente e na sua situação pessoal.

Termos usados nas respostas: estima de si mesmo, afirmação, oportunidades, "relações com", participação.

As seitas parecem oferecer: interesse pelo indivíduo, oportunidades iguais para o ministério e a direção, para a participação, o testemunho e a expressão; descoberta do próprio potencial pessoal; oportunidade de fazer parte de um grupo seletivo.

A busca da transcendência

2.1.6. Isto exprime uma necessidade espiritual muito profunda, uma motivação inspirada a procurar o aspecto transcendental do óbvio, o imediato, o familiar, o controlável, o material, para encontrar uma resposta aos interrogativos últimos da vida e para criar algo que possa mudar a própria vida num momento determinante. Isto manifesta um sentido do mistério, do misterioso; um interesse pelo que há de vir, pelo messianismo e profetismo. Muitas vezes as pessoas em questão desconhecem o que a Igreja pode oferecer, ou estão aparentemente desencorajadas por aquilo que consideram uma insistência unilateral sobre a moralidade, ou pelos aspectos institucionais da Igreja. Uma resposta fala de "pesquisadores privados":

"A pesquisa sugere que, na maioria, as pessoas, se interrogadas, admitirão que tiveram algum tipo de experiência religiosa ou espiritual, dizendo que isto mudou a sua vida para uma determinada direção, e acrescentarão que a ninguém falaram dessa experiência... Muitos jovens dizem que tinham medo

le que fossem ridiculizados ou considerados excêntricos se falassem de uma experiência espiritual ou religiosa, e que tiveram dificuldade em encontrar professores ou sacerdotes para discutirem sobre tal assunto ou, então, para responderem aos seus problemas mais importantes e últimos".

Os termos usados nas respostas: transcendência, sagrado, mistério, mística, meditação, celebração, adoração, verdade, fé, espiritualidade, significado, finalidade, valores, símbolos, oração, liberdade, o despertar, convocação.

As seitas parecem oferecer: a Bíblia e uma educação bíblica; um sentido da salvação; os dons do Espírito, meditação, realização espiritual. Alguns grupos oferecem não só a possibilidade de expressão e de aprofundar as questões últimas num contexto social "seguro", mas também uma linguagem e conceitos para a realizar, bem como uma soma de respostas claras e relativamente não ambíguas.

A necessidade de uma direção espiritual

2.1.7. Pode haver uma falta de ajuda familiar no lar do candidato, "daquele que está à procura", ou uma falta de guia, de paciência, de empenho pessoal por parte dos responsáveis da Igreja ou dos educadores.

Termos usados nas respostas: direção, devoção, empenho, afirmação, ordem, líder espiritual.

As seitas parecem oferecer: direção e orientação através de chefes carismáticos. A pessoa do mestre, do chefe, do líder espiritual, desempenha um papel importante na coesão dos discípulos. Ao mesmo tempo, não existe apenas submissão mas abandono emocional, e sempre uma devoção quase histerica a um chefe espiritual influente (messias, profeta, guru).

A necessidade de visão

2.1.8. O mundo de hoje é um mundo interdependente de hostilidade e de conflito, de violência e de medo da destruição. As pessoas sentem-se inquietas quanto ao futuro, muitas vezes desesperadas, sem ajuda, sem força, sem esperança. Procuram sinais de esperança por um caminho diferente. Algumas têm o desejo, vago, de melhorar o mundo.

Termos usados: visão, o despertar, empenho, novidade, uma ordem nova, um caminho diferente, alternativas, finalidade, esperança.

As seitas parecem oferecer: uma "nova visão" de si mesmo, da humanidade, da história, do cosmos. Prometem o início de uma nova era, de uma época nova.

A necessidade de participação e de empenho

2.1.9. Este aspecto está em íntima relação com o precedente. Muitos daqueles que estão à procura, sentem não só a necessidade de possuir uma visão da presente necessidade mundial e acerca do futuro, mas querem também participar nas decisões, nos planeamentos, nas realizações.

As principais expressões utilizadas, são: participação, testemunho ativo, construção, elite, compromisso social.

As seitas parecem oferecer: uma missão concreta para um mundo melhor, um convite a uma dedicação total, uma participação em maior número de níveis.

Resumindo, podemos dizer que as seitas parecem viver o que crêem, com uma convocação, devoção e compromisso, com uma força (quase sempre magnética). Vão ao encontro das pessoas, lá onde elas estão, de maneira calorosa, pessoal e direta, fazendo com que o indivíduo saia do anonimato, promovendo a participação, a espontaneidade, a responsabilidade, o compromisso..., e praticando um intenso seguimento mediante múltiplos contatos, visitas domiciliares, contínua assistência e direção. Ajudam as pessoas a reinterpretarem a própria experiência, a considerarem os próprios valores e a enfrentarem as últimas conseqüências, num sistema que compreende tudo. Habitualmente fazem convincente uso da palavra: pregação, literatura, meios de comunicação (para os grupos cristãos, uma insistência particular na Bíblia); e muitas vezes também o ministério da cura. Numa palavra, apresentam-se a si mesmas com a única resposta, a "boa-nova" num mundo caótico.

Se tudo isto tem parte notável no sucesso das seitas, todavia existem também outras razões, como, por exemplo, as técnicas de recrutamento e de formação, as maneiras de doutrinação, usada por algumas seitas.

Técnicas de recrutamento e de formação, processos de doutrinação

2.2. Algumas técnicas de recrutamento de formação e algumas maneiras de doutrinação, praticadas por numerosas seitas e "cultos", muitas vezes sofisticadas, constituem boa parte dos seus sucessos. Na maioria dos

casos, as seitas atraem, com tais meios, indivíduos que, em primeiro lugar, ignoram ser esse contato muitas vezes uma encenação, e, em segundo lugar, ignoram a natureza desta conversão manipulada e destes métodos de formação (manipulação social e psicológica) a que eles estão submetidos. As seitas impõem com frequência as suas próprias maneiras de pensar, de sentir e de se comportar, em nítido contraste com o método da Igreja, que requer pleno conhecimento e consenso responsável.

Os jovens, como também as pessoas idosas, são afinal as vítimas mais fáceis destas técnicas e destes métodos, que muitas vezes são um misto de *afeto* e de *desilusão* (por exemplo, o "bombardeamento do amor", o "teste da personalidade" ou a "abdição"). Tais técnicas procedem partindo de um contato positivo, mas aos poucos tendem a uma espécie de controle mental mediante o uso de técnicas abusivas de modificação do comportamento.

É necessário enumerar os seguintes elementos:

— Hábil processo de iniciação do convertido e gradual descoberta dos seus verdadeiros interlocutores;

— técnicas de dominação: "bombardeamento do amor", oferecendo "uma refeição gratuita num centro internacional para amigos", técnica das "festas de engodo" (prostituição como método de recrutamento);

— respostas bonitas e prontas, impostas aos recrutados;

— adulação;

— distribuição de remédios e de dinheiro;

— exigência de um abandono incondicional ao iniciador, ao líder;

— isolamento: controle do processo racional do pensamento, eliminação de qualquer informação ou influência externa (família, amigos, jornais, revistas, televisão, rádio, cuidados médicos, etc.), que poderiam romper o fascínio e o processo de assimilação dos sentimentos, das atitudes e dos modelos de comportamento;

— trabalho sobre os recrutados, afastados das suas vidas passadas, insistindo sobre um antigo comportamento desviado, como o uso da droga, os erros em matéria sexual; ironia sobre o que se refere a taras psíquicas, a falta de relacionamentos sociais, etc.;

— métodos que alteram a consciência e produzem distúrbios intelectuais ("bombardeamento intelectual"); uso de sofismas que impedem a reflexão; sistemas lógicos fechados, restrição do pensamento reflexivo:

— permanência dos recrutados num estado de ocupação contínua, nunca sozinhos; exortação e formação contínuas, para se chegar a um estado de exaltação espiritual, de alteração da consciência, de submissão automática às diretrizes; supressão da resistência ou da negatividade; responder ao medo, que muitas vezes leva a um medo maior;

— importância atribuída ao líder: alguns grupos chegam até a diminuir (no caso de "seitas cristãs") o papel de Cristo em proveito da pessoa do fundador.

3. DESAFIOS E ABORDAGENS PASTORAIS

A crise das estruturas sociais tradicionais, dos modelos culturais e dos conjuntos tradicionais de valores — causada pela industrialização, a urbanização, as migrações, o rápido desenvolvimento dos sistemas de comunicação, os sistemas tecnocráticos completamente racionais, etc. — deixa muitos indivíduos desorientados, desarraigados, inseguros e, portanto, vulneráveis. De semelhantes situações nasce naturalmente a busca de uma solução e, muitas vezes, a mais simples parece a melhor; existe também a tentação de aceitá-la como a única e definitiva resposta possível.

Da análise das respostas podemos enumerar alguns sintomas da patologia de muitas sociedades modernas, com repercussão em muitas pessoas. Estas sentem-se inquietas consigo mesmas (crise de identidade), pelo futuro (desemprego, perigo de uma guerra nuclear). Interrogam-se sobre a natureza da verdade e sobre como encontrá-la, sobre a incerteza e a debilidade da política, sobre o poder econômico e ideológico, sobre o sentido da vida, sobre o que elas e os outros são, sobre os acontecimentos, as situações, as coisas e sobre o além.

Não têm uma diretriz: falta de orientação, falta de participação nas decisões, falta de respostas reais aos seus problemas concretos. Experimentam o medo por causa das várias formas de violência, de conflito, de hostilidade: medo de um desastre ecológico, da guerra, e do holocausto nuclear, dos conflitos sociais, da manipulação.

Sentem-se frustradas, sem base, sem lar nem proteção; sem recursos e desesperadas e, por conseguinte, sem motivação, abandonadas na família, na escola, no trabalho, na universidade, na cidade; perdidas no anonimato, na solidão, na marginalização, na alienação, elas dão-se conta de que não pertencem a nada, sentem-se incompreendidas, traí-

das, oprimidas, desiludidas, alienadas, sem importância, não escutadas, rejeitadas, não consideradas seriamente.

A sociedade tecnológica, os militares, o mundo dos negócios, o trabalho, a exploração, os sistemas educativos, as leis e práticas eclesiais, as políticas do governo desiludiram-nas. Embora tenham aprendido a considerar-se como pessoas que "agem" com consciência e não como oportunistas à procura de si mesmas, todavia, muitas vezes elas não sabem que fazer nem como fazê-lo.

Estão desorientadas nos vários tempos intermediários (entre a escola e o trabalho, entre o matrimônio e o divórcio, entre as zonas rurais e a cidade). Tornam-se vazias, indiferentes, agressivas, ou podem tornar-se pessoas que estão à procura de algo e convertem-se em candidatas a tais grupos.

Resumindo, podemos dizer que todos estes sintomas representam numerosas formas de alienação (de si, dos outros, das próprias raízes, da própria cultura, etc.). Poderíamos também dizer que as necessidades e as aspirações expressas nas respostas ao questionário são de igual modo formas de uma procura de uma "presença" (consigo mesmo, com os outros, com Deus). Os que se sentem perdidos, querem ser encontrados. Noutras palavras, existe um vazio que, em voz alta, exige ser preenchido, e que efetivamente é o contexto em que podemos compreender não só as críticas à Igreja, manifestadas em muitas respostas, mas sobretudo as preocupações pastorais e os contatos propostos. As respostas ao questionário sublinham numerosas deficiências ou insuficiências de adaptabilidade na vida da Igreja, as quais podem tornar mais fácil o sucesso das seitas. Todavia, sem insistir muito sobre isto, daremos principal relevo aos contatos positivos que são sugeridos ou pedidos de modo explícito. Se estes se tornassem eficazes, o desafio das seitas poderia revelar-se um estímulo útil para um renovamento espiritual e eclesial.

O sentido da comunidade

3.1. Quase todas as respostas convidam a refletir (pelo menos em numerosas situações locais) sobre o "sistema da comunidade paroquial", sobre a busca de modelos de comunidades que sejam mais fraternas, mais "à medida do homem", mais adaptadas às condições de vida das pessoas; sobre um maior número de "comunidades eclesiais de base": constituindo comunidades de fé viva, de amor (calor humano, compreensão, reconciliação, fraternidade) e de esperança;

comunidades que celebram e oram, comunidades missionárias voltadas para o exterior e que dêem testemunho; comunidades abertas e que queiram ajudar pessoas com problemas especiais: os divorciados e os que se casaram de novo, os marginalizados.

Informação e formação contínua

3.2. As respostas salientam em particular a necessidade de evangelização, de catequese, de educação e de formação permanente na fé — bíblica, teológica, ecumênica — dos fiéis, a nível de comunidade local, do clero e daqueles que se ocupam da formação (uma resposta pedia "cursos de reflexão" para professores, jovens líderes, clérigos e religiosos). Este processo contínuo deveria ser ao mesmo tempo *informativo*, com informação sobre a nossa tradição católica (crenças, práticas espirituais, meditação, contemplação, etc.), sobre outras tradições e novos grupos religiosos, etc., e *formativo* direção na fé pessoal e comunitária, aprofundamento do sentido do transcendente, da escatologia, do ensino religioso, do espírito comunitário, etc. A Igreja não deveria ser unicamente um sinal de esperança para o povo, mas deve também dar-lhe as razões desta esperança, ajudá-lo a apresentar as perguntas e a resolvê-las. Neste processo deve-se dar importância principal à Sagrada Escritura e utilizar melhor os meios de comunicação social.

Abordagem pessoal e integral

3.3. É preciso ajudar as pessoas a conhecerem-se a si mesmas como únicas, amadas por um Deus pessoal, com uma história pessoal, que vai do nascimento à ressurreição passando através da morte. A "verdade antiga" deve tornar-se continuamente em "verdade nova", graças a um sentido sincero de renovação, mas com critérios e mentalidade que não sejam abalados por qualquer "novidade" encontrada. Especial atenção deve ser reservada à dimensão da experiência, isto é, à descoberta pessoal de Cristo mediante a oração e uma vida empenhada (por exemplo, os movimentos carismáticos e os movimentos de renovação). Muitos cristãos vivem como se nunca tivessem nascido! Deve-se prestar especial atenção ao ministério da cura mediante a oração; atenção à reconciliação, à fraternidade e ao próximo. A nossa preocupação pastoral não deve ser unidimensional, mas deve abranger também as dimensões físicas, psicológicas, sociais, culturais, econômicas e políticas.

Identidade cultural

3.4. O problema da inculturação é fundamental. As respostas que vêm da África insistem em particular nisto: sentem-se como estranhas às formas ocidentais de culto e de ministério, muitas vezes de pouco significado para o ambiente cultural e as condições de vida do povo. Uma resposta declara:

"Os africanos querem ser cristãos. Oferecemos-lhes facilidades, mas não uma casa... Eles querem um cristianismo mais simples, integrado nos vários aspectos da vida quotidiana, nos sofrimentos, alegrias, trabalho, aspirações, medos e necessidades da África. Os jovens reconhecem nas Igrejas independentes um aspecto autêntico da tradição africana, da prática religiosa".

Oração e culto

3.5. Algumas respostas sugerem uma revisão dos modelos clássicos da liturgia do sábado à tarde e domingo de manhã, que muitas vezes continuam estranhos à vida quotidiana. A Palavra de Deus deve ser redescoberta como um elemento importante para a edificação da comunidade. A "recepção" deve merecer a mesma atenção que é dada à "conservação". Deveria haver espaço para uma alegre criatividade, para se crer na inspiração cristã e na capacidade de "invenção", bem como para um sentido maior das celebrações comunitárias. Também aqui se impõe a inculturação (com o devido respeito à natureza da liturgia e ao que é exigido pela universalidade).

Muitas respostas insistem na dimensão bíblica da pregação, na necessidade de falar a linguagem do povo, na necessidade de uma preparação esmerada da pregação e da liturgia (na medida do possível, realizada em grupo, e com participação de leigos). A pregação não deveria ser teórica, intelectual e moralista, mas pressupõe o testemunho de vida do pregador. A pregação, o culto e a oração comunitária não deveriam ser confinados necessariamente aos tradicionais lugares de culto.

Participação e direção (liderança)

3.6. Muitas respostas fazem notar a crescente diminuição de sacerdotes, de religiosos e religiosas. Isto acarreta necessariamente uma maior promoção dos ministérios diversificados e uma formação contínua de responsáveis leigos. Talvez se deva dar maior atenção ao papel que podem desempenhar

no contato com as seitas — ou pelo menos com aqueles que são atraídos pelas seitas — os leigos que, no seio da Igreja e em colaboração com os seus pastores, exercem uma autêntica e verdadeira liderança, tanto espiritual como pastoral. Os sacerdotes não devem ser considerados principalmente como administradores, burocratas ou juizes, mas sim como irmãos, guias, conselheiros, homens de oração. Nota-se muitas vezes uma distância entre fiéis e bispo, e também entre bispo e sacerdotes, a qual deveria ser sanada. O ministério do bispo e de sacerdote é um ministério de unidade e de comunhão, que deve ser visível para os fiéis.

4. CONCLUSÃO

Concluindo, qual deve ser a nossa atitude, o nosso contato com as seitas? Evidentemente não é possível dar uma resposta simples. As seitas são tão diversas! As situações — religiosas, culturais, sociais — são bem diferentes. A resposta não será a mesma quando consideramos as seitas em relação com os que não pertencem a nenhuma Igreja, com os não-batizados, os não-crentes, e quando analisamos o impacto sobre os cristãos batizados, e de modo especial sobre os católicos e ex-católicos. Os que responderam estão, naturalmente, mais interessados por este grupo.

É óbvio que também nós não podemos ser simples conciliadores. Analisamos suficientemente a ação das seitas, para vermos como as atitudes e os métodos de algumas delas podem destruir a personalidade, desorganizar as famílias e a sociedade, e como as suas doutrinas estão muito distanciadas do ensinamento de Cristo e da sua Igreja. Em alguns países podemos suspeitar, e em alguns casos estamos certos de que uma poderosa força ideológica, bem como interesses econômicos e políticos, estão a trabalhar através das seitas, servindo-se do aspecto humano para fins desumanos, totalmente alheios a um interesse sincero pela humanidade.

É necessário informar os fiéis, em particular os jovens, de que estejam atentos, proporcionar-lhes uma ajuda profissional, aconselhá-los e assegurar-lhes uma proteção legal. Às vezes deveríamos reconhecer, e até mesmo encorajar, medidas radicais do Estado no setor que lhe compete.

Sabemos, também por experiência, que é geralmente escasso ou impossível um diálogo com as seitas, e que estas não só estão fechadas ao diálogo, mas podem até revelar-se um sério obstáculo à educação ecumênica lá onde são ativas.

Todavia, se queremos permanecer fiéis ao que acreditamos e aos nossos princípios: respeito da pessoa humana, respeito da liberdade religiosa, fé na ação do Espírito que age segundo os princípios imperscrutáveis do amor divino para com toda a humanidade, para com todos os indivíduos (homem, mulher ou criança), não podemos contentar-nos com o condenar e combater as seitas, vindo as proibidas ou expulsas, ou com o "recuperar" determinadas pessoas contra a própria vontade. O "desafio" das seitas ou dos novos movimentos religiosos deve ser um estímulo a renovar-nos em ordem a uma maior eficácia pastoral.

Este "desafio" deve também desenvolver em nós e nas nossas comunidades o espírito de Cristo em relação a eles, procurando entender "o ponto de vista em que se encontram" e, quando possível, dirigir-nos a eles com amor cristão.

Devemos perseguir estas finalidades, confiantes na verdade ensinada por Cristo, com amor por todos os homens e as mulheres: sem permitir que as preocupações pelas seitas diminuam o nosso zelo por um verdadeiro ecumenismo com todos os cristãos.

5. CONVITE DO SÍNODO EXTRAORDINÁRIO DOS BISPOS 1985

5.1. O Sínodo Extraordinário dos Bispos de 1985, convocado para celebrar, verificar e promover o Concílio Vaticano II, ofereceu uma série de diretrizes acerca da renovação da Igreja de hoje. Estas orientações, que estão dirigidas às necessidades gerais da Igreja, são também uma resposta às necessidades e aspirações que algumas pessoas procuram encontrar nas seitas (3.1.). Tais orientações sublinham os desafios pastorais e as necessidades de um plano pastoral de conjunto.

5.2. A Relação final do Sínodo põe em relevo que a situação mundial está mudando e que os sinais dos tempos devem ser continuamente analisados (II D, 7). O retorno ao sagrado é reconhecido e, de igual modo, o fato que algumas pessoas procurem satisfazer a sua necessidade do sagrado através das seitas (II A, 1). Com frequência a Igreja é considerada apenas como uma instituição, talvez porque ela dê demasiada importância às estruturas e não trate suficientemente de guiar as pessoas para Deus em Cristo.

5.3. Como solução global ao presente problema, o Sínodo convida a um conheci-

mento integral do Concílio e a uma assimilação do mesmo a fim de o pôr em prática. A Igreja deve ser compreendida e vivida como mistério (II A; cf. 3.1.6.) e como comunhão (II B; cf. 4.1. e 4.6.). A Igreja tem de comprometer-se a ser cada vez mais e de forma mais completa o sinal e o instrumento de comunhão com Deus e de comunhão e reconciliação com os homens (I A, 2; cf. 4.1. e 3.1.6.). Todos os cristãos são chamados à santidade, isto é, à conversão do coração e à participação da vida trinitária de Deus (II A, 4; cf. 3.1.1. e 3.1.5.). A comunidade cristã tem necessidade de pessoas que vivam uma santidade realista e universal. Sendo uma comunhão, a Igreja deve incluir a participação e a responsabilidade a todos os níveis (II C, 6; cf. 4.6. e 3.1.9.). Os cristãos devem aceitar com sinceridade todos os valores humanos autênticos (II D, 3), bem como os especificamente religiosos (II D, 5), em ordem a realizar uma inculturação que é "a transformação íntima dos valores culturais autênticos, mediante a integração deles no cristianismo e nas várias culturas humanas" (II D, 4; cf. 3.7.4. e 4.4.). A Igreja Católica não rejeita nada do que há de verdadeiro e de santo nas religiões não cristãs. Os católicos devem reconhecer, preservar e promover todos os bens espirituais, morais e sociais que nelas se encontram (II D, 5). "A Igreja deve denunciar de maneira profética toda a forma de miséria e de opressão, e defender e promover os direitos fundamentais e inalienáveis da pessoa humana" (II D, 6; cf. 3.2.).

5.4. O Sínodo dá também algumas diretrizes práticas. Ele insiste sobre a formação espiritual (II A, 5; cf. 3.1.7. e 4.2.), sobre o empenho por uma evangelização e catequese integrais e sistemáticas, que devem ser acompanhadas de testemunho de vida que as traduza na prática (II Ba, 2; cf. 3.1.8. e 3.3.), precisamente porque a missão salvífica da Igreja é integral (II D, 6; cf. 4.3.), com participação interior e espiritual na liturgia (II B, 6; cf. 3.1.9. e 4.5.), fomentando o diálogo espiritual e teológico entre os cristãos (II C, 7), e o diálogo "que abra e comunique interiormente", promovendo diversas formas de espiritualidade, tais como a vida consagrada, os movimentos espirituais, a devoção popular (II A, 4; cf. 3.1.7.), e dando maior importância à Palavra de Deus (II Ba, 1), a fim de que o Evangelho atinja o Povo de Deus por meio do testemunho (II Ba, 2).

6. TEMAS PARA ULTERIORES ESTUDOS E PESQUISAS

N.B.: Onde seja possível, os estudos e as pesquisas deverão realizar-se em colaboração ecumênica.

6.1. Estudos teológicos

- Os diferentes tipos de seitas à luz da *Lumen Gentium*, 16, da *Unitatis Redintegratio* e da *Nostra Aetate*.
- O conteúdo "religioso" das seitas "esotéricas" e o potencial humano.
- O misticismo cristão em relação com a busca de uma experiência religiosa nas seitas.
- O uso da Bíblia nas seitas.

6.2. Estudos interdisciplinares (históricos — sociológicos — teológicos — antropológicos):

- As seitas e as primitivas comunidades cristãs.
- O ministério da cura na Igreja primitiva e nas seitas.
- O papel das pessoas proféticas e carismáticas (durante a sua vida e depois da morte).
- As seitas e "a religiosidade popular".

6.3. Estudos psicológicos e pastorais (até agora, parece que é neste campo que foi realizado o maior trabalho):

- Técnicas de recrutamento e os seus resultados.
- Efeitos derivantes da pertença a uma seita.
- Necessidades e experiências religiosas dos adolescentes e dos jovens adultos, e a sua interação com o desenvolvimento sexual, em relação com as seitas.
- Modelos de autoridade nas seitas, em relação com a falta e a necessidade de autoridade na sociedade contemporânea.
- A possibilidade ou a impossibilidade de diálogo com as seitas.

6.4. As seitas e a família

- Reações familiares à adesão de um filho ou de um outro membro da família a uma seita.
- Destruição familiar ou estado irregular da família, em relação com o que as seitas apresentam de atrativo.
- Adesão à seita e solidez da família: pressões da família sobre os filhos membros de seitas

d) Modelos familiares e moral conjugal nas seitas.

6.5. As mulheres nas seitas

- Oportunidade de auto-expressão e de responsabilidade (cf. seitas fundadas por mulheres).
- Inferioridade da mulher nos diferentes tipos de seitas: grupos fundamentais cristãos, seitas, orientais, seitas africanas, etc.

6.6. **Aculturação e inculturação das seitas e a sua evolução nos diferentes contextos religiosos e culturais:** nas culturas cristãs tradicionais, nas culturas de recente evangelização, nas sociedades totalmente secularizadas ou em vias de rápida secularização (com os seus diferentes impactos nas culturas ocidentais e "não ocidentais"). As migrações e as seitas.

6.7. Um estudo comparativo histórico e sociológico dos **movimentos juvenis** na Europa antes da Segunda Guerra Mundial, e sobre a adesão dos mesmos às seitas e cultos contemporâneos.

6.8. **A liberdade religiosa em relação às seitas:** aspectos éticos, legais e teológicos. Efeitos da ação dos Governos e de outras pressões sociais. Interação entre os fatores políticos, econômicos e religiosos.

6.9. A imagem das seitas na *opinião pública* e os efeitos da opinião pública sobre as seitas.

(Por motivos redacionais omitimos o item 7. Seção bibliográfica: obras selecionadas).

8. APÊNDICE: O QUESTIONÁRIO

1) Queria indicar em que medida e de que modo se põe o problema das seitas no seu País ou na sua região. Indicar, por exemplo, os tipos de seitas (de origem cristã ou doutra origem...), a importância numérica dos seus adeptos; que atração exercem sobre os católicos?

2) Quais são os principais problemas pastorais postos por este fenómeno? Que grupos de católicos são os mais atingidos? Os jovens? As famílias?

3) Que intervenção a Igreja do seu País ou da sua região pôde realizar face a este problema? Procedendo, por exemplo, a um censo das seitas, a sondagens, à elaboração de um diretório, de um plano de ação pastoral?...

4) Quais são as causas aparentes do sucesso das seitas junto dos católicos no seu País ou na sua região? (Condições sócio-culturais ou políticas particulares, necessidades religiosas ou psicológicas não correspondidas...)?

5) Que atitude evangélica convém adotar perante este fenómeno?

6) Queria indicar os principais documentos ou livros publicados (por católicos ou por membros das outras Igrejas ou comunidades eclesiais que também devem enfrentar este problema) sobre o problema das seitas no seu País ou na sua região.

7) Quais são as pessoas de modo particular mais competentes que poderiam participar, no futuro, num aprofundamento desta consulta? *

* As respostas à pergunta n. 7 dão muitos nomes de pessoas competentes e de institutos especializados, e revelaram-se úteis para ulteriores etapas do trabalho a ser feito em relação às seitas. Pareceu prematuro realizar nesta nossa relação de síntese uma escolha das pessoas indicadas.

"A opção pelos pobres é minha preocupação quotidiana",

disse certa vez João Paulo II. Esse tomo trata dessa questão tão quente no atual debate teológico. Que significa optar pelos pobres? Esta opção é uma opção de classe? Quem deve fazer esta opção? Os pobres seriam os proletários de Marx? Que fazer dos serviços de assistência social e promoção humana mantidos pela Igreja? Como se relaciona pobreza sócio-econômica e pobreza espiritual? Se o pobre é o predileto da ação pastoral, como ficam os não-pobres?... Clodovis Boff, um dos melhores teóricos da Teologia da Libertação, faz uma abordagem clara e madura da questão. Mostra o pobre, sociologicamente, como uma realidade coletiva e conflitiva; e, teologicamente, como o sacramento de Cristo. O pobre é o único sacramento absolutamente necessário e o único absolutamente universal de salvação. E conclui: optar pelos pobres é viver de olhos abertos e mãos operosas o caráter político do amor evangélico.

OPÇÃO PELOS POBRES

Clodovis Boff e Jorge Pixley

280 p. — Cz\$ 75,00

Em todas as livrarias da Editora VOZES

Tabu e sigilo cercam os cultos das

19 de Maio de 1979
JUNIA NOGUEIRA DE SÁ
Do Reportagem Local

O assunto é tabu. E ficou mais fechado ainda depois da morte do serralleiro Valdir Oliveira, 30, durante um culto da igreja pentecostal "Deus é Amor", no bairro do Glicério (zona central de São Paulo), no dia 6 de outubro último. Mas o exorcismo — ou expulsão ritualizada dos demônios que se apossam de alguém — existe e continua a ser praticado em São Paulo. Ele varia na forma: é discreto nos cultos espíritas, barulhento nos pentecostais, secreto nos católicos e científico nos consultórios de psiquiatria e terapeutas. Todos eles têm, entretanto, um só objetivo — o de arrancar o diabo do corpo de quem sofre, quer ele tenha chifres e rabo ou seja apenas um complexo de culpa mal cuidado.

Para a Igreja Católica, o exorcismo é uma prática cada vez mais fora de uso desde que um sopro de modernização vem alcançando as paróquias, há pouco menos de vinte anos. Hoje, para expulsar o capeta que se instalou em um fiel, o padre precisa de uma licença especial do bispo, só concedida quando todos os outros tratamentos já foram utilizados e falharam. "É tão raro o exorcismo que eu não me lembro de nenhum em São Paulo nos últimos trinta anos", diz o padre Albanez, 54, chanceler da Cúria Metropolitana. "O que aparece são casos de auto-sugestão ou episódios que a parapsicologia explica."

Oficialmente, não há padres católicos exorcistas em São Paulo, apesar de todos eles terem recebido o Exorcistato em sua ordenação, que confere ao sacerdote o poder de enfrentar o demônio. Na prática, entretanto, a cidade conhece diversos nomes de padres que aplicam o ritual exorcista em suas igrejas — e todos negam, quando procurados por desconhecidos que desembarcam em suas paróquias sem alguma apresentação que lhes abra as portas. Ainda entre os católicos, o Movimento da

Renovação Carismática, uma corrente contrária aos avanços da doutrina e da opção pelos pobres, mantém o exorcismo entre seus hábitos mais arraigados. Nos rituais, sempre fechados, alguém incorpora o demônio, que trava uma batalha, às vezes corporal, contra o Espírito Santo, incorporado também por uma outra pessoa. Os carismáticos não aceitam sequer conversar sobre isso com a imprensa.

A impressão de que o demônio tomou conta do próprio corpo não é uma queixa levada apenas aos padres. "É muito mais frequente do que se imagina nos consultórios psiquiátricos e médicos", diz o psiquiatra Jair de Jesus Mari, 33, diretor da Divisão de Estudos e Programas da Coordenadoria de Saúde Mental, órgão da Secretaria de Estado da Saúde. Nos trinta ambulatórios espalhados pelo Estado, nos quais são atendidos até vinte mil pacientes por mês, a possessão demoníaca acaba sendo diagnosticada como um problema psicológico e tratada sem intervenção mística. "Nunca se nega ao paciente que o demônio está nele, para não arreentar com a sua cabeça. É importante ganhá-lo para o tratamento e acabar com a incorporação delirante de um mero conteúdo cultural."

Na maior parte das vezes, os casos de possessão demoníaca que chegam aos ambulatórios são levados pela família do paciente — que, antes do médico, passou invariavelmente por um punhado de seitas que se propunham a resolver o problema. Há alguns anos, Mari se lembra de ter atendido uma menina "possessa" pelo diabo, levada ao seu consultório pelo líder de uma dessas seitas. "Eles mesmos sabem reconhecer quando o caso é de fundo psicológico, e grayer", diz o psiquiatra. "E geralmente descobrem isso quando termina a sessão e o 'possesso' continua em transe, mesmo que já não possa compartilhar dele com o grupo."

Quando identifica o diabo em um



O pregador Cardoso "abençoar" Mari

de seus integrantes, a família chega ao médico, aos terreiros de umbanda, aos centros espíritas ou às igrejas com o mesmo rol de reclamações: o "possesso" bebe demais, tem uma conduta estranha — e não raro sexualmente pervertida —, é agressivo e, em alguns casos, fala línguas estranhas que jamais estudou. "É sempre uma manifestação do inconsciente", diz a parapsicóloga Márcia Regina Cobero, 32, professora do Centro Latino-americano de Parapsicologia (Clap), sediado em São Paulo. A explicação é simples: todos nós teríamos um arquivo no inconsciente, que guarda coisas que normalmente não somos ou não fazemos. Quando ele se abre, a conduta muda e, por não entender isso, a confusão da família e dos amigos se estabelece. "O demônio jamais se apossa de alguém", diz Márcia. "É só hipnotizar o 'possesso' que se descobre isso."

'Exorcizar é curar'

Para o Clap, médicos e padres enviam inúmeros casos e, segundo Márcia, todos acabam resolvidos. "Fazemos cientificamente o que os exorcistas fazem por intuição", diz ela. "Exorcizar é apenas curar, de maneira sugestiva e natural, os distúrbios psicossomáticos da pessoa. É guardar de volta o arquivo do

igrejas que praticam o exorcismo

Luiz Prado



aria da Silva, que procura emprego

inconsciente no seu lugar." A psicóloga Jette Bonaventure, 48, de linha junguiana — uma escola de psicologia fundada por Carl Jung, que valoriza os símbolos do inconsciente das pessoas como forma de conhecê-las — faz esse mesmo raciocínio. "Não é importante discutir com o paciente se o diabo existe ou não. Importa apenas que ele existe na cabeça do paciente e que deve ser vencido para sair de lá."

Em seu consultório, Jette já tratou uma menina cujos pais acreditavam estar possuída pelo demônio. Já ajudou pacientes a interpretar sonhos em que o diabo é personagem central. E já ouviu explicações de um estado de angústia traduzido como "o diabo no corpo". "Como junguiana, não procuro exorcizar esse diabo das pessoas, mas fazer com que elas entrem em contato com a idéia, com essa sensação de poder externo a elas." A fórmula pode parecer simples, mas a psicóloga garante que não é. "É impossível fazer o paciente enfrentar a noção de mal, personificada pelo diabo, frente a frente e logo no início da terapia."

Mesmo que não tenha a forma do capeta, é esta noção de mal a que se refere a psicóloga que os adeptos do espiritismo combatem diariamente, numa forma discreta de exorcismo. "Não há diabo. Há espíritos sem luz

que precisam ser encaminhados para o tratamento espiritual e que, às vezes, aproximam-se das pessoas na Terra e causam mal a elas", diz o presidente da Federação Espirita de São Paulo, Teodoro Lauzi Sacco, 53.

Na sede da Federação, no centro de São Paulo, a procura por "passes" que afastem esses espíritos chega a quatro mil pessoas por dia. Todas elas são atendidas por médiuns que "puxam" os espíritos e os incorporam. Em seguida, eles são convencidos a deixar em paz quem perseguem e não relutam muito para seguir um outro espírito esclarecido até o local onde serão tratados — um hospital espiritual. "Não enxotamos ninguém de um corpo sem dar essa chance de cura", diz Sacco.

Na sexta-feira passada, Damaris Marin Ramos, 34, procurou a Federação. Estava deprimida, com vontade de chorar, e foi atendida por um dos grupos de médiuns que trabalham voluntariamente no local. Ela simplesmente sentou-se no centro de um círculo com quatro pessoas de mãos dadas, permaneceu ali por dois minutos e saiu "mais leve". Na roda, uma das mulheres incorporou o espírito que a acompanhava e atormentava: era o que os estudiosos chamam de "sofredor", um ser inferior que chora e reclama de dores. No caso, doía-lhe o estômago, na mesma região relatada por Damaris antes de entrar na sala. Pacientemente e em voz baixa, o espírito foi convencido a seguir para o hospital espiritual, deixou o corpo da mulher que o "puxou" de Damaris e se foi. "Deus o ajude. Agora ele está em boas mãos", disse a moça ao sair da sessão.

Para os espíritos, as entidades do mal têm recuperação. Para os pentecostais — ou crentes —, elas devem mesmo ser confinadas às profundezas do inferno. "São espíritos imundos", diz a pregadora Marina Medeiros de Almeida, 57, da igreja "Brasil para Cristo", que tem dois mil templos espalhados pelo país e é

considerada o maior cento evangélico do mundo. Nos cultos que dirige, Marina garante que expulsa demônios com muita desenvoltura — a mesma que o pregador Geraldo Cardoso usa para abençoar o fiéis e lhes prometer desde a cura de todos os males até empregos. "Através da presença de Jesus em mim, eu destruo essa força do mal", diz a pregadora Marina. "O demônio não nos enfrenta", reafirma o pregador Cardoso.

Um dos casos que a pregadora cuidou foi o de Paulo, um jovem que tem hoje 21 anos. Há cinco anos, o rapaz começou a falar alemão sem conhecer a língua, agredir os familiares, espumar pela boca e se jogar em frente dos ônibus, para ser atropelado, quando atravessava as ruas. A mãe do rapaz, Benedita Santos, 37, levou-o até a igreja "Brasil para Cristo" e, com um toque de mãos, a pregadora Marina expulsou seu capeta. "Aleluia, Jesus", diz Benedita quando termina a história.

Para os crentes — como os da igreja "Deus é Amor", onde morreu o serralheiro Valdir Oliveira — a expulsão do demônio deve ser acompanhada de orações em voz alta, desafios lançados à sua força e, se for o caso, alguns safanões. É por isso que no 6º Distrito Policial, que registrou a morte de Valdir Oliveira, os policiais acreditam que ele morreu por espancamento durante um ritual exorcista. O boletim de ocorrência traz anotada a palavra "homicídio" para o caso. No templo, as entrevistas estão proibidas. Pregadores e fiéis garantem que o rapaz morreu durante um ataque de epilepsia, ao bater a cabeça no chão e sofrer um traumatismo craniano. É possível, mas na verdade a família do serralheiro vivia atribuindo seu alcoolismo à obra do diabo sobre a Terra. Como a existência ou não do chamado Príncipe das Trevas e o poder do homem de expulsá-lo de volta ao inferno, o caso do serralheiro é polêmico e pode ficar sem explicação.

Seita Moon financia eleição de cem Constituintes

SÃO PAULO — Eleger 100 Constituintes com o objetivo de evitar a promulgação de uma Constituição progressista, ajudar a eleger pelo menos cinco Governadores, aliar-se à União Democrática Ruralista na luta contra a reforma agrária, enfrentar dentro da Igreja a Teologia da Libertação, adquirir cinco jornais em Estados importantes do Brasil e ampliar de 300 para 600 mil o número de sócios, simpatizantes e contribuintes: está traçado o plano da Associação Internacional Causa Brasil, braço ideológico da Igreja da Unificação, fundada e comandada pelo coreano Reverendo Moon. Seu dirigente nacional, Miguel Rocha, 38 anos, biólogo e ex-funcionário público, confessa que cem candidatos a Deputado Federal estão recebendo dinheiro da seita. Não diz quem são e tampouco quanto cada um recebe.

— É impossível contabilizar o total das doações feitas pelos nossos 300 mil sócios-militantes e simpatizantes. O dinheiro, muitas vezes, é canalizado diretamente para os políticos, sem passar pela caixa da entidade.

Dois dos cinco candidatos a Governador apoiados pela seita Miguel revela quem são: Paulo Maluf, do PDS de São Paulo, e Agnaldo Timóteo, do PDS do Rio. Oficialmente, a Causa Brasil dispõe de um orçamento de Cz\$ 130 mil mensais, destinados à manutenção dos escritórios que mantém em 15 Estados e aos chamados "trabalhos de ensino" — o principal instrumento de propaganda, aplicado através de seminários, palestras, divulgação de impressos e do contato pessoal com políticos e parlamentares.

— Em dois anos de trabalho conseguimos aproximar dos nossos postulados 60 por cento dos parlamentares com os quais conversamos — orgulha-se Miguel.

Ele julga que a seita está destinada



Miguel Rocha, dirigente da seita, prevê uma aliança com a UDR

a enfrentar a ameaça comunista, interna e externamente, e os capitalistas estrangeiros que "tentam evitar que o Brasil avance como potência econômica mundial".

— O Brasil é hoje um dos principais alvos do comunismo internacional. Possui um povo despolitizado, cultura estratificada e misturada, não tem padrões do que é certo ou errado. É um país rico e ocupa posição estratégica entre o Atlântico Norte e o Atlântico Sul. É um prato para a ideologização e por isso temos que fundamentar o trabalho da Causa Brasil — explica Miguel.

O braço brasileiro da Seita Moon elegeu 1987 como um ano decisivo para o seu futuro: além de duplicar o número de associados, que são 300 mil atualmente, colher um milhão de assinaturas de repúdio ao comunismo (Miguel diz que já conseguiu 400 mil), pretende transformar em casamento sólido um namoro que já vem mantendo com a União Democrática Ruralista, a entidade criada pelos fazendeiros para fazer frente à refor-

ma agrária promovida pelo Governo Sarney.

A pedido da própria UDR, a Causa Brasil deverá se tornar, após as eleições, uma espécie de órgão consultor da entidade, colocando seu arsenal de informações à disposição dos fazendeiros. Existe um outro "projeto educacional" em andamento: divulgar nas universidades e escolas de segundo grau uma cartilha — semelhante a que foi utilizada no Chile — alertando sobre os perigos do comunismo. A Causa já está em entendimentos com o Presidente do Chile, Augusto Pinochet, para obter os direitos de reprodução da cartilha.

Como última etapa de sua estratégia brasileira, a seita pretende estender seus tentáculos ao clero, com o objetivo de enfrentar, dentro da Igreja, a Teologia da Libertação. Em pouco mais de 12 meses, já foram estabelecidas relações com 60 denominações religiosas, primeiro passo para chegar à Igreja católica e promover o que Miguel define como uma "reespiritualização das igrejas e a expulsão da orientação marxista".

Império contra-ataca

A seita Moon avança no país, ganha um rosto, uma sede imponente e um forte braço político

A barulhenta investida que sofreu em 1981, quando suas sedes foram depredadas, seus pastores acusados de aliciarem menores e seus líderes presos, não liquidou a seita Moon. De lá para cá, a seita, que atende pelo nome de Igreja da Unificação no Brasil e segue os preceitos do fundador e líder mundial, reverendo Sun Myung Moon, um coreano de 66 anos, cresceu em silêncio. Enquanto refazia sua estrutura capilar por todo o país no anonimato, a seita Moon ganhou também uma sede imponente, um rosto e um braço político. "Não somos os bichos-papões nem os diabos com que quiseram nos confundir no passado", diz Osmar Valentim, o jornalista carioca que trabalhou como contra-regra no cinema e faz as vezes de porta-voz da instituição. "Estamos em plena campanha para mostrar que isso foi uma invenção da televisão contra nós." A face mais explícita dessa fase de

"legalidade" da seita Moon é o novo prédio da Igreja da Unificação em São Paulo.

O quartel-general foi erguido no bairro de Pinheiros, uma tradicional zona residencial da cidade, e sua arquitetura em nada lembra as casas inexpugnáveis de muros altos em que a seita Moon costumou se encastelar no começo da década. Tampouco os adeptos do controvertido reverendo coreano, que depois de uma temporada na cadeia acusado de sonegar impostos foi posto em liberdade nos Estados Unidos no ano passado, escondem-se mais. No dia 7 de setembro passado, com o prédio ainda em construção, a seita Moon promoveu um encontro aberto com a vizinhança. Os pastores distribuíram convites de casa em casa e conseguiram reunir 1 000 pessoas. "O prédio será um centro de educação e vivência", diz Valentim, que ainda não marcou a data de



A sede paulista: boa vizinhança



Rocha, o rosto de Moon no Brasil: líderes treinados para obedecer à Igreja

inauguração da nova sede. Com seus seis andares, o prédio vai servir também de abrigo aos adeptos internos da seita. Os vizinhos parecem não se incomodar — até mesmo aqueles que poderiam temer pela concorrência no trabalho de arrebancar ovelhas. "Vivemos numa sociedade pluralista e se a seita se pautar pelos ditames da lei devemos respeitá-la", diz o padre Mauro Odorísio, vigário católico da paróquia de São Paulo da Cruz, de cuja sede se pode divisar o prédio da seita Moon.



Moon: interesse no Brasil

HOMILIA INTERROMPIDA — Profundamente anticomunista, posição ideológica que transforma em cerne de sua doutrina, a seita Moon no Brasil é, ainda, uma pálida projeção do que alcançou no exterior. O Departamento de Estado americano calcula que sejam 30 milhões os adeptos de Moon em todo o mundo. No Brasil são 6 500 os adeptos internos, missionários que vivem albergados nas sedes onde recebem alimentação e bolsas para continuar seus estudos em colégios e universidades. Os simpatizantes somariam já 250 000 pessoas. "Estamos recuperando uma boa imagem", diz o biólogo e matemático paulista Miguel Rocha, 38 anos, o rosto da seita Moon no Brasil. Rocha, que em 1981 teve sua casa em Botucatu, no interior de São Paulo, apedrejada e incendiada por manifestantes revoltados com o aliciamento de adeptos comandado por ele, preside hoje a CAUSA, o braço político da Igreja da Unificação e ponta-de-lança dos interesses econômicos da seita.

É a CAUSA que oficialmente administra os bens da seita. Rocha viu-se na contingência de mudar-se de Botucatu para São Paulo, mas segue atuante. "Contribuímos com nosso apoio para eleger quinze deputados constituintes em todo o país", diz ele. Além da bancada parlamentar simpática ao anticomunismo, a CAUSA patrocina e treina seus adeptos em todo o país para contraporem-se aos



Padre Odorísio: respeito

padres esquerdistas da Igreja Católica. "Instruímos um líder local, geralmente uma professora primária, e o alertamos sobre a ameaça comunista", ensina Rocha. "Em seguida mostramos a esse agente como rechaçar a pregação esquerdizante. Ele deve interromper o padre na homilia e protestar contra a pregação política num momento que deveria ser dedicado à religião."

REDE DE EMPRESAS

— Logo depois da inauguração do prédio pau-

lista, o grande passo da seita Moon será o lançamento da *Folha do Brasil*, um semanário de circulação nacional. O jornal será eclético e trará as opiniões e posições da seita em editoriais, como ocorre com o *The Washington Times*, nos Estados Unidos, o órgão oficial da seita Moon, que tem mais de 100 000 exemplares diários com impressão a laser e transmissão de suas páginas para edições locais em cinco Estados americanos. No meio estudantil do Brasil já circula há alguns anos o jornal *Tribuna Universitária*, de ultradireita, que é financiado pela CAUSA. "Todo nosso esforço é para conter o comunismo, livrar os 43% da humanidade que vivem sob o jugo do totalitarismo", diz Miguel Rocha. "E o Brasil tem um papel fundamental nessa tarefa. Na guerra entre o mundo livre e o comunismo, o Brasil será o fiel da balança." Embora lute para se livrar da imagem de seita maldita que angariou nos episódios violentos de 1981, a Igreja da Unificação segue tendo seus passos vigiados pelo governo. Há alguns meses a Polícia Federal concluiu um extenso relatório sobre suas atividades no país e o enviou ao presidente José Sarney. O documento dá conta de que a seita possui oitenta centros de organização no país e uma extensa rede de atividades econômicas lucrativas, que vão da venda de doces e bijuterias à produção de roupas. A seita possui ainda 78 barcos de pesca de camarão e lagosta, sediados em Belém, e catorze padarias em São Paulo. ●

9-12-81
 Igreja de Moon diz
 que ajudou a eleger
 27 deputados federais

Da Reportagem Local

A Igreja da Unificação, fundada pelo sul-coreano Sun Myung Moon, através de seu "braço político", a Associação Causa Brasil, considera que exerceu um papel importante na eleição de 27 deputados ao Congresso constituinte que se instala no dia 1º de fevereiro.

Miguel Rocha, 38, coordenador da Causa, disse ontem às 16h na sede da entidade, na Aclimação (zona sul de São Paulo), não ter recebido de seus representantes, nos quinze Estados em que concluiu acordos eleitorais, o resultado definitivo das apurações, "mesmo porque, em alguns deles, os resultados oficiais não foram ainda anunciados". Mesmo assim, ele afirma que as eleições foram "ideologicamente úteis para o nosso trabalho".

A não identificação dos parlamentares eleitos (dois seriam de São Paulo), afirma Rocha, justifica-se por razões táticas: "Temos má fama, em razão da longa campanha desencadeada para denegrir nosso nome. Se anunciarmos publicamente nossos eleitos, isso acabaria por prejudicar o trabalho deles na Constituinte".

Eles lutam contra a pena de morte, o aborto, a legalização do jogo e da maconha e são quase um partido acima dos partidos na Constituinte

BLOCO EVANGÉLICO

Os unidos da fé

Reportagem de Carlos Newton • Fotos de Walter Carvalho e Adelson Queiroz



É a maior bancada já reunida pelos evangélicos no Congresso. Os 33 deputados crentes divergem entre si quanto à ideologia, mas a união na fé é absoluta.

É um bloco muito peculiar, que jamais desfila no carnaval, pois seus membros abominam as chamadas festas pagãs e não aceitam tanta permissividade. Eles se reúnem toda quarta-feira, em plena Assembléia Nacional Constituinte, onde formam uma das mais fortes e coesas bancadas. Trata-se do bloco dos evangélicos, que tem 33 integrantes — cinco dos quais, pastores, formam a Subcomissão de Família, Menor e Idoso. São resistentes às medidas consideradas "progressistas", como a legalização do aborto. "Se uma mulher quiser, pode resistir ao estupro", disse um deles — o Deputado Sotero Cunha (PDC/RJ).

É uma espécie de minicongresso dentro da Constituinte, com representação pluralista e proporcional às bancadas partidárias. A maioria é do PMDB e do PFL, mas há deputados evangélicos também no PDT, no PTB, no PDC e no PT. Na história republicana do país, sempre estiveram representados no Congresso Nacional, mas nunca com tamanha expressão. Na legislatura passada, havia apenas 10 parlamentares evangélicos.

"Com a convocação da Constituinte, que é uma oportunidade rara na política nacional, houve um interesse maior de candidaturas das comunidades evangélicas", diz o Deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ), acrescentando: "Mas os evangélicos jamais pretenderam participar da Constituinte como representantes de entidades religiosas, pois sabemos que a função da Igreja tem de ser essencialmente espiritual. De qualquer forma, porém, achamos oportuno eleger candidatos que integrassem nossas comunidades. Assim, em vez de nossas entidades religiosas ficarem ditando normas para os políticos, como se vê habitualmente, os evangélicos procuraram eleger representantes

próprios, para defender seus pontos de vista na elaboração das novas regras constitucionais."

Daso Coimbra é o mais antigo dos parlamentares eleitos pelas diversas correntes protestantes do país. Pertence à Igreja Congregacional, e foi ele quem teve a idéia de reunir os constituintes evangélicos, numa recepção em seu apartamento. A notícia se espalhou rapidamente entre as bancadas dos partidos, e à noite o deputado fluminense teve uma surpresa — compareceram a seu apartamento cerca de 30 parlamentares evangélicos, praticamente o bloco inteiro. Foi quando decidiram atuar em conjunto na defesa das teses de interesse comum, apesar das intransponíveis barreiras ideológicas que separam seus integrantes.

"Nosso bloco — informa o socialista Lisâneas Maciel (PDT-RJ) — é pluralista e suprapartidário. Entre seus membros há divergências de ordem política e ideológica. Mas estamos decididamente unidos em defesa de nossas teses de caráter ético e espiritual. Nenhum de nós votará a favor da aprovação do aborto, por exemplo."

SEGUE



Marcos Vilaça

Partilha e não-partilha

RECENTEMENTE e mais uma vez, a Legião Brasileira de Assistência se apresentou no Palácio do Planalto, com uma proposta concreta de trabalho, e compareceu para confirmar, ao seu modo e jeito, a prioridade do social, razão da sua existência como instituição.

Estava a valorizar um instante de criação. Foi ali a fim de - como aprecia o Presidente José Sarney - semear ação de Governo, a melhor oferta de contraponto ao imobilismo do mármore que embeleza aquela casa. É a superior complementação de gestos do homem. Afinal de contas, só conhece a estátua quem conhece o movimento.

A LBA, por isso, apresentou-se com o entusiasmo de quem gosta do que faz, com o empenho de quem procura fazer, com o realismo de quem não ignora o muito que ainda há por fazer, e sempre com o otimismo de quem tem a certeza de que pode e quer fazer muito mais.

Em menos de dois anos, a LBA quase quadruplicou o seu atendimento. Tornou-se mais forte; mais operosa nas pungentes trincheiras da miséria e da injustia social.

Nos seus diversos programas a quase 4 milhões de Pessoas servia, em 15 de março de 1985 - início do Governo José Sarney. Já no fim de 86, alcançou um total ao redor de 16 milhões de atendimentos.

Esse resultado é produto do trabalho a que muitos se dedicam, inclusive alguns que gastam suas últimas léguas de moço. Não foi obtido à custa da elephantase da máquina administrativa. Pelo contrário, o seu quadro de pessoal serve de exemplo. Ele é o mesmo, senão menor do que o do começo da atual administração.

Paralelamente a esses resultados; dizemdo melhor, na origem deles, está, como já foi dito, a assunção pela Legião do papel que nela deve preponderar: o de fomentadora do desenvolvimento social. Nunca o de mera distribuidora de paliativos à penúria.

Libertando-se do predomínio do estigma paternalista; do círculo de giz do assistencialismo apenas como um fim em si mesmo; da exclusiva prática da ação social compensatória, tão somente controladora e amortecedora de tensões. A LBA pôde, enfim, seguir a sua verdadeira e principal vocação: a de agente da política social do desenvolvimento.

Política social é, o sabemos todos, aquela que garante aos cidadãos direitos básicos como saúde, alimentação, educação, habitação, trabalho, seguridade e assistência social e que contribui, efetivamente, para a melhoria da qualidade de vida.

Política social é respeitar os valores intrínsecos do ser humano, que, desvestido, não pode ficar à mercê da generosidade oficial, pois não nos procura para obter caridade e sim oportunidade.

Política social é aquela que a LBA hoje pratica, na explosão de um programa de promoção e oportunidades, como a microempresa social (serão mais de 30.000, no final de 87, a beneficiar 1.300.000 pessoas); na consolidação de um programa de prevenção e investimento no cidadão do futuro, como O Primeiro a Criança. Sabido que "O Brasil começa na criança", concede atenções a mais de seis milhões delas.

Não estima a Legião Brasileira de Assistência que a moldura de necessidade em que navega projete um retrato grave e cinzento, fixador da impressão de que a responsabilidade implica rigidez obsessiva e anacrônica e que nossa seriedade significa saúde e circunspeção.

A seriedade não exige necessariamente a gravidade.

A LBA não é um severo corredor monástico, nem tampouco uma sombria e isolada instituição abandonada ao pessimismo e à desesperança.

Despreza os profissionais da desconfiança.

A Legião é, pelo contrário, uma casa iluminada e arejada, cultivadora das manhas de criação e, acreditando, à maneira do poeta, que o mundo por melhor que seja, como está não basta.

O lançamento das bolsas de trabalho, conclamação aos estudantes a partilharem com a LBA a alegria do fazer, significa ação administrativa caprichadamente apoiada pelo ministro Raphael de Almeida Magalhães, que a desejou um programa simples, sem mistérios filosóficos ou complicações operacionais.

Simples, como dizemos no chão nordestino, tal qual um pátio da matriz.

O MUDES - Fundação Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social - empresta colaboração a esse projeto e se encarregará, com a sua experiência na área educacional, de garantir esta simplicidade, junto às universidades e escolas de 2º grau que, em todo o País, se prontificam a trazer a sua adesão à nova causa.

A idéia nada mais é do que imantar estudantes universitários e de nível médio para o trabalho social da LBA, permitindo, já em 1987, com a chegada dessa força de trabalho de qualidade, uma considerável ampliação dos seus programas.

Diferentes das bolsas de estudos convencionais, embora obedientes a dispositivos de lei, as bolsas de trabalho têm, muito além do objetivo educativo-profissional, um alcance social bem amplo, pois pretendem que o estudante, na investidura do fazer, se transforme de aluno-aprendiz em técnico-fazedor; de testemunha passiva em agente/sujeito do irreversível processo de mudança social que o Brasil atravessa, sob a permanente e vigilante exigência do Presidente José Sarney.

Marcos Vilaça é presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA)

Lisâneas, que é presbiteriano, ressalta que o bloco vai lutar pelos princípios do cristianismo, defendendo uma política de justiça social, com melhor distribuição de renda. Diz que os evangélicos não abrem mão dos direitos das minorias, sejam raciais, religiosas, econômicas ou sociais.

O Deputado Rubem Branquinho (PMDB-AC), que também é presbiteriano, acrescenta que o grupo lutará pela consagração de determinados princípios éticos, como a liberdade de imprensa, de pensamento e de crença religiosa, com tratamento igualitário para todos os cultos e total separação entre Igreja e Estado.

Contrários ao fumo, álcool, tóxico e pornografia, os evangélicos formam hoje a quarta maior bancada da Constituinte, ficando atrás apenas do PMDB, PFL e PDS. Atuando em plenário, eles já deram uma bela demonstra-

eleitorais" - acentua Eunice Michiles, deputada pelo PFL do Amazonas, esclarecendo que poucos eleitores sabiam que ela pertence à Igreja Adventista.

Um dos mais conhecidos membros do bloco é o Deputado Fausto Rocha (PFL-SP), da Igreja Batista. Apresentador de programas de rádio e televisão, ele continua acumulando o trabalho de jornalista e político. Sempre que as atividades no Congresso lhe dão uma folga, Fausto participa do programa Últimas Notícias, como locutor, em rede nacional, pelo SBT. Foi o mais votado do PFL paulista e já tem bastante experiência política, adquirida como deputado estadual e também como secretário de Desburocratização do governo paulista.

"Na Constituinte, a grande maioria dos integrantes do bloco evangélico é de centro", explica Fausto Rocha, acrescentando que o grupo só está coeso no tocante aos temas de interesse ético e espiritual: "Ideologicamente, há grandes divergências entre nós. Mas a maioria dos evangélicos lutará pela livre iniciativa."

Segundo o deputado do PFL, os evangélicos não podem repetir o mesmo equívoco cometido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: "A CNBB, infelizmente, tem dado maior ênfase aos aspectos político-ideológicos dos problemas nacionais, enquanto nós entendemos que a prioridade das igrejas precisa estar voltada para os aspectos espirituais."

A Deputada Benedita da Silva (PT-RJ), que é pregadora da Assembléia de Deus, não concorda com a opinião do seu colega, mas acentua que o bloco pretende respeitar a ideologia de cada um de seus integrantes, que estão filiados a partidos políticos de posições antagônicas.

"Para mim, o importante é que todos devemos defender os interesses dos brasileiros menos favorecidos, sem distinção de raça, credo, classe

social ou categoria profissional. A Constituição é uma ocasião propícia para que possamos uma melhor distribuição de renda, das terríveis desigualdades que existem nas diversas camadas da população" - diz a dita da Silva.

Um tema polêmico e que realmente o bloco evangélico é a reforma agrária. A constituinte considera que precisa haver um limite às tensões dos trabalhadores sem terra.

"A produtividade poderia servir de critério para as desapropriações e distribuições das terras", sugere Daso Coimbra (PMDB-ES), vertendo que a reforma agrária não pode ser ampla e irrestrita, como pretendem alguns membros do Congresso. E argumenta: "É preciso muita sensatez ao aprovar a reforma, pois corremos o risco de desestimular os produtores e provocar graves problemas de desenvolvimento no país."

O deputado batista Nelson Aguiar (PFL-ES) e o presbiteriano Lisâneas Maciel (PFL-ES) não concordam com a posição do deputado Daso Coimbra:

"Deus criou a terra para todos; não para alguns. Por isso, a reforma agrária não pode ser total. Não há motivos para manter a terra em mãos de poucos proprietários, quando foi criada, como o vento e a chuva, em benefício do homem", assinala Nelson Aguiar.

Lisâneas também é um ardoroso defensor da reforma agrária. Acha que, se a proposta for bem conduzida, haverá um substancial aumento da produção agrícola. E acrescenta: "Ao serem representantes evangélicos, somos representantes do povo brasileiro. Temos o dever de saltar que todos os problemas vitais da nação são também vitais para o evangélico."

Arolde de Oliveira (PFL-RJ), que é deputado federal, afirma que não será possível manter a coesão do bloco no tocante a temas de caráter político-ideológico, como a reforma agrária. Mas está convicto de que os parlamentares evangélicos marcharão juntos no debate sobre certas teses de aspecto social.

Os cultos evangélicos - também conhecidos como protestantes - já conseguiram cerca de sete por cento da população brasileira. E o número de adeptos cresce a cada ano. Especialmente nos modestos templos da Assembléia de Deus, que proliferam por todo o país. Os membros, chamados de crentes, conseguem eleger a maioria dos deputados da atual legislatura evangélica - 13 dos 33 parlamentares. Os demais constituintes do bloco estão divididos entre as seguintes igrejas: Batista, Presbiteriana, Metodista, Adventista, Igreja de Cristo, Igreja Evangélica, Batista Renovada e Universal, e Reino de Deus.

Comparativamente, os parlamentares evangélicos são um pequeno número em relação aos católicos, a grande maioria dos membros da Constituinte. A diferença é que os evangélicos são muito mais unidos e dedicados à causa. Comparecem aos cultos todos os domingos, pagam dízimos, participam dos trabalhos das igrejas e atuam na conversão de novos fiéis.

São apenas 33 votos, mas terão um peso enorme na decisão de questões altamente polêmicas, pois todos os membros do bloco vão participar em plenário para evitar a descriminação do uso da maconha, a legalização do jogo, a aprovação da pena de morte e do aborto. Deus quiser, sairemos vitoriosos. Em nossa luta, Ele está ao nosso lado" - diz Daso Coimbra, confiante em que, nessas questões, parlamentares que reza unido jamais será vencido.



Acima dos partidos, a Bíblia

Antônio de Jesus Dias: inconfundível. Benedita da Silva e Fausto Cunha, com o Ministro Iris Rezende.

ção de como vão se comportar na defesa de seus ideais. Durante a polêmica votação do regimento interno da Constituinte, os membros do bloco conseguiram interromper as discussões políticas para que se debatesse uma proposta do Deputado Antônio Jesus Dias (PMDB-GO), pastor da Assembléia de Deus, no sentido de que fosse proibido fumar no Plenário. O assunto foi debatido em meio à névoa tabagista que costuma pairar sobre as atividades do Congresso. Como a maioria dos parlamentares é composta de fumantes inveterados, a emenda foi recusada, mas os evangélicos conseguiram aprovar outra proposta do Deputado Antônio Jesus Dias, tornando obrigatório o uso de um exemplar da Bíblia sobre a mesa diretora dos trabalhos da Constituinte. A aceitação dessa emenda causou protestos de parlamentares agnósticos ou ligados a outras religiões, mas foi ardentemente defendida pelos evangélicos, entre eles o Deputado Eliel Rodrigues (PMDB-BA), membro da Assembléia de Deus, que argumentou: "A Bíblia é a maior Constituição que Deus outorgou ao povo."

Eles fazem questão de frisar que ninguém se beneficiou do trabalho religioso para se eleger. Dos 33 membros do bloco, apenas cinco são pastores, mas não usaram a tribuna religiosa para pedir votos. É evidente que todos eles ganharam a eleição com apoio maciço de suas comunidades, mas isso não significa que sejam representantes de suas igrejas.

"Não fizemos campanhas político-religiosas. Cada um de nós chegou à Constituinte com suas próprias metas e plataformas



A Assembléia de Deus elegeu 13 dos 33 constituintes evangélicos.

IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL

ESCLARECIMENTOS *6-2-86 fls 60*

Jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro publicaram, nos dias 3 e 5 do corrente, nota assinada pelo sr. Takaaki Nakano, na qual o mesmo se intitula "presidente-em-exercício" da Igreja Messiânica Mundial do Japão.

As referências contidas na referida nota à pessoa do presidente da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, Reverendo Tetsuo Watanabe, são injuriosas, caluniosas e totalmente destituídas de fundamento, como o sabem os ministros e membros da nossa igreja no Brasil, por conhecerem profundamente e de longo tempo o Reverendo Tetsuo Watanabe.

Também são públicas e notórias as demonstrações de fidelidade e respeito que o Reverendo Tetsuo Watanabe sempre dirigiu à excelsa figura de nossa Suprema Líder Espiritual, Kyoshu-Sama, por nós considerada como ápice da hierarquia religiosa da Igreja Messiânica Mundial.

Centenas e centenas de caravanistas brasileiros que já foram ao Japão e 52.000 membros que compareceram ao culto especial, realizado em Guarapiranga (SP) e em setembro de 1985, são testemunhas oculares do carinho e consideração que o nosso presidente, Reverendo Tetsuo Watanabe, desfruta junto à nossa Líder Espiritual Kyoshu-Sama.

Nessas condições, desnecessárias seriam as palavras para demonstrar a falsidade e a maldade com que se procurou, na citada nota, atingir o nome do presidente, Reverendo Tetsuo Watanabe. Entretanto, pelo respeito que nos merece a sociedade brasileira em cujo seio os ideais de nosso Mestre Meishu-Sama têm encontrado calorosa e sincera acolhida em todos os níveis sociais, vimos prestar alguns esclarecimentos que nos parecem necessários sobre o assunto ventilado na nota em questão.

O fato ora ocorrido constitui desdobramento de divergências internas surgidas no seio da Igreja no Japão, nesses últimos três anos. O sr. Takaaki Nakano representa um grupo à parte, dentro da organização da Igreja Messiânica Mundial do Japão, cujo verdadeiro presidente é o Reverendíssimo Yassushi Matsumoto, oficialmente reconhecido como tal por Kyoshu-Sama e pelas leis japonesas.

O Reverendo Tetsuo Watanabe, presidente da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, cargo para o qual foi eleito pelo Conselho Deliberativo da entidade, que é indicado pela Assembleia Geral de Representantes dos Membros Brasileiros, de acordo com normas estatutárias, exerce as funções de Membro da Diretoria e Chefe da Secretaria Internacional da Igreja Messiânica Mundial do Japão, estando no pleno exercício de suas atividades religiosas.

Entretanto, à luz dos ensinamentos de nosso Mestre Meishu-Sama, interpretamos tais fatos como processos purificadores da nossa Igreja, que, para crescer, precisará, necessariamente, eliminar as máculas geradas por erros surgidos no curso do processo de evolução da instituição, a qual, como toda organização inclusive as de ordem religiosa — está sujeita, em sua forma, às naturais imperfeições do ser humano.

Ensina-nos nosso Mestre Meishu-Sama que o conflito constitui, também, um processo purificador e, por assim o compreendermos, é que concitamos todos os fiéis brasileiros a que, em suas orações, roguem a Deus e a Meishu-Sama a fim de que esses acontecimentos possam ser superados e possamos todos merecer de Deus e Meishu-Sama a permissão de trilhar o caminho do bem e da verdade, que conduz à harmonia e à felicidade que almejamos.

São Paulo, 6 de fevereiro de 1986

Katsumi Yamamoto

**Presidente-em-exercício — Igreja Messiânica
Mundial do Brasil**

Conselho Deliberativo: **Katsumi Yamamoto, Hitoshi Nishikawa, Mutsumi Fujitani, Pedro Parizean, Waldemar Nogueira, Carlos Antunes Coelho.**

Conselho Fiscal: **Isnar Campello, Orlando Eloy Alves Dias, João Lopes, Acyr Borck, Alberto Rodrigues de Oliveira, Antonio Pádua.**

Incômoda visita

Luta pelo poder divide líderes messiânicos

Os 120 000 seguidores brasileiros da Igreja Messiânica Mundial, de origem japonesa, foram surpreendidos nos últimos dias por um tiroteio pouco espiritual. Segundo um manifesto publicado nos principais jornais do país, Tetsuo Watanabe, o líder da seita no Brasil e atualmente em viagem ao Japão, fora sumariamente destituído pelo novo presidente mundial da Igreja, Takaaki Nakano. Mais: Watanabe é acusado de ter se aliado ao partido comunista no Japão para tentar assumir o poder central da entidade.

Quem desencadeou a ofensiva contra Watanabe no Brasil foram oito dirigentes messiânicos ligados a Nakano despachados para cá em janeiro último, com a missão de tornar operacional a nova linha hierárquica nos cerca de 130 templos espalhados pelo país.

A tarefa não tem sido fácil. Segundo um manifesto-resposta publicado nos mesmos jornais na semana passada, não apenas as acusações contra Watanabe não têm fundamento como não é aceita sequer a legalidade do mandato do novo presidente mundial, Nakano. "O verdadeiro presidente da Igreja é o ministro Matsumoto", proclama o porta-voz dos messiânicos do Brasil, Ricardo Maruishi. "É um golpe que não vamos engolir", garante.

TRAMA — "Estamos sendo colocados à prova. Na história de todas as religiões, sem exceção, existiram e continuam existindo divergências", sustenta dona Vera Barbieri, esposa do ministro messiânico Julio Barbieri Junior, de Brasília. Para os fiéis, o dilema que se coloca pode ser compara-



ILUSTRAÇÃO DE LUIZ CARVALHO

do ao de um católico que enfrentasse, de repente, dúvidas sobre quem é o verdadeiro papa e quem é o legítimo presidente da CNBB.

No caso brasileiro, está em jogo também a posse de um patrimônio imobiliário de 5 bilhões de cruzados, uma empresa de importação e exportação, nove fazendas e uma academia de ikebana. Importantes membros da Igreja afirmam que os novos diretores da sede central estariam tentando hipotecar todo o patrimônio da filial brasileira numa negociação com a poderosa International Conglomerate Corporation, empresa sediada em Tóquio, cujo sócio majoritário é o próprio Takaaki Nakano.

Toda essa complexa trama contrasta fortemente com a filosofia dos messiânicos, baseada na fraternidade e na harmonia. Fundada em 1935 por Mokiti Okada, um japonês que desistiu da vida de empresário para se dedicar a Deus, a Igreja se apóia no lema "Verdade, Bem e Beleza". Segundo seus sacerdotes, os males do espírito e do corpo podem ser anulados pelo *Johrei*, um ato paranormal que consiste na infusão de luz divina pela imposição das mãos de duas pessoas.

"O que me atraiu na Igreja messiânica é que ela não proíbe nada", diz a atriz Suely Franco, que se converteu há treze anos e se declara totalmente alheia aos golpes e contragolpes da cúpula. Para outros seguidores messiânicos, contudo, a disputa atual é importante. "Destituir o reverendo Watanabe seria inconcebível. Ele é amado por toda a nossa comunidade", garante Vera Barbieri.

Cerrando fileiras em torno de Watanabe estaria dona Doris Gonçalves, esposa do ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, seguidora da Igreja messiânica há dez anos e frequentadora do culto mensal em Brasília há cinco.

A sede nacional, em SP: em meio ao tiroteio

MENSAGEM DA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL

... (Small text block containing church messages and announcements)

IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL

ESCLARECIMENTOS ... (Small text block containing church announcements and clarifications)

Que vença o Brasil (II)

Certo está o Professor e Jurista Goffredo da Silva Telles Júnior, autor da "Carta aos Brasileiros", quando diz: "O grande desafio, lançado aos constitucionalistas de nosso tempo, é precisamente este: descobrir a fórmula constitucional capaz de assegurar a permanente penetração da vontade dos governados nas decisões dos governantes". E também o saudoso Presidente Tancredo Neves, citado pelo escritor e jornalista Moacir Pereira no seu livro "O Poder da Constituinte": "A Constituição não é assunto restrito aos juristas, aos sábios ou aos políticos. Não pode ser ato de algumas elites. É responsabilidade de todo o povo. Daí a preocupação de que ela não surja no acodamento, mas resulte de uma profunda reflexão nacional". Por sinal, Moacir mandou-me o seu ilustrativo trabalho, com dedicatória que muito me honra: "Para o caro Dr. José de Paiva Netto, responsável maior por mensagens profundas de esperança ao Povo Brasileiro, com o apoio e o incentivo do Moacir Pereira".

Necessário se faz também sejam realmente levadas em consideração estas palavras do Cristo Jesus, o maior dos políticos que a Terra conheceu: "O que quiserdes que os homens vos façam, fazei-lhes vós também. (...) porque a cada um será dado de acordo com as suas próprias obras". São ensinamentos do Evangelho e do Apocalipse, atualíssimos compêndios de cultura constitucional. Tratam do destino do Homem e de seu Espírito eterno, medida de toda Constituição que se preze.

Constituinte e Amor

Alguns podem estranhar o fato de estarmos falando no Amor do Novo Mandamento (João:

XIII-34) ao tratar de Constituição, porque só entendem amor com arranhões nas costas, quando o Amor é a energia que move os mundos. Sem Amor, os bandos sobreviventes ao Armagedon trucidar-se-ão, completando o trabalho fatídico de certos loucos que dirigem povos. Não há nada mais potente e objetivo do que o Amor. É superior ao poder de todas as armas. E nas horas de crise, dos mais admiráveis modos ele se revela, dando continuidade à vida. Não pensemos que o Brasil esteja livre desses perigos. Faz parte do Planeta Terra e não de Marte. E não será porque ninguém esteja, agora, tratando deste assunto, que nós nos omitiremos.

A fome é má conselheira

Convém ainda lembrar que não há regime bom enquanto o Homem for mau. Não podemos esquecer também de que barrigas vazias geralmente não estão dispostas a ouvir. Como escreveu Virgílio, na Eneida, livro IV, verso 286, a fome é má conselheira. Governa bem aquele que — não esquecendo os corpos — aquece os corações e ilumina as Almas, animando-os à sobrevivência com as armas do Amor, da Verdade e da Justiça. Seres Humanos não são frios números de computador, nem sexo e estômago apenas. Se é difícil trabalharmos pela reforma do Homem — com Instrução e Educação —, começemos já, pois o atraso é imenso. À beira do Terceiro Milênio, apesar do notável progresso material, vivemos um clima de incivilidade de causar inveja ao Neanderthal mais convicto.

José de Paiva Netto
Jornalista e Radialista. Diretor-Presidente da Legião da Boa Vontade.

Ordenação de mulheres

ANTONIO CARLOS SEIDL
De Londres

Uma plataforma para controver-
sidade, o sínodo geral da Igreja Angli-
cana tem um recorde invejável. Não
é uma sessão sem a sua cota de
são e alarme. Algumas das cau-
sas parecem transitórias, talvez até de-
pendendo da moda: decadência
na África do Sul, desarmamento
unilateral, por exemplo. Ou-
tras são mais permanentes e proble-
máticas. Este é o caso da presente
questão, qualificada de "a maior desde
a reforma", que envolve a ordena-
ção de mulheres para o sacerdócio.

Na quinta-feira, o sínodo geral da
Igreja Anglicana abriu o caminho
para a ordenação de mulheres, com
uma maioria de 68% votando a favor
da aprovação de legislação especifi-
ca dentro das diretrizes propostas
pelos bispos britânicos. O arcebispo
de canterbury (o chefe da Igreja
Anglicana), Robert Runcie, lamentou
o "pânico prematuro" causado pela
decisão de examinar as linhas
para a ordenação de mulhe-
res. Ele disse que a data mais próxima
para a votação final sobre a questão
é o mês de julho de 1991. Ele exortou os
membros da ordenação a não
desandonarem a Igreja Anglicana
nesta fase, prometeu novos estu-
dios teológicos sobre a questão por um
período de bispos, e disse que a
decisão final será tomada à luz das
recomendações dos bispos.

Enquetes de opinião mostram que
a maioria dos anglicanos pratican-
tes aceita a ordenação de mulhe-
res. O sínodo, em 1975, declarou que
não tinha objeção em princípio. No
entanto, existe a ameaça de uma
reversão na Igreja Anglicana.

O principal adversário da ordena-
ção de mulheres, Graham Leonard,
bispo de Londres e o terceiro na
hierarquia da Igreja Anglicana, de-
clarou que se aproximará para co-
municar com Roma ou a Igreja
Católica, depois de ter ficado evi-
dente antes que a ordenação de
mulheres na Grã-Bretanha não é
uma questão de "se", mas "quando".
Seus argumentos contra a ordenação,
apresentados por Leonard e seus
cerca de mil seguidores, afirmam que a
ordenação de Deus de fazer o homem
foi acidental, mas simbólica e
fundamental: o homem foi escolhido
para o sacerdócio, a mulher para a
maternidade. Os seus oponentes sus-
têm que a primeira parte de seu
argumento confinaria o cristianismo
de nascimento judeu, já que
ele escolheu somente judeus como
seus seguidores, e que a segunda
parte deixa a espiritualidade como
domínio exclusivamente mascu-

linas Igrejas Anglicanas no exte-
rior já concordaram com a ordena-
ção de mulheres, inclusive no Canadá
e Nova Zelândia. Há hoje mais de 750
mulheres no sacerdócio nas igrejas
Anglicanas fora da Grã-Bretanha.

provoca crise na Igreja Anglicana

Feminismo e Moda

Graham Leonard sustenta que o movimento
para a ordenação de mulheres está
sendo alimentado pelo feminismo dos
anos sessenta e pela moda. Os que
são a favor da ordenação dizem que
Leonard está usando o temor de um
pânico para enterrar a idéia do
sacerdócio feminino antes que ele e
seus correligionários sejam varridos
por uma inevitável e benéfica onda de
mudança social. Trata-se de um
pânico que não teria ganho tanto
força no país, não fosse pelos
conflitos entre Leonard e o homem
que tenta manter a unidade da
Igreja Anglicana, o Arcebispo da
Canterbury.

Graham Leonard é o bispo favorito
do primeiro-ministro Margaret
Thatcher. Robert Runcie, certamen-
te não é. O seu mandato tem sido

marcado por uma série de choques
com o governo e o sistema conserva-
dor. Não há um mês sem referências
de que Thatcher está "furiosa" com
Runcie.

Dentro da igreja, Runcie também
se vê sob crescente pressão para
renunciar, principalmente depois que
circularam comentários na imprensa
de que seu casamento enfrenta difi-
culdades, e também devido ao tra-
uma do desaparecimento de seu re-
presentante no Oriente Médio, Terry
Waite. Para muitos anglicanos con-
servadores, Runcie é muito moderno,
muito conciliador, muito político e
muito secular.

Leonard é considerado "um cristão
da velha escola", que segue a sua
consciência e se comporta como um
autêntico bispo.

Maioria significativa

Embora Runcie tenha procurado
jogar água na fervura do debate
anunciando uma decisão final sobre o
sacerdócio feminino para daqui a
quatro ou cinco anos, a votação de
antes mostrou uma maioria
importante para a ordenação de
mulheres. A aprovação final vai
requerer uma maioria de dois terços
em cada uma das três instâncias do
Sínodo Geral da Igreja Anglicana:
bispos, clero e leigos. Antes não só
faltaram dois votos para que essa

maioria fosse obtida, na votação do
clero.

Agora parece certo que a vontade
de Runcie será feita, e que a
Grã-Bretanha terá mulheres sacer-
dotes no início do próximo século. E
fica a questão: quantos entre os do
clero e os leigos, que apóiam a
objeção do bispo de Londres à
ordenação de mulheres, estariam de
fato preparados para segui-lo e sair
da Igreja Anglicana? E para onde
iriam? Como disse um sacerdote:
"Me pergunto o que seria mais
aceitável por Roma: uma mulher
sacerdote ou um bispo casado?"

O noticiário sobre a Igreja Anglicana no Brasil está na pág.
A 4



France Presse

O bispo de Londres, Graham Leonard



France Presse

O arcebispo Robert Runcie

Maçons fazem sugestões para diminuir violência

Da Reportagem Local

As lojas maçônicas brasileiras estão encaminhando ao ministro Paulo Brossard, desde o segundo semestre do ano passado, sugestões para minimizar a violência urbana e rural no Brasil. O pedido aos maçons foi feito pelo ministro, em contato direto com os grãos-mestres da ordem maçônica em todo o país, destacando que a participação maçônica na campanha contra a violência "deve dar-se de forma efetiva, decisiva e permanente". Paralelamente, a maçonaria está preparando teses e propostas a serem discutidas em São Paulo, em julho próximo, na 16ª Assembléia da Confederação da Ma-

çonaria Simbólica do Brasil, sobre "Planejamento Social" e cujas conclusões também serão encaminhadas ao governo federal.

Quanto ao Congresso constituinte, a maçonaria está preparando, desde o início de fevereiro último, o cadastramento de todos os parlamentares maçons. Fichas cadastrais dos constituintes maçons estão sendo feitas pela secretaria geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, com o apoio da Grande Loja de Brasília e da assessoria técnica da Câmara dos Deputados. Uma das propostas defendidas, para a nova Constituição brasileira, por uma grande parte dos líderes maçônicos

do país, é a volta do regime parlamentarista de governo, adaptando o sistema parlamentar dos governos europeus ocidentais às características políticas brasileiras.

Através do parlamentarismo, a maçonaria entende que será solucionado o problema do "excessivo poder nas mãos de uma só pessoa", o presidente da República, enquanto os ministros de Estado "deixariam de ser endeusados" e ficariam submetidos ao Parlamento, de acordo com estudo sobre o regime parlamentar, preparado para publicações maçônicas, pelo juiz paulista Bronslaw Drabek, da Loja Inconfidência nº 182, de São Paulo.

Maçonaria começa a se

LUCIANO MARTINS COSTA
Da Reportagem Local

A mais antiga dissidência ideológica do mundo ocidental — que durante mais de trezentos anos manteve as portas dos templos católicos fechadas aos maçons — pode estar próxima de se desfazer. "Avançam em todo o mundo os entendimentos para uma reaproximação e uma eficiente mudança ocorre desde o novo Código Canônico de 1983, que não faz referência expressa à Maçonaria", afirmou anteontem o bispo de Santa Cruz do Sul (RS), dom Aloísio Sinésio Bohn, que há quatro anos preside a linha do diálogo religioso da Confe-

rência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

"Não posso prever o resultado desse processo, mas estou admirado com os progressos alcançados nos diálogos entre maçons, católicos e cristãos evangélicos", disse dom Aloísio Bohn. "Nas nossas reuniões periódicas oficiais, estamos observando se a Maçonaria é um bloco monolítico ou se há diferenças que possam aconselhar a Santa Fé a uma matização de atitudes em relação à instituição".

Segundo o bispo de Santa Cruz do Sul, o documento emitido no final de 1983 pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé — órgão doutrinário

do Vaticano no qual se dizia que os maçons viviam em pecado, não podendo por isso "aproximar-se da comunhão" — teve seus efeitos reduzidos. "A tensão produzida por aquele documento severo já foi muito aliviada", afirmou.

Isso não significa, ainda, que maçons e católicos possam dividir a hóstia e partilhar o mesmo banco de igreja. "A dificuldade básica já não é a perseguição alegada dos maçons contra a Igreja. Isso pertence à história", diz dom Aloísio Bohn. "A questão principal é a relativização da fé cristã na Maçonaria. A Maçonaria respeita a fé de cada cristão e o incentiva a ser melhor em sua

Domingo, 17 de maio de 1987 — CIDADES — 2.º caderno — A - 29

entender com a Igreja

religião, mas a crença do maçom, genérica, num Grande Arquiteto do Universo, pode relativizar a fé católica, tornar o católico maçom indiferente e frio."

Possíveis aliados

Dom Aloísio Bohn acredita que os maçons possam vir a ser "aliados da Igreja na luta pela emancipação do homem. Interessa-nos saber que cooperação podemos ter nas causas maiores, mesmo com diferenças doutrinárias. Não vejo razão para que, por causas históricas superadas, nós estejamos destruindo em vez de lutarmos juntos por princípios idênticos", afirma.

Para o bispo, as dificuldades atuais

do relacionamento entre Igreja e Maçonaria podem ser resquícios do desencontro ideológico que no fim da Idade Média contrapôs a burguesia emergente à Igreja. "Mas não é o motivo principal, porque mudou a burguesia, mudou a Igreja, o mundo adquiriu nova feição. Os maçons também são sensíveis às mudanças e, como a Igreja, sofrem com a pobreza no Terceiro Mundo, com o sofrimento do homem", disse dom Aloísio. "A Maçonaria, como a humanidade em geral, passa por fases difíceis e estamos aprendendo a entendê-la. Os grupos de boa consciência que tenho encontrado me dão esperança de reconciliação", declarou.



Fabio M. Salles

Welson Teixeira, maçom e advogado

No Brasil existem cerca de 500 mil em atividade

A Maçonaria do Brasil não tem sido invulnerável a crises. Delas surgiu a atual configuração que divide os maçons brasileiros em três principais "potências": o Grande Oriente do Brasil, o Grande Oriente Paulista e a Sereníssima Grande Loja. É o Grande Oriente do Brasil que congrega o maior número de lojas (as unidades menores da Maçonaria) e a maioria dos cerca de quinhentos mil maçons ativos no país.

Há dezenas de ritos nas sessões da Maçonaria, muitos tomados de seitas orientais e irmandades religiosas da Europa medieval, mas quatro deles são os mais comuns em todo o mundo. O Rito Escocês Antigo e Aceito, o Rito de York, praticado na Inglaterra e por muitas lojas em todo o mundo, o Rito Schroder (originário da Alemanha) e o Rito Adorinamita.

As lojas, unidades básicas da Maçonaria onde se reúnem seus integrantes, também têm uma hierarquia. A base são as lojas simbólicas, que reúnem os maçons de graus um, dois e três (o grau máximo a que se chega é o 33); depois seguem-se as lojas de perfeição, frequentadas pelos maçons que atingiram os graus dois a catorze; seguem-se as lojas de capítulo (graus quinze a dezoito); depois vem o Conselho de Kadosh (graus dezenove a trinta); quase no fim da escala está o Consistório, que reúne maçons de grau 31 e 32; e como ponto máximo encontra-se o Supremo Conselho (grau 33).

A poupança do Senhor

A Legião da Boa Vontade cresce depois de Zarur e faz caridade arrecadando milhões de cruzados

Por ter sido criada e haver sobrevivido durante anos à sombra de um líder personalista e carismático, o radialista e místico carioca Alziro Zarur, supunha-se que a Legião da Boa Vontade (LBV) não sobreviveria à morte de seu fundador. Não foi isso o que aconteceu. Desde a morte de Zarur, ocorrida em 1979, a LBV — uma organização religiosa e caritativa de bases cristãs, surgida no Rio de Janeiro, na década de 50, que pretende reunir sob sua bandeira as diferentes igrejas do mundo, tornando-se uma espécie de parlamento mundial da fraternidade humana — experimenta um crescimento vertiginoso. Para as treze "sucursais" (divisões regionais) que possuía na época, há atualmente uma dessas representações em cada um dos 23 Estados e três Territórios do país. Os dois programas diários de rádio que Zarur mantinha ao morrer são hoje 283. Mais: sua pregação ainda é difundida diariamente por 83 programas de televisão. O número de "legionários", adeptos de carneirinha, saltou de menos de 50 000 para mais de 500 000.

A LBV, cuja face mais visível é a manutenção de creches para crianças carentes e a distribuição diária de litros de sopa às populações mais pobres das grandes cidades — a famosa "sopa do Zarur" —, ostenta uma malha nacional de serviços gratuitos capaz de fazer inveja à maioria das instituições do gênero, sempre de pires na mão e às voltas com uma crônica escassez de recursos. Ela conta hoje com 123 creches, que eram só duas em 1979, 66 postos de assistência médico-dentária e farmacêutica, dez cursos profissionalizantes, seis lares de velhinhos, duas escolas de alfabetização, um lar de treinamento agroindustrial para crianças e uma dezena de grupos que saem pelas ruas das grandes cidades socorrendo mendigos e doando alimentos e roupas. "Graças a Deus e à generosidade de nosso povo estamos cres-



cendo — e muito", festeja o também radialista, místico e carioca José de Paiva Netto, 46 anos, sucessor de Zarur e presidente vitalício da LBV.

SAÚDE FINANCEIRA — A maior evidência da vitalidade da LBV, uma entidade que vive exclusivamente dos donativos de seus legionários e simpatizantes, tem sido estampada ultimamente na imprensa internacional. Desde o final do ano passado, três revistas de grande tiragem e prestígio mundial — as americanas *Time* e *Business Week* e a inglesa *South* — já publicaram dez anúncios de página inteira comprados pela LBV, contendo propaganda da entidade e cultuando a personalidade de Paiva Netto. A promoção no exterior custa uma verdadeira fortuna. Paiva Netto garante que cada um desses anúncios sai para ele em torno de 1 000 dólares (algo equivalente a 30 000 cruzados). A revista *Time*, no entanto, informa que cada uma de suas páginas custa 77 000 dólares (o equivalente a 2,3 milhões de cruzados). Não se pode falar na LBV sem mencionar cifras. Só no ano passado, numa demonstração de excelente saúde financeira, ela movimentou 252 milhões de cruzados — quase o orçamento de Aracaju, capital de Sergipe. Gastou 176 milhões de cruzados em assistência social e teve uma sobra de caixa de 76 milhões.

Os dividendos da campanha no exterior parecem ser estimulantes. À sua sede nacional, na Avenida Rudge, 700, em São Paulo, já chegaram 700 cartas dos Estados Unidos, da Europa e mesmo de países da África. Todos se mostram impressionados com a LBV — os anúncios a descrevem como uma entidade educacional, cultural, filantrópica, beneficente, científica, ecumênica e apolítica. "É uma pena que durante toda a minha vida só agora pude ouvir falar em vocês", diz uma carta vinda da Nigéria. "Devo admitir que foi Deus, através de Nosso Senhor Jesus Cristo, que me fez entrar em contato com uma organização como a LBV", diz uma carta de Gana. Todos se dispõem a colaborar, natural-

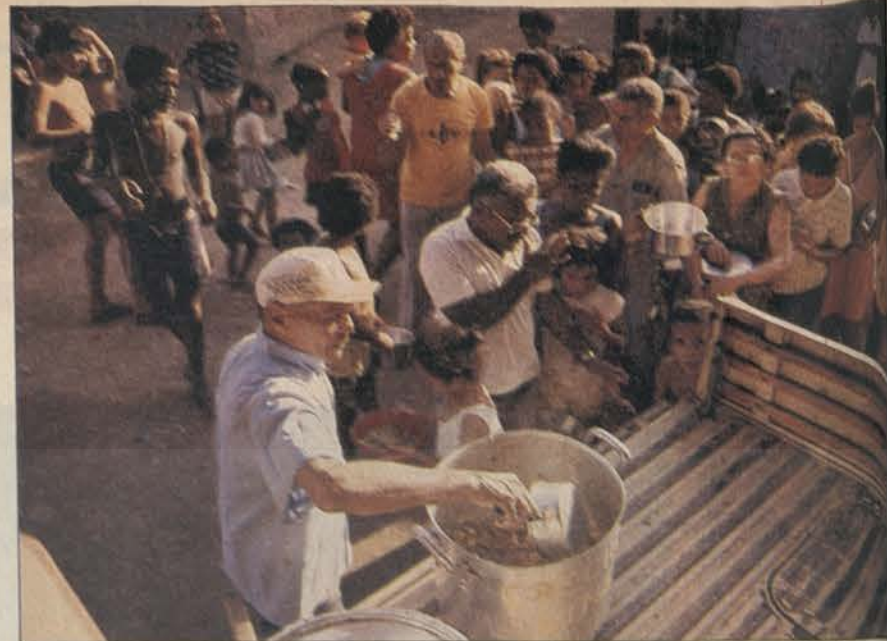
Paiva Netto, o filho Alziro, o quadro de Zarur e as crianças de uma obra social: a LBV avança



mente em dólares, com a obra do "irmão" Paiva Netto. Na sede nacional, o paulista Walter Periotto, responsável pelo Departamento Internacional da LBV, recebe a correspondência e a envia para processamento nos computadores da entidade. "Nenhuma carta fica sem resposta", garante Periotto.

Até o início de 1988, a LBV terá aberto uma sucursal em Nova York, que se somará às outras três filiais já em funcionamento no exterior, em Buenos Aires, Montevideu e La Paz. A expansão internacional era um velho sonho de Zarur. Paiva Netto, porém, com seu estilo empreendedor, a fala fluente e a facilidade para angariar fundos, atributos que o fazem lembrar um daqueles pregadores protestantes americanos, foi quem conseguiu realizá-la. A ele também se deve a depuração da imagem pública da LBV, arranhada por escândalos no final da gestão de Zarur. Em 1976, depois de denunciar uma alteração nos estatutos da entidade que dava ao fundador da LBV a posse dos bens da mesma caso ela fosse extinta — cláusula que, levemente modificada, sobreviveu a Zarur na entidade —, um legionário de Angra dos Reis foi seqüestrado e espancado. Um de seus agressores foi identificado como sendo o secretário-geral e principal assessor da LBV, Aquiles de Andrade, e o carro utilizado na operação como de propriedade de Zarur. No mesmo ano, a LBV era acusada de captar ilegalmente a poupança popular por meio de uma caderneta de poupança que não tinha a devida autorização do Banco Central — mas que oferecia a seus depositantes, além de favores divinos, os mesmos juros e a correção monetária de suas concorrentes legalizadas.

MAPA DA MINA — A primeira medida de Paiva Netto, um carioca do subúrbio de Encantado, casado, pai de seis filhos, o último dos quais chamado Alziro, numa homenagem a Zarur, foi transferir a sede da LBV para São Paulo. "Esse era o outro velho sonho do Zarur", garante o atual presidente vitalício, que antes de ser eleito, por aclamação, foi secretário do fundador da entidade. Era naquela direção, porém, que apontava o mapa da mina. Saem da capital paulista e arredores mais de 50% dos donativos feitos à LBV. A arregimentação de contribuintes é realizada por legionários num trabalho de porta a porta. As pessoas que se dispõem a colaborar recebem um carnê e depositam mensalmente, no banco mais próximo de sua casa, uma importância em dinheiro. Outra modalidade é a contribuição direta, feita nas secretarias das obras sociais da LBV. "Passei de ônibus por aqui, vi as crianças



Distribuição de sopa numa favela carioca: a face mais visível da entidade

brincando e me senti responsável por esta obra", dizia na semana passada a operária Sidnéia Aparecida Afonso, 35 anos, depois de doar 100 cruzados à Supercreche Jesus, que abriga 500 crianças e funciona ao lado da sede nacional, em São Paulo.

Paiva Netto segue literalmente o figurino de Zarur, só que sob sua liderança a LBV passou a ter maior eficiência administrativa e pastoral. A hierarquia da entidade tem hoje 36 departamentos — há até um de esperanto, língua estimulada pelos legionários — e dezenas de subdivisões. O forte de sua pregação continua sendo anunciar a volta de Jesus e lembrar as pessoas das profecias do Apocalipse. A prédica de Paiva Netto não apresenta nenhuma novidade em relação à de outros líderes religiosos

em ação no país, a não ser pela sua ênfase filantrópica. Os grandes atrativos rituais introduzidos por Zarur são hoje de domínio quase todos os seus colegas pregadores. Foi o fundador da LBV, por exemplo, quem criou a famosa "prece do copo d'água". O ouvinte coloca um copo com água ao lado do aparelho de rádio enquanto o pregador está falando. Com isso, o líquido adquire poderes mágicos contra a dor de cabeça, resfriado e até a úlcera. Outro lance ousado de Paiva Netto foi construir em Brasília num terreno de 7 000 metros quadrados, localizado na Asa Sul, o templo nacional da sua entidade. O edifício, de 21 metros de altura, será inaugurado em 21 de outubro de 1989, em comemoração ao décimo aniversário da morte de Zarur.



Sidnéia, um recibo de doação e o anúncio na Time: mostras de saúde financeira



RELIGIÃO

Evangélicos em alta

Os protestantes brasileiros conquistam territórios no rádio, na televisão e na política

Com 33 deputados, eles formam a terceira maior bancada da Constituinte — perdem apenas para o PMDB e o PFL —, enviada a Brasília pela vontade de 1.327.063 eleitores. Mas não se trata de uma representação como as demais. Não dispõe, por exemplo, de um gabinete — para reunir-se, religiosamente às quartas-feiras, na hora do almoço, vale-se do restaurante da Câmara dos Deputados. E é, provavelmente, mais eclética do que qualquer outra: em seu seio irmanam-se esquerdistas históricos, como Lysâneas Maciel, do PDT do Rio de Janeiro, casado pelo AI-5, e direitistas empedernidos, como Fausto Rocha, do PFL paulista. Dos onze partidos que compõem a Assembléia Nacional Constituinte, seis estão representados nessa bancada, onde habitam dezesseis parlamentares do PMDB, nove do PFL, quatro do PDT, dois do PTB, um do PDC e, para desconcerto de muitos dos seguidores de Lula, um do PT: a favelada carioca Bepedita da Silva. A uni-los, acima das divergências partidárias e ideológicas, para a palavra de Deus contida na Bíblia — cardápio invariável de seus almoços semanais. Mas nem nesse particular entendimento é total, pois os 33 deputados, sete dos quais são pastores, pertencem a sete igrejas diferentes. Não parece provável que cheguem a se aglutinar, na Constituinte, em torno de plataformas comuns. Entre eles, a única unanimidade inquestionável é o rótulo que usam: são todos evangélicos.

Na última legislatura, não passavam de uma dúzia. Em poucos anos, portanto, abocanharam gordos espaços — e não apenas no plenário do Congresso Nacional, onde representam os protestantes brasileiros: 7,9 milhões de pessoas, segundo o censo de 1980, ou o dobro disso, na estimativa de um especialista no assunto, o carioca Jether Pereira Ramalho, professor aposentado de sociologia



Deputados evangélicos em Brasília*: a terceira maior bancada

em sua esquerda para a direita: Jayme Pallarin (PTB-SP), Antônio de Jesus (PMDB-GO), Roberto Augusto (PTB-RJ), Salatiel Carvalho (PFL-PE), Eraldo Tinoco (PFL-BA), Manoel Moraes (PMDB-SP), Milton Barbosa (PMDB-BA), João de Oliveira (PFL-RJ), Orlando Pacheco (PFL-SC), Mário de Oliveira (PMDB-MG), Benedita da Silva (PT-RJ) e Sotero da Cunha (PDC-RJ).

gista e autor de um estudo sobre a penetração dos crentes na vida nacional. "Os evangélicos, que há vinte anos eram somente 5% da população brasileira, significam hoje 10 a 12%", supõe Ramalho. A igreja a que ele pertence, a Congregacional, divide a paisagem do protestantismo

brasileiro com um número dificilmente calculável de outras denominações. "Só do ramo pentecostal há mais ou menos umas duzentas", contabiliza o professor.

A perpétua multiplicação das igrejas não constitui mistério. "No protestantismo, a vocação para a seita é congê-

ta", observa outro estudioso, o mineiro Rubem Alves, professor de filosofia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). "É uma coisa bem americana - cada um abre seu ponto para vender seu peixe." O deputado Mário de Oliveira, do PMDB de Minas Gerais, líder da Igreja do Evangelho Quadrangular em seu Estado, atribui essa pulverização ao que chama de "caráter democrático" do protestantismo. "Se um grupo não concorda com os rumos de sua denominação, sai e registra outra em cartório", uma vez que os seguidores de Martinho Lutero não devem obediência a uma Roma. Rubem Alves diz que não é bem assim. Ele acha que a multiplicação se explica pela estrutura do protestantismo, tão rígida que não permite a divergência.

Com a experiência de quem já foi pas-



R.R. Soares e uma "convertida"

tor presbiteriano e hoje experimenta certo desencanto, Alves observa que "a sociologia do protestantismo é igualzinha à dos grupos esquerdistas", que se esfarinham interminavelmente em rachas e cisões, enquanto "a do catolicismo, que sabe manter a unidade, é igualzinha à da direita". Alguns troncos mais tradicionais, como os luteranos, os presbiterianos e os metodistas, desdobram-se com relativa parcimônia. Outros, porém, proliferam aceleradamente - quando não brotam do ar, de uma hora para outra, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos, onde pululam miríades de igrejas, algumas das quais, as chamadas "multinacionais da fé", armam-se de modernos recursos da eletrônica para seduzir fiéis dentro e fora das fronteiras americanas (leia quadro na página 36).

ISTOÉ 27/5/1987



Pastor Nilson Fanini: "Foi Deus quem me deu o canal 13"

Nas pegadas do modelo ianque, o televangelismo vem se implantando firmemente no Brasil, sobretudo através de programas matinais em horários comprados. Como as congêneres do Norte, as igrejas vivem de correr o pires entre os fiéis, e algumas delas são geridas com afiados métodos de administração de empresas. A Igreja Evangélica de Portas Abertas, do Rio de Janeiro, tocada pelo pastor presbiteriano Guilhermino Cunha, gasta 151 mil cruzados na compra de três minutos semanais na Rede Globo, domingo de manhã. Guilhermino, além da Bíblia, tem uma calculadora na mão. "Para atingir um público de 8 milhões de telespectadores, gastamos aproximadamente 0,002 centavo por pessoa evangelizada", estima.

O marketing religioso ganhará im-

pulso considerável nos próximos meses, possivelmente em julho, quando voltar ao ar o canal 13 carioca, a antiga TV Rio. A emissora, agora, pertence a um conhecido pastor batista, o paranaense Nilson do Amaral Fanini, estabelecido em Niterói desde 1964. Dono de um programa semanal de meia hora em 110 estações de TV e em 43 de rádio em todo o país, *Reencontro*, Fanini arrebatou o canal 13 em 1983 - coincidência ou não, quando era diretor do Dentel o atual constituinte Arolde de Oliveira, do PFL fluminese, seu sócio no empreendimento.

"Foi Deus quem deu o canal 13 a Fanini", garante ele próprio com fala mágica, quase sussurrante. Parece ter havido outra ajuda, além da do Todo-Poderoso. Ousado, o pastor conquistara simpatias de peso em agosto de 1982, ao arrastar para uma concentração no Maracanã ninguém menos que o presidente Figueiredo e cinco ministros.

Agradecido, Fanini registrou sua estação de TV sob o nome Radiodifusão Ebenezer, palavra que em hebraico quer dizer "Deus nos ajudou até aqui". Nada mais verdadeiro. Graças à herança recebida por sua mulher, Helga Kepler, o pastor da Primeira Igreja Batista de Niterói controla 22 empresas de equipamentos agrícolas, entre elas a Kepler Weber S.A. Ele se orgulha ao dizer que não preci-



Pastor Lincoln: o verbo divino na pecaminosa Galeria Alaska



ANTONIO AUGUSTO FONTES

Pastor Cunha: 0,002 centavo por ovelha evangelizada



BRENDA SERRANO

Deputado Pacheco: horror à Teologia da Libertação

sou recorrer aos bancos para levantar os 6 milhões de dólares indispensáveis à reabertura do canal 13, que não será exclusivamente religioso e poderá ter seu comando confiado a Walter Clark, o ex-menino-prodígio da Globo. Fanini não mede esforços em seu afã evangelizador. "Se o apóstolo Paulo estivesse vivo", sentencia ele, "estaria usando o microfone e o vídeo para levar a palavra de Jesus".

Para alguns televangelistas, esta convicção parece autorizar um autêntico vale-tudo. É o caso do missionário carioca R.R. Soares, que no programa que leva seu nome, nas emissoras Record do Rio e de São Paulo, exibiu há poucos dias uma ex-prostituta por ele supostamente reconduzida à senda do Bem. A Igreja da Graça, que Soares lidera, funciona há ano e meio na pecaminosa Galeria Alaska, em Copacabana, reduto de homossexuais, prostitutas e drogados, exatamente onde borbulhava o cinema Royal, especializado em filmes pornô e cenas de

sexo explícito na própria platéia. "No princípio, esses irmãos nos procuravam, mas agora são raros", conta o encarregado da igreja, pastor Lincoln Emanuel de Oliveira, referindo-se aos homossexuais da Galeria Alaska. Mas o pastor não está preocupado. "Um dia, todos serão salvos", profetiza. Se isso acontecer, terá sido obra das exortações contidas no folheto *O Fenômeno Gay*, de autoria de R.R. Soares. "Somente um espírito safado, diabólico, pode fazer um homem andar requebrando, falando mole, acariciar outro homem e ainda ter contato sexual com ele", fulmina o guru da Igreja da Graça.

Nem sempre com a veemência de R.R. Soares, todos os pregadores evangélicos, no rádio, na televisão, no púlpito ou no meio da rua, debateram contra a liberação sexual, assim como são unânimes em condenar as drogas e o aborto.



Jimmy Swaggart: arenga teatral

Multinacionais da fé, as produtoras desses programas buscam mercados também no exterior. É o caso do pastor pentecostal Jimmy Swaggart, cujo programa, captado em 9,3 milhões de lares americanos, todos os meses, se espalha por 511 emissoras da América Latina, entre elas a brasileira Bandeirantes. As arengas teatrais de Swaggart - que virá este ano ao Brasil - contra o comunismo, o catolicismo, o aborto, a pornografia e a AIDS carream um lucro líquido de 140 milhões de dólares anuais à

A maioria combate também o divórcio, mas há quem, nesse terreno, distinga diferenças. Habilidade, o pastor Adelino de Carvalho, líder da quarta maior igreja evangélica de Minas Gerais, a Reino dos Céus, acredita que quando um casal se separa é porque Deus não o uniu realmente. "Nem todo casamento pode ser considerado união de Deus", relata Carvalho. Tãmanha complacência seria inadmissível em muitas igrejas, como Assembléia de Deus, assumidamente uma das mais conservadoras do país. Adepto dessa denominação, o conselheiro Matheus Iensen, do PMDB do Paraná, utiliza as ondas das rádios Marumbi, em Curitiba e Florianópolis, de sua propriedade, para combater o cigarro, a bebida e a dança. Não que Iensen não goste de música; ele é um dos cantores evangélicos mais conhecidos do país, com dezeto LPs já lançados por sua gravadora, Estrela da Manhã. Mas nem lhe falem de ousadias como o grupo

organização que ele dirige. Não é muito, perto dos 250 milhões embolsados anualmente pelo pastor Pat Robertson, pioneiro do televangelismo e dono da quarta maior rede de TV do país, a Christian Broadcasting Network.

Recheado de elogios ao governo racista da África do Sul e de ataques aos sandinistas da Nicarágua, o verbo incandescente de Robertson reboia todos os meses de 16,3 milhões de casas nos Estados Unidos - audiência que o faz sonhar, para 1988, com a cadeira onde hoje se aboletava Ronald Reagan. Menos afortunado é seu colega Jimmy Bakker, até recentemente à testa de uma bem-sucedida rede de TV dedicada apenas à religião, a PTL, com 13 milhões de assinantes no sistema de televisão por cabo. Em março passado, soube-se que Bakker tinha um caso com uma ovelha de seu rebanho, secretária da emissora, e ele foi expulso da PTL.

vem Rebanhão, uma espécie de Roupa Nova evangélica, que a Polygram lançou no começo do ano, ou do conjunto de rock Sal da Terra, também do Rio, ainda sem disco, que mistura apostolado e pauleira em letras como esta: "Cristo já! / Ai, curá/não vai vacinar/Jesus está voltando/segura a barra!"

Para pertencer à Assembléia de Deus, os homens não podem usar cabelos compridos ou barba, nem as mulheres maquiagem ou calças compridas. Com indisfarçável satisfação, o líder dessa igreja em Minas, pastor Anselmo Silvestre, conta que 80% de seus fiéis não têm televisão. "Não proibimos", explica, "mas condenamos, porque é uma fonte de iniquidade". Não se trata de um caso isolado de videofobia. Também em Minas, o pastor Raul Lima Neto, da Igreja Batista do Príncipe da Paz, compara a televisão a "uma lata de lixo podre, que contém lá dentro, bem no fundo, embrulhado num saco plástico, um pão bom". Esse "pão bom", ele esclarece, vêm a ser os programas evangélicos - como *A Palavra de Deus*, que ele mesmo anima aos domingos na TV Bandeirantes. Outros pastores encaram com reservas a televisão, mas por motivos bem diversos. O presbiteriano Mozart Noronha, por exemplo, da Igreja Cristã de Ipanema, no Rio, preocupa-se com o que chama de "líderes enlatados" - os pregadores das multinacionais da fé que, "murmurados de toda uma ideologia de dominação, começam a manipular a consciên-



ANTONIO AUGUSTO FONTES

Conjunto Sal da Terra: "rock" pauleira para exigir "Cristo já!"

cia de nosso povo". Noronha, vê-se logo, é um progressista, algo não muito comum entre seus pares, majoritariamente avessos à palavra política.

O suposto apolitismo dos evangélicos se apóia na velha idéia protestante de que o que conta é a salvação do indivíduo. O social, se vier, vem depois. "O protestante não aparece, não se apresenta, não se insere de modo sensível na política, na cultura", observa o pastor presbiteriano Antônio Gouvêa Mendonça, autor de um livro já clássico sobre a inserção dessa religião no país, *O Celeste Porvir*. Há indícios, porém, de que a situação está mudando. O bispo mineiro Adriel de Souza Maria, da Igreja Presbiteriana, esteve recentemente em Cuba e trouxe uma dúvida na bagagem. "Será que o capitalismo é cristão?", indaga. "A partir dos anos 50 desenvolveu-se dentro do presbiterianismo uma forte consciência política", lembra o professor Rubem Alves. Citando um influente teólogo suíço, Karl Barthe, Alves conta que os jovens pastores se puseram, então, "a fazer teologia com a Bíblia de-

baixo de um braço e os jornais debaixo do outro". Este foi, segundo o professor da Unicamp, "o germe do que viria a ser a Teologia da Libertação".

Eis uma idéia capaz de provocar brotoejas num dos mais ativos integrantes da bancada evangélica na Constituinte, Orlando Pacheco, do PFL de Santa Catarina, pastor da Assembléia de Deus. Mesmo falando a título pessoal, ele

afirma que a bancada, em peso, rejeita a Teologia da Libertação. "Se for levado adiante", assusta-se o parlamentar, "esse doutrinamento levará à violência e ao uso das armas". Pacheco, naturalmente, faz parte da porção conservadora do bloco, cujo comando é disputado por Daso Coimbra, do PMDB do Rio de Janeiro, e Fausto Rocha, do PFL paulista. Um dos membros desse grupo, o paranaense Matheus Iensen, sustenta que os evangélicos têm razões bíblicas para jamais se opor ao governo, seja ele qual for: os governantes, explica, são designados por Deus, não podendo, pois, ser contestados. O máximo que se pode fazer contra os eleitos do Senhor é um silêncio crítico. "A tendência dos evangélicos é não se meter em problemas políticos e sociais, porque são problemas do mundo", confirma o pedetista Lysâneas Maciel, pastor da Igreja Presbiteriana e líder da facção progressista da bancada, largamente minoritária. É uma situação que ele vem lutando para reverter. "A preocupação em preparar o indivíduo só para a vida eterna", alerta o deputado carioca, "faz perder a visão do presente". ▲

As vídeo-igrejas americanas

Berço do evangelismo eletrônico, os Estados Unidos têm hoje cerca de quatrocentas organizações produzindo programas e filmes religiosos para a televisão. Nada menos de cem emissoras se consagram exclusivamente a tal tipo de programação. Na sua maioria, essas vídeo-igrejas são financiadas pelos próprios espectadores, através de donativos, mas algumas delas dispõem, também, de ricos patrocinadores. Público é que não falta: dados da Nielsen, empresa de pesquisa de opinião especializada em audiência de TV, mostram que 61 milhões de americanos - dos quais mais da metade têm idade acima dos 50 anos e 66% são mulheres - sintonizam programas evangélicos durante pelo menos seis minutos por mês.



Pastor Raul Lima Neto: "A TV é uma lata de lixo"



Deputado Iensen: cantor que não admite a dança

24-5-87 17

Ex-sacerdote processa dirigentes mórmons

Porto Alegre — Luis Guerreiro/Objetiva Press

PORTO ALEGRE — Autor de denúncias de contrabando de dólares e sua comercialização no mercado paralelo praticadas por membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmon), o ex-sumo-sacerdote Sérgio Ferreira de Lima anunciou estar ingressando na Justiça de São Leopoldo com queixa-crime contra dirigentes da seita, por violação e furto de sua correspondência. Ele pede também a prisão desses dirigentes por ameaças de morte e requer a apreensão de cartas e documentos na sede dos mórmons.

Na representação, Sérgio Lima pede, ainda, que o juiz Josué Guimarães Ribeiro determine a apreensão de um inquérito policial retido há 15 meses, sem andamento, na delegacia de polícia de São Leopoldo, para "evitar o desaparecimento de originais" de uma queixa anterior. Ao revelar que a Igreja Mórmon movimenta, atualmente, 50 milhões de dólares por ano no Brasil, Sérgio Lima informou que existem capelas com fiéis fantasmas. De acordo com Sérgio Lima, líderes da igreja alegam ter número de adeptos superior ao real para construir capelas maiores e assim obter mais dólares enviados pela sede nos Estados Unidos. A sede da igreja, que tem 5 milhões 500 mil seguidores em todo o mundo (100 mil no Brasil), fica em Salt Lake City.

Sérgio Lima pretende processar os dois principais dirigentes da seita no Brasil, o norte-americano F. Burton Howard e o coronel da reserva Hélio da Rocha Camargo, por conivência na sua "injusta expulsão" da igreja em 21 de janeiro de 86, após 21 anos como membro, missionário e, por fim, sumo-sacerdote dos mórmons.

Falsificação — Sérgio Lima contou que, tempos atrás, descobriu que alguns dirigentes de estacas (dioceses) utilizavam fichas de fiéis de outras estacas para aumentar o número de adeptos na sua ala (área) e assim justificar pedidos de construção de igrejas maiores e, conseqüentemente, obter mais dólares (os custos variam de 300 mil a 800 mil dólares por capela). Ele reclamou, mas o então presidente da igreja no país, Duke Cowley, disse-lhe apenas que "no Brasil era assim mesmo". Sérgio Lima aponta como "falsificadores de relatórios, quanto ao número de fiéis, Silvio Gershardt, Lauri Figueiro e Wágner Danda da Silva, este dirigente da estaca de Novo Hamburgo". A capela de São Leopoldo foi "construída por 500 mil dólares, para 500 fiéis, mas tem uma média de 40 adeptos nas cerimônias religiosas".

O ex-sumo sacerdote mórmon aponta Wagner como principal envolvido no roubo e violação de sua correspondência pessoal, o que resultou na expulsão de Sérgio da igreja. Nas cartas, Sérgio Lima sugeria a criação de fazendas, no estilo *kibutz* israelense, para produção de alimentos e empregos aos pobres, mas também criticava dirigentes da igreja por não seguirem alguns princípios dos mórmons. Wagner, segundo Sérgio Lima, foi a única testemunha de acusação, promotor e presidente do tribunal eclesiástico que o expulsou da igreja.



Sérgio, ex-sumo-sacerdote

Na representação à Justiça de São Leopoldo, Sérgio Lima acusa, além de Wágner, o ex-bispo Herbert Morrioni Klein, o bispo Sívio Melo e Paulo Araújo e Manoel Rocha como autores do furto e violação de sua correspondência. Também representou contra seu ex-advogado, Renato Karnal, por "corrupção" e por ter sido "subornado". Por isso Sérgio Lima tem processo, de número 28.286, contra Karnal na OAB gaúcha.

Ameaças — Com as informações e provas que tem o ex-sumo sacerdote calcula que "800 missionários, norte-americanos e brasileiros, traziam 120 mil dólares mensais, em 86, para o Brasil, fazendo operações no *black* em agências de câmbio, no Rio, São Paulo e outras capitais". Um dos acusados por Sérgio Lima de operar câmbio negro, o presidente da missão mórmon no estado, Pedro Brassanini, já negou qualquer irregularidade. Disse que, nos 52 anos de presença dos mórmons no país, nunca houve ilegalidades e que a construção das capelas obedece à legislação brasileira. Ele atribui as acusações de Sérgio Lima ao seu ódio pessoal contra Wagner, devido a sua expulsão da igreja.

Sérgio Lima chegou a registrar queixa na polícia, alegando ter sofrido ameaças telefônicas de Sívio, que nega o fato. "Tenho documentos que provam a manipulação dos dólares no câmbio negro. Desafio os dirigentes da igreja a mostrar os supostos recibos da troca de dólares no câmbio oficial todos esses anos, já que, para toda troca de dólares, é emitido um recibo". Sérgio também ingressará na Justiça trabalhista no Rio de Janeiro com ação contra a igreja mórmon para recebimento do FGTS e PIS e assinatura da carteira pelos 21 anos em que trabalhou na seita, à qual ainda sonha ser reintegrado. "Tenho convicção de que o presidente mundial dos mórmons, Ezra Taft Benson, virá ao Brasil para me fazer justiça, embora ainda não tenha recebido resposta à minha apelação à direção da igreja".

16-6-87 (11)

Entidades espíritas querem incluir 'mediunidade' na nova Constituição

Da Reportagem Local

Entidades espíritas de todo o país, sob a coordenação do Grupo Espírita de Iniciativas Doutrinárias, de São Paulo, estão fazendo, desde o início deste mês, uma coleta nacional de assinaturas em favor da inclusão do "direito à mediunidade" nos dispositivos sobre liberdade religiosa da nova Constituição brasileira. O abaixo-assinado será encaminhado, com a proposta, ao Congresso constituinte, com base no artigo 23 do regimento congressional que assegura o direito dos grupos de pelo menos 30 mil eleitores apresentarem propostas para o novo texto constitucional, com o patrocínio de três entidades legalmente reconhecidas. Os espíritas pretendem, segundo o texto utilizado na coleta de assinaturas, que a nova Constituição garanta o direito de exercício e prática da mediunidade para fins de experimentações científicas, assistência espiritual e tratamento auxiliar por intermédio de

passes.

De acordo com a proposta consti-

tuinte dos espíritas, "a história está repleta de casos comprovados de cura por meio da mediunidade", definida como "a faculdade que todos os seres humanos possuem, de forma generalizada, permitindo o relacionamento entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo". A doutrina espírita define os que possuem essa capacidade como "médiuns", afirmando, também, que "o homem já nasce médium" e que "os fenômenos mediúnicos podem aparecer em determinados períodos da vida". A proposta diz, ainda, que "os médiuns são intermediários dos espíritos, nas curas" e que a mediunidade "é largamente praticada no Brasil, nos centros e grupos espíritas", não havendo como proibi-la ou impedi-la. Enfatiza que "o espiritismo é uma realidade inquestionável no Brasil" e que "a prática espírita vem colaborando para a boa formação da sociedade brasileira". Os espíritas alegam ainda que, na Inglaterra, o exercício da mediunidade "é uma prática legal".

'New age' chega com atraso ao Brasil

29/6/84
FSP

A CBS e a Polygram estão lançando um pacote, com dezesseis LPs, da chamada 'música da nova era', que já foi moda na Europa e nos EUA

CARLOS CALADO
Crítico da Folha

As modas norte-americanas e européias sempre chegam com uma certa demora às periferias internacionais. Mais uma vez a história se repete: com um atraso de pelo menos três anos, os consumidores brasileiros começam a ter a sua disposição uma discografia razoável da chamada "new age music" (música da nova era) — corrente instrumental que já podia ser detectada no final dos anos 70, nos EUA; característica por fundir elementos da música clássica e oriental, do jazz e do rock progressivo e ainda do "folk" contemporâneo. Além de seis LPs que a CBS acaba de colocar nas lojas com músicos de seu catálogo "New Age", a Polygram lança nesta semana um pacote com dez LPs, introduzindo aqui o mais importante selo dedicado a essa corrente, o Windham Hill. Ou seja, também no Brasil, os yuppies e ex-hippies já podem conversar, comer, fazer terapias relaxantes e principalmente dormir ao som suave da "new age".

Embora incluídos nessa mesma corrente, a diferença entre os dois pacotes é grande, a começar das próprias capas dos discos. Os LPs da gravadora Windham Hill chamam logo a atenção pelo projeto visual homogêneo, que sobrepõe fotos de paisagens naturais a fundos em cores sóbrias, numa concepção bastante "clean". Já o pacote da CBS, além de não demonstrar um programa visual único, prima pelo gosto duvidoso: uma flauta cercada por flores e frutas na capa de "Fresh Flute", LP de Steve Kujala (um flautista, naturalmente); desenhos em cores berantes no LP "Innocent", do saxofonista Peter Gordon; ou ainda imagens de dragões proje-

tadas sobre a figura da violonista Liona Boyd, em seu disco "Persona".

"Kitsch" sonolento

Por coincidência, os dois pacotes incluem coletâneas, que podem tanto servir de introdução à "new age" como aos catálogos de ambas gravadoras. Este é o objetivo explícito de "Windham Hill Records Brasil 1987", LP que reúne faixas dos outros nove discos da gravadora, especialmente produzido para o Brasil (estratégia já testada com sucesso nos EUA).

Já "Atmospheres" é uma seleção com "new agers" da CBS, apresentando grupos ainda inéditos por aqui. Nele, pode-se ouvir a "fusion" de melodias fáceis da dupla holandesa Oblique, o clássico popificado do quarteto Sky e o som repetitivo e sonolento do sexteto japonês Apsaras, além do harpista japonês Osamu Kitajima, que também aparece num disco individual, "The Source", recheado de sons orientais. Mas é claro que a verdadeira isca dessa coletânea está nas três faixas executadas pelo harpista suíço Andreas Vollenweider, cujos dois discos recém-lançados no país têm aparecido entre os mais vendidos na pesquisa do Data Folha. A "música" de Vollenweider é o próprio emblema estereotipado da "new age", misturando o recurso apelativo de sons de pássaros à sonoridade "kitsch" de sua harpa eletrificada, para conseguir a óbvia atmosfera telúrica de suas "composições" — pura bobagem sonora.

A sensação de diluição e de "vale tudo" é quase uma constante ao se ouvir o pacote da CBS. O caso mais extremo talvez seja o do quarteto da Califórnia (costa oeste dos EUA) Free Flight. Seu disco "Illumination" traz tanto um pop jazz (a faixa-título) como um "cover" funk da clássica "Take 5" (do saxofonista Paul Desmond); tanto um tema latino ("El Pinero") como uma sonata para piano de Alberto Ginastera. A ex-violonista clássica Liona Boyd não deixa por menos. Sua "new age" vai desde "Labyrinth", um rock "clean" com a participação do guitarrista Eric Clapton até várias melodias de caráter mais erudito com um acompanhamento pop. A breguice estampada na capa de "Persona" não é gratuita.

Mestre-cuca da musak

Se o pacote da CBS mostra um conceito bastante elástico e híbrido de "new age", o da Windham Hill se distingue por uma maior homogeneidade. Para começar, há três discos de virtuosos do violão: "Passage" de William Ackerman, fundador do selo Windham Hill, (leia texto nesta página), "Aerial Boundaries" de Michael Hedges (ambos utilizam violões com cordas de aço) e "Southern Exposure" de Alex de Grassi. O clima geral é sempre de calma e suavidade, numa mistura de referências clássicas, jazzísticas e da música "folk". Já o LP do pianista George Winston, "Autumn" (que já vendeu mais de um milhão de cópias nos EUA), é um claro exemplo de que quanto mais diluída a "new age", mais bem-sucedida comercialmente ela se torna. Winston é o Vollenweider da Windham Hill: um mestre-cuca de melodias insípidas e figuras repetitivas no baixo, que resultam em "musak" travestida de "música pastoral".

Mas fora isso, há outras boas opções nesse pacote, caso de "Vapor Drawings" do multi-instrumentista Mark Isham, um especialista em trilhas sonoras, influenciado pelos minimalistas Steve Reich e Philip Glass (o que transparece em sua concepção orquestral, dominada pelos teclados). Seu LP "Film Music" será incluído no novo pacote do selo no Brasil, em setembro. Também vale conhecer os "steel drums" (instrumento metálico de percussão, originário do Caribe) de Andy Narell, que aparecem em dois discos: em "Live at Montreux", do quinteto Montreux Band (outro especialista em sons híbridos), e em "Slow Motion", seu quarto LP individual, que traz uma original fusão de funk e folk com acento latino.

O pacote se completa com o som "pastoral" do pianista e flautista Scott Cossu no LP "Islands", e a "world music" (música do mundo, outro termo parente da "new age") do sexteto californiano Shadowfax, que no disco "The Dreams of Children" misturam influências africanas, americanas e orientais, inclusive com uma instrumentação bastante incomum.

O traço mais irônico dos dois pacotes está estampado no LP "The Source", do guitarrista Osamu Kitajima. As nuvens da

capa lembram o trocadilho feito pelo pianista Keith Jarrett quando esteve no Brasil, no mês passado, ao dar sua opinião sobre a "new age". Referiu-se a esta corrente musical como "nuage" (nuvem em francês). Uma nuvem passageira.

PACOTE NEW AGE - "Persona", de Lyona Boyd; "The Source", de Osamu Kitajima; "Innocent", de Peter Gordon; "Fresh Flute", de Steve Kujala; "Illumination", do grupo Free Flight; e "Atmospheres", coletânea de Andreas Wollenweider, Osamu Kitajima, e grupos Aporas, Oblique e Sky. Lançamento CBS.

PACOTE WINDHAM HILL - "Passage", de William Ackerman; "Autumn", de George Winston; "Southern Exposure", de Alex de Grassi; "Aerial Boundaries", de Michael Hedges; "Vapor Drawings", de Mark Isham; "Slow Motion", de Andy Narrel; "Islands", de Scott Cassu; "The Dreams of the Children", do grupo Shadowfax; "Live at Montreux", Darol Anger-Barbara Higbie Quintet; e "Windham Hill Records Brasil 1987", coletânea com faixas das nove LPs anteriores. Lançamento Polygram. Preço médio de cada LP: Cr\$ 220,00.

Carpinteiro deu o impulso inicial à música "relax"

Muito antes que o termo "new age" fosse criado, um carpinteiro e violonista chamado Willian Ackerman deu o impulso inicial a essa verdadeira febre de música "relax" dos anos 80. Nascido na Alemanha, ele mudou-se para a Califórnia, costa oeste dos EUA, em 1958, aos nove anos. Tentando gravar seu primeiro LP, em 1976, teve uma idéia: pediu a sessenta pessoas que lhe dessem cinco dólares em troca de uma cópia de seu disco ainda não-gravado. Ali nasceu "The Search of the Turtle's Navel" e uma nova gravadora, a Windham Hill Records.

Com um som diferente, que mais se definia pela negação — não era clássico, jazz, nem "folk", embora utilizasse elementos de todos esses gêne-

ros — a Windham Hill foi se estruturando como uma gravadora especializada em veicular um tipo de música só depois chamado "new age". E de uma maneira completamente "alternativa": propaganda boca a boca, mala direta e postos de venda em lojas de produtos naturais. Ackerman cuidava pessoalmente da seleção de músicos, enquanto que sua mulher, a designer Anne Robinson, respondia pela concepção gráfica dos discos.

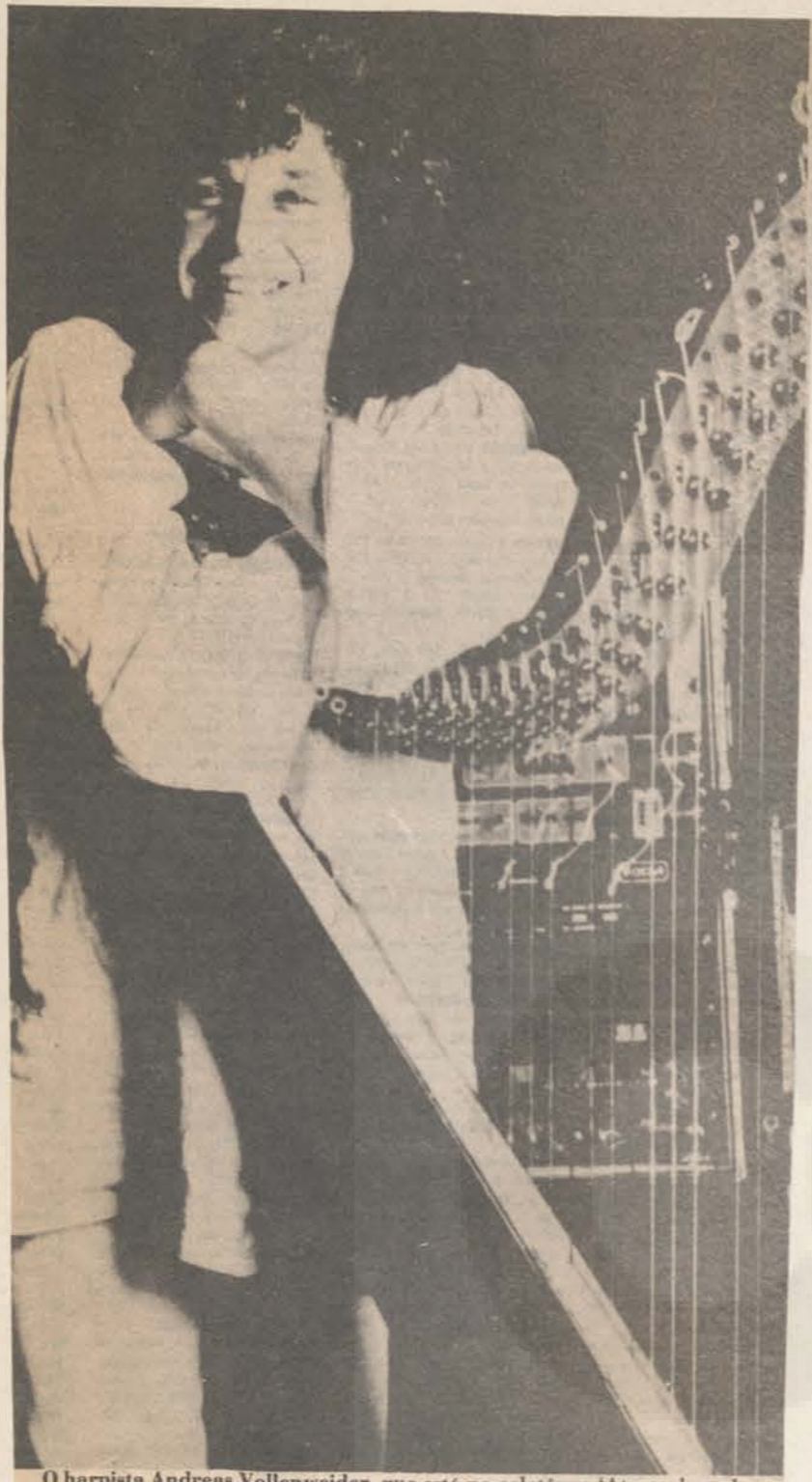
Há quem veja uma certa similaridade da Windham Hill com a gravadora ECM, criada em 70, pelo alemão Manfred Eicher. Comparar a "new age" de Ackerman e seus afilhados com o jazz contemporâneo dos pupilos de Eicher pode levar a uma definição bastante clara da Windham Hill: a ECM do sono.



O multi-instrumentista Mark Isham, especialista em trilhas sonoras



George Winston, pianista, um recordista de vendas com o LP 'Autumn'



O harpista Andreas Vollenweider, que está na coletânea 'Atmospheres'

Mappin
abc apresenta

TITãs
BETO GUEDES
SANDRA SÁ
CAPITAL INICIAL

JUNTOS NO MAIOR SHOW JÁ REALIZADO NO ABC

ESTÁDIO JAÇATUBA - DIA 5 DE JULHO ÀS 11 Hs.
TROQUE UM AGASALHO POR UM INGRESSO
NOS POSTOS ABAIXO:

• Promoção Social - S. André-R. Gertrudes de Lima 470 • Posto - Mercado Municipal Central S. Bernar
• Serviço Social - S. Caetano-R. Marechal Deodoro 1111 • Fundo Social de Diadema - Paço Municipal • P
moção Social de Mauá-Av. D. José Gaspar 101-Centro • Promoção Social de Ribeirão Pires-R. João Dua
56-Centro • Assoc. Pró-Integração Social APIS - Rio Grande da Serra-R. Prof. José Carlos Carlson 22
Mappin
abc - R. Caminho do Pilar s/nº

Apoio: Diário do Grande ABC - 97 FM e Globo FM
Promoção: Fundo de Assistência Social das Prefeituras do ABC - E.C. Santo Andr

ESMALTES E BRILHANTES
RISQU
ÚLTIMA APRESENTAÇÃO

Simone
Amor e Paixão

DEVIDO AO GRANDE SUCESSO, SIMONE
EM MAIS UM SHOW EM SÃO PAULO.
DIA 3 DE JULHO ÀS 21 HS.

Ingressos à venda no local
na GOSTAR DAN
Av. Paulista, 807 - 14º a

O violonista Willia

Os deputados de Deus

O bloco dos evangélicos agita a Constituinte e rivaliza com a CNBB na defesa de suas teses de fé

Até recentemente, uma única força de fé influenciava de forma hegemônica a vida institucional brasileira: a Igreja Católica. Bispos e padres ajudavam a eleger políticos e desaconselhavam seus fiéis a votar em candidatos que contrariassem suas teses. Agora, num momento decisivo da vida nacional — o da elaboração de uma nova Constituição —, aparece uma outra vertente de fé: a dos evangélicos, nome que a si dão os adeptos das mais de cinquenta diferentes igrejas protestantes espalhadas pelo país. Ao contrário da Igreja Católica, que ao longo dos séculos se tem especializado em atuar diretamente no comando político, como quando precisa conseguir verbas públicas para suas escolas ou vistos de permanência para missionários estrangeiros, eles elegeram 34 deputados federais, embora somente 22 sejam considerados ideologicamente coesos. Mesmo assim, os evangélicos formam hoje a quarta maior bancada da Assembléia Constituinte — atrás apenas do PMDB, PFL e PDS — que fecha questão na condenação do aborto, jogo, pena de morte, homossexualismo, pornografia e defesa da existência de uma censura de costumes na TV e no rádio.

Eles não têm levado suas bases para as galerias do Congresso Nacional como fazem outras correntes de opinião, mas se infiltraram de maneira ruidosa em duas comissões da Constituinte: a da Família, Educação, Ciência e Tecnologia e Comunicação, onde conseguiram doze lugares entre seus titulares, e na de Soberania e Direitos do Homem e da Mulher, onde colocaram sete deputados. A meta de seu apostolado parlamentar é esta: a Carta Magna de uma nação deve basear-se na carta magna de Deus aos homens, que é a Bíblia. "Tudo o que for louvado ali deve ser praticado, tudo o que for condenado ali deve ser proscrito", proclama um dos líderes do grupo, o deputado e

pastor Antonio de Jesus, do PMDB de Goiás. Ainda que não conseguisse emplantar uma única sugestão de sua autoria, Jesus já deixou sua marca na Constituinte. Ele conseguiu que o regimento interno da Assembléia mande abrir sempre uma Bíblia sobre a mesa dos trabalhos.

LOBBY EVANGÉLICO — Inibidos pela tradição católica brasileira, que o Censo de 1980 diz englobar mais de 105 milhões de fiéis, os evangélicos teriam menos de 8 milhões de seguidores no país segundo o mesmo levantamento. Avessos às questões políticas, contavam com dez representantes dispersos no Congresso Nacional, na legislatura anterior, que jamais atuaram em bloco. Nas vésperas do pleito que elegeria os representantes à Constituinte, porém, compreenderam a importância do momento histórico e mudaram de idéia. Em alguns Estados, como em Pernambuco, lançaram até um livro de orientação aos fiéis intitulado *Irmão Vota em Irmão*. Resultado: o próprio presidente José Sarney considera o lobby evangélico "um dos fatores mais relevantes da atual Constituinte". O discurso que o grupo introduziu, repleto de citações bíblicas, impressionou até o presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães. Na semana passada, ele ilustrou uma entrevista ao *Jornal do Brasil* com citações "dos capítulos 26 e 27" da Epístola aos Romanos, de São Paulo. Só que o doutor Ulysses parece conhecer melhor a literatura política do que os manuais religiosos: a Epístola aos Romanos simplesmente não tem capítulos 26 e 27 — eles são apenas dezesseis. "Depois que estive com os evangélicos, tomei um banho bíblico, eles me deram até a fórmula (a origem bíblica) da Aids", diz o deputado.

Na Assembléia Constituinte a população católica brasileira não conta com uma representação proporcional à sua força porque a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), sua entidade mais representativa, cometeu um erro tático: em vez de eleger deputados, preferiu atuar junto às bases de cada Estado, no sentido de mobilizar políticos de todos os partidos em defesa de suas teses. "Os católicos estão tendo uma atuação apagada", constata o deputado



Dom Ivo e os bispos gaúchos: críticas à Constituinte



Deputado Jesus: a Bíblia no regimento interno

Luciano Jesus. Além disso, a opção preferencial pelos pobres fez com que as causas que a CNBB advoga em função dessa doutrina — as reformas agrária, urbana e tributária, a estabilidade no emprego e a defesa das minorias, sobretudo dos índios — possam ser representadas por deputados de esquerda, não necessariamente católicos. "Abandonei a Igreja Católica porque passei a me sentir mal dentro dela", diz Antonio Loreto Lins, 61 anos, dono de uma fazenda de 100 alqueires na região do Vale do Ribeira, em São Paulo, que acaba de ingressar na Igreja Evangélica O Brasil Para Cristo. "Acho um absurdo que bispos e padres defendam a reforma agrária até em terras produtivas e falem cada vez menos em vida sobrenatural, em Jesus."

FIGURINO ORTODOXO — Advogado da estratégia da CNBB, o deputado católico Flávio de Arruda Sampaio, do PT de São Paulo, ligado às comunidades eclesiais de base, um dos raros parlamentares que devem a maior parte de seus votos a seu vínculo religioso, oferece uma versão diferente. "A Igreja Católica é uma instituição pluralista", diz ele. "Há católicos mais conservadores e progressistas do que a CNBB. Como instituição pluralista, a Igreja não pode impedir que essas pessoas expressem seus pontos de vista." Prelados que gostam de ver a CNBB mais voltada para o terreno espiritual, como o arcebispo de Aracaju, dom Luciano Cardinal Duarte, não concordam. Na última assembleia geral da entidade, realizada em Itaipava, no interior de São Paulo, ele alertou seus colegas para a vantagem parlamentar dos evangélicos e defendeu a legitimidade de os diversos segmentos de uma sociedade, inclusive os correntes de fé, enviarem representantes a uma Assembleia Constituinte. Dom Luciano e outros bispos de sua linha não entendem a indiferença da CNBB pelo fato de a representação evangélica ser majoritariamente oriunda das chamadas igrejas pentecos-

tais — facção que deve seu nome ao Dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo teria aparecido aos apóstolos na forma de línguas de fogo — que constituem o que há de mais conservador em matéria de religião. Pelo figurino ortodoxo dos evangélicos pentecostais, eles não podem dançar, nem fumar, nem beber. Também não devem usar roupas de banho, lêem quase que exclusivamente livros religiosos, rezam pelo menos duas vezes ao dia e entre-

gam ao templo a que estão ligados o dízimo — 10% de seus rendimentos mensais.

O fato é que a CNBB escolheu outra via para influenciar a Assembleia. Criou uma Comissão de Acompanhamento à Constituinte com um objetivo elementar: colocar os deputados simpáticos a suas causas, católicos ou não, a par das pretensões da cúpula eclesial brasileira. Com esse objetivo, a CNBB já promoveu quatro reuniões a que compareceram em média trinta parlamentares. O grupo é heterogêneo: dele fazem parte até representantes do PCB, como o deputado Augusto Carvalho, do Distrito Federal, e do PC do B, como o deputado Aldo Arantes, de Goiás. "Não se trata de fazer lobby, de pressionar a ferro e fogo para que nossos princípios sejam aceitos e incorporados ao novo texto constitucional", avisa o padre Virgílio Uchoa, coordenador da comissão. "Afinal, a sociedade não é só de católicos e não queremos substituir a Constituinte."

INICIATIVA POPULAR — Segundo o padre Uchoa, o propósito mais alto da CNBB é o de levar o povo a se mobilizar e apresentar suas reivindicações. Com essa finalidade, a comissão da entidade envia um boletim diário sobre o que está ocorrendo na Assembleia Constituinte a 250 dioceses e a duas centenas de rádios e jornais católicos do país. De posse dessa munição e sob a assessoria de seus respectivos pastores, paróquias, comunidades eclesiais de base e movimentos católicos leigos aprenderam a usar corretamente o instrumento regimental da "iniciativa popular", que assegura a grupos de 30 000 cidadãos o direito de apresentar projetos de emenda à nova Constituição. A estratégia foi avalizada pela última assembleia da CNBB, realizada em Itaipava. Existe um prazo para isso: os eventuais acréscimos precisam ser apresentados no período de trinta dias que se seguirá à publicação da nova Constituição.

Há duas semanas, dezesseis bispos gaúchos, sob a li-

As teses de cada um

	 CNBB	 EVANGÉLICOS
 ABORTO	CONTRA com restrições- Condena, mas considera a punição dispensável em caso de estupro ou risco de vida da mãe.	CONTRA - A Constituição deve considerá-lo crime em nome do preceito bíblico "não matarás".
 DIVÓRCIO	CONTRA - A Igreja Católica não aceita a dissolução legal do casamento em nenhuma hipótese.	A FAVOR - É admissível, mas só em situações especiais, como, por exemplo, no caso de adultério.
 CENSURA	CONTRA - Apesar de jogar todo o seu peso para a proibição de certos espetáculos, se diz contra a censura.	A FAVOR - O Estado deve censurar na TV, e no rádio o que atentar contra a moral e os bons costumes.
 HOMOSSEXUAIS	A FAVOR com restrições- A prática é condenada pela Bíblia, mas as leis humanas não devem discriminá-la.	CONTRA - Consideram perversão e falta de vergonha. A Constituição não deve referir-se ao tema.
 PLANEJAMENTO FAMILIAR	CONTRA - Nenhum Estado tem o direito de determinar quantos filhos seus cidadãos podem ter.	A FAVOR - Deve ser promovido, mas sem a utilização do DIU, método que consideram abortivo.
 REFORMA AGRÁRIA	A FAVOR - Para dar a todos o direito à terra, vale desapropriar até o latifúndio produtivo.	A FAVOR com limites- É lícita, mas tem de respeitar o direito de propriedade e o latifúndio produtivo.
 GARANTIAS INDIVIDUAIS	A FAVOR - Estão acima dos interesses do Estado. O cidadão tem amplo direito de defesa.	A FAVOR com restrições- O bem comum prevalece sobre os direitos individuais. Há limites para o habeas-corpus.
 CASAIS NÃO CASADOS	A FAVOR - São ilegítimos perante a lei de Deus, mas têm de ser amparados pelas leis humanas.	A FAVOR - O Estado deve proteger os milhares de casais brasileiros não unidos legalmente.
 ENSINO RELIGIOSO	A FAVOR - A escola pública tem de ensinar a religião, respeitando sempre o credo de cada um.	A FAVOR - Precisa existir, compreender a liberdade de reunião para oração e ser facultativo.
 JOGO	CONTRA - Sua liberação traz a desagregação da família e subverte a formação do indivíduo.	CONTRA - Afronta o preceito bíblico segundo o qual temos de ganhar o pão com o suor do rosto.
 PENA DE MORTE	CONTRA - A Igreja puniu com a morte na Inquisição, mas hoje é categoricamente contra a pena capital.	CONTRA - Fecham questão neste ponto e afirmam que só Deus pode tirar a vida de uma pessoa.

derança de dom Ivo Lorscheiter, ex-presidente da CNBB, reuniram-se na cidade de Erechim, a 360 quilômetros de Porto Alegre, para discutir a estratégia e aprofundar o debate em torno das teses da Igreja. Dom Ivo está descontente com o que se passa em Brasília. "Lamentamos profundamente o rumo que o processo constituinte está tomando", disse ele na missa solene do encontro. "Os primeiros dados revelam tendências pouco comprometidas com as justas aspirações populares." As propostas da Igreja tratam da questão da família, da ordem



O almoço dos evangélicos: orações e passagens bíblicas

econômica e social, dos direitos humanos, da liberdade de credo e da educação religiosa. Trocadas em miúdos e inscritas no cabeçalho de quatro listas distintas que correm o país, elas defendem a reforma agrária, a indissolubilidade do casamento, a proteção à família legal e de fato, a primazia do trabalho sobre o capital, os direitos humanos, a proibição da tortura, o direito de as escolas particulares sem fins lucrativos — ou seja, as da própria Igreja — receberem verbas públicas. Um dos signatários da lista contendo a última reivindicação foi o gaúcho Felício Jacob Lunkes, católico, professor de Inglês em Porto Alegre. Ele deu sua adesão na segunda-feira passada à proposta de emenda constitucional da CNBB sobre educação. "Queremos garantir o direito de as escolas particulares continuarem a proporcionar um bom ensino", defende Lunkes.

RECURSOS CÊNICOS — Existe uma igreja protestante que se encontra na mesma situação da Igreja Católica, ou seja, não



Lunkes: adesão à lista pela subvenção à escola privada

tem uma representação parlamentar na Constituinte. Trata-se da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, com sede no Rio Grande do Sul. Tradicional aliada da Igreja Católica na defesa de causas de cunho político e social, sua liderança também trabalha na coleta de assinaturas para propostas à Constituinte, uma das quais pretende criar o serviço civil patriótico, como alternativa para o serviço militar obrigatório. "O país tem de proporcionar aos jovens que se recusam a sentar praça por motivos de consciência ou de ordem religiosa uma participação substitutiva", argumenta o pastor Silvio Schneider, secretário de comunicação da Igreja.

O deputado João de Deus, eleito pelos evangélicos gaúchos, não teve durante a campanha a menor penetração entre os luteranos. Conclusão: perderam a chance de ter na Assembléia um advogado de amplos recursos cênicos. Aos 44 anos, 26 dos quais dedicados à polícia, sem nunca haver atirado num bandido apesar das inú-



Pastor Schneider: reivindicações na mesma trilha da CNBB

meras prisões que realizou. João de Deus costuma chorar cada vez que condena o aborto. "Fiquei ainda mais triste ao assistir a um filme mostrando um feto de 3 meses de gestação, ainda cego e surdo, fazendo-o crer na Bíblia, e não lha que o despedaça", informa o deputado. João de Deus é o típico parlamentar evangélico consagrado pelo povo. Com mais de 50 000 votos, ele foi o deputado mais votado do PDT gaúcho, sem nunca haver participado de qualquer militância partidária. Pelo menos uma vez por semana, João de Deus

participa de um almoço com os colegas de bancada no Anexo 4 da Câmara dos Deputados, a que comparecem de dez a vinte parlamentares. A conversa gira em torno do que eles têm em comum: a convicção religiosa. "Rezamos, lemos passagens bíblicas e refletimos sobre nossos atos", descreve o deputado Arolde de Oliveira, do PFL carioca.

ÓTICA PIETISTA — Do almoço não costuma participar o deputado evangélico Maciel, do PDT carioca, um evangélico que chegou à Constituinte com os votos da esquerda de seu Estado, boa parte dos quais sem cor religiosa. Maciel é um duro crítico de seus irmãos de fé. "A maioria dos deputados evangélicos só se preocupa com a salvação individual, com a vida eterna e se isola dos problemas mundanos", constata ele. "Fechados na solidão de sua fé, numa ótica pietista, passam ao largo dos problemas sociais. Sabem a Bíblia de cor e salteado, mas não sabem como aplicá-la fora do discus-

sonalista de defesa de teses comportamentais." A acusação de Lysaneas fere deputados evangélicos. "É mentira não nos preocupamos com os problemas sociais", rebate Oliveira. "Temos programas de assistência social como esses programas para reformar o indivíduo, fazendo-o crer na Bíblia, e não a revoltá-lo." A verdade é que, apenas o deputado de todo o barulho e movimentação, as correntes de fé apresentam até agora um balanço negativo na sua balança de propostas constitucionais. Por ter como pano de fundo um discurso eminentemente moralista, o revés dos evangélicos aparece de forma mais condão. Na questão do aborto, eles consideram não haver perdas nem ganhos. O assunto está fora do texto constitucional enquanto e tudo indica que será tratada apenas pela legislação ordinária. Na questão do divórcio, a emenda que o limi-



ta a uma única vez foi derrotada, prevalecendo o texto do relator, que diz: "A lei limitará o número de dissoluções da sociedade conjugal". Da mesma forma, os evangélicos amargaram derrota no seu projeto de institucionalizar a censura na TV e no rádio. Finalmente, viram naufragos seu projeto de evitar que a nova Constituição proteja os homossexuais. Predominou o parecer do relator, que afirma: "Ninguém será privilegiado ou prejudicado em razão de comportamento sexual". Embora malsucedidos em sua primeira intenção na Assembléia Constituinte, destinada a produzir leis para os homens, os evangélicos estão satisfeitos com o próprio desempenho. Para eles, foi importante marcar a presença de sua fé, principalmente por saberem que muita água ainda vai rolar. Algumas das teses que advogam voltarão à tona na votação definitiva, em plenário, ou seguirão sendo debatidas mesmo depois de promulgada a nova Constituição.

Um radical com oposição dentro de casa

Todos os parlamentares do bloco evangélico são radicalmente contrários à legalização do aborto, mesmo nos casos de estupro e de gravidez de alto risco, permitidos pela legislação vigente. Até aí nada de surpreendente. O deputado evangélico Altomires Sotero Cunha, do PDC carioca, porém, é capaz de apresentar argumentos inteiramente originais para a condenação dessa prática. "Durante meu curso de bacharel em Direito, aprendi com o professor de Medicina Legal que a mulher tem contrações com as quais pode se defender do estupro", teoriza Cunha. "Se ela retrair, se fe-

mulher." Cunha também sustenta que a legalização do aborto no caso de gravidez de alto risco é uma bomba de efeito tardio: "Amanhã um médico amigo acaba atestando que a mulher corre risco de vida e a lei, que abriu apenas uma porta, passa a ter uma grande porteira."

PÉSSIMA ACOLHIDA — Estreante na política aos 61 anos, Cunha é há 25 ministro da Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Elegeu-se deputado prometendo aos eleitores defender exatamente as mesmas teses que apresenta na Constituinte. Na sua cruzada contra o aborto, porém, falta-lhe o apoio da esposa, Kesia, 41 anos, com quem se casou há cinco anos após separar-se da primeira mulher. "Meu marido é muito radical na luta que empreende contra o aborto", pondera ela. "Há casos em que essa prática deve ser aceita e permitida." Kesia, que tem dois filhos homens com Cunha, também deixa clara sua divergência com o marido quando ele diz que seria contra o aborto mesmo na hipótese de uma filha sua ser estuprada. "Apesar de toda a fé em Deus, se isso acontecesse comigo, eu própria não hesitaria em abortar", argumenta ela.



Cunha, Kesia e os filhos: contra o aborto

char, a relação fica impossível." Na Assembléia Constituinte, quando sua colega Eunice Michillis, do PFL amazonense, lhe perguntou, perplexa, se a mulher seria capaz de evitar o estupro mesmo com um revólver ou uma faca apontada para a cabeça, ele respondeu: "Bem, pode perder a vida, mas evitar o estupro". O deputado acredita que, nesse caso, "a mulher morrerá com honra".

Outra pérola do pensamento de Cunha é que o estupro só acontece com a co-responsabilidade de suas vítimas. "São mulheres geralmente descuidadas, que andam em lugares ermos, por onde passam maus elementos", argumenta o deputado. "Além disso, o modo de trajar é muito importante, pois pode trazer motivação sexual. Há trajes que deixam o homem tentado a seduzir a

O aborto ficou de fora da nova Constituição, como queriam os adversários de Cunha, e será tratado pela legislação ordinária, mas uma coisa é certa: as teses do deputado têm péssima acolhida entre as mulheres. "Esse senhor é uma coisa horrível, deve ser louco", reage a carioca Ana Maria Duarte, a "Ana Coragem", que se notabilizou no ano passado por ter ido à polícia e aos jornais denunciar o motorista de táxi que a estuprara, conseguindo com isso mandá-lo para a prisão. "Suas afirmações são uma ofensa à consciência de toda mulher." Zuleika Alambert, presidente do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, não deixa por menos. "Esse deputado tem uma atitude calhorda", diz ela. "Como uma mulher pode resistir a revólveres e a facas?"

O joio e o trigo

LYSÂNEAS MACIEL

3/1/17

Em função dos acontecimentos recentes que envolveram os evangélicos na Câmara, e da divulgação, pela imprensa, de fatos isolados que informam de maneira incompleta o que se passa, cumpre esclarecer algumas questões no sentido de propiciar o entendimento mais amplo do problema.

Em primeiro lugar é necessário informar que há diversidades significativas entre os grupos que se denominam evangélicos. Dizemos isto não só no sentido de acentuar as diferenças ou firmar separações, mas para tornar mais clara a situação real da bancada recentemente eleita. Há divergências teológicas no que tange à cristologia, à santificação e à doutrina do Espírito Santo; há acentuadas discordâncias políticas entre os grupos conservadores, os tradicionais e os progressistas; e existem significativas diferenças históricas: denominações mais diretamente ligadas aos movimentos da Reforma (metodistas, batistas e presbiterianos) e aqueles mais conhecidos como pentecostais, de origem mais recente, principalmente os da Assembléia de Deus e da Congregação Cristã no Brasil. Isto para citar rapidamente.

Em função disto convinha ressaltar alguns itens que são prioritários, do nosso ponto de vista, para fundamentar a ação parlamentar que tenha condições de contribuir para o reforço da posição cristã na Constituinte e no Congresso.

1. A participação popular — Tor-na-se cada vez mais importante, para o grupo chamado progressista, o problema da emancipação e da representatividade popular. A leitura que fazemos do Evangelho não deixa margem a dúvidas quanto ao significado de todo o texto sagrado, tanto do

Velho como do Novo Testamento, em relação aos oprimidos e os despossuídos. O compromisso dos profetas do Velho Testamento com aqueles que eram vítimas do abuso dos poderosos é inequívoco. A frase tão conhecida: "Ouvi o clamor do meu povo", na concepção do profeta não significava somente a salvação de almas, mas a necessidade de afastar a opressão e a exploração. Vários estudiosos do protestantismo latino-americano chamam a atenção para o fato de que seus seguidores não conseguiram distinguir a mensagem do Evangelho daquela do "american way of life". Portanto não deve causar muita estranheza as ligações de boa parte do protestantismo com aquela dos missionários, conservadora e ao mesmo tempo defensora dos pressupostos capitalistas.

Na concepção de vários teólogos contemporâneos (e o protestantismo europeu e o americano produziram vários) a trajetória do Cristo implica a luta concreta contra todas as formas de denominação. A cena do Juízo Final enumera dados que não podem ser confundidos com caridade pura e simples, ou mesmo esmola, mas sim a superação de situações de abuso de poder, de pauperização e de miséria. Não podemos, pois, concordar com a subcomissão covarde face aos poderosos. Em certo sentido, pode-se dizer que os conservadores e tradicionais têm confundido com frequência autoridade com poder, matéria sobejamente discutida pelos pensadores protestantes desde a Reforma até os dias de hoje. Não há espaço aqui para esta discussão mas basta apontar para o fato, lamentavelmente comum, de um tirano qualquer assumir o poder. O que falta à atual reflexão dos conservadores é a distinção entre poder e autoridade.

cer o fato de que, em determinado momento de sua história algumas Igrejas se esqueceram de sua missão social, econômica e humana. Digo isto não para recusar para mim a classificação de homem de esquerda, que aceito com honra, mas para evitar as distorções que uma simplificação excessiva possa, como é o caso específico, obscurecer a compreensão do fenômeno religioso em todas as suas implicações e matizes. Repito que o conhecimento da religiosidade requer maior refinamento e cuidado, uma vez que trata da busca da compreensão e do sentido da própria existência. Queiram ou não reconhecer, a religião tem sido, através dos séculos, a forma mais bem-sucedida em fornecer sentido e significado à existência dos vastos setores populares, por mais tempo. Não é, pois, com uma simples penada que o intelectual de qualquer extração pode classificar ou excluir o universo religioso de suas preocupações.

2. As tentativas de cooptação — É óbvio que existem em curso, no momento, tentativas por parte do governo, de cooptação dos evangélicos no Congresso. Está em processo acelerado a política da troca de cargos por favores para sensibilizar os fisiologistas de quaisquer matizes. Como somos um grupo de certo peso é compreensível que o governo faça esforços para conseguir adesões, e nesta direção as medidas de caráter moralista são as que mais sensibilizam determinada tendência no interior de nosso grupo. É preciso então, estar atento para não permitir compromissos que poderiam acarretar arrependimentos posteriores.

Além disto, alguns sociólogos e antropólogos da religião têm denunciado frequentemente certas organizações internacionais, como a seita do rev. Moon (o coreano que está sempre às voltas com o fisco americano) que não só invadem a América Latina, como financiam organizações religiosas para assumirem posições conservadoras, como a Causa, por exemplo. Tudo isto como a falaciosa bandeira de que são apolíticos e que cuidam das questões do espírito e da alma. Nada mais propício, portanto, para a implantação de uma prática política conservadora. São sobejamente conhecidos os grupos internacionais que despejam milhares de dólares para impedir o avanço das posições progressistas e inovadoras.

3. A caracterização equivocada — Cremos que, de maneira proposital, várias declarações são feitas à imprensa (através de entrevistas e de artigos) no sentido de colocar as divergências existentes entre os evangélicos como sendo um conflito a mais entre esquerda e direita. Nada mais equivocado e maliciosamente intencional. Só é feita para obscure-

Assim, não podemos aceitar este empobrecimento de caracterização porque na verdade aqueles que o fazem propiciam a insinuação de que alguns de nós não somos evangélicos, não somos cristãos. Mais uma vez na história da Igreja, alguns setores, principalmente aqueles ligados ao poder, querem determinar quem são os "salvos" e quais são os "pecadores". Com isto queremos repudiar, com veemência a tentativa de exclusão dos setores progressistas quando se trata de descrever o que são e quem são os evangélicos e, principalmente, minimizar os efeitos do que dizem em nome, também, da Igreja evangélica.

LYSÂNEAS DIAS MACIEL, 59, advogada e líder evangélica, é deputada federal (PDT-RJ).

Maçonaria considera Quércia um 'mau' adepto da entidade

Da Reportagem Local

O governador de São Paulo, Orestes Quércia (PMDB), 48, filiado à loja maçônica "Independência" — na rua Campos Salles, em Campinas (98 km a noroeste de São Paulo) — disse à Folha, na última sexta-feira, que mantém contatos permanentes com a Maçonaria de todo o país, através de seu assessor especial para assuntos maçônicos, o campineiro Diede Loureiro. Segundo Quércia, esses "discretos entendimentos" têm sido "muito úteis" para as ações de seu governo. O governador ocupa o segundo grau da hierarquia maçônica, o de mestre (tendo passado cerca de três anos no primeiro grau, o de aprendiz) e, se tivesse frequentado regularmente a sua loja, nos últimos catorze anos, já poderia ter sido promovido ao grau de companheiro, o mais elevado na ordem maçônica.

O governador negou que esteja providenciando a sua transferência da loja de Campinas para a loja "Voluntários da Pátria", no bairro de Santana (zona norte paulistana), afirmando que "a 'Independência' sempre foi a sua loja e nela vai continuar. Considerado um "mau maom" na Grande Loja do Estado de São Paulo — por não frequentar com assiduidade as sessões semanais de trabalho —, Quércia disse que na época de sua iniciação ao grau maçônico de "aprendiz", em 1973 (levado por seu tio, José de Guimarães França), costumava ir à loja "com mais regularidade", mas "as atividades políticas" impediram sua presença mais frequente no templo em Campinas.

A ficha do mestre Orestes Quércia, guardada nos arquivos da Grande Loja, o considera "irregular" por causa da repetida ausência nas reuniões e celebrações da "sublime

ordem", como é conhecida a Maçonaria entre os seus filiados. O governador nega, porém, que tenha "adormecido" — se desligado da prática maçônica, na linguagem da instituição — e afirma que a própria Maçonaria considera que ele está "em permanente atividade maçônica" em sua atuação política. Acrescenta que a política "é um campo em que a Maçonaria atua há séculos.

Na campanha para o governo paulista, no ano passado, as preferências dos 50 mil maçons paulistas estiveram voltadas para o candidato do PTB, empresário Antônio Ermírio de Moraes, que não pertence à Maçonaria, mas tinha ao seu lado, como candidato a senador, o ex-prefeito de Ribeirão Preto (SP), o médico Antônio Duarte Nogueira, membro da loja Elías Nechar 135 desse município, e do conselho do grão-mestrado da Grande Loja do Estado de São Paulo.

O candidato do PMDB, Orestes Quércia, ocupou o segundo lugar na preferência dos maçons, embora com o apoio de seus amigos da loja "Independência" de Campinas, um dos quais — Diede Loureiro — foi escolhido, depois da vitória, como assessor especial para assuntos maçônicos. Passadas as eleições, a Maçonaria decidiu apoiar o governo Quércia, encaminhando sugestões para os vários setores do governo paulista através do assessor Diede Loureiro. Pelos canais maçônicos — mais do que por meio dos canais políticos e partidários — é que Quércia vem igualmente mantendo entendimentos com seu irmão maom Jânio da Silva Quadros, prefeito de São Paulo, igualmente considerado um membro "irregular" da Maçonaria, pela sua inconstância na frequência às sessões e trabalhos ritualísticos.

4-7-82 H

Reportagem especial

O marketing da fé

As religiões evangélicas crescem no País, com um marketing agressivo e uma poderosa bancada na Constituinte.

Em nome de Deus, da moral e dos bons costumes — respaldados em 1.327.063 votos — eles vão à luta pela vitória na futura Constituição brasileira. Com 33 deputados, os evangélicos formam a terceira maior bancada na Câmara. Ficam atrás apenas do PMDB e do PFL sendo, muitas vezes, o fiel da balança no jogo entre a direita e a esquerda. Sem discriminação ideológica nem partidária, os evangélicos constituintes escrevem na futura tábua de leis do País com as tintas extraídas da interpretação das leis divinas. E ela vai desde a defesa do direito à vida, a partir da concepção, ao controle dos meios de comunicação. Além dos mais de 1 milhão de votos que os carregaram até ▶



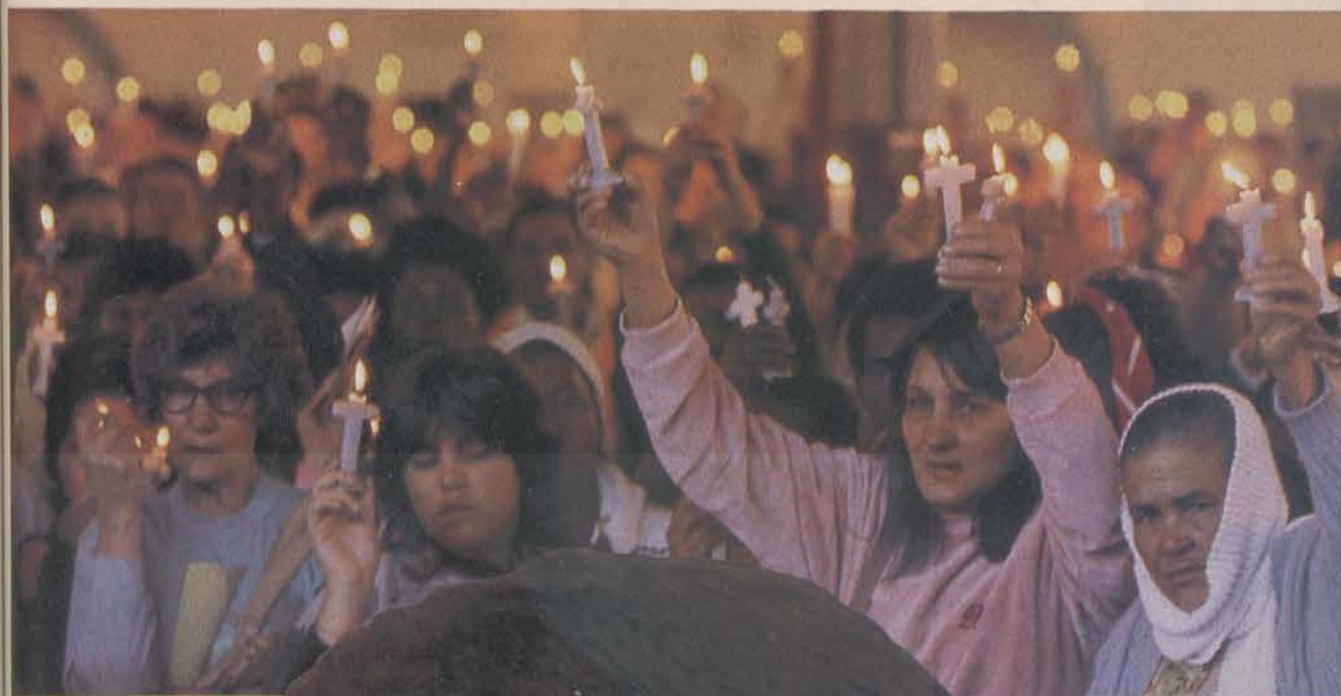
CED



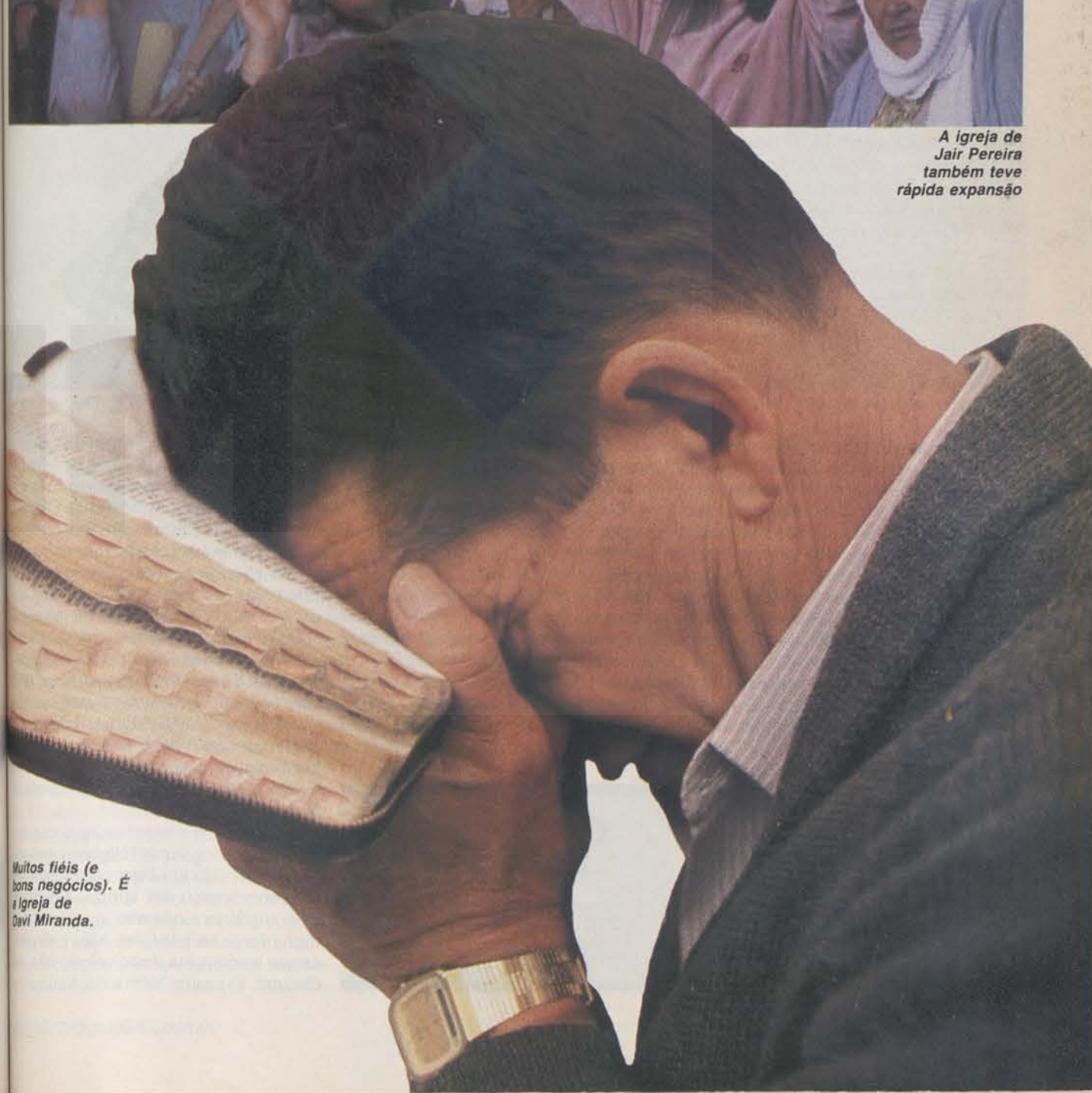
REPORTAGEM: TÂNIA REGINA PINTO. FOTOS: JOSÉ PINTO.

...a igreja de Jair Pereira...
...a igreja de Davi Miranda...

CEED



A igreja de
Jair Pereira
também teve
rápida expansão



Muitos fiéis (e
bons negócios). É
a igreja de
Davi Miranda.



► o legislativo federal, eles representam a força de quase 15 milhões de brasileiros que pregam e cultuam o que está escrito no Evangelho, sob as lentes do protestantismo pentecostal e tradicional. Embora ainda não cheguem a 10% da população (formada por mais de 100 milhões de católicos), os evangélicos conseguiram ter voz e voto na legislação brasileira graças ao que podem produzir com a determinação da sua fé religiosa: muitas orações e o inegável trabalho de assistência social aos mais desvalidos. Estas duas grandes fontes permitem a instalação de escolas bíblicas, creches, asilos, colégios particulares e fazem crescer o patrimônio imobiliário das igrejas. Os recursos abrem as portas das emissoras de rádio e televisão e também são suficientes para a subvenção de campanhas políticas.

O número de evangélicos no Brasil dobra a cada década, desde que eles surgiram no País no início deste século. Não passavam de 1 milhão em 1940, mas em 1960 já eram perto de 2,8 milhões; 4,8 milhões em 1970 e quase 7,9 milhões em 1980 (conforme dados do *Anuário Estatístico do Brasil*). Por isso calcula-se que hoje eles já estejam próximos dos 15 milhões.

A medida que se multiplicam, eles também se dividem em igrejas sob várias denominações. Isto já aconteceu com a mais antiga delas, a Assembléia de Deus, quando chegou ao Brasil em 1910, através de dois missionários de origem sueca, Gunnar Vingren e Daniel Berg, vindos dos Estados Unidos para Belém do Pará. Ali os dois freqüentavam uma congregação da Igreja Batista, mas já pregavam a doutrina do Espírito Santo (pentecostal), que não foi muito aceita. Formaram então a Assembléia de Deus, que logo se expandiu pelo Nordeste, muito especialmente entre 1910 e 1930; o Sul do Brasil recebeu missionários a partir de 1920. A Igreja Evangélica Congregação Cristã no Brasil surgiu com o italiano Luigi Francescon. Em 1891, nos Estados Unidos, Francescon fundou a Igreja Presbiteriana Italiana; em 1910, em São Paulo, ele conheceu Vincenzo Pievani e os dois deram início aos trabalhos da nova congregação.

Não é muito diferente destas duas a história da Igreja do Evangelho Quadrangular. Ela nasceu em 1923, nos Estados Unidos, e hoje tem sua sede internacional, o Angelus Temple, na Califórnia. Para seguir os ensinamentos dos profetas Mateus, Marcos, Lucas e João, quatro doutrinas básicas que lhe dão o nome, a igreja se instalou na cidade de São João da Boa Vista (interior paulista) em 1951. Desde então, originaram-se da Quadrangular pelo menos três outras igrejas: em 1956, pentecostais adeptos dela e da Assembléia de Deus criaram a Igreja Evangélica Pentecostal Brasil para Cristo; desta, surgiu a Deus É Amor que, por sua vez, deu origem à Deus É Amor Independente do Brasil. Aparentemente, as dissidências religiosas crescem na proporção da expansão, numérica e econômica, das igrejas. Por coincidência ou não, este crescimento foi mais vigoroso no Brasil durante o período do regime militar e a Igreja Católica, até então o interlocutor oficial, perdeu o cargo de porta-voz do governo junto ao povo de Deus. Este povo tem hoje outros canais de comunicação. Um deles, bastante audível, se faz através dos constituintes evangélicos.

IGREJA ELETRÔNICA — De segunda a sábado, das 18h5 às 18h15, o som da música *Jesus Christ*, estilizada num arranjo solene e executada em sintetizador eletrô-



A multidão obedece as ordens de Jair Pereira



A arrecadação do dízimo na igreja de Jair Pereira

nico, anuncia a *Cadeia da Prece*, do pastor Mário de Oliveira. Infelizmente, o programa vai ao ar desde 12 de outubro de 1972 pela Rádio Itatiaia, dona da maior audiência em Belo Horizonte. Em torno dele e da voz pausada de Mário de Oliveira, a Igreja do Evangelho Quadrangular atingiu um recorde inatingível para qualquer das inúmeras novas religiões que a cada dia surgem no Brasil. Em apenas 15 anos, o pastor fundou na Grande Belo Horizonte 280 templos e congregações.

"Fichados", como diz Mário, ele já tem, somente na região da capital mineira, 29.000 fiéis da sua igreja, que se soma a outros 21.000 "não-fichados". Uma força poderosa, decidiu na eleição do pastor para a Câmara dos Deputados em 1982 com 65.000 votos, e na sua reeleição, colocando-o entre os mais votados do PMDB mineiro. Junto com Mário, a Igreja do Evangelho Quadrangular elegeu em 1982 o seu irmão, Antônio Genaro, vereador de Belo Horizonte, e o pastor Antônio Araújo como deputado estadual.

A *Cadeia da Prece*, assim como todos os outros programas religiosos radiofônicos, tem sido um bom carro-chefe para o crescimento das igrejas. No Brasil, os evangélicos ainda não investiram muita força na televisão. Mas tudo isso mudou com a descoberta de que a conquista deste veículo não é tão distante. O pastor Nilson do Amaral

O patrimônio imobiliário não pára de crescer



PADRE JAIR PEREIRA
Dep. Federal Nº 1133
FIM DO FIANNO — EMPRESAS ADS. INOSOS



O ex-padre Jair Pereira tentou transformar seus fiéis em eleitores, mas não conseguiu uma cadeira na Constituinte.

nini, da Primeira Igreja Batista, de Niterói, surpreendeu muita gente ao ganhar em 1983 a concessão do canal da então extinta TV Rio, por 15 anos, dada pelo então presidente da República, general João Figueiredo (*leia matéria adiante*). Independente deste canal de televisão, Fanini é estrela semanal em 88 emissoras de TV e 43 de rádio. A Igreja Internacional da Graça de Deus, de linha pentecostal agressiva, também tem seu programa diário na TV Record de São Paulo, retransmitido no Rio e em outros Estados.

A estratégia é a mesma utilizada por líderes espirituais norte-americanos. Nos Estados Unidos, o pastor batista Billy Graham é visto e ouvido através dos aparelhos de rádio e televisão de um público estimado em 70 milhões de pessoas. Rex Humbard, dono da sua própria igreja, tem seus programas retransmitidos por quase 600 canais de televisão de todo o mundo.

O rádio é, por enquanto, o veículo preferido dos programas evangélicos no Brasil. O pastor Manuel de Mello, fundador e líder da Igreja Brasil para Cristo, lança em todo o País 280 programas radiofônicos por dia. Mello, aliás, foi um dos descobridores do filão em meados dos anos 50, quando rompeu com a Assembléia de Deus (de linha pentecostal tradicional) para fundar sua igreja em moldes que considerava mais atraentes. Davi Mi-

randa, que saiu da igreja de Mello para fundar a sua própria, a Deus É Amor, tem o seu programa *A Voz da Libertação* transmitido simultaneamente por 64 emissoras e ocupa, sozinho, 50% da programação na Rádio Tupi, em São Paulo.

No Rio, entre as rádios de ondas médias que dedicam parte da programação às pregações evangélicas estão a Metropolitana (70% da programação), a Copacabana (40%), e a Difusora Boas Novas, que desde 1980 pertence a um grupo evangélico, é administrada pelo pastor presbiteriano Isaias Maciel e dedica toda a sua programação ao evangelismo. Um dos pontos de fácil penetração dos evangélicos para erigirem sua igreja eletrônica é a fragilidade das empresas de comunicação. Em Porto Alegre, segundo denúncia do Sindicato dos Trabalhadores em Radiodifusão e Televisão, a Rádio Itai transferiu clandestinamente sua concessão para a Igreja Deus É Amor, de Davi

Miranda. Além da Itai, Miranda é dono também da Auriverde, em Londrina, Paraná, da Universo, em Curitiba, e mais duas em São Paulo, a Rádio Mulher e a Rádio São Paulo. O próprio Miranda declara que 573 emissoras brasileiras de rádio retransmitem o seu programa *A Voz da Libertação*.

FÉ E MARKETING — Torna-se quase impossível saber quantos são os progra-

Aumentam os fiéis, aumentam as dissidências.



► mas evangélicos, por um simples motivo: eles não estão subordinados a qualquer tipo de controle; não passam pelo Departamento de Censura da Polícia Federal para ser levados ao ar. Neles, tudo é permitido.

Há uma palavra quase mágica como denominador comum de todos estes programas — evangelização. Em nome dela, o marketing e a fé se confundem. “O modelo de conversão guarda semelhanças com a estratégia de marketing”, conforme analisa o metadista, publicitário e jornalista Milton Quintino. “Deus o ama e tem um plano para você”, a grande oferta da evangelização, segundo compara Quintino, iguala-se ao clima de sugestão criado pelo marketing de um produto. “Você pecou e deve ir para



Coleta de contribuições na igreja de Davi Miranda

Bancada divina

Como em qualquer grupo parlamentar, também entre os constituintes evangélicos (16 do PMDB, nove do PFL, quatro do PDT, dois do PTB, um do PDC e um do PT) não é muito fácil se estabelecer o consenso. Uma das principais vozes discordantes é a da deputada Benedita da Silva (PT-RJ). Casada, seis filhos, nove netos, evangélica convicta, ela escandalizou a maioria dos colegas evangélicos ao defender a não-criminalização do aborto. Mesmo sendo contra, por uma questão de princípios religiosos, a deputada entende que a prática ou não do aborto é uma questão de foro íntimo e não se pode negar à mulher o direito de optar.

Nos primeiros debates sobre o assunto, o deputado Sotero Cunha (PDC-RJ), também do grupo evangélico, causou indignação entre as feministas por ser contra o aborto mesmo em caso de estupro. “Está provado, medicamente, que qualquer mulher pode evitar o estupro”, afirmou Sotero Cunha. E, diante da pergunta se isto era possível mesmo com um revólver apontado para a mulher, respondeu: “Perde a vida, mas evita o estupro”. Os evangélicos não conseguiram criminalizar o aborto nas primeiras rodadas da Constituinte e o assunto fica remetido à legislação ordinária.

Outra questão polêmica entre os 33 evangélicos com assento na Câmara é o homossexualismo. O grupo se mobilizou (sem sucesso até agora) para derrubar o termo “orientação sexual” como um dos motivos de não-discriminação no trabalho e na sociedade. O deputado João de Deus (PDT-RS), casado e pai de três filhos, dá sua versão: “Os homossexuais são elementos depravados

que só causam prejuízo e vergonha para a Nação”. O grupo de evangélicos, segundo João de Deus, se bate “pela preservação da célula-mater da sociedade, a família”. Mário de Oliveira (PMDB-MG) também elegeu para a sua atuação na Câmara o combate à legalização do aborto e às drogas, além de ferrenha oposição a qualquer status jurídico para o homossexuais. “O homossexualismo é um vício, como o da bebida e o da droga”, compara o deputado. “É um problema espiritual que precisa ser tratado com a fé em Cristo.” Benedita da Silva, no entanto, vê como perfeitamente compatíveis uma posição pessoal contra o homossexualismo e a luta pela garantia dos direitos dos homossexuais. E arremata: “Deus não ama o pecado, mas ama o pecador”.

Na Constituinte, os evangélicos conquistaram até agora vitórias como a realização dos seus casamentos com efeito civil e a matrícula facultativa, em escolas públicas, nas matérias de cunho religioso, respeitado o credo de cada um. Mas na lista das suas reivindicações, na qual se inclui a defesa do menor e do idoso e a aposentadoria aos 60 anos para os homens e 55 para as mulheres, há itens no mínimo curiosos, como a isen-

Benedita da Silva, do PT.



ção de quaisquer taxas e direitos autorais sobre a música sacra em todas as formas, quando baseada em textos bíblicos. O deputado João de Deus reconhece que o assunto está longe de ser tema constitucional, mas justifica: “A gente pede tudo para conseguir a meta”.

O presidente da Confederação Evangélica do Brasil também faz parte da bancada evangélica da Constituinte. É o pastor e deputado Gidel Dantas (PMDB-CE). Orgulhoso pelo avanço dos evangélicos no espaço político brasileiro, ele rejeita a classificação do grupo como direitista e diz que a grande preocupação é diminuir as injustiças sociais. A deputada Benedita da Silva acha, porém, que esta é a principal falha dos evangélicos, “que deveriam voltar-se mais para os oprimidos, em especial para a defesa da reforma agrária, onde os avanços foram irrelevantes até o momento”.

Ser deputado e constituinte “foi um presente de Deus” para Mário de Oliveira, interessado em usar este presente “para interceder pela Igreja Evangélica, ainda muito discriminada no Brasil”. João de Deus está convencido do papel dos evangélicos constituintes como “os últimos moicanos a lutar pela preservação dos últimos resquícios de moral entre os homens de Deus”. Benedita da Silva, porém, observa: “Para que os evangélicos fossem mesmo uma bancada na Constituinte, seria necessário que as igrejas fossem partidos políticos”.

A mistura de religião e política traz o risco de um equívoco grosseiro entre as leis humanas e as leis divinas. Em vez da definição dos direitos e deveres dos cidadãos, a delimitação e o julgamento do que é pecado ou não, do que é o bem e o mal. Tarefa divina.

inferno”, outra tese tirada do Evangelho seria a identificação da necessidade do produto. “Mas há uma saída, depende só de você”, na comparação, seria a resposta, a oferta do produto como solução. E o consumidor compra.

Nos programas, alguns evangelizadores se excedem na propaganda. O diácono Humberto Ramos, da Igreja Deus É Amor, anuncia no *Voz da Libertação*: “A Igreja não fecha. Pode vir e receber o grande milagre através de Davi (Davi Miranda), o maior pregador que Deus está usando, o missionário que prega através do Espírito Santo. Venha comprovar com seus próprios olhos. Faça sua última tentativa, você que já gastou com remédios, venha. A entrada é grátis”.

Hugo Assman, um dos principais teólogos da América Latina, professor de pós-graduação na Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, e autor do livro *A Igreja Eletrônica e Impacto na América Latina*, sente que a maioria dos programas religiosos explora e manipula as ansiedades religiosas ligadas a situações de miséria social. “Eles fizeram, à sua maneira, a opção pelos pobres”, comenta o teólogo. “Eles representam um populismo religioso, milagreiro, para os marginalizados. Esta é a causa principal do seu sucesso”.

BÊNÇÃOS DO CÉU — E de onde vem o dinheiro para sustentar a igreja eletrônica e todas as outras obras das igrejas? Todas as manifestações religiosas têm em comum o dízimo, a “contribuição voluntária e regular”, como o denominam os líderes. E os fiéis oferecem a décima parte (em tese) de seus ganhos, além das oferendas nos cultos diários ou semanais de suas igrejas.

Na Igreja Internacional da Graça de Deus, por exemplo, o dízimo é arrecadado através do Camê de Contribuição ou Doação Programada. Ao adquiri-lo, o fiel se compromete “a ajudar espontaneamente a obra de Deus” durante seis meses, como um associado. “Associar-se com Deus é unir-se ao poder de Deus. Ponha-o à prova”, desafia o carnê. A contribuição mensal é de 100 cruzados. Mas nos cultos desta igreja ainda contabiliza o momento das ofertas espontâneas a Deus, com pedidos escritos na parte frontal de envelopes distribuídos aos participantes. O dinheiro deve ser colocado dentro do envelope.

Na hora da primeira coleta, o pastor Dalton Gomes César, de 22 anos, ex-integrante da Igreja Congregacional do Rio de Janeiro, comenta sobre a crítica feita às ofertas recolhidas pela igreja. “Mas o próprio Deus falou que o dinheiro é a maldição de tudo, que o amor pelo dinheiro é uma maldição. Maldito dinheiro”, grita o pastor para arrematar em seguida: “Seria bom que a gente tivesse programa de graça na televisão, vocês não acham?” Os fiéis concordam. “Este dinheiro que vocês dão à



Um transe de fé evangélica

Igreja faz falta?”, indaga o pastor. Com a resposta negativa, os participantes do culto abrem a brecha para uma segunda coleta, desta vez sem envelopes de pedidos. “Segure na mão a sua melhor oferta para que Deus a abençoe”, diz o pastor. Nas mãos dos fiéis surgem notas de até 100 cruzados, chamando os obreiros (aprendizes de pastor) mais uma vez à ação. “Quem está feliz por ter ajudado a Deus dê uma risada bem alta”, comanda o pastor. A gargalhada é geral.

Cada igreja tem a sua forma de arrecadação, mas ela não varia muito de uma para a outra. A oferta recolhida em saquinhos cor-de-rosa é saudada com música na Igreja Pentecostal Deus É Amor, aquela que nunca fecha.

O padre Antônio Aparecido da Silva, professor de teologia e diretor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, da Arquidiocese de São Paulo, acredita que “a implantação das várias igrejas no Brasil é feita, seguramente, através do capital estrangeiro, sobretudo o norte-americano. A manutenção delas se dá através da cobrança do dízimo”. O bispo Sumio Takatsu, da Igreja Episcopal do Brasil, afirma que sua igreja só depende de recursos externos em casos específicos como bolsas de estudo, encontros ou construção de novos templos. No Brasil há 97 anos (é de comunhão anglicana), esta igreja conta atualmente com cerca de 60.000 membros, dos quais recebe contribuições regulares. “O dízimo é responsável pela maior parte dos recursos”, admite o bispo Takatsu, “mas ele

é uma contribuição voluntária.” Além desta contribuição, a Igreja Episcopal do Brasil recebe doações especiais e outra pequena parcela de seus recursos vem do aluguel de imóveis de sua propriedade.

Na Igreja Cristã Pentecostal Maravilhas de Jesus, o presbítero José Pantaleão está sempre pronto a repetir a citação bíblica de Malaquias para justificar o dinheiro recebido dos fiéis. “Todo movimento evangélico sobrevive com as contribuições de seus fiéis, mas não aplicamos nada fora da Bíblia”, afiança Pantaleão. “No livro de Malaquias”, diz o presbítero, “está escrito que quem oferta a Deus receberá as bênçãos do céu.” Estas bênçãos celestes são visíveis, senão nas graças obtidas individualmente pelos fiéis, na aplicação dos recursos angariados pelas igrejas.

GRANDES NEGÓCIOS — O abençoado dinheiro serve para pagar o aluguel de pequenos salões improvisados em templos das igrejas mais pobres ou iniciantes. É gasto com parcimônia pelas mais austeras. Mas ajuda muito na propagação da fé evangélica, como de resto nas outras religiões. Obediente à austeridade vinda de suas raízes no protestantismo tradicional, a Igreja Episcopal do Brasil, conforme relaciona o bispo Sumio Takatsu, tem ►

Maldito dinheiro, diz o pastor. E pede dinheiro.



► apenas seis dioceses com nove bispos e cerca de 130 clérigos para atender a seus 60.000 comungantes. Aplica o que recebe de ofertas e dos aluguéis de seus imóveis principalmente na área da educação e da assistência social. Com isto, construiu cinco colégios particulares, orfanatos e casas de velhinhos.

Nos 36 anos de Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular ergueu 2.484 sedes próprias, espalhadas por todo o País, e mantém dezenas de espaços alugados para suas congregações e institutos bíblicos, onde prepara os futuros pastores. A televisão ainda não é usada pela Igreja Quadrangular, mas o rádio, principalmente no interior de vários Estados, é utilizado por ela como um dos mais importantes meios de divulgação. O rádio também é o principal mensageiro da Igreja Cristã Maravilhas de Jesus, que produz inclusive um programa dominical em São Paulo (*A Hora de Israel*) especialmente dedicado aos judeus. A Maravilhas de Jesus mantém um orfanato e entre suas propriedades possui uma fazenda de 30 alqueires entre Jacareí e São José dos Campos, no interior paulista, onde cultiva a terra e faz seus batizados.

Às vezes o abençoado dinheiro se desdobra espantosamente em magníficas propriedades particulares quando é administrado por pregadores astutos. A Igreja Pentecostal Deus É Amor, por exemplo, criada em 1962, arrebanha perto de 1 milhão de seguidores, segundo seus dirigentes; tem mais de 2.300 templos religiosos e entre eles o maior do País, instalado numa antiga fábrica na Avenida do Estado, em São Paulo, com aproximadamente 28.000 metros quadrados e capacidade para receber até 150.000 pessoas.

A mesma igreja do pastor Davi Miranda (que nos últimos dez anos foi indiciado em dois inquéritos policiais por suspeita de prática de curandeirismo e respondeu processo por não pagar direitos autorais) é dona do selo de discos Voz da Libertação, o mesmo nome dos seus programas radiofônicos gravados em estúdio próprio na sede da Avenida do Estado. O diácono Humberto Ramos entende que a televisão "tem 90% de coisas do mundo e isto prejudica a vida espiritual". Por isso, a Deus É Amor não tem programas na televisão. Ramos admite com naturalidade ser "o povo enfermo que vem à igreja quem acaba ajudando a manter os programas de rádio. É Deus agindo através deste povo", diz o diácono.

A compra e venda de imóveis é atividade levada em paralelo à liderança religiosa exercida por Davi Miranda. Em matéria publicada sob o título "Os grandes negócios do pastor Davi Miranda" (em 27/1/1985), o jornal *O Estado de S. Paulo* apurou que o fundador da Igreja Deus É Amor possuía duas casas e três terrenos na Serra da Cantareira, avaliados na época em 332 milhões de cruzeiros, e mais loteamentos e outros imóveis em Mairiporã (município da região metropolitana de São Paulo) no valor de 973 milhões de cruzeiros. Ninguém sabe dizer de onde ele tira dinheiro para investir em tantos bens, nem como faz sua declaração de imposto de renda, uma vez que não exerce trabalho remunerado (o estatuto da sua igreja veda qualquer remuneração a quem lhe presta serviços) e tem tantos imóveis em apenas um município, registrados em seu nome e no de sua mulher, Ereni.

DESAFIO — Com a simples redação de um estatuto e seu registro em cartório, qualquer pessoa pode fundar uma igreja e ter o direito de receber doações e contribuições, praticamente sem qualquer controle, completa isenção de impostos e ilimitada liberdade para trabalhar. Isto porque a Legislação brasileira esta-



O culto na Igreja Internacional da Graça de Deus



O dízimo na Igreja da Graça: através de coletas e carnes

A TV do pastor

Ao longo dos anos 70, o pastor batista Nilson do Amaral Fanini emergiu como um dos maiores pregadores evangélicos brasileiros. Com sua voz mansa e pausada, atraía multidões para ouvi-lo em estádios de futebol. Em agosto de 1982, reuniu 120.000 pessoas para um culto no Estádio do Maracanã. Lá estava o então presidente João Figueiredo, acompanhado de mais cinco ministros de Estado. Fanini cativou as graças do presidente que, em 29 de novembro do ano seguinte, assinou o Decreto



Fanini: não há espaços para sectarismos.

89.078 outorgando ao pastor a concessão, por 15 anos, do canal 13 no Rio de Janeiro. A extinta TV-Rio volta ao ar, sob a direção de Fanini, a partir de novembro próximo. Mas o pastor não é o único dono da emissora, como ele mesmo explica: "Tenho um sócio, o Cláudio José Macário. Na verdade, somos três — eu, ele e Deus".

Para estruturar a nova televisão, Fanini contratou um expert no assunto, o ex-global Walter Clark. Mas não abriu mão de traçar a linha da programação. "A tônica será nova", adianta o pastor, "mas dentro de certos parâmetros

éticos, cristãos, com ênfase na família e nos valores vitais da vida." A emissora, é claro, terá programas religiosos, abertos a todas as correntes. "Não há mais espaço para sectarismo", compreende Fanini que, por isso, já fez contato com 42 líderes religiosos diferentes para oferecer horários da programação na TV-Rio. Das 7 às 11 horas, este espaço será dedicado às pregações; à tarde e até a meia-noite, será ocupado por filmes, tele-

jornalismo e outros programas. Fanini sabe como evitar comerciais que explorem o erotismo, por exemplo, considerados por ele como agressivos. "Naturalmente, estes comerciais serão selecionados pelo nosso centro de produção", explica o pastor.

Mestre em teologia, advogado, egresso da Escola Superior de Guerra, pai de três filhos, 54 anos, Fanini é chamado de o Billy Graham brasileiro, não só porque organizou diversas vindas deste evangelista norte-americano à América Latina, mas por ser um pregador para grandes massas e saber usar com destreza a habilidade oratória através das telecomunicações. O seu programa televisivo Reencontro, gravado pela TV Educativa do Rio, onde é transmitido diariamente às 10 horas, é repetido por outras 88 emissoras de televisão em todo o País durante a semana; uma versão radiofônica se espalha através de mais 43 estações de rádio. Fanini calcula ter uma audiência de 50 milhões de pessoas e conta receber 500.000 cartas por ano.

Através da sua Radiodifusão Ebenezer Ltda. (ebenezer, em hebraico, quer dizer "Deus nos ajudou até aqui"), Fanini já concorre para obter outro canal de TV em Curitiba. E quer mais. Ele pretende, em breve, entrar em todos os lares do Brasil através da TV por cabo via satélite.

belece a liberdade de religião. Assim como a Igreja Católica estremece diante da evasão de seus fiéis para outras religiões, a Igreja Evangélica também se ressentida da pulverização de sua fé em várias outras igrejas, que muitas vezes começam com apenas um pregador, como o Santo Padre Jair Pereira (leia quadro à página 12) e a sua Rede Nacional de Missões Católicas. Dando bênçãos, fazendo orações, exorcizando demônios, nas pregações em plena rua ou em grandes templos, as novas tendências evangélicas, assim como a proliferação de seitas, preocupam as igrejas instituídas há mais tempo.

"Temos que pensar na liberdade religiosa e nos efeitos que pode causar, empobrecendo a visão do evangelho com uma pos-

tura estreita e alienada da mensagem cristã", alerta o bispo Sunio Takatsu, da Igreja Episcopal do Brasil. Pela via do diálogo, a Igreja Católica tem procurado integrar-se a outras religiões cristãs, optando pelo ecumenismo. Para tanto, criou em 1982 o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil (Conic), ao qual estão ligadas: Católica Romana, Cristã Reformada, Episcopal do Brasil, Evangélica Luterana, Metodista e Presbiteriana.

As novas expressões religiosas na América Latina levaram as igrejas a um encontro no ano passado, no Equador, para estudar o real significado e o desafio que estes movimentos representam. Bispos, presbíteros, pastores e assessores religiosos concluíram que o desafio principal não vem da existência destes movimentos e sim "da realidade em que vive o povo, religioso e carente de libertação". No documento extraído daquele encontro no Equador, os participantes observam que, sob o ponto de vista político, "os movimentos religiosos contemporâneos têm profundas implicações e interesses políticos de baixo de uma aparente postura apolítica".

O maior interessado na disseminação das igrejas e seitas evangélicas no Brasil seria o Departamento de Estado norte-americano, segundo denuncia o jornalista e escritor Délcio Monteiro de Lima em seu livro *Os Demônios Descem do Norte*, lançado na quarta-feira, 1º, em Belo Horizonte. A pregação evangélica, diz o escritor, seria usada como um poderoso antídoto contra o comunismo. Ao levantar dados para o livro, Délcio se surpreen-

Muita fé. E também muitas casas, terrenos...



► deu ao descobrir um vasto império religioso-econômico, que envolve a arrecadação de dízimos de 14 milhões de adeptos brasileiros e atividades que vão desde padarias, linhas de táxi aéreo, hospitais, mineração, até construtoras e ação missionária indígena de objetivos duvidosos.

Ao fazer uma análise retrospectiva do catolicismo, o padre Agenor Brighentim, da Diocese de Tubarão, Santa Catarina, apoiado em pesquisas de sociólogos e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), verifica que a maioria dos católicos sempre viveu muito distante da religião oficial, de seus ritos e de sua doutrina. Os leigos sabiam praticar sozinhos sua religião e houve, então, um esforço de romanizar este catolicismo. O conflito gerado daí deixou um campo vasto para a semeadura

de outras religiões. O pentecostalismo, segundo o padre Brighentim, seria uma das formas encontradas pelos católicos hoje para viverem o catolicismo tradicional. "Falta para a Igreja Católica coragem de inovar e se transformar", aponta o padre. "A falta de ministros católicos é quase insuportável." Diante da preocupação católica frente ao crescimento dos evangélicos, o padre Brighentim tece a seguinte comparação: "De um lado, a empresa mais velha, acostumada a nunca ter concorrentes, continua a desfrutar o antigo prestígio e se limita a conservar o que tem. De outro, estão várias firmas pequenas que começam vender seu produto e já ocupam mais de 10% do mercado. Não é hora da grande firma rever sua estratégia de ação, melhorar a qualidade de seus produtos e de seus serviços?"

Colaboraram: Carla Rodrigues (Rio de Janeiro), Chico Brant (Belo Horizonte), Taisa Ferreira (Brasília) e Uirapuru Mendes (São Paulo). Texto: Antônio Chagas



Seguidores de Jair Pereira: dinheiro para um carro novo.



Carnês da Igreja da Graça: Contribuição Organizada.

Eu, Deus e cinco.

Aos 19 anos de idade, Jair Pereira Pinto já era um pregador da Igreja do Evangelho Quadrangular, onde permaneceu por 15 anos. Só deixou a igreja em 1980 e, segundo ele, por inspiração do próprio Jesus que teria entrado em seu quarto para incumbi-lo de fazer no Brasil uma obra como no tempo dos apóstolos. Um dos presidentes — "O Sarney não é, não sei se vai ser o próximo", especula Jair — seria envolvido por este designio divino. O pregador então deu início ao seu movimento religioso, e registrou em cartório de marcas e patentes a Rede Nacional de Missões Católicas.

"No começo éramos eu, Deus e mais quatro ou cinco", relembra Jair, chamado por seus seguidores "Santo Pa-

dre Jair Pereira". Com a adesão de outros pastores, missionários, padres ortodoxos e romanos, hoje já seriam uns 300, espalhados por 150 cidades no Brasil, 80 em São Paulo. O Santo Padre Jair Pereira, o mesmo dos programas O Manto Sagrado e A Hora da Eucaristia, transmitidos de segunda a sexta-feira em São Paulo, pela TV Record e Rádio Mulher, que já esteve preso para explicar o uso do dinheiro arrecadado de seus seguidores, não se elegeu mas, na eleição do ano passado, conseguiu 18.600 votos para deputado pelo PDS.

Em uma fantástica visão noturna em plena estrada, na volta de uma viagem a Minas Gerais, Jair diz ter recebido também o poder divino de curar os doentes. Na Paróquia do Bom Jesus dos Milagres, no bairro da Mooca, em São Paulo, ao lado de outros artigos religio-

sos são vendidas cópias da "mão milagrosa" de Jair, impressa em vermelho sobre papel crepom, a 20 cruzados a unidade. Ao vivo, a mão do padre regressões de exorcismo acompanhadas por uma música aterradora.

"Aqui, tudo o que entra sai. Está na contabilidade", afirma o líder da Rede Nacional de Missões Católicas. O dinheiro chega nos envelopes da Poderosa Novena das Sete Chagas Milagrosas, acompanhado de três pedidos. A contribuição era justificada como sendo destinada à construção da igreja. Mais recentemente, os padres da igreja explicam que o líder vendeu o próprio carro para saldar uma dívida da Rede Nacional com a TV Record e as contribuições vão ajudar na compra de um novo carro para Jair Pereira "para que ele faça as santas peregrinações".

Maçons em assembleia ^{18/7/87} _{EP} querem ajudar o País

O País caminha para o caos social e é necessário o empenho de todos, principalmente da classe política, para que ele seja colocado novamente no caminho certo. Essa opinião foi manifestada pelo grão-mestre maçônico, Orpheu Paraventi Sobrinho, que vai presidir a XVI Assembleia da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, a ser instalada amanhã, às 20 horas, no Palácio 9 de Julho (Assembleia Legislativa). O grão-mestre entende também que é preciso dar mais liberdade à iniciativa privada, colir a corrupção e que a maçonaria deve participar mais ativamente para colaborar na conquista desses objetivos.

A sessão solene de instalação da assembleia terá a presença de 25 grãos-mestres de todos os estados brasileiros, e após a abertura os trabalhos continuarão no Palácio Maçônico Francisco Morato, na rua São Joaquim — Liberdade. Com a participação de todas as potências maçônicas das Grandes Lojas Brasileiras, o plenário da assembleia vai elaborar a "Carta de São Paulo", que refletirá

os estudos dos problemas que afligem a Nação. Entre os temas principais a serem abordados pelas comissões interestaduais estará o planejamento social, abrangendo educação, saúde, menores carentes, planejamento familiar, sistema carcerário etc.

Os trabalhos serão encerrados às 18 horas do dia 24, com a "Carta de São Paulo" já pronta para ser enviada ao presidente da República, José Sarney, e demais autoridades. Na abertura, amanhã, a sessão solene terá na pauta um discurso do grão-mestre Luiz Carlos Costa, presidente da assembleia anterior. Em seguida, será a vez de discursar do presidente da XVI Assembleia Geral, grão-mestre Orpheu Paraventi Sobrinho, que assumirá o cargo naquele momento. Do programa constam ainda visitas ao governador do Estado, dia 23, às 10 horas, com a comitiva saindo às 9 horas do Palácio Maçônico. Nesse mesmo dia, às 15 horas, os grãos-mestres estarão visitando o prefeito de São Paulo.



Conic faz "apelo pela democracia"

O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - Conic -, entregou ao presidente do Congresso Constituinte, Ulysses Guimarães, e ao presidente José Sarney, um documento intitulado "Apelo por um compromisso coletivo pela democracia", onde alerta o governo sobre a extrema gravidade do país. Eis a íntegra do documento:

A situação nacional é de extrema gravidade. Ao se pronunciar, as Igrejas o fazem movidas pelo compromisso com Jesus Cristo, seu evangelho e a vida que veio salvar. Devem seu alerta e seu apelo aos governantes e à Nação, sempre a serviço do que serve para a paz. O amor não pode conformar-se com a injustiça, a fome e o sofrimento, tornando-se culpado diante de Deus e dos homens que assim o fizer. É a partir deste compromisso que as Igrejas se manifestam como segue:

O quadro

1. Acumulam-se cada vez mais, para a maioria da população, os efeitos negativos de uma estrutura econômica desequilibrada e perversa. As idas e vindas da inflação, e os próprios remédios com que se pretende enfrentá-la, exacerbam ainda mais as dificuldades e incertezas. O problema do desemprego não se soluciona. O atendimento de necessidades absolutamente básicas continua inacessível a um número crescente de pessoas. Os saques ameaçam as cidades e o campo, e a violência irrompe por toda parte.

2. A indispensável credibilidade da instituição governo está, em praticamente todos os níveis, profundamente abalada. Mesmo quando iniciativas governamentais produzem resultados aparentemente melhores, poucos são os que neles confiam ou acreditam em sua persistência. Para a maioria da população a imagem que fica é a de incompetência e a falta de seriedade. Acusações de corrupção e de mordomias, de privilégios salariais, de lutas por cargos ou por meras gloriolas, de carreirismos, oportunismos e impunidade, levam o cidadão comum a considerar a chamada classe política como composta quase somente por aproveitadores. Um sentimento de impotência, combinada com perplexidade, faz crescer a desesperança e mesmo a exasperação.

3. Os conflitos sociais só não se generalizam porque o medo ainda tolhe as reações. No campo a luta pela terra aumenta em violência. As tensões políticas e os antagonismos de interesses invadem a Constituinte, augurando impasses e descontentamentos. A própria participação popular na elaboração constitucional, na verdade um grande avanço democratizante, corre o risco de levar a frustrações ainda maiores, se não forem atendidas suas reivindicações.

4. A possibilidade de um retrocesso político ressurgir ciclicamente, embora ninguém o deseje, porque as lembranças dolorosas e as sequelas do último período autoritário ainda estão muito vivas.

A perspectiva

5. Todos sabemos que a tragédia dos países subdesenvolvidos da qual não escapa o Brasil, país que, no mundo, mantém o 1º lugar no que respeita à concentração da renda - é o extremo atraso acumulado no atendimento das necessidades sociais. Nem é preciso insistir em dados numéricos, embora muitos conti-

nem adormecidos na ilusão do Brasil - potência e na Inconsciência generalizada do que vai pelos subterrâneos da sociedade brasileira. Um plano recentemente apresentado ao Presidente da República, visando erradicar a miséria e diminuir a pobreza em nosso país, faz aparecer a verdade objetiva: mesmo com um longo e continuado esforço, no ano 2000 alcançaríamos, para o conjunto da população brasileira, somente os atuais níveis de vida dos países hoje mais pobres da Europa.

6. Sabemos, também, que esse atraso acumulado torna possível, em países como o nosso, a alternância entre governos mais socializantes e mais conservadores, que caracteriza a vida política dos países capitalistas ricos. Entre nós se alternam aberturas semi-democráticas e regimes fortemente repressivos, para que o poder nunca saia das mãos dos privilegiados.

7. Ora, no círculo vicioso que então se instala, as perspectivas se tornam dramáticas. Como o capitalismo só deixa de ser selvagem quando funcionam os mecanismos de defesa da democracia, a cada retrocesso se concentra mais a renda e se aprofundam a impunidade e a corrupção, ao mesmo tempo em que aumenta a violência da repressão sobre aqueles que pretendem defender uma população sempre mais explorada. E a cada abertura democrática, que o ciclo de fechamento termina por exigir, crescentes avalanches de reivindicações sociais, de resposta praticamente impossível, sufocam os governantes, criando espaços para oportunismos populistas inconsequentes. Tais ciclos, com o agravamento dos problemas, tendem a se tornar cada vez mais curtos, levando inexoravelmente os que lutam por mudanças estruturais à descrença nas vias pacíficas de solução dos problemas.

8. Um retrocesso político, agora, pode ser, portanto, um passo fatal nesse caminho. As condições estarão dadas para que convulsões sociais incontroláveis comecem a se combinar com a sedução da luta armada pelo poder. Pouco a pouco poderemos ser empurrados para uma guerra civil interminável - como já vem ocorrendo em cada vez mais países do Terceiro Mundo e mesmo da América Latina - com a ajuda dos que se enriquecem no comércio de armas e com o beneplácito dos países que as fabricam, cujas populações se tornam assim beneficiárias inconscientes da desgraça dos países pobres. Nessa perspectiva, de forte probabilidade no Brasil, pela sua dimensão e importância geo-política, o legado que deixaremos para as gerações que nos seguirem será o risco da transformação de nossa terra em mais um brasileiro humano do mundo subdesenvolvido.

9. É portanto imperativo que lutemos com todas as nossas forças para assegurar a continuidade do processo de democratização, reencontrando os caminhos da confiança e da esperança.

2118187

089

O que fazer

10. Os problemas a resolver para evitar um retrocesso são difíceis. O governo já não pode pretender resolvê-los sozinho. Não temos outra alternativa senão a busca de soluções que engajem o conjunto da sociedade brasileira. A esse engajamento coletivo devem ser chamados de forma especial os que detêm a concentração da terra e do capital, para que se disponham, numa atitude fraterna e solidária, a partilhar com os outros os recursos que possuem. Aos dirigentes políticos cabe especial responsabilidade, pelo exemplo que deveriam oferecer à sociedade. Deles se exige um testemunho de real desprendimento, deixando de lado interesses pessoais ou partidários.

11. Alguns sinais positivos estão sendo emitidos pela sociedade. No nível dos dirigentes se multiplicam os apelos e pactos e propostas de ação comum envolvendo partidos e entidades. No nível da população a adesão às propostas de Emendas Populares à Constituição revela que, apesar das decepções, há enormes energias que sustentam ainda a esperança de uma transformação. Trata-se agora de valorizar esses sinais, acreditar nas reservas morais de nosso povo e assumir com lealdade os compromissos necessários.

12. Torna-se imprescindível que uma liderança coletiva com credibilidade emergira em nosso país. Essa liderança coletiva tem que ser assumida não só pelo governo mas pelos sindicatos, associações profissionais, Igrejas e demais entidades nacionais que merecem a confiança popular, e pelos partidos que se comprometem com as exigências urgentes da justiça social. Só uma liderança desse tipo poderá redirecionar a dinâmica social, econômica e política do país.

13. As soluções a serem buscadas têm que levar em conta as atuais contingências objetivas e as variáveis, externas que não dependem unicamente de nós. Mas não podem se basear somente em raciocínios frios, que ignorem a sorte dos milhões de brasileiros atualmente excluídos dos resultados do trabalho da Nação. As verdadeiras soluções deverão respeitar dimensão ética que é inerente à dignidade da pessoa humana.

14. O engajamento coletivo que urge obter não caberia num único pacto. Ele exige entendimentos múltiplos, em diferentes setores e prazos, que não se restrinjam aos momentos de crise aguda, e que logo seguida repercutam na ação concreta dos que os assumam.

15. Precisamos dar todo o apoio à Constituinte, e ao mesmo tempo, enfrentar problemas urgentes como a recessão, a inflação, o emprego, o salário, a saúde, a moradia, e a alimentação do povo brasileiro. Neste sentido, não é de nossa competência específica propor medidas técnicas concretas. Mas nos consideramos no dever de destacar e valorizar soluções que já vêm sendo sugeridas, a partir das exigências do bom-senso face aos desafios da

realidade, e que poderiam ser resumidas nas questões que se seguem.

16. De imediato:
I - Como formular um pacto político entre os partidos, que estabeleça as normas a serem adotadas na nova Constituição, abrindo caminho às mudanças que o país necessita? Acreditamos que essas normas terão que atender às justas aspirações que nosso povo não se cansa de expressar. Para isso, deverão incluir necessariamente:

- instrumentos de realização da Reforma Agrária;
- real possibilidade de participação direta da população no aperfeiçoamento constitucional, e nas decisões de interesse coletivo;
- garantia de submissão das questões fundamentais mais controvertidas da Constituição a um referendo popular;
- supressão do regime de exceção ainda mantido pela Lei de Segurança Nacional que submete os civis à Justiça Militar, quando acusados de crimes políticos;
- definição de um calendário de eleições, para que o povo exerça sua soberania e legitime o poder, em todos os seus níveis, logo após a promulgação da nova Constituição, nos termos por ela estabelecidos.

II - Como posicionar-se, face à Dívida Externa, de um modo mais corajoso, que retire o peso que de 'recua sobre os mais pobres? Como comprometer a coletividade nacional no enfrentamento solidário das retaliações que, eventualmente, venham a fazer, por insatez, os banqueiros internacionais e os governos dos países ricos? Eiticamente é questionável a própria validade de parcelas importantes da dívida, que foram originadas por mecanismos econômicos perversos há muito denunciados. Mas sem precisar chegar até lá, não seria justo exigir, a partir dos mesmos princípios éticos, a renegociação do pagamento da dívida como base em seu real valor de mercado?

III - Como enfrentar as questões da Dívida Interna, do déficit público e da produtividade e custo social das empresas estatais com igual coragem, criando, para as atividades governamentais, novas formas de financiamento a longo prazo, submetidas às mesmas exigências éticas.

IV - Com vistas simultaneamente à questão da moradia e ao aumento da oferta de emprego, como implementar imediatamente um Plano Emergencial de construção de habitações populares? Não poderá um Plano desse tipo se basear num Fundo Extraordinário, constituído pelo repasse solidário de recursos dos que hoje usufruem da concentração da renda brasileira, que resgatarão assim uma parte da dívida social que até hoje contraíram?

V - Como concretizar um pacto entre governo, empresário, trabalhadores e consumidores, para o autocontrole dos preços, com base em levantamentos reais

de custos e na ampla divulgação dos termos, critérios e formas de fiscalização desse pacto?

17. A curto prazo:
I - Como realizar de modo pacífico e eficaz um Programa Urgente de Reforma Agrária, que tenha dimensões importantes mas limites definidos? Não se poderá implantar inicialmente esse Programa em terras improdutivas localizadas nas zonas do país já ocupadas e servidas pelo menos por infra-estrutura de transporte, estabelecendo-se claramente metas de assentamento de agricultores sem terra?

II - Como priorizar efetivamente o mercado interno? Está nas mãos de todos nós a decisão de formular e implementar um novo modelo de desenvolvimento nacional que:

- estabeleça prioridades de investimento para a produção de bens e serviços de consumo popular, e dos bens de capital necessários a essa produção;
- determine uma mudança na política agrícola, dando apoio ao pequeno e médio agricultor, e estimulando a produção de alimentos para a população brasileira;
- implante um programa de pesquisa e assistência técnica para o aproveitamento e a difusão de tecnologia de uso intensivo de mão-de-obra, e para o desenvolvimento da pequena e média empresas;
- defina uma política salarial voltada para o aumento real e urgente da capacidade aquisitiva da população de baixa renda.

18. Estamos conscientes de que se trata de desafios que apresentam dificuldades. Mas contamos com a capacidade de sacrifício e dedicação que se exige hoje para superar os graves conflitos e para assegurar a construção de uma sociedade justa e fraterna em nosso país. É por isso que este apelo deve nos levar a assumir um compromisso que possa romper preconceitos e vencer o individualismo e a insensibilidade. Aqueles que o subvertem e o apresentam à Nação brasileira colocam sua confiança em Deus e sabem que podem contar, num momento tão grave de nossa história, com a solidariedade humana e cristã de todos os comprometidos com que serve para a Paz.

Pastor Gottfried Brakemeir, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e presidente do Conic;

Reverendo Zwinglio Motta Dias, da Igreja Presbiteriana Unida;

Dom Luciano Mendes de Almeida, da Igreja Católica Apostólica Romana e presidente da CNBB;

Reverendo Nelson Campos Leite, da Igreja Metodista;

Bispo Olavo C. Luiz, da Igreja Episcopal do Brasil;

Maria Helena Gastal, presidente em exercício

Reverendo Emilson Rocha e Souza, secretário executivo.

Criação e Consumo

Alex Periscinoto

21/8/87

Propaganda religiosa

Mais uma vez sou obrigado a dar a mão à palmatória e admirar profundamente o trabalho que a chamada Igreja Eletrônica está desenvolvendo nos Estados Unidos. Uma das que a compõe é a Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Últimos Dias, que vem a ser, mais simplesmente, a igreja dos mórmons. A cada ano os mórmons nos surpreendem com campanhas criativas e de muita sensibilidade — e o resultado é que, a par de serem os maiores anunciantes entre as várias correntes religiosas, estão ganhando um prêmio atrás do outro. E, naturalmente, engrossando o seu rebanho de fiéis.

A peça selecionada hoje é uma boa amostra da criatividade mórmon. Tudo muito simples: um filme focalizando uma cena familiar comum a todos nós — aquela hora no fim do dia em que a gostosa, mas cansativa trabalhadora de dar banho, jantar e pôr os filhos na cama uma milhões de lares do país no mesmo ritual. Jim e Lynne são os pais, Mason e Dillon os meninos, além da pequena irmãzinha, cujo nome nem é citado. O diálogo:

Jim — Mason, eu te falei para ir para a cama já. Por favor...

Mason — Eu não estou com sono!

Jim — Eu já falei cinco vezes para você ir... Pare de pular!

Lynne — Oh, Jim, vamos! Eu pensei que você já os tinha posto na cama!

Jim — Dillon...

Lynne — Deixe que eu troco a roupa dela. Cuide do...

Jim — Mason! Desça já do cavalo! Deite e durma, por favor!

Lynne — Jim, eu ainda estou ouvindo o Mason. Vamos, Jim, por favor!

Jim — Vamos, vamos, pra cama, já!

Lynne — Era isso que você tinha em mente quando me pediu em casamento?

Jim — Não. (E o casal, os filhos já no quarto, começa a dançar)

Locutor — Os momentos comuns podem ser mágicos... se você der chance para que eles se transformem.

Lynne — Eu estou muito cansada para dançar esta noite...

Jim — Eu também.

Lynne — Então por que é que a gente está dançando?

Jim — Por que quando as crianças crescerem e forem embora, e a gente estiver a sós, eu não quero ter perdido a prática.

Locutor — Mórmons. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Mason — Me dá água?

Com essa cena familiar corriqueira, os mórmons deram um recado direto: a igreja mórmon compreende os seus

problemas, vive como você, entende as suas dificuldades. Ela está com você.

O grande mérito dessa linguagem é que os mórmons tiveram sensibilidade para compreender um comportamento humano (a canseira com os filhos) e não quiseram mudar esse comportamento. Nada de imposições. Aliás, o filme em momento algum "vende" a instituição igreja mórmon, que entra apenas como assinatura — não se fala em Deus, pecado, reverência, nada.

O filme recorreu a uma das mais novas tendências detectadas na propaganda norte-americana: a da nova intimidade e/ou narração pessoal. Situações normais, do dia-a-dia, são retratadas aparentemente sem qualquer ligação com o produto, e a intenção é justamente essa, de não haver ligação. Mas só aparentemente, porque, diante da simpatia que o filme provoca, estabelece-se um "desejo de compra". É só aí que, discretamente, entra a assinatura.

Com sutileza, o filme passa uma lição de vida igualmente simpática. Quando o pai, abraçando a mãe, diz que estão dançando porque um dia as crianças ficarão independentes e ele não quer "perder a prática", fica implícita a mensagem de que esse é o singelo curso da vida — os filhos crescem e vão procurar seus caminhos, restando aos pais o "reencontro" a sós. Enfim, a magia é sempre possível, mesmo nos momentos comuns. Uma verdadeira terapia via televisão, uma preparação psicológica dos casais.

Outro filme da série mostra um pai que se barbeia e pergunta ao filho se este pôs o lixo na calçada. O caminhar do lixo está passando. O filho, deitado na cama, faz que não com a cabeça. Então o pai o chama, e o que se espera é uma bronca solene. Não é o que acontece: a cena seguinte mostra os dois, pai (com o rosto cheio de creme de barba) e filho, correndo com os sacos de lixo pela calçada atrás do caminhar. A mensagem do filme: se as coisas não estão saindo exatamente como você planejou, faça junto. Seja solidário. No fim, a delicada assinatura da igreja mórmon.

Duas informações: os mórmons são responsáveis pela maior porcentagem de investimentos em publicidade entre as várias seitas e religiões que compõem a Igreja Eletrônica. Esta gasta anualmente US\$ 500 milhões em espaço nas mais diversas mídias. E fatura, segundo informações, US\$ 1 bilhão. Dinheiro para agradecer rezando...

ALEXANDRE JOSÉ PERISCINOTO é diretor de Criação e vice-presidente da Alcântara Machado Periscinoto Comunicações.



O filme dos mórmons: linguagem intimista, cena caseira e uma filosofia de vida

25-8-87

Frankfurter Allgemeine Zeitung

Die Mun-Sekte investiert zunehmend in Uruguay

M.G. RIO DE JANEIRO, 24. August. Die sogenannte Mun-Sekte kauft sich immer stärker in Uruguay ein. Nach einer langwierigen Kontroverse mit den Behörden des Landes haben die Anhänger des derzeit in den Vereinigten Staaten lebenden Koreaners Sun Myung Mun jetzt die Genehmigung zum Bau eines Hotels in Montevideo bekommen. Das 25 Stockwerke umfassende 90 Meter hohe Gebäude wird künftig nur noch von einem der ältesten Hochhäuser Südamerikas überragt: vom Palacio Salvo, dessen Turm 26 Stockwerke zählt. Mit dem Fünf-Sterne-Hotel wird die in den vergangenen Jahrzehnten wirtschaftlich immer stärker zurückgefallene ehemalige „Schweiz Südamerikas“ nun auch über Luxusapartements und ein modernes Kongresszentrum verfügen. Der an größeren Deviseneinnahmen interessierte Tourismusminister hat sich denn auch von Anfang an für den Neubau eingesetzt.

Das Mun-Hotel wird mit dem renommierten Hotel „Victoria Plaza“ verbunden sein, das der Sekte schon seit einigen Jahren gehört. In der Eingangshalle des „Plaza“ können die Gäste seit langem schon ein Modell des geplanten 700-Zimmer-Hotels betrachten. Den neuen Eigentümer des mit dem üblichen Service weiterarbeitenden Hotels bekamen sie freilich meist nicht zu sehen.

Die Mun-Sekte ist seit Anfang der achtziger Jahre dabei, Uruguay zu ihrem wichtigsten ökonomischen Stützpunkt in Lateinamerika auszubauen. Den Mun-Anhängern gehörten dort, so heißt es in Montevideo, inzwischen auch eine mittlere Bank, die Banco di Credito, eine Druckerei, die Tageszeitung „Ultimas Noticias“, ein Großrestaurant am Stadtrand von Montevideo sowie zahlreiche andere Grundstücke.

Während das Engagement der häufig angegriffenen Sekte anfangs in Uruguay recht umstritten war, scheint sich bei den an Auslandsinvestitionen interessierten Uruguayern inzwischen die Meinung durchgesetzt zu haben, es sei schließlich egal, woher das Kapital komme, solange sich die Investoren nicht in ihre Angelegenheiten einmischen. Die nach der Übernahme unverändert herausgebrachte, eher unpolitische „Ultimas Noticias“ schein ein Beweis dafür zu sein, daß es Mun und seinen Finanzexperten in Uruguay vorerst lediglich auf die rentable Anlage ihrer Gelder ankomme. Bei den nur auf einige Dutzend geschätzten Uruguayer Anhängern des Koreaners kann von einer religiösen Herausforderung bislang keine Rede sein.

No Rio, os alquimistas procuram mostrar um trabalho "científico"

Da Sucursal do Rio

Os bruxos não são mais os mesmos. Os alquimistas sucessores do Mago Merlin comparam sua mágica à física quântica de hoje. A análise de sensibilidade às radiações emitidas pelos corpos — a radiestesia — já foi usada na Argentina para localizar cemitérios clandestinos e identificar corpos. Os milenares baralhos do Tarot auxiliam analistas e analisados a se entenderem melhor e as descobertas de novas técnicas para prolongar a vida de pacientes, descobertas pela medicina, dão embasamento científico para que os projetivistas — estudiosos das projeções extra-corporais da consciência humana — consigam mais informações para suas teses.

A integração entre magia e ciência é o ponto de destaque da 2ª Feira Esotérica, inaugurada sexta-feira no Riocentro (em Jacarepaguá, zona oeste do Rio), e que engloba o 1º Congresso Argentino-Brasileiro de Parapsicologia Aplicada e o 1º Simpósio de Técnicas Terapêuticas Alternativas, reunindo mais de quatrocentos especialistas. Assim, depois de ouvir as explicações de Irene Granchi, especialista carioca em ufologia, sobre como identificar o voo de um Objeto Voador Não Identificado (Ovni) e diferenciá-lo de um simples avião, o visitante poderá relaxar com uma sessão de do-in ou shiatzu, duas técnicas orientais de massagem.

Em uma das palestras do Congresso, a psicóloga Marília Accioly, 49, falará sobre a alquimia, a velha ciência dos druidas que diziam transformar pedra em ouro. "A alquimia é a química pré-arcaica, que se ocupa da transmutação de metais, usando também o poder da mente. Por isso é possível transformar pedra em ouro", diz a psicóloga, que ainda não conseguiu, no entanto, realizar a experiência. Marília compara a alquimia à física quântica de hoje e afirma que o domínio do átomo, por exemplo, uma conquista da física quântica, "não passa de uma grande alquimia". Com uma diferença, explica: "Para conhecer a alquimia temos que trabalhar no laboratório e no oratório".

Outra ciência esotérica que estará representada na feira é a ufologia, estudo dos Ovnis. A ufóloga Irene Granchi, que diz ter visto seu primeiro Ovni em 1974 no interior do Rio, vai ensinar aos interessados como identificar um deles. Algumas dicas de Irene: um Ovni tem sempre um

Feira oferece terapias alternativas

A 2ª Feira Esotérica terá estandes onde os visitantes poderão fazer consultas em diversas terapias alternativas para tratamento de saúde física e mental. As principais são:

Bioenergética — Tipo de terapia que trata das doenças emocionais, segundo as perspectivas da unidade psicossomática. Criada por William Reich, a bionérgica relaciona o caráter e a estrutura física.

Acupuntura — Técnica chinesa de tratamento de doenças físicas e mentais que utiliza agulhas em determinados pontos do corpo humano. A acupuntura se baseia na existência de uma energia cósmica no corpo, polarizada em aspectos positivos (Yin) e negativos (Yang), buscando seu equilíbrio.

Ginástica orgânica — Busca um estado de integração entre o corpo, seus movimentos e a natureza. A ginástica orgânica não pode ser vista como uma forma de manter o corpo, como a ginástica aeróbica, por exemplo. Sua preocupação é a integração com o meio ambiente e não a boa forma física.

Homeopatia — Sistema médico vitalista, ou seja, encara as doenças como sintomas de um desequilíbrio na energia vital do homem. Assim, a cura é feita por doses mínimas de

deslicamento irregular e consegue fazer manobras em um ângulo de 90 graus, o que é impossível para os aviões. Além disso, as luzes são diferentes, apesar de algumas vezes os Ovnis tentarem imitar as dos aviões. "Mas eles costumam confundir e inverter a ordem das luzes", diz Irene.

O advogado e parapsicólogo argentino Ciro Avellanal mostrará amanhã na feira o "neuro-telno", o aparelho que, segundo ele, ajudou a encontrar cemitérios clandestinos na Argentina. Avellanal trabalha com a radiestesia — estudo das emanações energéticas dos corpos — e garante ser capaz de com o "neuro-telno" detectar radiações nocivas e neutralizá-las. Um detalhe: o argentino promete demonstrações da utilização do aparelho.

O badalado tarólogo carioca Namur, 30 — especialista em leitura do baralho de Tarot — não dará consultas na feira, deixando esta tarefa a cargo de vinte alunos seus com sua supervisão. Namur não poderá ficar todo o tempo na feira, pois afirma

agentes que produzem no organismo sintomas semelhantes aos da doença e que agem sobre a energia vital alterada.

Vivência holísticas — Exercícios de relaxamento profundo para que o indivíduo atinja a quarta dimensão, chamada pelos especialistas de "míolo da natureza".

Automassagem — Aplicação de técnicas de saúde pelo toque, para buscar o equilíbrio químico, estrutural e emocional do organismo. As técnicas são aplicadas pelo próprio indivíduo.

Análise transacional — Estudo da personalidade dos indivíduos através de representações pictóricas, ou seja, em forma de quadros.

Shiatzu — Técnica de massagem manual, de origem chinesa, que visa reestabelecer e manter a saúde do indivíduo. Os especialistas recomendam que seja feita a cada quinze dias e é indicada para dores na coluna, estresse, nevralgias, prisão de ventre, dores ciáticas e enxaquecas.

Do in — Técnica de massagem chinesa, feita pela própria pessoa em seu corpo. Nesta técnica, as mãos são consideradas instrumentos com os quais se trabalha o corpo, através de fricção, pressão, golpe, torção, puxão, flexão e liberação de articulações.

não poder deixar seus clientes, entre eles vários enviados por seus analistas. "A análise dos símbolos do Tarot libera as pessoas de sua neurose e as ajuda a tomar consciência de seu inconsciente. Por isso, a procura dos analistas", explica Namur, que também tem prestado assessoria a empresas, cujos nomes não cita. "Muitos empresários estão cansados de avaliar suas empresas só sob o aspecto de estatísticas e recorrem ao Tarot", diz.

As descobertas científicas tem ajudado outro ramo esotérico, a projetivologia, a obter mais credibilidade. A projetivologia, um sub-ramo da parapsicologia, trata das projeções energéticas da consciência fora do corpo humano. Um dos exemplos mais conhecidos é o de pessoas que afirmam terem saído de seus corpos quando estavam à beira da morte. "As técnicas médicas de ressurreição de pacientes com considerados clinicamente mortos nos dão mais oportunidades para pesquisar o assunto", diz o especialista Waldo Vieira, 55.

31110 107
087^o**ECUMENISMO****As Igrejas Cristãs e o desafio das "seitas" (4)**

Conclusões da "1ª CONFERÊNCIA DE BISPOS, PRESBITEROS E PASTORES DA AMÉRICA LATINA E CARIBE", realizada em novembro de 1986 no Equador (continuação):

18. As Igrejas Cristãs
- É necessário reconhecer a fé dos povos indígenas como uma revelação de Deus e de sua própria Palavra.
 - Há uma necessidade urgente de proclamar o Evangelho de maneira assimilável para o povo pobre e simples.
 - Nossas Igrejas devem promover comunidades cristãs que possibilitem uma vivência personalizada da fé.
 - A experiência de conversão tanto pessoal como coletiva deve ser um processo contínuo de crescimento na fé durante toda a vida.
 - Em algumas Igrejas há uma ausência de celebrações vivas devido ao caráter excessivamente racional e frio de nossa liturgia.
 - As vezes existem preconceitos raciais e culturais dentro de nossas Igrejas, impedindo que certos membros assumam os ministérios que a comunidade necessita para seu crescimento e desenvolvimento.
 - Alguns dos Movimentos Religiosos Contemporâneos apresentam uma imagem distorcida das Igrejas, com finalidades claramente proselitistas.
19. Ecumenismo
- A necessidade de se dialogar com outras Igrejas e com os Movimentos Religiosos Contemporâneos exige que recuperemos e valorizemos nossa história e identidade como Igrejas.
 - As experiências de oração e compromisso social são oportunidades que fazem o ecumenismo possível não somente a nível de líderes de Igrejas mas também a nível do povo.
 - Como podemos permanecer abertos aos Movimentos Religiosos Contemporâneos e entrar em diálogo com eles, apesar de sua agressividade, sem afetar nossa fé na Igreja à qual pertencemos?
 - Há necessidade de uma educação para o ecumenismo em todos os níveis de nossas Igrejas.
 - Temos que tentar descobrir como articular nosso discurso teológico sobre Deus de maneira a torná-lo uma plataforma de diálogo com os Movimentos Religiosos Contemporâneos.

(continua)

Disputa entre lideranças rompe a unidade da Igreja Messiânica Mundial

Foto: Craig Tibbott

**No mundo, um milhão
de adeptos buscam
"elevação espiritual"**

Os seguidores da Igreja Messiânica Mundial, cerca de um milhão em todo o mundo e 150 mil no Brasil, acreditam que as causas do sofrimento da humanidade são três: a miséria, o conflito e a enfermidade. A fórmula para superá-las, segundo os religiosos, estaria contida no triângulo formado pelos conceitos "verdade, virtude e beleza", de onde emergiria a possibilidade da "elevação espiritual". Assim como a Seicho-No-Ie, o messianismo é uma das ramificações do xintoísmo, religião oriental surgida em época anterior ao século 6º e que venera a natureza e os ancestrais. Em chinês, "shintô" quer dizer "caminho para os deuses". A Igreja Messiânica foi fundada, em 1931, por Mokiti Okada ("Meishu-Sama"), que, segundo crêem seus seguidores, recebeu a missão divina de concretizar o paraíso na terra. Ele morreu em 1955, com 77 anos.

O culto à beleza, para os messiânicos uma das formas de atingir a elevação espiritual, leva-os ao contato permanente com a arte. Uma das atividades mais comuns e difundidas entre os religiosos é a prática de "ikebana" (confeccção de arranjos florais, tradição milenar no Japão). A Igreja também possui, na cidade de Atami, no Japão, o Museu de Arte Mokiti Okada. Em julho de 1985, a compra de um quadro de autoria contestada de Leonardo da Vinci, por parte do grupo liderado pelo reverendo Tetsuo Watanabe, contribuiu para inflamar ainda mais a já acalorada disputa entre as lideranças da entidade. A divisão do reverendo Takaaki Nakano, acusa, através de panfletos e publicações em jornais, o grupo de Watanabe de ter adquirido obra de "legitimidade duvidosa".

O "Johrei" (pronuncia-se "diôrei") é o mais importante rito praticado pelos messiânicos. Uma pessoa sentada eleva as mãos espalmadas em direção à cabeça de outro fiel e transmite a ele a "luz divina".

Um violento e pouco espiritual conflito de lideranças vem rachando ao meio a Igreja Messiânica Mundial. Como protagonistas do duelo estão os reverendo Tetsuo Watanabe, presidente da Messiânica do Brasil, e Takaaki Nakano, presidente da Sede Geral do Japão. Este último enviou ao Brasil, no início do ano, uma delegação que tem, entre outros objetivos, a missão de conseguir o afastamento da diretoria brasileira da empresa MGC, da qual a Sede Geral é sócia majoritária. A empresa, de comércio de alimentos naturais, localizada em São Paulo, vinha sendo presidida pelo reverendo Katsumi Yamamoto, braço-direito de Watanabe, até cair nas malhas da Receita Federal sob suspeita de sonegação de impostos e desvio de verbas.

Para engrossar ainda mais o "imbroglio", a promessa do grupo de Watanabe de inaugurar em Guarapiranga a faraônica obra denominada "Protótipo do Paraíso Terrestre", com a presença da líder espiritual da igreja, Kyoshu-Sama, é rebatida com virulência pelo grupo de Nakano. "Kyoshu-Sama nem sequer recebe mais o senhor Watanabe", afirma o chefe da Delegação de Esclarecimentos do Solo Sagrado do Japão, reverendo Hideo Sonobe, enviado de Nakano.

Kyoshu-Sama, 60, é filha do fundador da Igreja Messiânica Mundial, Meishu-Sama e, segundo o ministro Léo Rodrigues, prometeu "perante cinquenta mil pessoas" que estaria presente à inauguração do "Protótipo do Paraíso". O terreno destinado à sua construção tem cerca de trezentos mil metros quadrados e dá frente para a represa de Guarapiranga (zona sul de São Paulo). O custo da obra está estimado em Cz\$ 1 bilhão.

Sentimento de gratidão

O ministro Léo Rodrigues admite que a construção da obra será bancada pelos seguidores da religião, mas argumenta que "tudo na Igreja reflete o sentimento de gratidão dos seus membros". Ele nega que haja irregularidades financeiras na MGC e afirma que a empresa nem mesmo tem vinculação direta com a igreja. "Ela somente tem permissão para comercializar seus produtos em nosso meio. Acreditamos ser bom que os membros consumam o que ela produz." Os acionistas brasileiros da MGC, no entanto, são todos do primeiro e segundo escalão da igreja.

O reverendo Yamamoto, vice-presidente da Igreja Messiânica Mundial do Brasil e presidente da MGC, afirma que toda esta polêmica não interessa à entidade por ser "questão muito pequena". Mas desde que foi dada a largada para o duelo, cada um dos grandes jornais brasileiros já publicou quase duas dezenas de informes publicitários de um e outro grupo da Igreja atacando o adversário.

Apesar de acusado pela Sede Geral de ter "ambição de poder" e tentar assumir a direção total da entidade, o reverendo Watanabe, há três anos no Japão, ainda mantém a confiança de alguns fiéis. Evelina Ruth Dutra Vieira, 36, relações-públicas convertida ao messianismo há três semanas, considera que "a outra parte alimenta o conflito". Mas João Batista de Campos, chefe de produção industrial e messiânico há três anos, diz ter estado no Japão em junho



Ministros da Igreja Messiânica do Brasil reúnem-se na sede da organiza-



Prédio em que está estabelecida a sede da Igreja Messiânica em São Paulo, entidade que permanece dividida após uma série de desentendimentos entre seus membros

passado e lá concluído que "o reverendo Watanabe tentou mesmo dar um golpe visando o poder".

Invasão e violência

No Japão, o grupo de Watanabe é acusado de ter ocupado o Templo Sagrado de Atami (localizado 100 km a sudeste de Tóquio) e invadido uma das lojas da Sede Geral com violência. Segundo carta aberta divulgada pela Delegação de Esclarecimentos do Solo Sagrado do Japão, Watanabe e o reverendo Yasushi Matsumoto (que para o grupo de Watanabe ainda é o presidente da Igreja Messiânica Mundial) não têm "sequer o direito de usar o título religioso", pois foram destituídos de seus cargos e honorários pelo Conselho Executivo do Solo Sagrado, órgão máximo deliberativo da Igreja no Japão.

Justificaríamos este afastamento, segundo a missão japonesa, os "atos antiéticos e anti-religiosos" do reverendo naquele país. Além da ocupação do Templo Sagrado e da invasão

de uma das lojas, o grupo de Watanabe teria promovido a venda ilegal de imóveis da igreja, mantido envolvimento com pessoas ligadas "à esquerda japonesa" e desobedecido ordens de Kyoshu-Sama para se retirar de Atami, onde a igreja ocupa um terreno de 150 mil metros quadrados.

O ministro Léo Rodrigues nega as acusações e rebate a afirmação de que o Templo Sagrado foi tomado com violência dizendo que "o grupo de Nakano foi quem primeiro impediu que o reverendíssimo Matsumoto tivesse acesso ao seu gabinete. Houve violência dos dois lados e nós lamentamos que isso tenha ocorrido". Para ele, os problemas que hoje envolvem a entidade fazem parte do processo de "purificação" pelo qual a Messiânica do Brasil — cujo patrimônio oficial, em março, era divulgado como sendo de apenas Cz\$ 284.686.967,95 — deve passar.

(Thais Oyama)

RELIGIÃO

Dinheiro no altar

Como a Igreja do Reino de Deus ergueu um império de empresas e emissoras de rádio e TV com doações dos fiéis

Um inquérito na polícia do Rio de Janeiro e a venda da mais antiga rede de televisão do país, a TV Record de São Paulo, chamaram a atenção, na semana passada, para as atividades de uma seita evangélica fundada há apenas treze anos, mas que conseguiu lotar o Estádio do Maracanã com 150 000 fiéis, no último feriado da Páscoa, e arrematar por 45 milhões de dólares a emissora paulista. A Igreja Universal do Reino de Deus, uma seita pentecostal de 500 000 seguidores que faz pregações em programas de rádio e televisão, virou também caso de polícia na semana passada, depois que a aposentada caxicana Maria Pureza da Silva, de 70 anos, morreu de enfarte num culto gigantesco no estádio do Maracanã. A polícia investiga a negligência no atendimento médico a Maria Pureza. Em vez de chamar uma ambulância e socorrer a aposentada, os líderes

da seita submeteram Maria Pureza a rituais religiosos — e há suspeita de que isso possa ter agravado seu quadro de saúde. "As circunstâncias desse episódio serão apuradas", diz o diretor-geral da Polícia Federal, o delegado Romeu Tuma, que acompanha o trabalho da polícia fluminense.

A Igreja Universal do Reino de Deus pertence a uma categoria de seitas evangélicas, as pentecostais, que sobrevive em meio aos estratos mais pobres da população e que promete curas milagrosas aos adeptos. Seus seguidores acreditam que o Espírito Santo é capaz de se manifestar nos cultos por intermédio dos fiéis, como aconteceu na passagem bíblica do Dia de Pentecostes. Por isso, as cerimônias das seitas são pontilhadas de crises de histeria e de rituais de exorcismo. O que diferencia a Igreja do Reino de Deus das demais seitas pentecostais, como a As-



O bispo Edir (acima) e os sacos de dinheiro arrecadado no culto do Maracanã: "A cura depende da doação dos fiéis"

sembléia de Deus, de 5 milhões de adeptos, é a sua fantástica capacidade de arrecadar fundos entre o rebanho. A Igreja foi fundada em 1977 pelo funcionário público Edir Macedo, um pastor evangélico que se desgarrou da seita da Casa da Bênção para fundar a própria Igreja.

UMBANDA — Hoje, a Igreja transformou-se num império de 700 templos espalhados pelo país, catorze emissoras de



C. LOUREIRO/OLYMPIA

rádio, uma construtora no Rio de Janeiro, uma gráfica e, desde o início do mês, a TV Record de São Paulo. "Todo este patrimônio é fruto do esforço coletivo dos milhares de fiéis", diz o bispo Edir Macedo, de 45 anos, que hoje reside em Nova York, onde já construiu quatro templos de sua Igreja. O Reino de Deus possui uma máquina montada para arrecadação de dinheiro. No culto do Maracanã no qual morreu

a aposentada Maria da Pureza, foram arrecadados 30 milhões de cruzeiros — carregados em grandes sacos na saída do estádio. Nos cultos, os fiéis depositam doações sobre uma Bíblia no altar do templo e o pastor explica que a eficácia das curas depende da generosidade dos seguidores. "As doações dos fiéis são fundamentais para que possamos expandir a palavra de Deus. Por isso, a cura divina é eficaz na proporção do esforço pessoal em fazer uma doação", explica o pastor Edir.

"As seitas pentecostais prometem aos humildes soluções divinas para seus males terrenos. Assim, conseguem crescer, sobretudo na periferia das grandes cidades", diz o antropólogo Carlos Brandão, da Unicamp. Essas seitas não rivalizam com os evangélicos tradicionais, como os batistas e os luteranos. Elas fugiram sobretudo os umbandistas pela concorrência que esse tipo de religião exerce entre o rebanho mais pobre.

"Na umbanda, o diabo toma conta das pessoas", diz o metalúrgico Antônio Sérgio Soares, 44 anos, um dos fiéis da Igreja do Reino de Deus em São Paulo. No Rio de Janeiro, o pastor Edir responde a um processo por incitamento à violência num de seus programas de rádio. Ele é acusado de mandar seus fiéis perseguir umbandistas.

A Igreja Católica, que mais perde adeptos para os evangélicos, também está na mira da Igreja Universal do Reino de Deus. A nova direção da Rede Record expulsou seis padres católicos que há anos participavam dos programas da emissora. "A Igreja Católica está coalhada de comunistas e não fará pregação em minha emissora", diz o pastor Edir. A seita está investindo 8 milhões de dólares na nova fase da TV Record. Além de novos telejornais, a tônica da programação da emissora será calcada em programas religiosos e música sertaneja, para conquistar fiéis entre o público do interior do Estado. A Igreja Católica está preocupada com o avanço dos pentecostais na televisão e no rádio. Os bispos católicos irão discutir os perigos do avanço dos pentecostais na assembleia anual da CNBB, que começa nesta quarta-feira em Itaipava, interior de São Paulo.



O Povo pergunta- Paiva Netto Responde

26/11/88
JdH

A Sociedade e a Lei da unidade

P - Não será perder tempo esperar que o povo compreenda, principalmente os jovens, a progação unitiva de PAZ da LEGIÃO DA BOA VONTADE e da RELIGIÃO DE DEUS, que diz que o sofrimento de um é o sofrimento de todos?

R - De forma alguma, meu irmão. O povo é uma espécie de mente coletiva, que age como uma bússula a apontar o norte. As vezes demora um pouco a chegar lá, mas chega sempre... É da Lei da Evolução. Quanto aos jovens, são eles justamente os primeiros a entender a mensagem nova da LEGIÃO DA BOA VONTADE Mundial e da RELIGIÃO DE DEUS, como neste artigo de Luciano Meira, "A Sociedade e a Lei da Unidade":

Li, no Editorial do Jornal da LEGIÃO DA BOA VONTADE, a seguinte afirmativa de José de Paiva Netto, renomado escritor e jornalista, Diretor-Presidente da LEGIÃO DA BOA VONTADE:

"Os povos (do Oriente e do Ocidente) caminham para um beco sem saída: Concluir que o organismo social é como o corpo humano - se um órgão sofre, todo o organismo padece; ou continuar marchando faticamente, como gado tanguido, para o matadouro nuclear".

Não hesitei em ler e releer o trecho novamente, pois achei-o de notável inspiração e realidade.

Lembrei-me de que o Mahatma Gandhi afirmava que temos muitos corpos, mas somos uma só alma.

Esta idéia fundamental da Unidade que permeia a Sociedade humana tem sido a maior justificativa para os movimentos de pacificação entre as nações. É o princípio da Unidade que dá, às religiões, sentido existencial, já que elas existem para unir os homens (se muitas vezes têm sido instrumentos de discórdias, é porque fogem do seu escopo principal).

Lembrei-me também da imagem de um corpo humano em funcionamento, que é um exemplo bem próximo daquilo que poderia e deveria ser a Sociedade humana.

No nosso próprio corpo encontramos um notável exemplo da Lei Universal da Unidade. Nele, cada órgão acha-se direta e intimamente ligado a diversos outros órgãos, de maneira que dependem uns dos outros e trabalham simultaneamente e sincronicamente, sem cessar.

A característica de um corpo saudável é que cada um de seus membros, órgãos, sistemas etc. executa com relativa perfeição as suas funções, sem interferir maleficamente nas atividades dos demais membros, órgãos, sistemas etc...

Isto, a nível humano, seria a prática da "não-violência" entre os homens, e resultaria fatalmente em Saúde Social.

Então alguém argumentaria: "Idealizar tal Sociedade 'saudável' diante do caos que se vê sobre a face da Terra é inocência demais".

Porém o problema só assusta a quem o encara a nível universal, sem descer até às suas raízes.

A lógica nos diz que tudo depende dos indivíduos. Bastaria que cada um assumisse o verdadeiro papel que lhe cabe dentro dessa grande "Alma Social", e tudo se resolveria naturalmente (aí a importância da divulgação dessas idéias a todas as consciências).

E como pode cada um encontrar o seu "verdadeiro papel" na sociedade? Ora, de onde saem as informações e as "ordens" aos órgãos no corpo? Da cabeça, do cérebro, do sistema nervoso central. Digamos que para os nossos espíritos elas vêm de DEUS (não discutimos aqui a denominação que se queira dar ao Ser Superior, pois, sendo o Criador Incrriado, governa e dirige inteligentemente o Universo).

No caso do corpo humano, se os órgãos deixarem de obedecer às ordens mandadas pelo cérebro, os resultados serão desastrosos. Assim também com a Humanidade, cujas leis cósmicas foram trazidas pelo CRISTO DE DEUS à Terra, e acham-se sistetizadas no Novo Mandamento de JESUS: "Amai-vos uns aos outros como EU vos amei".

É bom lembrar, porém que a harmonia e a saúde social jamais gerarão a monotonia. O corpo humano ilustra bem esse fato, pois embora trabalhe com precisão de um relógio, está sempre preparado para enfrentar as situações mais diversas.

Idealizemos, então desde já, esta Sociedade Saudável de que fala e já a vivencia, há quase 40 anos, a LEGIÃO DA BOA VONTADE. Um mundo onde floresça a Paz e não haja preconceitos e racismos inúteis; onde as diferenças possam ser resolvidas pela convivência pacífica entre todos. Um mundo em que jovens e idosos se complementem e não se antagonizem, e em que as crianças recebam dos mais velhos os cuidados necessários para o seu desenvolvimento físico, intelectual, moral e espiritual. Enfim, um mundo em que a Lei cósmica do Amor seja fielmente cumprida, e a Paz, uma realidade constante.

A saúde do corpo social é um dever e um direito de todos nós.

NÚCLEO E CRECHE DA LEGIÃO DA BOA VONTADE
ESTR. GETÚLIO VARGAS n° 1627
CENTRO - NILÓPOLIS - RJ
CEP. 26525 - FON. 791 4393
COLABORE COM O NATAL PERMANENTE DA LBV

Empresariado sem estabilidade

A estabilidade no emprego, a licença de 120 dias à gestante e nutriz, a jornada de trabalho de 44 horas semanais, são as questões, na área dos direitos dos trabalhadores, que os constituintes do Centrão pretendem revisar e melhorar, no sentido de remeter tais assuntos ou para a legislação complementar ou or-

dinária ou, ainda, no sentido de ajustá-la à realidade nacional.

Por exemplo, a licença de 120 dias a gestante já provoca celeuma nos corredores constituintes. Alguns parlamentares acham que a medida justa tanto para a empresa quanto para a gestante será um prazo menor, talvez de 90 dias.

Seitas protestantes se organizam e avançam sobre redutos católicos

Da Sucursal de Brasília

O deputado evangélico Daso Coimbra (PMDB-RJ), 61, um dos líderes do Centrão, afirma que os seguidores de sua Igreja formam uma massa hoje de 23 milhões de pessoas no país, corresponderão a 18% da população brasileira. Daso, que prepara um livro sobre a história de sua corrente religiosa, diz que existe um crescimento significativo, a altas taxas, do evangelismo no país. Segundo ele, a corrente somava apenas 10% da população nos anos 60, saltou para 15% no final dos anos 70 e chegou aos atuais 18%.

O crescimento dos protestantes tem causado preocupação à Igreja Católica. Principalmente os obtidos na área de comunicações, com a obtenção de rádios, e o aumento da penetração na periferia das grandes capitais.

Os protestantes aumentaram também a sua participação política e hoje contam com uma bancada de 32 constituintes.

Os bispos católicos, porém, evitam comentar o assunto. O arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, d. Lucas Moreira Lima Neves, 62, disse ontem, na capital baiana, que não estava "preparado" para opinar sobre o crescimento do protestantismo no Brasil. afirmou que, antes de falar, precisaria de uma reflexão pois "qualquer palavra mal colocada arrasaria um trabalho de muitos anos". O ex-arcebispo de Olinda e Recife, d. Helder Câmara, 78, —atualmente arcebispo emérito—, também recusou-se ontem a comentar o crescimento das religiões protestantes no país. "Tenho viajado muito e não acompanho esses acontecimentos. Por isso não tenho informações", disse.

O deputado Daso Coimbra atribuiu o crescimento do protestantismo a dois fatores principais. "O primeiro é a disseminação da prática evangélica no interior do país e principalmente no Nordeste, onde a Igreja Católica sempre teve uma força muito grande. Antigamente, em cada pequena cidade havia um campo de futebol e uma igreja católica. Agora, há também uma igreja evangélica", afirma.

Se prevalecer a atual situação, Daso estima que a massa de fiéis católicos vai diminuir. "A crescente politização da Igreja vai desagradando grande parte de seus membros. Quem procura religião quer ficar acima das questões materiais", diz.



D. Lucas Mendes, durante gravação para a "Voz do Brasil"

Corrente religiosa surgiu com o cisma de Lutero

Da Redação

Foi em 1517 que Martinho Lutero (1483-1546), um monge alemão da Ordem de Santo Agostinho, começou o maior cisma religioso do mundo moderno ao afixar nas portas da Igreja de Todos os Santos, em Wittenberg, as suas 95 teses contra a corrupção em Roma. Para além da mera crítica secular, Lutero cristalizava uma nova atitude teológica que teria profundas repercussões na vida prática e econômica da Europa.

A teologia dos seus adeptos, chamados protestantes por causa da posição adotada em face do papa, preconizava uma ligação direta do fiel com Deus, através da palavra da Bíblia, sem intermediação de santos e sacerdotes. Não que Deus estives-

se perto dos homens: pelo contrário, o Deus protestante deve ser procurado arduamente e a única esperança nessa busca é a fé. Mas como Deus é onisciente, os homens já estão predestinados e por isso não podem alcançar a salvação por meio de ações praticadas durante a vida. Por que cultivar a virtude se todos já estão predestinados? Porque o aspecto virtuoso funciona, socialmente, como indicio do dom divino da salvação.

Essa concepção está associada à idéia de que a natureza humana é má (somente uns poucos serão salvos) e cada pessoa é incapaz de agir a não ser no seu próprio interesse. Não há razão para mentir, nem lugar para o sentimento de

caridade. Gerações educadas nesse espírito fizeram a revolução capitalista na Europa e depois a exportaram para o resto do mundo.

Conforme decai a crença em Deus a tendência das religiões passa a ser a de parasitar sistemas ideológicos mais modernos. É o que acontece com o catolicismo, com a sua disposição recente para vampirizar as teorias de inspiração socialista a fim de recuperar a clientela. Coisa análoga ocorre com as seitas protestantes, que hoje nada têm da paixão dos seus fundadores pela verdade, pela liberdade de pensamento e expressão, mas que materializam como nunca os aspectos mais vulgares do mais vulgar empreendimento comercial. (OFF)

O escândalo dos pastores

13. März 1988 Povo

Eleazar de Castro Ribeiro (*)

A imprensa ocidental deu espaço nos últimos meses, para o chamado "escândalo dos pastores", que culminou com o último da série, envolvendo o televangelista Jimmy Swaggart, o mais conhecido de todos.

Como se referiu a revista Veja, "a mistura de sexo, religião e dinheiro costuma resultar numa ótima receita de escândalo", principalmente para uma imprensa sensacionalista, habituada a analisar os fatos pela ótica de uma visão social predatória.

É evidente que não estamos desculpando os envolvidos no caso, nem tentando negar a realidade dos fatos. Contudo, é preciso reconhecer que, em virtude das exigências morais sustentadas pelos evangélicos e pela decadência generalizada dos valores sociais percebe-se um prazer morbido da imprensa e do cidadão médio em condenar aqueles que se apresentam como uma alternativa moral — mesmo que parcialmente equivocados — para uma sociedade corrompida.

Não poupamos críticas aos envolvidos nos episódios. Entretanto, estas se referem muito mais à metodologia empregada para divulgação do evangelho, do que às conseqüências do caso, situação a que todos estamos sujeitos. A Bíblia diz: "Aquele que está em pé, cuidado para não cair". Na concepção bíblica, somos seres destituídos da perfeição de Deus, e nossos valores são sustentados pela força do Espírito Santo, com base no modelo de homem que foi Jesus Cristo.

Pelo lado evangélico brasileiro, as lições estão sendo aprendidas, ao contrário do que pensa a opinião pública em geral, que freqüentemente enxerga nos protestantes, somente uma massa de manobra para os televangelistas políticos e outros profissionais do ramo.

Tais lições dizem respeito à consciência adquirida por meio de alguns pecados cometidos. O primeiro é de idolatrar a "American Way of Life", enaltece-la como matriz de nosso evangelismo, pátria divina e abençoada, capitalismo de Deus. O modelo americano de proclamação cristã, não contextualizado à nossa realidade, sugere muito mais um programa maciço de marketing ideológico cuja semelhança com o Cristianismo é ter nascido no mesmo berço. A teologia e os costumes americanos herdados, geralmente importados do sul dos E.U.A., onde os preconceitos são mais nítidos, forçam nossa cultura, transferem comportamentos e hábitos tipicamente ianques e obscurecem o cerne da verdadeira mensagem do evangelho.

O segundo pecado é o da dependência emocional aos pastores e líderes, tendo como conseqüência a criação de "mitos", a redução do culto a um simples e "santo" lazer dominical e o evangelho teatralizado dos pregadores, cuja eficiência é medida muito mais pela habilidade com as palavras e pelo carisma da eloqüência, do que pela coerência, equilíbrio e simplicidade de suas vidas. Temos de aceitar, nesse caso, a crítica dos sociólogos, que classificam nossas igrejas como fabricantes de cidadãos dóceis e manipuláveis.

O terceiro pecado diz respeito à pouca profundidade bíblica de nossos crentes, incapazes de discernir que tipo de mensagem recebem, de avaliar as situações à luz da palavra de Deus, de rejeitar propostas alienantes e aculturadoras, de procurar a

via correta da coerência discurso-prática.

Cabe examinar, por outro lado, as causas da repercussão dada ao caso, quando país está num ritmo de falência moral, registrando-se acontecimentos muito mais dramáticos.

Fala-se nos pastores americanos e cala-se sobre o laudêmio, uma imposição feudal a todos os proprietários urbanos; igualmente se silencia sobre a convivência histórica com relação às perseguições dos protestantes e de outras minorias religiosas no Brasil, ao preço do sangue de muitos mártires; não se fala mais no escândalo do Banco Ambrosiano: não se evoca a cooptação política de religiosos no período imediatamente pós-64, benzendo os aparelhos repressivos e dando extrema-unção pra os perseguidos do regime.

Da mesma forma, deixa-se de dar espaço na TV para falar sobre a miséria de nosso povo e da falta de esforço para resgatar os deserdados sociais, visto a grande maioria da sociedade estar preocupada em acumular poder, prestígio e riqueza.

Principalmente, abre-se um parêntese estratégico e importante na divulgação dos escândalos morais deste país, que atingem os mais altos escalões e que são, ao contrário do caso dos pastores americanos, diários e mais agudos.

A intenção não é de promover a defesa dos envolvidos, mas condenar o farisaísmo das críticas. Falar como Jesus aos homens que queriam apedrejar a adúltera: "Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado".

Fazemos ressalvas, como já dissemos, ao estilo de proclamação do evangelho do pastor Jimmy Swaggart. Creemos que ela reduz os cristãos à mera platéia, sem levar em consideração as exigências de perseverança, compromisso, simplicidade e contextualização. Acreditamos que a verdadeira transmissão da mensagem se dá pela vivência e pelo discipulado responsável. O genuíno evangelho pretende ser integral, ou seja, transformar o homem na sua totalidade, inclusive o corpo.

Por isso mesmo, é bom que fique esclarecido que os evangélicos não se resumem aos telespectadores do televangelismo, para que não sejam julgados por um fato isolado.

Como conclusão, há que se considerar o aspecto bíblico do perdão de Deus. Não importa o tipo de pecado cometido, o aspecto julgado é o da sinceridade do arrependimento, se é que ele existe. Por se tratar de um sentimento explosivo e culturalmente reprimido, o sexo geralmente é tratado como um "escândalo especial". Entretanto, culpas maiores estão sobre nossas cabeças e elas são bem mais freqüentes do que os escândalos sexuais: o amor ao dinheiro e ao poder, a vaidade, a negligência para com os oprimidos, a falta de carência de valores morais, a ignorância dos preceitos bíblicos e o des-caso geral para com os outros. Esses não saem na TV e estão presentes no nosso cotidiano.

Deus nos perdoe por eles.

Eleazar de Castro Ribeiro. Diretor de Relações Públicas da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (A.B.U.B.) — Presidente do Grupo Evangélico de Ação Política (GEAP).

E a maçonaria

A maçonaria cearense está em festas pelos 60 anos de fundação da Grande Loja do Ceará. E, antes de falar neste evento, programado para hoje, no Centro de Convenções, a partir das 19h30min, vamos rever um pouco o significado da palavra maçonaria. Trata-se, na realidade, de uma sociedade secreta de fins filantrópicos e de assistência e defesa mútua aos seus membros, admitidos dentro de certos requisitos morais e após rito iniciático. Espalhada por todo o mundo, seus membros devem ajudar-se onde quer que se encontrem, seja qual for o país, a classe social ou organização a que pertençam. A admissão à maçonaria só ocorre após cerimônias de iniciação, constituídas muitas vezes de provas de resistência física e integridade moral, além de juramento de manter sob rigoroso sigilo os segredos da confraria. Regra geral, não são admitidos ateus ou agnósticos.

Os maçons chamam "loja" ou "oficina" o local de suas reuniões. Templo, a sala fechada onde realizam seus trabalhos, presididos pelo "venerável". São três os graus de hierarquia maçônica: aprendizes ou membros novos, que constituem as oficinas simbólicas; companheiros, logo acima; mestres ou maçons perfeitos. Além desses, há outros graus,

de caráter honorífico, em número variável, de acordo com o rito.

É muito discutida a origem da maçonaria. Alguns autores situam-na nos primórdios da Antiguidade oriental; outros admitem como fundador Hiram-Abif, arquiteto do templo de Salomão. Para outros, no entanto, deriva dos mistérios do Egito ou da Grécia ou, ainda, das corporações operárias criadas por Numa, em 715 a.C. Considera-se, entretanto, mais provável seja ela um desenvolvimento das confrarias medievais de pedreiros-livres, especialmente da Inglaterra.

No início do séc. XVII, começaram algumas lojas a admitir pessoas estranhas à arquitetura. Com o tempo, assumiram as lojas caráter puramente simbólico, conservando-se, porém, os símbolos antigos, representados pelo avental, o esquadro e o compasso, além de outros, cujo sentido só os iniciados conhecem. Em 1717, fundou-se em Londres a primeira Grande Loja simbólica. Em 1723, o Book of constitutions (livros de constituições), do pastor James Anderson, dá à ordem seu caráter secreto e místico. Daí em diante, multiplicam-se as lojas; da Inglaterra passam ao continente e ao resto do mundo. A ela aderem os membros das classes mais elevadas, atraídos, principalmente, por seu ideal de liberdade e fraternidade.

Assim, tornou-se a maçonaria propagandista do racionalismo filosófico do séc. XVIII. Os papas a condenaram, mas importante foi seu papel na independência das nações americanas. Vários vultos importantes da história do Brasil fora maçons, inclusive o imperador D. Pedro I, que ao ser iniciado recebeu o nome de Guatimozim.

RAÍZES BRASILEIRAS

Até o final do século XVIII o que sobre Maçonaria se podia obter nasica da boca de missionários jesuítas, narrado como canção de ninar, mas de uma forma cruel e assustadora. Eram contos fantásticos, de "monstros" que atehavam contra a religião católica e que em razão disso a "Santa" Igreja Romana impusera-lhes a pena de excomunhão. Ao maçon, portanto, réprobo da maldição papal, não se podia dar nem água, nem pão, nem campo-santo ao seu corpo, nem os exorcismos ou sacramentos no caso de morte. Sob a disciplina desse entendimento, a persistência inaciana conseguia infundir terror aos ignorantes e manter sem inimigos a caridade de sua filosofia dominadora. Era o que se sabia a respeito de Maçonaria.

No começo do século XIX apareceram as primeiras sementes que num "breve" ainda meio longo iriam frutificar na terra, não cativas ao solo

se fez história...

19. März 1988 P. H. V.

ou destinadas a permanecer como árvores sedentárias, mas sujeitas às vicissitudes do tempo e suas mudanças sociais. Pernambuco era o pólo do qual emanavam esses primeiros indícios. Destes, as primeiras informações que nos restaram apresentam como mensageiro o Ouvidor João Antônio Rodrigues de Carvalho, republicano que por algum tempo se fixara na Província.

Investido no cargo a 8 de maio de 1815, desde o ano de 1912 que sua presença era conhecida no Ceará, como itinerante ou "necessitado de ares sadios com que esperava curar suas enfermidades". Era enfermo do monarquismo. Se de forma mais proveitosa não chagaria a tirar o melhor proveito dos "ares sadios", a isso se deverá não ao clima, mas à vigilância oposta pelo antimaçom e governador Antônio de Sampaio, conforme escreveu o historiador R. Batista Aragão. A segunda referência sobre Maçonaria advém da pena do pesquisador, historiador e jornalista João Brígido. Maçom, desceu ao fundo do poço o quanto pôde, resolvendo escombros que remontam períodos de domínio luso.

60 anos de Maçonaria no Ceará — É a comemoração do sexagésimo aniversário da Grande Loja do Ceará que se realiza hoje, no Centro de Convenções, a partir das 19h30min para convidados e maçons.

Maçonaria respeita Luís

Hoje será um dia especial também para o frei Luís Gonzaga que há pouco pertence à Maçonaria. A.M.R. Grande Loja do Ceará em reunião de seu Alto Corpo realizada em dezembro do ano passado, escolheu o mestre Luís Gonzaga, o rei do baião, para ser o agraciado com a Medalha Centenário da Abolição, por ser um legítimo filho do povo brasileiro e, antes de tudo, nordestino. E por ser esse humilde caboclo que cresceu e se tornou nacionalmente conhecido pelo seu trabalho, por sua arte, por sua fidelidade à alma popular.

Para José Linhares de Vasconcelos Filho, Grão-Mestre da Grande Loja do Ceará, "Luís representa ainda um cantor das alegrias e tristezas de nosso povo, que canta a música deste mesmo povo, com seus instrumentos, com suas palavras - versos e sentimentos melódicos acalentando as nossas esperanças mais profundas. Para nós, ele é o símbolo vivo dos descendentes de escravos que se libertou usando a beleza como caminho a percorrer e com a força de sua vontade, buscar os lampejos da sabedoria popular".

José Linhares afirma ainda que a Maçonaria desempenhou um papel preponderante na luta pela libertação dos escravos. E o estado do Ceará foi

pioneiro durante toda a campanha e distinguiu-se ainda por ser o primeiro a libertar os escravos, antecipando-se à própria Lei Áurea. A medalha que será recebida por Luís Assunção tem a forma de um escudo; defesa, distintivo das descendências nobres. As correntes da escravidão são quebradas (com um símbolo na medalha representado pela pena que assinou a Lei Áurea).

No programa previsto para hoje no Centro de Convenções, a partir das 19h30min., constará a entrada dos veneráveis das 77 lojas jurisdicionadas acompanhados dos respectivos estandartes. Haverá também palestra do Past-Grão-Mestre da Grande Loja do Rio de Janeiro, Waldemar Zweiter, sob o tema: Maçonaria Hoje. Em seguida, haverá apresentação do coral da Escola Técnica, a homenagem a Luís Assunção e o encerramento pelo Grão-Mestre, José Linhares de Vasconcelos Filho.

Embora não falem em suas reuniões em política partidária propriamente dita, os maçons mostram-se abertos a quaisquer participações com a condição de que não seja agnóstica e defendem a convocação de eleições gerais em todos os níveis, conforme documento firmado em São Paulo por vinte e cinco Grão-Mestres das grandes lojas maçônicas do Brasil.

23. März 1988



Adeptos da Renovação Carismática: orações inspiradas pelo Espírito Santo



Régis Castro: exemplos bíblicos

Religião

Espírito de fé Cresce o pentecostalismo na Igreja Católica

A cada domingo, pelo menos 500 000 brasileiros renegam uma parte do sono matinal para acompanhar as orações que a Renovação Carismática Católica — uma corrente pentecostal fundamentalista da Igreja — leva ao ar às 18h30 pela Rede Bandeirantes de Televisão. O sucesso de *Anunciamos Jesus*, que estreou em 1983 com uma audiência insignificante, confirma o crescimento e o vigor desse segmento da instituição católica. Os carismáticos já passam de 2 milhões e mantêm comunidades de prece em todo o território nacional. A Renovação ainda conta com um programa semanal na rádio São Paulo, que é retransmitido por outras 52 emissoras. "É a força do Espírito Santo que faz crescer esta obra", diz o padre jesuíta americano Edward Dougherty, 47 anos, um dos dirigentes nacionais da organização e apresentador de *Anunciamos Jesus*.

A Renovação Carismática surgiu em 1967, nos Estados Unidos, e rapidamente se espalhou pelo mundo. No Brasil, a corrente chegou em 1972 pelas mãos de alguns jesuítas do interior de São Paulo. A cidade de Campinas ainda é o principal referencial geográfico dos carismáticos brasileiros. Ali funcionam

as equipes de rádio e televisão e inúmeras comunidades de oração. "Temos aqui uma Igreja alegre, que cresce sem parar", diz a irmã salvatoriana Cecília Vianna. A exemplo das seitas evangélicas, como Congregação Cristã do Brasil e O Brasil para Cristo, a Renovação tem como traço distintivo a crença na manifestação viva dos dons do Espírito Santo, um dos vértices da Santíssima Trindade, que se revelou aos apóstolos no Dia de Pentecostes, cinquenta dias depois da Páscoa.

CURAS — Durante suas reuniões, os carismáticos alegam manter um contato direto com o Espírito Santo. Essa aproximação da divindade lhes daria poderes de cura, profecia e discernimento. Após leituras bíblicas, alguns adeptos repetem em voz alta mensagens que estariam sendo ditadas pelo próprio Jesus Cristo.



Padre Dougherty: voz carismática na televisão

Outro fenômeno comum nessas sessões é o exercício do dom de línguas — locução e interpretação de preces e dialetos extintos ou desconhecidos. "Essas manifestações estão previstas em vários versículos do capítulo 12 de Coríntios", afirma o pregador Régis Castro, da comunidade Jesus te Ama, de Campinas. Membro da Renovação há quatro anos, o cardiologista Carlos de Oliveira Lobão, 49 anos, de Belo Horizonte, diz que o Espírito Santo tem devolvido a saúde a pessoas desenganadas pelos médicos. "Já testemunhei curas que só podem ter ocorrido pela intercessão divina", afirma Lobão.

Se por um lado essa corrente traz novos fiéis para a Igreja, não são raros os párocos que admitem temer que seus templos sejam transformados em tendas de milagres. Hoje, 135 das 245 dioceses brasileiras já aprovam oficialmente os trabalhos da Renovação Carismática. Mais de 1 500 sacerdotes já passaram pelos cursos e retiros promovidos pela organização. Seguindo a opinião de vários nomes da hierarquia católica, o bispo de Formosa, em Goiás, dom Victor Tielbeek, afirma que a Renovação é um caminho de retorno aos ensinamentos bíblicos, à crença comunitária e à oração espontânea. "Há, sim, uma coincidência com os propósitos e práticas dos evangélicos, mas nem por isso descuidamos dos mandamentos da Igreja e do louvor à figura de Nossa Senhora", argumenta dom Tielbeek.

Padre visita paranormal e fenômenos desaparecem

261418 58
PORTO ALEGRE
AGÊNCIA ESTADO

Deslocamento de móveis e objetos, batidas na parede sem ninguém por perto, colchão dobrando-se sem ser tocado. Todos esses fenômenos, provocados por Leonice Fitz, de 13 anos, desapareceram desde que o padre jesuíta Edvino Friderichs, especialista em parapsicologia, visitou-a na semana passada, em Santa Rosa (a 536 quilômetros de Porto Alegre). Ele disse ontem, em Porto Alegre, que falou ao inconsciente da menina e, através de relaxamento neuromuscular, conseguiu condicioná-la para não mais produzir os fenômenos, porque estavam fazendo mal à sua saúde, deixando-a debilitada fisicamente. Mas o assessor de imprensa da Prefeitura de Santa Rosa, Heitor Fernandes, que presenciou as primeiras manifestações, afirmou que há dúvidas quanto ao desaparecimento dos fenômenos, já que a família mantém Leonice afastada das pessoas. Segundo ele, outros familiares da menina informaram que continuam acontecendo os fatos paranormais.

Os fenômenos com a menina aconteciam desde novembro do ano passado. Com a divulgação feita pela imprensa de Santa Rosa, o prefeito Erni Friederich (PDS) e seus assessores decidiram visitar a família, na localidade de Linha Boa Vista, para oferecer ajuda. De acordo com o relato dos que estiveram com Leo-

nice, uma cadeira se deslocou por quatro metros desde a área até a varanda da sala e a tampa de um tambor de leite levantou-se a uma altura de três metros, enquanto a menina ficava apenas olhando. Quando se deitou na cama, o colchão dobrou-se sobre ela e o lençol parecia estar sendo puxado para baixo do seu corpo.

A visita do padre Friderichs, entretanto, mudou o comportamento de Leonice. Ele esteve com a menina por três dias na semana passada e conseguiu "cortar tudo". Segundo ele, havia apenas a manifestação de "fenômenos inconscientes, extra-normais, manifestados por forças físicas". Conversando com Leonice e fazendo relaxamento neuromuscular, o padre jesuíta fez com que os fenômenos parassem de acontecer. Ele disse que não usou hipnose e apenas falou ao seu inconsciente. Acrescentou que Leonice e seus pais queriam que os fenômenos desaparecessem porque estavam sendo prejudiciais à menina e incomodando a família pela divulgação dada pela imprensa.

Para tirar as dúvidas quanto ao real desaparecimento dos fatos anormais, o assessor de imprensa da prefeitura pretende visitar novamente Leonice nesta quinta-feira. Na sua opinião a mente da menina "está bloqueada pela ação do padre", que pediu à família para não mais submetê-la a novas experiências.

Penetração da Igreja diminui em 0,5% ao ano

A passagem do centro do mundo para a Ásia - e não para a América do Norte, América Latina, Europa ou para os Estados Unidos e a URSS - é um dos fenômenos que mais preocupam d. Paulo. Ele disse ter acesso a análises "muito bem fundamentadas" indicando que essa tendência não somente é econômica, mas também política, cultural e religiosa, implicando a "integração do mundo inteiro". Afirmando que somente a China e a Índia representam dois bilhões de pessoas, d. Paulo destacou que "juntando o Japão e outras terras, temos mais da metade da humanidade sem cristianismo e sem nenhuma iniciativa de envergadura neste campo". Citando pesquisas a que teve acesso, como consultor das Nações Unidas para questões de paz e desenvolvimento, afirmou que "a Igreja Católica está perdendo, de ano para ano, 0,5% de seu contingente ou, quem sabe, mais pessoas, em relação ao crescimento demográfico da humanidade".

Criticou, porém, projetos voltados para uma recuperação quantitativa do terreno perdido pelo Catolicismo, um dos quais é a "Evangelização 2000", com um segmento de mídia

chamado "Lumen 2000" (iniciativa de movimentos católicos europeus, voltada para a recristianização do mundo, com um orçamento de 400 milhões de dólares para aplicação, nos cinco continentes, entre 1990 e 2000). Para d. Paulo, o Catolicismo "não pode significar a quantificação e sim a penetração de todo o tecido do organismo humano, reforçando os valores já existentes na humanidade e levando a mensagem do Evangelho para que penetre nas diversas culturas".

Citando o caso do Japão - em que menos de 0,5% da população é católica e onde a Bíblia "continua sendo o principal best-seller e o papa o homem mais ouvido pelos meios de comunicação", d. Paulo afirmou que "a Igreja deve reconhecer, de uma vez por todas, que continua sendo um pequeno grupo, um pequeno rebanho, como diria Cristo, esforçando-se para ser sal, fermento e luz e não insistindo tanto na quantidade ou no triunfalismo dos números, voltando-se, sim, para a ação qualitativa".

Para o cardeal Arns, o ano 2000 "será o fruto de uma evolução que já começou há muito tempo". (DA)

17. Juni 1988 \$P

Ruptura de dirigentes abre crise na

JOÃO BATISTA NATALI
Da Reportagem Local

A filial brasileira da Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial, essa combinação de religião com ativismo anticomunista criado pelo reverendo sul-coreano Sun Myung Moon, entrou em parafuso. Dirigentes do primeiro time partem para a ruptura e estimulam o processo de evasão que já teria atingido quatrocentos dos cerca de 5 mil "membros internos", determinando o fechamento de pelo menos quinze templos ou comunidades. E, num clima agora marcado pela troca mútua de acusações trabalhistas ou puramente pessoais, lava-se roupa suja em praça pública, recorrendo-se à Justiça para a solução das controvérsias entre os que ficam e os que saem.

A crise não é recente, embora tenha-se manifestado de maneira discreta em janeiro de 1987, com a saída de Miguel Ângelo Bueno Rocha, 40, um dos líderes do movimento e arquiteto de seu braço puramente político, a Associação Causa-Brasil. Em menos de um ano, tomavam o mesmo rumo dois outros quadros de primeiríssimo escalão, o pastor Marco Antônio Alonso, 24, responsável ao mesmo tempo pela catequese religiosa no Distrito Federal e pelo "lobby" no Congresso constituinte, e Osmar Costa Valentim, 36, redator-chefe do agora suspenso "Folha do Brasil", jornal projetado para ser a versão brasileira do conservador "Washington Times", carro-chefe do grupo de imprensa de Moon nos Estados Unidos.

A evasão desse trio —cujo exemplo foi acompanhado pelos chefes político-religiosos em Vitória (ES),

Macapá (AP), Recife (PE) e Florianópolis (SC)— tinha como denominador comum uma linha de oposição, ao que qualificam hoje de excesso de centralismo e de ambições pessoais do presidente brasileiro da Igreja, Waldir Cipriani, que, procurado pela Folha, destacou seu assessor de imprensa, Leones Ferreira da Silva, 33, para responder às críticas: "Eles e alguns outros perderam a fé —afirma ele— deixaram o Movimento e agora procuram extorquir algum dinheiro."

Embora ninguém aceite a acusação de haver fraquejado em sua fé nos ensinamentos do reverendo Moon, a dimensão pecuniária da polémica é em alguns casos procedente. Um exemplo: ao fim de seus oito anos como um dos mais ativos militantes da Igreja, Miguel Bueno Rocha comprou com um cartão de crédito o mobiliário para a sede que a Causa acabava de construir na rua Pires da Mota, na Aclimação, zona sul paulistana. A despesa, contraída em dezembro de 1986, não tinha sido até anteontem reembolsada.

Outro exemplo: Osmar Valentim, formado em jornalismo no Rio, ficou à disposição da "Folha do Brasil" entre fins de 1986 e janeiro deste ano, supervisionando o fechamento das três únicas edições impressas no período. Como membro interno —exercendo, sem contrapartida financeira, uma atividade numa empresa com fins lucrativos pertencente à Igreja, no caso, a Notícias do Brasil, Comunicações Ltda (a sigla é NBC)— sua saída foi acompanhada da decisão de receber os atrasados equivalentes ao piso salarial de sua categoria. O processo está na 11ª Junta do Trabalho do TRE, e tem sua primeira audiência marcada para 5 de julho.

Valentim é testemunha de uma ação de cunho também trabalhista, envolvendo Marlene Pinto da Rocha, "funcionária" de outra empresa brasileira do Grupo Moon, a Mundial Assessoria Contábil. Ela quer igualmente receber seus atrasados, e ser indenizada pelo acidente automobilístico que sofreu em agosto de 1986 (quebrou o nariz), para o qual julga não ter recebido assistência médica conveniente.

"A questão médica é fundamental nas divergências que temos com a direção da igreja", diz Valentim. Como os membros internos moram comunitariamente nos templos, vivendo 24 horas por dia em atividades do Movimento, se eles adoecem, a mínima contrapartida que julgam ter direito de receber é uma assistência do tipo INPS. "Não é o caso —prosegue— porque na maioria dos casos, os "irmãos e irmãs" são obrigados a voltarem a viver com suas famílias para se tratarem ou recuperarem de algum tratamento."

Leones Ferreira, porta-voz da Igreja da Unificação, procura defender a ação da seita. Diz que sua entidade precisa se proteger contra pessoas já portadoras de enfermidades, que nela ingressariam apenas para, no plano das segundas intenções, obterem tratamento médico. Leones diz pagar do próprio bolso uma apólice da Golden Cross.

Parto cinco estrélas

Esse capítulo —que teria sido um dos pontos da divergência entre Miguel Rocha e Waldir Cipriani— possui, no entanto, um lance decisivo na argumentação dos hoje dissidentes. O responsável pelo braço teológico da seita, o coreano Hyung Tae Kim, tem no Brasil um irmão cuja mulher, para fazer um parto

seita Moon

"cinco estrelas", foi dar à luz numa clínica dos Estados Unidos, com as despesas de viagem da família correndo por conta dos cofres dos "moonies" brasileiros. "É uma prova de que os coreanos têm um tratamento diferenciado dos brasileiros", diz Osmar Valentim.

Ele e o Marco Antônio Alonso tecem críticas menos polémicas quando se trata de divergências no plano organizacional. Basicamente, Cipriani, para diminuir os poderes de Miguel Rocha, tirou-o da presidência da Causa, e passou a acumulá-la com a presidência da igreja. A seguir, fechou os locais do departamento político para que encontros do gênero fossem promovidos nos locais reservados ao culto, e arquivou os planos de regionalização da Causa-Brasil. "Isso nos deixou sem recursos ou meios para atuar com autonomia em Brasília", afirma Alonso, argumentando ser esta uma das razões para a ineficácia da atuação da seita junto aos constituintes, onde no ano passado ela chegou a fazer "lobby" conjunto com o chamado bloco evangélico.

Cheques

Foi talvez para compensar esse malogro político que Cipriani e seu grupo criaram, recentemente, um departamento de nome pomposo: a Associação do Movimento da Unificação do Povo para a Salvação da Pátria (a sigla é A USP), que já promoveu seminários contra "a droga e a pornografia" em Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis e São Paulo. Os cofres da igreja reservaram Cz\$ 500 mil para doações às autoridades locais em cada uma dessas ocasiões. Os governos paulista e paranaense não aceitaram seus cheques.



O Cz\$ 1 milhão assim acumulado foi então destinado à Fundação Antônio Prudente, de São Paulo, que trata de vítimas do câncer. O gesto, a princípio filantrópico, bastou para despertar a suspeita de que Cipriani procurava, em verdade, fazer "public relations" para que finalmente o governo brasileiro permitisse o carimbo de um visto de entrada no passaporte do controvertido reverendo Moon.

Casamento

E sua vinda ao Brasil é um fator menos prosaico que se imagina. Pelos estatutos de sua igreja, ele é o

único credenciado para officiar casamentos. As duas últimas cerimônias do gênero que ele presidiu datam de 1982, e nenhuma outra foi convocada depois dos quatro anos em que ele permaneceu preso, nos Estados Unidos, por sonegação de impostos.

Sem o reverendo, os fiéis-militantes permanecem condenados ao celibato compulsório, residindo nesse ponto uma das razões para que a seita Moon não desperte seu encanto inicial junto a determinada parcela de jovens, estimulando ao mesmo tempo alguns dos que estão dentro a abandonarem a religião.

Santo Daime sai da Amazônia para o mundo

Repórter da Folha acompanha a vida de uma comunidade carioca da religião que usa a droga ayahuasca em seus rituais

FERNANDO GABEIRA

Da Sucursal do Rio

Ayahuasca é isso aí. Bebida feita da mistura de um cipó com uma folha, tornou-se a base de uma nova religião, fundada na década de 1930 por um negro que viajava com o marechal Rondon pela Amazônia. Descoberta por jovens do sul que viajavam pela floresta na década dos 70, a ayahuasca rompeu as fronteiras da selva e hoje é tomada em 60 igrejas espalhadas pelo Brasil. Já se expandiu para Boston, nos EUA, onde entra legalmente. E começa a ser plantada pelos norte-americanos no Haval.

Para examinar essa ascensão que fascina um setor da classe média brasileira, passei alguns dias entre os tomadores de ayahuasca, rebatizada por eles com o nome de Santo Daime. Eles estavam interessados em revelar sua prática religiosa, pois já começam a sofrer campanha de gente que gostaria de vê-los na cadeia. Entre elas, um intelectual do Rio, Otávio Alvarenga, que escreveu para os jornais dizendo que os índios jiváros que tomam ayahuasca costumam cortar a cabeça de seus inimigos.

Dos incas para o mundo

A comunidade religiosa que visitei está instalada numa área de 200 mil metros quadrados, diante da Pedra da Gávea, no Rio. O nome da religião, oficialmente, é Centro Eclético Fluente Luz Universal Sebastião Mota Melo. Todos a chamam de Santo Daime. Sebastião é o nome do padrinho que mora em Mapiá, no Amazonas, dirigindo a religião. Há um outro centro no Acre, chamado Colônia dos Cinco Mil.

Vivendo numa área verde quase de frente para o mar, a comunidade do Daime é tão pacífica como os Hare Krisna em Pindamonhangaba ou os seguidores de Rajneesh em Itamonte. O que os torna um foco de atenção é esta pequena bebida marrom-esverdeada que é tomada às vezes durante toda uma noite.

A atmosfera na comunidade é de trabalho. Vivem cerca de 30 pessoas, quase todas vindas da classe média. Há um clima de efervescência porque em cada cerimônia aparece mais gente e a própria comunidade está instalando a Companhia da Borracha, uma empresa comercial que já tem escritório no centro do Rio.

Os líderes da comunidade são o psicólogo Paulo Roberto Souza e Donata Melo. Ela é filha do padrinho Sebastião e mora com Paulo Roberto. Juntos receberam a tarefa estratégica de montar igrejas por todo o Brasil. Eles têm autorização para misturar o cipó jagube e a folha de chacrona. Eles podem fazer o Santo Daime: "Nossa comunidade é apenas uma porta. Existem várias portas", diz Paulo Roberto. O centro mesmo está na floresta.

Daime da floresta

De fato, muitas pessoas ou viajam para a Amazônia ou se preparam longamente para a vida na selva, à espera do dia em que possam morar para sempre na floresta, trabalhando e tomando o Daime.

Segundo Paulo Roberto a história da ayahuasca começou com um nobre inca que fugia dos espanhóis e levou o segredo para a Amazônia. Os índios jiváros e cujancham tomam a droga, o mesmo acontecendo com os kamps e os kaxinaras.

Foi na década de 30 que Mestre Irineu, um negro de quase dois metros de altura, tomou a bebida pela primeira vez. Ele viajava na expedição de Rondon e decidiu ficar por lá. Viu Nossa Senhora, numa de suas mirações (é o nome que dão para as visões durante o ritual religioso) e decidiu construir uma igreja. Não há nada escrito além de hinos em louvor a Deus, Jesus Cristo e Nossa Senhora. Foi um momento de sincretismo. Ayahuasca, o inca que trazia a bebida fugia dos colonizadores espanhóis. Agora a mesma bebida era tomada com temas essencialmente cristãos.

Com mestre Irineu o Santo Daime

floresceu. Havia plantas à vontade. No meio da década dos 70 começam a aparecer jovens de todo o mundo fascinados pela experiência. Eram hippies alguns e ficaram trabalhando nas comunidades. Em certos momentos, através desses jovens, foi introduzida a maconha que alguns seringueiros humildes chamavam de Santa Maria. Com o tempo a prática de fumar Santa Maria caiu. A polícia visitou os centros mais de cem vezes e o padrinho Sebastião quis romper com qualquer coisa que fosse ilegal. Dezenas de policiais e militares teriam experimentado o Santo Daime. Gostaram e ficaram, de certa maneira, ligados à comunidade.

A hora decisiva

O Daime tornou-se mais conhecido no sul do país quando o ex-guerrilheiro Alex Polari aderiu à religião e fundou uma comunidade em Mauá. Escreveu um livro contando suas visões e passou a difundir a doutrina.

Aos poucos foram brotando novas igrejas e uma estranha combinação polarizou alguns setores da classe média. Uma doutrina simples, baseada em costumes morais rígidos e uma bebida que revolucionou os caminhos da percepção. Mas é uma combinação que tem dado certo, uma vez que, em cada cerimônia, aparecem agora mais de 200 pessoas. É a própria bebida começa a ser buscada na Bolívia, uma vez que o consumo aumentou nos últimos anos. A norte-americana que levou o Santo Daime para Boston, Gene Stamps, informou que o cipó e a folha estão sendo plantados agora no Haval.

Depois dos contatos iniciais, só me restava tomar o Santo Daime. Eu o fiz na noite de sábado, numa cerimônia onde havia cerca de 150 pessoas. Minha

experiência foi pessoal e não se pode pensar que ela substitui o conhecimento direto de quem lê.

É um líquido meio ácido que me caiu como um pontapé no estômago. Durante a primeira parte da cerimônia, quando se estava apenas concentrado, com as luzes apagadas, foi uma experiência bonita. Na segunda parte, quando se cantaram quase duas horas de hino e as maracas batiam com insistência em nossas cabeças, passei mal três vezes.

Sem sexo

A cerimônia é feita em torno de uma mesa onde há uma cruz de madeira e velas acesas. Nela foi instalado um órgão e sentam-se também algumas violinistas. Formam-se três filas de mulheres num lado da mesa, e filas de homem no lado oposto. Homens e mulheres não se misturam. E há indicações de que não se faça amor nas vésperas da cerimônia que acontece duas vezes por semana.

Os hinos são simples e falam da Virgem Maria, do Pai Onipotente. Mas após os primeiros 15 minutos, a bebida começa a fazer efeito. As pessoas mergulham fervorosamente nos seus cânticos. Ou saem dali, como aconteceu comigo. Sai, através de alucinações que nunca tinha experimentado.

Não era como o ópio que joga a gente no paraíso ou como o ácido que desperta a atenção para mil detalhes luminosos. Era algo que me levava a ficar sério, a buscar o essencial da vida, onde quer que estivesse. Havia silêncio. Às vezes ouviam-se carros ao longe, grilos da mata. E quase sempre gente vomitando. Pensei em sair mais dali, para um lugar onde só houvesse paz sem vômitos. Imediatamente refiz minha idéia. Percebi que o mundo era cheio de sofrimento, que aquilo era uma alegoria da vida e a viagem só teria sentido se incorporasse o sofrimento. Mais tarde percebi que entrei no caminho correto. Senti o profundo desamparo de quem vomita e compreendi que suprimir o sofrimento alheio era a maneira de evitar o meu.

Hinos em bar grego

Os hinos eram cantados com energia e me sentia num bar grego onde a dança e o canto são feitos para embriagar. Várias vezes pensei que podiam dar um intervalo, parar com aquilo. Tentei evitar o mal-estar e muito rapidamente percebi que era inútil meu esforço. Era preciso deixar sair a verdade. E a verdade era uma imensa vontade de vomitar. De novo, no meio do mato, desamparado sem conseguir pensar em nada. Era o corpo que ditava sua lei, não havia o que pensar. Só mergulhar no vazio.

Vi muitas coisas. No princípio eram coisas do inconsciente, imagens já vistas, deformadas. Depois perdi a referência. Deixei de me interrogar se as visões eram coisas de dentro ou se existiam fora de mim. Tentei imaginar o depois da morte. O resultado foi mais vômito e uma voz interna dizendo gravemente: cada coisa tem sua hora.

Antecipar a morte parecia um pouco desses exames nas mulheres grávidas para saber se o bebê é homem ou mulher.

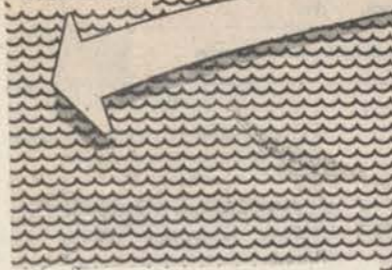
Sai sem transmitir aos meus anfitriões o que sentira exatamente com a bebida. Não vi Pai, Mãe e Nossa Senhora. O mundo que eles habitavam, vestidos de azul e branco e com uma estrela dourado no peito, a farda da religião, me parecia apenas mais uma galáxia distante. Encontrei o vazio total, na fração de segundos em que vomitei. Sai com dor de estômago, uma tolerância maior para as viagens alheias e a disposição de acompanhar mais a trajetória dessa religião para ver o que o tempo faz com ela.



Foto: Fernando Guedes



HAVAI
Honolulu



do espectro da luz poderá provocar sobre as algas, que são o elo inicial da cadeia alimentar da vida marinha, e sobre toda a superfície verde do planeta (florestas, agricultura e gramíneas). Tanto as algas como as plantas retiraram sua energia vital dos raios solares pelo processo bioquímico chamado fotossíntese.

O segundo fenômeno global que ameaça crescentemente a humanidade é o "efeito estufa", isto é, a retenção do calor refletido pelo solo, que não volta na mesma intensidade de antes para o espaço, por causa da presença excessiva de gás carbônico (CO₂) na atmosfera, agindo como telhado transparente de uma estufa de plantas. O excesso de CO₂ deve-se à queima de combustíveis fósseis (petróleo, carvão e gás natural) em caldeiras, fornos e automóveis, e à queima de florestas, que provoca a substituição de densa biomassa por um tênue de gramíneas ou de cultivo de grãos. O excesso de biomassa fumaceia-se em CO₂.

Quando se imagina que, somente no inverno de 1987, foram queimados 200 mil m² (quase a área do Estado de São Paulo) de matas na Amazônia legal, é possível entender que esta mata está deixando de ser um dos super-refrigeradores do mundo.

A consequência do "efeito estufa" poderá ser a elevação de cerca de um metro do nível dos oceanos em algumas décadas, o que já seria catastrófico para as planícies litorâneas de todo o mundo mas poderá evoluir até a algumas dezenas de metros em poucos séculos (ou até em menos tempo) se houver sensível degelo das calotas polares. Ai a catástrofe teria consequências de dimensões cíclicas.

Além de proteger o patrimônio genético e a biodiversidade deste ecossistema, haveria um alívio nas emissões de CO₂ e NOX. Vários aspectos da defesa do meio ambiente estariam atendidos pela redução drástica das queimadas, com o que Brasil certamente resgataria uma parte da sua credibilidade ambiental no contexto mundial.

A "frente verde da constituinte" está liderando os debates desse temas, no âmbito do Congresso Nacional, com participação ampla de segmentos interessados da sociedade. É um bom início de um movimento que terá que crescer exponencialmente para produzir discussões políticas e econômicas compatíveis com a dimensão dos problemas.

Se não se agir preventivamente rapidamente, a ação será realizada pela natureza, sem técnica, sem política, sem diplomacia, sem sensibilidade social, sem amor, sem privilégios e sem "jeitinho" mais certamente, com medidas catastróficas no verdadeiro entendimento do termo.

Convém não esquecer que as reservas de petróleo e carvão que hoje foram exuberantes sistemas bióticos no passado, soterrados por manifestações da natureza, do jeito como costuma reagir quando provocada...

Seria bom se o mundo todo tomasse consciência que a natureza está sendo energicamente provocada...

WERNER E. ZULAUF, 51, é engenheiro consultor, presidente da Cetesb (Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental de São Paulo) e secretário de Desenvolvimento Urbano e do Meio Ambiente de São Catarina.

Ecologia social

LUIZ FERNANDO KRIEGER MERICO

O que passa pela sua cabeça quando você lê as palavras "ecologia social"? Ecologia é fácil. Fala-se muito sobre ela. Ecologia social significaria então "todos trabalhando pela ecologia"?

Eu penso que a palavra ecologia é sinônimo de harmonia. Ecologia é uma harmonia profunda. E uma harmonia social para ser verdadeira deve relacionar seus integrantes entre si e o seu meio natural. Esta visão deveria ser permeada por um senso de íntima fraternidade com todos os membros desta gigantesca família e, ao mesmo tempo, por um sentimento de fazer parte da natureza e estar em comunhão com ela, especialmente com todas as criaturas vivas, por mais diferentes e distantes de nós. Esta unidade transcende laços individuais, raciais, religiosos, nacionais.

Ultrapassa-se, então, a idéia de se vincular o trabalho ecológico apenas às questões ambientais, meio bucólicas, românticas, tal como flores e passarinhos. A identificação desta luta extrapola a imagem dos caçadores de borboleta. Assume-se uma interdependência de lutas ecológicas

quantidade de menores abandonados e carentes, o analfabetismo, o sistema de saúde, a falta de planejamento e governo etc. Estes desastres geram o desequilíbrio que rompe a harmonia que deveria haver com o homem entre si e o seu meio, tornando mais urgente a busca de uma ecologia social. E não o que faremos com estes desastres ecológicos?

As respostas para estas questões certamente passam por nós mesmos, através de um compromisso individual com a ecologia social. Seria uma mudança de atitude, ou seja, uma revolução interna direção de estabelecer relações harmônicas entre os seres. Representa uma evolução cultural pertencente ao domínio das utopias reais nas quais devemos confiar.

Atualmente defrontamo-nos com uma série de crises e mal funcionamento dos sistemas humanos com um todo. Portanto, não é possível buscarmos soluções distintas para partes desta problemática mundial. Na natureza tudo está relacionado, deve ser observado com visão de longo alcance. O que não se pode permanecer em um estado de desconhecimento e apatia frente a fenômenos responsáveis pela nossa crise atual. Despertando as capacidades individuais para atitudes...

Weshalb die Sekten in Lateinamerika an Boden gewinnen

Sie gehen von Haus zu Haus, singen und bieten ihre Lehre in Omnibussen und Parkanlagen an; die meisten haben wenig Unterweisung erhalten, jedoch zwei oder drei fremde Ideen gelernt, die sie ständig wiederholen. Die Überzeugungstechniken haben sie hervorragend entwickelt und sie sind wie Seifenverkäufer trainiert worden, um die Unvorsichtigen davon zu überzeugen, daß ihr »Produkt« das beste ist. Sie sind Mitglieder der religiösen Sekten, die in letzter Zeit eine der größten Sorgen der katholischen Kirche in Lateinamerika geworden sind. »pur-magazin« zeigt das Sektenproblem in Süd- und Mittelamerika auf. Die Recherchen zu diesem Beitrag besorgten unsere peruanischen Freunde von ACI-Prensa. Übersetzung aus dem Spanischen von unserem Mitarbeiter Stefan Lentner.

Die Sekten tauchen in Lateinamerika etwa um das Jahr 1968 auf, hauptsächlich herkommend aus dem nordamerikanischen protestantischen Fundamentalismus. Von da an, und dank eines gewissen »Führungsverlustes« der katholischen Kirche wird das Wachstum der Sekten praktisch unaufhaltbar: in Ecuador zum Beispiel haben die Mitglieder dieser Organisationen zwischen 1962 und 1986 von 13.000 auf 250.000 Mitglieder zugenommen, was heute 3 % der gesamten Bevölkerung entspricht. Die Situation in den übrigen Ländern der Region ist ähnlich. In anderen Ländern wie Kolumbien, Paraguay und Chile, ist die Situation ziemlich gleich, auch wenn die Sekten dort zahlenmäßig nicht ganz so stark angewach-

sen sind. Doch es gibt dort mehrere einflußreiche Persönlichkeiten, die mit solchen Gruppierungen sympathisieren.

In Chile gibt es bereits 15.000 Militärs, die die katholische Kirche verlassen haben, um sich verschiedenen »evangelischen« Sekten anzuschließen und dem »Weltverband Christlicher Soldaten der Evangelischen Kirche« beizutreten. In Peru sind die Sekten unter den breiten Volksschichten und dem Mittelstand gewachsen, und immer offensichtlicher wird der Zusammenstoß zwischen den aktivsten katholischen Pfarreien und den »evangelischen« Propagandisten, die sich nicht nur befeißigen, ihre eigenen Ideen zu verbreiten, sondern sogar in katholischen Familien und Versammlungszentren zu polemisieren. Und es ist so, daß ihre Arbeit nicht darin besteht, den Glauben denen zu bringen, die ihn nicht besitzen, sondern darin, die Mitglieder anderer Religionen zu ihrer Partikularreligion zu bekehren.

Woher stammt die wirtschaftliche Macht dieser Sekten? Zum größten Teil werden sie von nichtreligiösen nordamerikanischen Körperschaften finanziert, welche, indem sie solche Organisationen fördern, nicht nur von einer Reihe von Steuern befreit werden, sondern auch die eigenen ideologischen Überzeugungen befriedigen.

Im konkreten Fall von Tele-Evangelisten wie Oral Roberts, Jimmy Swaggart und Pat Robertson, erhalten diese nicht nur Geld, um ihre Propaganda zu finanzieren, sondern sie haben zudem aus der

Religion ein höchst rentables Geschäft gemacht: Swaggart zum Beispiel brachte Einkünfte von ungefähr 125 Millionen Dollar jährlich für sich selbst und für die »Gemeinden Gottes« zustande.

Bei fast allen diesen pseudochristlichen Gruppierungen gibt es »etwas«, das sie anfänglich als eine perfekte Organisation zeigt, die Heil anbietet und in der man in unterentwickelten Ländern, in Frieden mit dem eigenen Gewissen leben kann. Das Sektenphänomen scheint vor allem die mangelhaft gebildeten breiten Massen der Bevölkerung zu befallen, die einfachsten und an Mitteln ärmsten Leute, denen es außer einer leichten Hoffnung auf das »zukünftige Reich« auch materielle Mittel anbietet, die die Kirche nicht in der Lage ist zu geben. Bei der Mittelschicht wachsen die Sekten auf Kosten von deprimierten oder der persönlichen, familiären und sozialen Situation überdrüssigen Personen, denen die Kirche in manchen Fällen keine geeignete Antwort zu bieten verstanden hat.

Auf diese Weise werden die Sekten zu einem »Schmerzmittel«, das wie ein käufliches Produkt derjenige erwirbt, der es wünscht, im Glauben, darin den »Weg seines Heiles für die Ewigkeit« zu finden. Ein von den Sekten benutzter Mechanismus, um neue Anhänger zu fangen ist der, einfache Antworten auf komplexe Probleme zu geben und vereinfachte Versionen der christlichen Wahrheit, häufig über einen theologischen Synkretismus, zu bieten. In einem sozialen Milieu, das dazu neigt, die Probleme der Transzendenz auszuschließen, finden jene, die sich einer Sekte anschließen, in ihr Versprechungen geistlicher Befriedigung. Diese Gruppen zeigen auch das Interesse am Einzelmenschen, bieten die Zugehörigkeit zu einer Gemeinschaft, die Gelegenheit,



Prediger ziehen in die Welt: Die katholische Kirche im Wettstreit mit den Sekten.

einer auserlesenen Gruppe anzugehören, und zu alledem noch eine einfache Befriedigung des Bedürfnisses nach dem Heiligen, über emotionale Faktoren oder Kontakte mit mehr oder weniger außergewöhnlichen Phänomenen.

Ein weiteres Attraktiv der Sekten ist das Angebot einer geistlichen Führung, einer Orientierung durch eine starke charismatische Autorität. Der Boden ist noch fruchtbarer für ihre Saat, wenn der Einzelne in der katholischen Kirche ein intensives liturgisches Leben oder eine solide Präsenz des Priesters als wahren Vertreter Christi nicht vorfindet. Die Werbetechnik der Sekten ist perfekt durchdacht worden: mit dem typischen Hausbesuch beginnen, der eine Untersuchung persönlicher Art ist.

Bei diesen gibt es eine erste Aufgabe, die

darin besteht, Leute mit Problemen (Trauerfälle, Krankheiten u.a.) zu suchen, um dann einen zweiten Besuch zu machen, der den Zweck hat, eine Karteikarte der Person zu erstellen. Daraufhin werden die Häuser mit Beharrlichkeit invadiert, um zu versuchen, den zu verwirren, der gerade zuhört. Man greift die Kirche an, um zu sehen, ob man auf Unzufriedenheit stößt, und man lädt sie ein, »die Wahrheit kennenzulernen« oder »Christus zu erfahren«. Später wird ein Exemplar der Bibel überreicht und nach und nach werden die Familienmitglieder entfremdet; danach folgt die »Wiedertaufe« und die Ausübung moralischen und psychologischen Drucks über die Personen, die manchmal sogar ihr gesundes Urteils- und Entscheidungsvermögen aber auch ihre Verantwortung verlieren.

Sowohl Psychologen als auch Theologen weisen übereinstimmend daraufhin, daß Neuordnung und Unterweisungen auf der Ebene der Familien und vor allem in den Schulen notwendig ist. Es ist erwiesen, daß die Personen, die aus gut gegründeten Familien stammen, in denen die Eltern und später die Lehrer die Achtung der guten Sitten eingeprägt haben, in denen man mit Liebe aufgewachsen ist und die katholische Ethik persönlich assimiliert hat, weniger gefährdet sind, in diese Sekten zu fallen. Denn diese versuchen einen Lebensstil zu propagieren, der auf einer Konsumgesellschaft beruht, und auf diese Weise halten sie zum sozialen Konformismus und zum Individualismus an und entwurzeln in den Personen ihre kulturelle Identität. Einige Anthropologen haben angeklagt, daß die bäuerlichen Gemeinschaften einiger lateinamerikanischer Länder einer wahren »Gehirnwäsche« durch puritanische protestantische Sekten unterzogen werden.



Jimmy Swaggart, US-König des Evangeliums-Fernsehen: Millionenschwere Verkündigungsunternehmen.

»Die, die in den Zugriffskreis dieser aktiven Gruppen fallen«, sagt ein peruanischer Soziologe, »werden zu willenlosen, glaubenslosen Individuen; man kann sagen zu einer Art 'Zombies', die nur noch Befehle empfangen und die Meinungen dieser Prediger wiedergeben«. Gelehrte haben gewarnt, daß, sollte keine entscheidende Aktion gegen das Auftreten dieser Sekten unternommen werden, die lateinamerikanische Identität in ihrer Kultur und in ihrer Einheit zermalmte werden wird.

Dieselben Experten weisen darauf hin, daß eine der größten Schwierigkeiten, um ernsthaft und wirksam dem Sektenphänomen in Lateinamerika zu begegnen, die Unkenntnis ist, die man von dieser Erscheinung hat. Es gibt nur partielle Erfahrungen im Kontakt mit einigen Gruppen. Auf der anderen Seite ist das Fehlen von globaler Information über Orte, Aktivitäten, Wachstum und anderen Charakteristiken der Sekten, ein Element, das deren Entfaltung und Verbreitung in Südamerika schützt.



Massenselbstmord 1978: Der nordamerikanische Sektenführer, Rev. Jim Jones, begeht gemeinsam mit über 900 Sektenmitgliedern im südamerikanischen Guyana Selbstmord. Schauerliches Szenario, das die absolute Hörigkeit der Mitglieder gegenüber den Sektenführern beweist.

Die Verantwortung für die Verbreitung der Sekten auf dem südamerikanischen Kontinent fällt in sehr schwerwiegender Weise auf die katholische Kirche zurück, die endlich erkannt hat, daß eine größere Anstrengung in der Katechese und der ständigen Unterweisung des christlichen Volkes nötig ist, sowie eine Verbesserung in der Verkündigung und eine größere Aufmerksamkeit gegenüber einzelnen Gläubigen. »Die Ausmerzungen dieser Gruppen ist für die Kirche eine Herausforderung, die sie annehmen muß, nicht mit Gewalt oder Aggression, sondern indem sie die christlichen Gemeinschaften stärkt«, sagt ein Experte des südamerikanischen Bischofsrates CELAM für Sektenfragen und fügt hinzu, daß diese Gemeinschaften »mehr Zusammenhalt haben müssen, brüderlicher sein müssen, um jene zu halten, die persönliche Probleme haben und die, die am leichtesten von den Sekten angezogen sind, eben aufgrund ihrer Unzufriedenheit«. Eine vom CELAM erarbeitete Studie erklärt, daß die Priester eine fundamentale Rolle bei der Konsolidierung des Katholizismus innehaben, weshalb sie nicht als bürokratische Verwalter oder Richter, sondern als Brüder, »Führer« und Männer des Gebetes betrachtet werden sollen. Die Sekten bilden heutzutage Grund zum Alarm nicht nur für die Kirche, sondern für die lateinamerikanische Identität an sich. Es ist also notwendig, das Problem an seiner Wurzel anzugreifen, wie ein von der Kirche in Lateinamerika erarbeiteter Bericht mahnt: »Heute wie gestern fühlt der Mensch einen geistlichen Durst, den viele auf verkehrte Weise zu stillen suchen werden, wenn man ihnen nicht etwas Würdigeres anzubieten weiß.«

Acordo entre Sarney e evan

DERMI AZEVEDO
Da Reportagem Local

A liberação, pelo presidente José Sarney, de verbas no valor de 128 milhões de cruzados para a Confederação Evangélica do Brasil (CEB) —entidade desativada em 1964— em troca do apoio de parte da bancada evangélica no Congresso constituente ao mandato presidencial de cinco anos, é o tema que causa a maior polêmica, hoje, nos meios protestantes brasileiros.

A Confederação foi fundada em 1932, por iniciativa do pastor presbiteriano Erasmo Braga, visando promover a unidade das Igrejas Evangélicas, colaborar na educação cristã, representá-las internacionalmente e atuar no campo da evangelização. Atingida pela repressão, em 1964, a CEB foi assumida por diretores próximos ao regime militar e se esvaziou política e administrativamente, até ressurgir no ano passado, em Brasília.

A primeira verba oficial —de 108 milhões de cruzados— foi doada a fundo perdido pelo presidente José Sarney, em novembro do ano passado, para a reorganização da entidade. Em 21 de março último, o Diário Oficial da União publicou o extrato de um convênio entre a CEB e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), ligado ao Ministério da Educação, cedendo 20 milhões de cruzados para a "aquisição de uniformes escolares para alunos da Confederação", que não tem escolas.

Coincidentemente, uma grande parte da diretoria da CEB é formada por constituintes evangélicos cinco-

Editoria de Arte

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

EXTRATO DE CONVÊNIO

ESPECIE: Convênio nº 02/88

CONVENIENTES: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e a Confederação Evangélica do Brasil

OBJETIVO: Aquisição de Uniformes Escolares para Alunos da Confederação

CRÉDITO ORÇAMENTÁRIO: Programa de Trabalho - 09420312-185

ELEMENTO DE DESPESA: 3211-02

EMPENHO: 306-2 de 15.03.88

VALOR: Cr\$ 20.000.000,00 (vinte milhões de cruzados)

VIGÊNCIA: 04 meses, a partir desta data

(Of. s/nº, de 17-03-88)

Fac-símile do Diário Oficial da União de 21 de março de 1988, edição nº 4674

anistas, a começar pelo presidente, deputado federal Gidel Dantas (PMDB-CE), da Igreja de Cristo. Os outros diretores são os deputados federais Salatiel Carvalho (PFL-PE), pastor da Assembléia de Deus, 1º vice-presidente; Fausto Rocha (PFL-SP), diácono da Igreja Batista, 3º vice-presidente; Dasso Coimbra (PMDB-RJ), da Igreja Congregacional, um dos principais articuladores do Centrão, 1º secretário; José de Oliveira Fernandes (PDT-AM), da Assembléia de Deus, 1º tesoureiro; Milton Barbosa (PMDB-BA), da Assembléia de Deus, 2º tesoureiro; Costa Ferreira (PFL-MA), da Assembléia de Deus, membro do Conselho Fiscal e Manoel Moreira (PMDB-SP), também da Assembléia de Deus, membro do Conselho Fiscal.

O 2º vice-presidente, pastor Abival Pires da Silveira, ex-presidente nacional da Igreja Presbiteriana Independente (IPI), diz que seu nome foi incluído "à revelia" na diretoria da CEB, empossada em 25 de junho do ano passado, em Brasília, na presença do então ministro do Interior, Joaquim Francisco Cavalcanti, do senador Marco Maciel (PFL-PE), do líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna (PMDB-BA) e do ministro do Superior Tribunal Militar e ex-deputado federal Aldo Fagundes.

Logo depois da posse da diretoria, Fausto Rocha afastou-se da 1ª vice-presidência da CEB, alegando que "vê com muito zelo e cuidado o relacionamento da Igreja com órgãos governamentais" por causa de sua formação batista, embora dese-

PAULO

Domingo, 10 de julho de 1988 — POLÍTICA — 1.º caderno — A - 11

gélicos divide protestantes

ando à Confederação "todo o sucesso, com as bênçãos do Senhor". O secretário-geral da CEB, pastor presbiteriano Guilherme Cunha, disse à equipe do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (Cebepe), de Campinas, que a Confederação "está bombardeada por muitas incompreensões", mas não quis falar sobre as verbas do governo federal para a entidade. Guilherme foi um dos integrantes da "comissão de notáveis" que preparou um anteprojeto constitucional, em 1987, sob a coordenação do jurista Afonso Arinos.

O presidente da CEB, deputado federal Gidel Dantas, justificou o recebimento das verbas: "Assim como a CNBB tem as suas pastorais, a CEB tem seus programas assistenciais e esse dinheiro é um retorno à comunidade, de onde veio através dos impostos". Acrescentou ainda que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (da Igreja Católica) "é tida como oposição e recebe dinheiro do governo". Afirmou depois que os 20 milhões recebidos de FNDE serão repassados aos 27 escritórios regionais da CEB, "para fazer 31 mil uniformes" a serem entregues às entidades ligadas às Igrejas.

Habitualmente refratária a iniciativas ecumênicas, a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) aprovou o renascimento da CEB e decidiu reintegrar-se à entidade. Já a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) divulgou nota afirmando não poder reconhecer a Confederação "como representação legítima e oficial das igrejas evangélicas".

13 constituintes são

Da Reportagem Local

Lula Marques 7.M

Entre os 33 parlamentares evangélicos no Congresso constituinte, 13 pertencem à Assembléia de Deus, a mais importante expressão pentecostal brasileira. A maioria deles tem posição política "conservadora" e anticomunista e uma exceção é a deputada petista carioca Benedita da Silva. Do total do Bloco Parlamentar Evangélico, pelo menos 18 exerceram forte influência na aprovação de emendas defendidas pelo governo federal, além de integrarem o bloco do Centrão. O autor da emenda dos cinco anos para o presidente José Sarney, aprovada pela maioria do Congresso, foi o deputado Matheus Iensen (PMDB-PR), membro da Assembléia de Deus, dono de emissoras de rádio em Curitiba (PR) e Florianópolis (SC), aguardando mais duas concessões de rádios em troca de seu empenho cincoanista.

Os membros da bancada evangélica



O deputado Matheus Iensen (PMDB)

são Antônio de Jesus (PMDB-GO), Benedita da Silva (PT-RJ), Costa Ferreira (PFL-MA), Eliel Rodrigues (PMDB-PA), João de Deus Antunes, ex-pulso do PDT carioca e também beneficiário de concessão de rádio em troca do voto pelos cinco

da Assembléia de Deus

Lula Marques 28 Jan. 88



A deputada Benedita da Silva (PT)

anos, José Fernandes (PDT-AM), José Vianna Santos (PMDB-RO), Manoel Moreira (PMDB-SP), candidato do governador Orestes Quercia à Prefeitura Municipal de Campinas, Milton Barbosa (PMDB-PA), Orlando Pacheco (PMDB-SC), Salatiel de Carvalho (PFL-PE), Sotero

Cunha (PDC-RJ) e Matheus Iensen, todos membros da Assembléia de Deus, além dos batistas Arolde de Oliveira (PFL-RJ), Edésio Frias (PDT-RJ), Enoch Vieira (PFL-MA), Eraldo Tinoco (PFL-BA), Fausto Rocha (PFL-SP), Gidel Dantas (PMDB-CE) e Nelson Aguiar (PMDB-ES), dos presbiterianos Celso Dourado (PMDB-BA), Levi Dias (PFL-MS) e Rubem Branquinho (PMDB-AC), dos congregacionais Daso Coimbra (PMDB-RJ) e Lysáneas Maciel (PDT-RJ), de Jayme Pagliarin (PTB-SP), secretário administrativo da Igreja do Evangelho Quadrangular, e Mário de Oliveira (PMDB-MG), dessa mesma igreja, Naphtali Alves (PMDB-GO), da Igreja Cristã Evangélica, Roberto Lopes (PTB-RJ), da Igreja Universal do Reino de Deus, Luiz Soyer (PMDB-GO), Roberto Vital (PMDB-MG) e Lézio Sathler (PMDB-ES). A senadora Eunice Michiles (PFL-AM) é adventista. (DA)

Igreja Católica perde hegemo

DERMI AZEVEDO

Da Reportagem Local

O Brasil transforma-se, gradativa e rapidamente, em um país pluralista (sem predomínio de uma fé) no plano religioso e esta realidade já começa a provocar mudanças na atuação pastoral da Igreja Católica e de igrejas evangélicas tradicionais, como a Luterana, a Presbiteriana, a Episcopal e a Metodista, entre outras.

Esta é uma das primeiras conclusões da pesquisa que o Instituto de

Estudos da Religião (Iser), do Rio de Janeiro, vem realizando há três anos, a pedido do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil (Conic), organismo ecumênico que reúne a Igreja Católica Apostólica Romana, através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Igreja Episcopal do Brasil (de comunhão anglicana), a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), a Igreja Metodista, a Igreja Presbiteriana Unida e a Igreja Cristã Reformada. A primeira etapa da pesquisa deve-

rá estar concluída até o final deste ano, reunindo dados sociológicos e antropológicos e servirá como subsídio central para um seminário teológico-pastoral dessas igrejas, previsto para o primeiro semestre de 1989.

A pesquisa está, também, revelando que o pluralismo religioso no país (que tinha 88,4% de católicos em sua população, de acordo com o Censo Geral de 1980) é extremamente diversificado, reunindo desde os adeptos do pentecostalismo até os seguidores dos cultos afro-brasilei-

PAULO

nia; novas religiões avançam

ros, das religiões neo-orientais, do espiritismo e da chamada "igreja eletrônica", uma iniciativa multinacional que movimenta milhões de dólares e uma sofisticada tecnologia de comunicações.

Diante dessa transformação no comportamento religioso dos brasileiros —principalmente da maioria que vive nas cidades—, as Igrejas estão buscando rapidamente novas estratégias de atuação. A Igreja Católica multiplica a organização de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e se preocupa em definir

uma nova Pastoral Urbana, deixando de utilizar, nas cidades, o modelo sacramentalista (baseado quase exclusivamente na administração dos sacramentos) secularmente utilizado no meio rural. Uma outra igreja, a Evangélica de Confissão Luterana no Brasil —uma das principais denominações do chamado "protestantismo histórico", que reúne as igrejas mais antigas na tradição da Reforma luterana— está revendo a estrutura dos seus cultos.

O cardeal arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, dizia, em recente entrevista, que o cristianismo está perdendo, de ano para ano, cerca de 0,5% de sua clientela, em proporção ao crescimento demográfico da humanidade. De acordo com um levantamento da Cúria Metropolitana paulistana, para cada um dos 1600 centros comunitários implantados pela Arquidiocese de São Paulo nos bairros periféricos da capital, há

entre seis e dez templos pertencentes a novos movimentos religiosos.

Dois cuidados estão sendo adotados na pesquisa: evitar o uso indiscriminado da palavra "seitas" (considerada pejorativa) para designar as novas expressões religiosas e combater "interpretações simplistas" sobre a origem do fenômeno. Uma dessas interpretações é a de atribuir, pura e simplesmente, à Agência Central de Inteligência (CIA), do governo norte-americano, a origem de toda a ofensiva dos novos movimentos religiosos. Mesmo assim, segundo frei Félix Neefjes, assessor de ecumenismo da CNBB, trata-se de uma "questão a ser aprofundada" a hipótese de que muitos desses novos movimentos estão ligados a iniciativas neo-conservadoras e utilizam altas verbas para uma "cruzada" contra a Teologia da Libertação e o compromisso social dos cristãos na América Latina e no Terceiro Mundo.

Pesquisa aponta perfil urbano de adepto das novas religiões

Da Reportagem Local

Os perfis dos adeptos das várias religiões é bastante diferenciado, mantendo como traço comum básico o fato de viverem majoritariamente no meio urbano, de acordo com os primeiros resultados da pesquisa encomendada pelo Conic. As religiões neo-orientais, por exemplo, exercem forte atração sobre a juventude urbana de classe média e alta, parte da qual sente-se também atraída pelas expressões religiosas que se baseiam no "retorno à natureza", como é o caso do culto do "Santo Daimé", do norte do país. Já os movimentos pentecostais atraem basicamente os moradores das periferias urbanas, migrantes que ao se mudarem para as grandes cidades, "perderam o que tinham de mais precioso, como o sentido de sua existência, de sua vida comunitária e de sua prática religiosa tradicional", segundo expressão do cardeal Paulo Evaristo Arns.

Na igreja pentecostal ou no terreiro de umbanda, o brasileiro recém-

chegado à cidade grande encontra de certa forma um ambiente comparável ao que conhecia na cidade pequena ou na comunidade rural de onde veio. Este ambiente é baseado na quebra da anomia, na valorização pessoal — com a divisão de responsabilidades e o reconhecimento comunitário quando elas são cumpridas — e no atendimento às necessidades mais urgentes. Diferentemente do que ocorre, por exemplo, em grande parte das paróquias católicas e evangélicas tradicionais, o adepto da Assembléia de Deus é tratado como "irmão" e "irmã", assumindo, também, funções de destaque nos ministérios religiosos, mesmo sem formação teológica especializada.

Ao estudarem o fenômeno dos novos movimentos religiosos, as igrejas cristãs tradicionais estão revendo sua forma de culto, racionalizado e baseado na palavra. Elas revêem sua liturgia, ao verificarem o uso dos gestos e músicas nos cultos pentecostais. (DA)



O pastor Jimmy Swaggart aparece num program

'Igreja eletrônica' movimentada 2 bilhões de dólares nos EUA

A chamada "Igreja eletrônica" movimentada US\$ 2 bilhões por ano nos Estados Unidos e já se tornou uma verdadeira "multinacional da fé". A ação dos teleevangelistas preocupa tanto a Igreja Católica que a Conferência Nacional dos Bispos dos Estados Unidos e o Conselho Episcopal Latino-Americano (Ceram) resolveram promover um seminário de bispos e peritos em pastoral, em fevereiro último, em Tijuana, México, para analisar o fenômeno.

O encontro sugeriu que a Igreja não parta para a competição com sua rival "eletrônica", mas propôs uma melhor utilização dos meios de comunicação de massa.

O proselitismo pela TV nos Estados Unidos começou em 1951, com Billy Graham. Os principais teleevangelistas dos EUA são Graham, Rex Humbard, Jimmy Swaggart, Jerry Falwell, Jim Bakker, Oral Roberts e Pat Robertson (postulante à candidatura presidencial pelo Partido Republicano).

Escândalos

Nos Estados Unidos, desde o ano passado os teleevangelistas trocam acusações de roubo, adultério, desvio de dinheiro e devassidão sexual. Swaggart acusou seu colega Jim Bakker de ter mantido relações

sexuais com a secretária, com prostitutas e de ser homossexual. Bakker acusa Swaggart de tentar apoderar-se de seu império, o complexo PTL ("Praise the Lord", "Louvai ao Senhor"), que inclui uma emissora de TV por satélite, rádios e um hotel-fazenda com 500 apartamentos. O Washington Post afirmou que Bakker tem uma conta secreta com mais de US\$ 2 bilhões.

Jerry Falwell é acusado de desviar dinheiro de uma campanha para as vítimas da fome. Marvin Gorman acusou Swaggart de também se envolver com prostitutas. Swaggart admitiu ter pago a uma mulher para que fizesse "atos pornográficos" diante dele.

A primeira tentativa de montar no Brasil uma experiência televisiva no estilo da "Igreja eletrônica" está sendo feita pelo pastor batista carioca Nilson Fanini, 54, através do Canal 13, TV Rio. Ele foi vice-presidente da Billy Graham Evangelistic Association para o Terceiro Mundo. Segundo informações dos meios evangélicos, foi Graham que assegurou recursos para que Fanini instalasse a sua emissora. O plano é transformar a TV Rio numa rede nacional de televisão, nos padrões da "Igreja eletrônica" norte-americana.

ECUMENISMO

Pentecostais da Venezuela optam pelo pobre

A União Evangélica Pentecostal Venezuela é uma Igreja que opta pelos pobres e que pratica o ecumenismo. Essa é a principal declaração da Carta Pastoral da União Evangélica Pentecostal Venezuelana, fruto da reunião de Ministros, Pastores e Delegados realizada em Acarigua no ano passado.

Segundo a carta, apesar de não negar a sua identidade pentecostal, "não somos sectários e cremos no espírito ecumênico que nos convida à fraternidade cristã, ao diálogo interconfessional e à cooperação mútua, obedientes ao chamamento bíblico em busca da unidade da Igreja de Cristo".

O documento acrescenta que a opção pelos pobres é fruto da exigência do Evangelho de Cristo. Em um contexto em que suas Igrejas são constituídas majoritariamente por um "povo crente e pobre" e na própria situação da Venezuela, optar pelo pobre significa "anunciar as boas novas de que em Cristo a vida vence a morte; significa também a luta pela destruição desse pecado social de miséria, violação dos direitos humanos, desemprego e pela criação de possibilidades de vida e esperança em meio ao medo, à insegurança, à desconfiança e ao sofrimento de que são vi-

timas os pobres da Venezuela e de toda a América Latina", destaca a carta.

Felizmente muitas igrejas evangélicas na América Latina estão assumindo, cada vez mais, atitudes conseqüentes com referência à conjuntura eclesial que vivemos. Os sectarismos e a falsa conclusão de que as igrejas não podem ter uma clara opção pelos pobres começam a ser ultrapassados de forma inevitável.

Ninguém, de boa fé, pode desconhecer a importância e o desenvolvimento do movimento ecumênico. Os velhos chavões contra o ecumenismo tornaram-se ridículos e foram destruídos pela própria realidade. Com o decorrer dos anos constatou-se que não se trata de ser uma arma do comunismo.

Também a dramática realidade social dos nossos países está levando as igrejas a fazerem uma clara opção pelos pobres. Não é possível neutralidade de posições dúbias. O fruto da injustiça é demais escandaloso, e somente com medidas estruturais pode ser anulado.

As declarações das Igrejas Pentecostais da Venezuela são muito inspiradoras e estão representando um novo momento no evangelismo latino-americano.

Fn
27. Juli 1988

CARTA ABERTA AO SR. TETSUO WATANABE

PRESIDENTE DA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL - II

Em carta aberta que lhe dirigimos, veiculada na grande imprensa de São Paulo, questionávamos sua postura como dirigente da IMMB, enquanto indagávamos sobre o comportamento dos dirigentes da MGC, reverendos Nonogushi e Nomura, acusados de apropriação indébita e sonegação de impostos.

No sentido de defender os interesses dos fiéis integrantes da IMMB, de forma a poder informá-los com precisão sobre as acusações, além da carta aberta, promovemos interpelação judicial, estando o mandado com o Senhor Oficial de Justiça, sem que, até esta data, tenha sido possível localizá-lo.

A esta altura, as infrações penais e fiscais estão provadas. Umas (apropriação indébita) por força de laudo pericial fornecido pelo Instituto de Criminalística da Secretaria da Segurança Pública e outras (sonegação de impostos) mediante autos de infração lavrados pelos agentes da Receita Federal e Receita Estadual. Tanto do laudo como dos autos de infração temos em nosso poder cópias autênticas.

Não obstante tudo, o senhor, que ostenta a posição de Presidente da IMMB, teima em sonegar informações aos fiéis.

Tudo leva à conclusão que o senhor, que a princípio revelava-se omissivo, apresenta-se agora também como fujão e, talvez, como infrator culposos do Código Penal.

Como última tentativa de obter explicações precisas, de maneira a que possamos esclarecer os fiéis evitando o afastamento em massa dos quadros da IMMB, o que, por sinal, já está ocorrendo, resta-nos indagar, na condição de Delegado Representante dos fiéis, portanto com responsabilidade pelos destinos da Igreja, o que se segue:

1. O Reverendo Matsumoto já foi presidente da MGC Corporation no Japão, e alega continuar na presidência da Igreja Sekai Kyusei Kyo no Japão. Foi nessa condição que o reverendo Matsumoto indicou os reverendos Nonogushi e Nomura, diretores da MGC no Brasil?
2. O senhor, na condição de membro do Conselho Diretor da Sekai Kyusei Kyo no Japão, não recomendou a nomeação dos citados reverendos? E não é verdade que os dois nomes foram referendados pelo senhor?
3. O senhor nega conhecer o fato de que a Justiça brasileira já comprovou a ocorrência de um desfalque no montante do equivalente a cem mil dólares (US\$ 100.000,00) e sonegação de impostos durante o período em que os reverendos Nonogushi e Nomura estiveram à frente da MGC?
4. Não é verdade que os senhores Seishi Nonogushi, Katsumi Yamamoto, Hitoshi Nishikawa, Sadao Yamashita, Katsuyuki Moriyama, Masahito Ono, Hitomi Nomura e Mikio Takase, sócios da MGC, são todos reverendos da IMMB?
5. O senhor nega o fato de que, além de receber regularmente seu salário, pago pela igreja no Japão, ainda fazia retiradas da caixa da MGC, conforme documentos em nosso poder?
6. Diante de tudo isso, como explicar a forma leviana como foi tratado o dinheiro sagrado, proveniente dos membros da igreja, que fazem doações a Deus? E como justificar o imenso desperdício desse mesmo dinheiro?
7. Assim, como é possível esperar que os membros da IMMB continuem confiando no senhor e no reverendo Matsumoto, membros estes que devem acreditar apenas em Deus, que é Meishu-Sama?

São Paulo, julho de 1988

Ministro Antonio Ribeiro da Silva

Delegado representante da Igreja Messiânica Mundial do Brasil e
Chefe da Comissão de Esclarecimentos da Casa de Difusão Santo Amaro

O racismo no protestantismo brasileiro

Leontino dos Santos

Assim como há quem diga que não há racismo na sociedade brasileira, o mesmo tem sido dito sobre a racismo no protestantismo. Em princípio, "as Igrejas Protestantes brasileiras não são racistas", principalmente as pentecostais, onde a ascensão do negro é mais rápida dos que nas Igrejas Tradicionais como as presbiterianas, metodistas e outras. Todavia, o problema existe de maneira bem acentuada, principalmente nas Igrejas de classes média.

Pode-se afirmar que o racismo no protestantismo brasileiro é algo zelosamente guardado e que só aparece em determinadas situações. Isto porque o negro protestante, apesar da cor, já aparece

para a sociedade como uma pessoa domesticada. O negro protestante, diz-se, "tem alma branca". A domesticação da cor é uma forma sutil de racismo; e isto está muito presente no protestantismo. Quantas pessoas já me disseram, no meu ministério, na porta das igrejas: "Você é um preto de alma branca".

A partir deste tipo de comentário, por exemplo, parece que não há muitos "pretos de alma branca" na Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Nossa Igreja tem aproximadamente 400 pastores. Destes, não mais do que 5% são negros. Em Seminário em São Paulo estudam mais de 100 alunos. Apenas 5% são negros. Com pequena variação, esse deve ser também o quadro das demais igrejas tradicionais no Brasil. Por serem Igrejas de um padrão sócio-econômico mais elevados, são poucos os negros que a elas se filiam.

Por outro lado, quando os negros se filiam a essas Igrejas têm que deixar do lado de fora suas características culturais tais como: o ritmo de sua música (samba), seus instrumentos musicais tidos por nossas Igrejas como não sagrados (tambores, atabaques, pandeiros e até violões), seu vocabulário e ginga do seu corpo, entre outros. É a domesticação da cor em processo.

Qual o papel da Igreja diante do racismo?

A Igreja tem a responsabilidade de proclamar aos homens um Deus Libertador, tanto do negro quanto do branco ou de qualquer

outra raça existente no mundo. Logo, onde houver a prática do racismo a Igreja deve denunciar, a fim de que o opressor, o que discrimina e humilha, também seja redimido e tenha acesso ao Reino de Deus.

Parece-me impossível para a Igreja falar em libertação do homem quando em suas formas de evangelização se pode constatar a manutenção de uma sociedade com o propósito de manter o negro, por exemplo, sob seus domínios. É preciso anunciar as Boas-Novas de Deus para que surja um novo amanhã cheio de justiça, liberdade e igualdade para todos.

Leontino dos Santos, negro, é reitor do Seminário Teológico Presbiteriano Independente de São Paulo

Grupo protesta contra Testemunhas de Jeová

21. Aug. 1988 *Flp*

Monica Vendramini



Evangélicos protestam durante congresso de Testemunhas de Jeová

Da Reportagem Local

Cerca de 30 pessoas do grupo Amigos de Jeová realizaram ontem um protesto na frente do estádio do Morumbi (zona sul), onde está acontecendo, desde sexta-feira, o Congresso Distrital das Testemunhas de Jeová. Segundo Natanael Rinaldi, 60, membro do grupo, o objetivo do protesto foi conscientizar os participantes do encontro sobre o autoritarismo da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, fundada em 1884 em Nova York, órgão central das Congregações das Testemunhas de Jeová de todo o mundo.

Rinaldi disse que a Torre de Vigia vem impondo proibições "absurdas" aos adeptos da religião. A revista "A Sentinela", publicação oficial da Torre de Vigia no Brasil, classificou em 1968 o transplante de órgãos como uma forma de canibalismo que deve ser evitada.

Em 1977, pela mesma revista, a transfusão foi considerada como transplante de órgão. Em 1980, a revista voltou ao assunto, dizendo que o transplante é "assunto para decisão pessoal".

César Augusto Guimarães, 33, assessor de imprensa do congresso, afirmou desconhecer a manifestação que estava acontecendo fora do estádio. Segundo ele, a proibição de transfusões de sangue obedece princípio bíblico. Guimarães disse que a medicina deve evoluir para tratamentos que não se contraponham a esse princípio. Há cerca de 230 mil adeptos da religião no Brasil.

O grupo "Amigos de Jeová" compõe-se de participantes de religiões metodistas, batistas e presbiterianas, ligados ao Instituto Cristão de Pesquisas (ICP), de origem norte-americana, há 4 anos no Brasil.

Religião

Nova escritura

Testemunhas-de-jeová fazem versão do Apocalipse

O livro do Apocalipse, o último dos 73 da *Bíblia*, que narra as visões do apóstolo João sobre o futuro da humanidade, acaba de ganhar uma versão singular em que os simbolismos cedem lugar a explicações baseadas exclusivamente em outras passagens bíblicas. Está sendo lançado simultaneamente nos Estados Unidos e no Brasil o livro *Revelação*, um estudo elaborado pelas testemunhas-de-jeová, em que o Apocalipse é comentado e interpretado, versículo por versículo, estritamente através de informações coletadas na própria *Bíblia*. O propósito das testemunhas-de-jeová foi oferecer uma visão mais purista e cerebral às escrituras, que costumam ser interpretadas segundo os humores de alguns pastores e invariavelmente têm seus símbolos confundidos com as previsões de Nostradamus e outros videntes.

Um exemplo de como o livro interpreta as escrituras é a explicação sobre um dos cavaleiros do Apocalipse — o cavaleiro ilustre e seu cavalo branco. Segundo o livro das testemunhas-de-jeová, o cavaleiro é o próprio Cristo. Isso porque a visão do apóstolo mostra o cavaleiro como um rei, ostentando uma coroa, e várias outras passagens bíblicas, como na Epístola aos Hebreus, capítulo 1, versículo 2, ou no salmo 45, dispensam a Jesus o mesmo tratamento: rei e herdeiro do trono do Senhor. As testemunhas-de-jeová interpretaram o versículo 11 do capítulo 2 do Apocalipse — aquele que diz que “a segunda morte de modo algum fará dano” — como referência à vida eterna. Na primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 15, versículos 53 e 54, a vida celestial é assegurada aos cristãos em termos muito semelhantes ao Apocalipse. A metodologia utilizada pelos estudiosos das testemunhas-de-jeová assemelha-se à dos estatísticos, que cruzam informações para extrair de um mesmo universo de dados informações novas. ●



Revelação: simbolismo decifrado

VEJA, 31 DE AGOSTO, 1988



Igreja da comunidade Céu do Mar, no bairro de São Conrado: maratona e vômitos

ayahuasca, rompeu as fronteiras da selva amazônica, onde era cultivado, e ganhou a alta roda metropolitana. "O que mais me motiva na vida é a busca da memória, e o Daime é um pouco isso", diz o ator Carlos Augusto Strazzer, que experimentou o chá em maio passado e não o abandonou mais. "Já passei por diversos grupos esotéricos, mas só no Santo Daime encontrei gente de todas as correntes espirituais." Para a atriz Lucélia Santos, que aderiu ao Santo Daime com seu marido, o músico John Neschling, é exatamente o desconhecido que a levou a se interessar pela religião. "Tenho medo, mas estou avançando em cada cerimônia", diz ela. "O Daime é um caminho para se chegar à verdade mais rapidamente", arrisca Neschling.

FOTOS OSCAR CABRAL

Comportamento

A seita do mal-estar

O culto ao Santo Daime, nascido na selva amazônica, vira moda no Rio de Janeiro

Dois vezes por mês, um trecho de cerca de 100 metros da Estrada das Canoas, no rico bairro de São Conrado, no Rio de Janeiro, fica tomado por Montanhas, Voyages e Escorts do ano. Num galpão, economistas, psicólogos, artistas e outros profissionais liberais entoam cânticos religiosos, dançam e rezam. Eles só interrompem a maratona religiosa — que pode durar até 10 horas, com pequenos intervalos de 15 minutos — quando encostam nos barrancos ou procuram o banheiro para intermináveis sessões de vômito, manifestação comum em pelo menos metade dos 200 fiéis que costumam lotar o galpão. O combustível que sustenta essas pessoas de pé durante a cerimônia é o mesmo que as faz passar mal: um chá conhecido como Santo Daime, feito da mistura de um cipó, o jagube, e de uma folha conhecida como rainha, localizáveis na Amazônia. O chá, que dá nome à

seita, provoca o que seus fiéis chamam de "mirações" ou visões.

O galpão frequentado pelos cariocas é a igreja da comunidade Céu do Mar, fundada em 1982 — e que vem de se tornar a coqueluche carioca em matéria de modismo comportamental. O chá do Santo Daime, também conhecido como



Tovar (à esq.), na fila da beberagem: "Nunca mais"

MARECHAL RONDON — O chá do Santo Daime era uma bebida consumida em rituais religiosos da família real Inca, no Peru. Com a invasão espanhola, o príncipe Atahualpa se rendeu, mas o príncipe Ayahuasca resistiu, refugiando-se em Machu Picchu e embrenhando-se mais tarde na selva amazônica. Ele difundiu o chá no Peru, na Bolívia e no Acre. O príncipe acabou se tornando uma espécie de mito na floresta — o chá ganhou o nome de ayahuasca e os curandeiros da floresta, de ayahuasqueiros. Durante as expedições do Marechal Rondon, no início deste século, um dos desbravadores, Irineu Serra tomou o chá e teve uma "miração". Ao ingerir o líquido pela segunda vez, Irineu teria visto a imagem da Virgem da Conceição, que lhe incumbiu de difundir a doutrina inspirada pelo chá, dando-lhe o nome de Daime — que vem de "dai-me luz" e "dai-me amor". Em 1938, Irineu fundou sua igreja no Alto Santo, uma localidade perto de Rio Branco, no Acre.

"O Santo Daime é uma doutrina séria porque é extremamente brasileira, nascida na selva amazônica", diz o psicólogo Paulo Roberto Silva e Souza, 39 anos, líder da igreja e da comunidade Céu do Mar, no Rio. Souza é discípulo do atual líder do Santo Daime no Brasil, o ex-seringueiro Sebastião Mota Melo,



Lucélia Santos: medo



No altar, o retrato de Sebastião Mota Melo: misticismo

de 67 anos, um homem de longa barba branca, alto, magro e com um sorriso infantil. Fundador da Colônia 5000, no Acre, a primeira do país, ele é personagem constante nos altares do culto ao Daime. Um culto que se espalhou pelo Brasil e já chegou ao exterior: no ano passado, o terapeuta americano Rex Beynon fundou uma igreja do Daime em Boston, nos Estados Unidos.

Na preparação do chá e depois na cerimônia da beberagem, as divisões de funções entre homens e mulheres são claras. As mulheres amassam a folha e os homens o cipó. Depois, eles são misturados com água. Durante o ritual, os homens vestem calça azul e camisa branca e carregam no peito uma estrela prateada com o desenho de uma águia voando sobre o sol, um dos

símbolos da religião. As mulheres, sempre vestidas de saia, exibem estampada na camisa uma estrela com as iniciais CRF — Centro da Rainha da Floresta —, numa referência à planta e à Virgem da Conceição, entidade suprema do Daime, ao lado de Jesus Cristo. Separados em filas, homens e mulheres recebem fichas para tomar o chá — que pode resultar apenas num mal-estar generalizado.

ANTI-SOCIAL — Desde que começou a se espalhar pelo país, o chá atçou a curiosidade do Conselho Federal de Entorpecentes, o Confen. Em setembro do ano passado, depois de dois anos de estudo, o Confen decidiu não reprimir o uso do chá de ayahuasca. "Não se comprovou nenhum comportamento anti-social das pes-

soas que bebem o chá", disse Antonio Carlos de Moraes, presidente em exercício do Confen. "Se passarmos a combater o chá, estaremos estigmatizando uma droga que ainda não provoca problemas sociais." Especialistas em botânica alertam, no entanto, para os riscos à saúde embutidos no chá. "Ele pode gerar intoxicações seriíssimas", afirma o botânico Honório da Costa Monteiro, do setor de citomorfologia do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (veja quadro abaixo).

Entre as pessoas que já experimentaram o Santo Daime participaram de rituais, as opiniões sobre o significado da religião se dividem. "Descobri por que ando tão conturbado ultimamente", diz o bailarino Cláudio Tovar, que entrou numa fila da comunidade Céu do Mar para provar o chá. Sem uma idéia precisa do que aconteceu, ele já se arrependeu. "Não volto nunca mais", dispara. "Aquilo não combina comigo." A deputada estadual Lucia Arruda, do PT do Rio de Janeiro, que trocou um apartamento em Botafogo por uma casa no interior da comunidade Céu do Mar, não sabe explicar o que acontece quando ela ingere o líquido. "Sem tomar", diz, evasiva. Lucia acredita que o Santo Daime melhorou sua vida, e arrisca: "Estou me preparando para ver Deus". Até lá, contudo, ela será obrigada a conviver com os vômitos e o mal-estar provocados pelo chá de ayahuasca.



A planta rainha: risco



O cipó: alcalóide

Os perigos do chá

O chá do Santo Daime é preparado a partir do cipó de jagube, cujo nome científico é *Banisteriopsis caapi*, e da folha rainha, o nome vulgar da *Psychotria viridis* — naturais da região amazônica. Macerados, a folha e o cipó são misturados com água e depois levados para ferver durante 2 a 3 horas. Ingerido frio, o chá provoca alucinações que podem durar até 5 horas. "Ele pode viciar tanto quanto a heroína e a cocaína", diz Honório da Costa Monteiro Neto, pesquisador do setor de citomorfologia do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. "É um absurdo o daime ser liberado para consumo." O cipó possui um grupo de alcalóides de alto grau alucinógeno — a

harmina, a harmalina e a delta-tetrahydroharmina. "Esta última é capaz de produzir mais danos ao cérebro do que o LSD", diz Monteiro Neto.

A ayahuasca provoca, ainda, irritação no fígado e na mucosa gástrica. "Quem bebe muito deste chá corre o risco de sofrer de uma gastrite crônica", afirma o pesquisador do Jardim Botânico. Para Renato Jacú, professor de Farmacognosia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, os danos à saúde provocados pelo daime são perigosos. "Após a fase de alucinação, a harmina, um dos alcalóides do cipó, age de forma inversa, causando profunda depressão", diz Jacú.

Segundo o Conselho Federal

de Entorpecentes, o Confen, o chá não está catalogado na Divisão de Medicamentos do Ministério da Saúde como alucinógeno. "Até o momento, não pudemos confirmar cientificamente se ele é ou não um produto alucinógeno", diz Mirna Meri Mendes, secretária executiva do Confen. Sem a autorização da Dimed, a Polícia Federal não pode proibir o consumo do chá. "Não temos autorização para perseguir seitas como a do Santo Daime", afirma João Martins, coordenador de comunicação da Polícia Federal. Amparados na lei, os adeptos do Santo Daime fazem da seita o melhor caminho para consumir, sem problemas legais, uma droga que faz mal à saúde.

04. Sep. 1988

setembro de 1988 — POLÍTICA — A - 5

MENSAGEM DA LBV

O Templo da Igreja de Deus (II)

O Templo da Boa Vontade é realmente decisivo para a materialização da ambiência ideal de fraternidade ecumênica sem fronteiras, que a LBV prega desde a década de quarenta e Alziro Zarur desde 1926. Por sinal, é isso mesmo que o Fundador desta Obra retratou no seu soneto

A Igreja de Deus

Bem-aventurados os que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas: porque o tempo está próximo. Apocalipse, I:3.

Igreja do Senhor, o fim dos tempos vem, / E o Cristo, muito breve, em glória descera: / A trombeta de Deus no mundo soará, / Que o Juízo Final é próximo, também! — Sobre esta vã Gomorra, e sobre o que contém, / Nesse dia de horror a maldição virá, / Na confusão sem fim, Sodoma baqueará / Ouvindo a tua voz, que do Senhor provém! — Das trevas arrancaste imensas multidões, / E contra esse negrume, em límpidas ações, / Tua obra secular é fogo em resplendor! — Igreja-Mãe ideal de todas as igrejas, / Que no inferno do mundo, impávida, pelejas, / Igreja de Jesus — serei teu defensor!

Os Tempos

Por mais incrível que pareça aos irmãos distraídos acerca do verdadeiro destino do Homem, os Tempos chegaram. Tem o desamor, pois, os seus dias contados. O cinismo, reservada a sua cova. A Mestra Dor é eficiente nas lições. Não há caminho para a Humanidade — se quiser sobreviver — afastado da unidade na diversidade para suplantar a adversidade. Todos os atos humanos: materiais, morais e espirituais têm consequência. O Planeta Terra não é a casa-da-mãe-joana. A Grande Tribulação, para limpar o ambiente terrestre de toda a poluição, e o Armagedon, o Terceiro Ai apocalíptico, anunciados pelo Cristo respectivamente no Evangelho e no Apocalipse, ocorrerão. Ainda mais: Jesus, que nunca mentiu, afirma nos relatos de João Evangelista (XIV: 3) que voltará. Então, voltará. ■

Carmen Miranda

Cada um cumpre missão no mundo. Carmen teve a sua, com sucesso. Naturalmente a inveja não a poupou. Há pouco, ouvia o LP "Carmen Miranda, a pequena notável", editado pelo Museu da Imagem e do Som. Quanta brejeirice! Que encanto! Onde anda isso agora? Está meio raro. Tem que voltar. E voltará esse gostoso sabor Brasil. E Carmen era portuguesa... Uma lição. Ela — que está mais viva do que nunca, porque ninguém morre — admirava a LBV. Era amiga de Zarur, que certa vez contou: "Acompanhei toda a sua carreira, e há muita coisa que nem todos conhecem. Era uma alma forte, mas de uma sensibilidade fora do comum. Por isso, pouca gente entenderia o seu carisma... Dotes morais e espirituais muito acima da vulgaridade. Na sua primeira volta dos Estados Unidos, em 1940, eu a surpreendi no mesmo dia da sua chegada, ainda a bordo, antes dos aplausos das multidões inflamadas. Olhei a Carmen interior, enquanto todos os olhares se fixavam no esplendor verde e amarelo do seu vestido de camurça. Li em seus olhos a alma da outra Carmen, quando o entusiasmo circunstante destacava a elegância do seu turbante original. Baixinho, ela me disse: "O samba é bom, a glória é boa, tudo é muito bom. Só que, às vezes, a gente gostaria de ser bem ignorada". Mas depois foi aquele alvoroço, e Carmen saiu, abraçou todo mundo e desceu para o carro. Escondeu-se num claro sorriso grande, agradecendo as manifestações da massa, durante longo tempo, até que a perdi de vista. Foi quando me lembrei de Bilac: "O renome em vida tem esta desvantagem: o cativo...". E, naquele dia, foi só".

Agradei-me muito de ouvi-la no disco que me foi mandado por Geraldo de Paiva-Rio, conhecido sambista da antiga Capital Federal e homem de real Boa Vontade. Geraldo, abraça por mim o velho Alcides, aí no alto de seus respeitáveis oitenta e oito anos.

Marília e Ruth

Parabéns a todos, mas não posso deixar de tecer louvores à excelente Marília Pera. Carregando a tão difícil Juliana, de O Primo Basílio, foi brilhante. É também uma questão de dom, assim como ocorre com Ruth de Souza, que considero uma das mais belas mulheres da televisão e do cinema. Falo da beleza que não passa com o tempo, a que vem de dentro para fora. Quando Ruth começa a interpretar, só não vê quem não quer. Aliás, estão de parabéns os artistas do Brasil: comovem o povo que os ama, mas por vezes esquece de que eles — os artistas — também têm a sua lágrima secreta.

José de Paiva Netto
Jornalista e Radialista. Diretor-Presidente
da Legião da Boa Vontade.

Pais de religiões diferentes abrem mais opções aos filhos

MANUELA CARTA
Da Reportagem Local

Aos 25 anos, Daniela Paolone se considera uma atéia, embora seja filha do casamento de uma católica e um judeu. Seus pais, Dario e Maribel Sion, nunca foram religiosos praticantes, mas desde criança ela teve mais contato com o judaísmo do que com o catolicismo. "Apesar da minha mãe não ter se convertido à religião judaica, ela quis manter algumas tradições da crença do meu pai, como a comemoração de Pessach (Páscoa dos judeus) e do Yom Kipur (Dia do Perdão)".

Maribel não chegou a preterir totalmente seu credo original, tanto que batizou as suas duas filhas e manteve algumas festas tradicionais católicas, a exemplo do Natal. Porém, ela mesma acabou por aderir aos preceitos da crença do marido. "Quando conheci o Dario, eu aprendi a gostar da religião judaica e percebi que espiritualmente era muito mais rica e definida que a católica. Daí ter optado em transmitir os conceitos dessa Igreja às minhas filhas".

O caso de Daniela ilustra como pode ser o comportamento de uma família gerada por um casal com religiões diferentes. Nada foi imposto a Daniela. Porém o resultado foi ambíguo. "Por um lado eu aprendi a tomar para mim os aspectos positivos das duas religiões, mas por outro nada ficou muito definido na minha cabeça. Tanto assim que não me considero nem católica e nem judia. Hoje, eu estou sentindo a necessidade de buscar um outro caminho espiritual".

Para Henry Sobel, 44, presidente do rabinato da Congregação Israelita Paulista, há uma tendência inequívoca dos filhos de casamentos mistos crescerem no que ele chama de "vácuo espiritual". Especialmente neste final de década. "A Igreja Judaica está seriamente preocupada com o crescente número de casa-

mentos mistos", diz o rabino Sobel. Não só porque isso tende a desagregar os elementos de um mesmo credo. Mas também porque esse casamento já demonstra que as partes não têm maiores compromissos com a religião. "É essa falta de compromisso que vai comprometer a educação espiritual dos filhos".

Confusão espiritual

Não se pode afirmar que num casamento misto, onde uma das partes é judia, a tendência seja a dos filhos se encaminharem à religião judaica. Segundo uma pesquisa realizada junto a 180 famílias resultantes de casamentos mistos (onde um elemento era de origem judia), 73% não adotavam mais a religião judaica. "A minha experiência diz que alguns seguem o lado judeu, outros o católico ou, finalmente, ambos". Para Sobel, uma criança que cresce observando as tradições e os costumes de duas religiões está fadada a uma "confusão mental e espiritual". Mas o pior segundo ele, é que a grande maioria dessas crianças têm crescido sem religião nenhuma. "Essa é uma das razões pelas quais eu me oponho à realização de casamentos ecumênicos".

O responsável pela Pastoral de Ecumenismo da Arquidiocese de São Paulo, frei Leonardo Martin, concorda com Sobel em que, se as diferenças das duas religiões de um casal forem enfatizadas, haverá uma confusão na cabeça do jovem. "Entretanto, se os princípios de fé das duas religiões de um casal forem bem transmitidos aos filhos, as diferenças entre as duas crenças não serão negativamente manifestadas", diz Martin. O importante e enriquecedor para ele é mostrar aos filhos um "mosaico", no qual as particularidades de cada credo se complementem.

O jovem tem se afastado da religião sendo ele filho de um casamento misto ou não. A tese é compartilhada por frei Martin e pelo

secretário-geral da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, reverendo Jayme Wright, 61. "Há um momento na adolescência, em que o jovem contesta tudo, inclusive sua eventual educação religiosa. Nesse período ele abandona qualquer crença que possa ter", diz Wright. Passado esse processo, ele só vai buscar um caminho religioso quando se casar e for constituir sua própria família.

Para frei Martin, o jovem tem se distanciado da religião porque há outras coisas com o que se preocupar, como o futuro econômico e político do país. "Afora isso, há uma descrença generalizada, o que gera um jovem vulnerável a todos os tipos de seitas alienantes".

Os diferentes caminhos

A jornalista Vera Golik, 26, não tem queixas quanto ao fato de não ter tido uma educação religiosa definida na infância. Filha de um judeu e uma católica, ela chegou a identificar-se momentaneamente com o catolicismo, mas logo achou os conceitos dessa igreja "pouco coerentes". Um ano atrás, conduzida por uma irmã, conheceu a filosofia budista com a qual identificou-se "de cara". "O fato dos meus pais não terem me imposto nenhuma educação religiosa foi ótimo, pois me permitiu estar aberta para o Budismo", diz Vera.

Oscar Segall, 24, filho da marchande Rachel Arnaud (católica não praticante) e Oscar Segall (judeu), também não sente nenhuma "carência espiritual" pelo fato de não ter recebido nenhum tipo de educação religiosa. "O que os meus pais me ensinaram e que foi realmente importante foi a ter fé na vida e nas coisas em que eu acredito. Da mesma maneira que eles não me impingiram nada, eu também não vou impor nada a meus filhos. Pretendo dar a eles a mesma liberdade de opção que me foi dada em todos os sentidos na vida".

Cássio Vasconcellos



Daniela Paolone, com o pai, Dario Sion (judeu), e a mãe Maribel (católica), não seguiu nenhum e preferiu o ateísmo

Igrejas evangélicas vão fazer assembleia em SP

30. Sep. 1988

Da Reportagem Local

Delegados de aproximadamente 30 Igrejas Evangélicas e organismos ecumênicos da América Latina e do Caribe participarão, de 28 de outubro a 2 de novembro próximo, no convento de Itaici, município de Indaiatuba, 99 km a noroeste de São Paulo, da segunda assembleia geral do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI), fundado em 1982, em Lima (Peru). A Igreja Católica Romana estará presente como observadora. O convento de Itaici pertence aos padres jesuítas e sedia, tradicionalmente, as assembleias da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

O tema da assembleia do CLAI será "Igreja: a caminho de uma esperança solidária". Os 25 representantes dos organismos brasilei-

ros filiados ao CLAI farão duas pré-assembleias: uma no próximo fim-de-semana, na sede geral da Igreja Metodista, na Chácara Flora, zona sul paulistana e outra, em 1º de outubro, em Porto Alegre (RS). O Conselho — com sede em Quito (Equador) — é presidido pelo bispo metodista argentino Federico Pagura e tem como secretário-geral o pastor Felipe Adolf. A assembleia de Itaici terá caráter eletivo e definirá os rumos da entidade para os próximos anos.

O tema central da assembleia será dividido em subtemas, a serem discutidos em comissões, sobre a "missão evangelizadora", da Igreja, a "solidariedade com os movimentos sociais e populares" e a "comunidade de fé e o encontro fraternal" entre outros.

Igreja batista é afastada da Convenção Baiana

A Igreja Batista Nazareth, de Salvador, Bahia, não faz parte mais do rol cooperativo da Convenção Batista Baiana. Foi excluída sob a acusação de "ecumenismo, que contraria ao princípios batistas".

Segundo a carta da convenção enviada à Igreja, "o envolvimento dos irmãos com grupos não-evangélicos, como vimos nos artigos publicados na imprensa, viola a nossa consciência batista e cristã, deixando também claro o comprometimento da Palavra de Cristo".

A resposta da Igreja, redigida em forma de documento depois da aprovação unânime dos seus membros, assinala que ela tem procurado obedecer os mandamentos da Palavra de Deus, no sentido de "atuar profeticamente no mundo, proclamando a injustiça dos poderosos... denunciando a corrupção dos que estão no poder, os desequilíbrios do sistema social e as muitas formas de autoritarismo religioso".

O documento acrescenta também que a "omissão, em face de problemas tão graves como a dívida externa, direitos humanos, desemprego e subemprego, inflação, reforma agrária, violência, homossexualismo, droga, preconceitos etc. constituem pecados diante de Deus e a quebra dos dois grandes mandamentos divinos (Mt 22:37-39)". Ainda segundo o documento, a Igreja Batista Nazareth tem "levantado problemas como estes, discutindo-os em suas reuniões, solidarizando-se com outras Igrejas

evangélicas e/ou entidades, publicando muitas de suas posições com determinação cristã", ao mesmo tempo em que estranha a "alienação desconcertante" da Igreja Batista, enquanto os "batistas dos Estados Unidos, Europa, América Central e de outros países estão voltados para o papel histórico do povo de Deus no mundo atual".

Apesar de a Igreja Batista Nazareth se considerar uma Igreja Batista e não abdicar desse direito, "independentemente da questão de pertencer ou não à Convenção Batista Baiana, está a responsabilidade como Igreja de Jesus Cristo em atender às necessidades e aceitar os desafios que estão diante do povo de Deus."

A Igreja Batista Nazareth foi organizada em fevereiro de 1975, com 25 membros. Ao solicitar à Junta Geral da Convenção Batista Baiana a sua filiação em julho daquele ano, seu pedido não foi aceito, sem nenhuma explicação, sendo-o somente em agosto de 1976. A partir do momento de sua rejeição por parte da liderança batista, a Igreja começou a estabelecer um relacionamento mais estreito com os demais grupos evangélicos, o que resultou em aspectos de importância decisiva para a vida daquela comunidade.

Hoje a Igreja, que mantém laços estreitos com esses grupos, tem organizado sua vida com base na trilogia "Comunhão", Serviços e Proclamação", fruto de estudos e discussões entre seus membros.



Osmânio ajuda hospital para cancerosos

Dirigente de projeto de evangelização tem imagem de batalhador

Carlos Cândido

BELO HORIZONTE — O homem encarregado de implantar no Brasil o projeto Evangelização 2000 — que tem verbas mundiais de quatrocentos milhões de dólares e é apontado pelos adeptos da Teologia da Libertação como ponta-de-lança da igreja conservadora — tem um currículo que bexime de críticas frontais por parte de seus adversários. Não é fácil encontrar quem fale mal do advogado Osmânio Pereira de Oliveira, coordenador no Brasil do programa, que tem escritório central em Belo Horizonte e prepara o primeiro congresso nacional para o começo do ano.

Com sua fé religiosa ele é apontado, por exemplo, como responsável pelo soerguimento do Hospital Mário Pena e pela criação do Instituto Mineiro de Oncologia (IMO), nesta capital, ambos destinados ao tratamento de cancerosos pobres.

O Hospital Mário Pena, que até 1977 pertencia à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), oferecia péssima assistência a doentes terminais em 30 leitos, quando Osmânio Oliveira, seguindo orientação de uma religiosa, decidiu dedicar-se à sua recuperação. "Era um barracão sórdido, onde os doentes iam morrer, e tornou-se um hospital-modelo para a América Latina", resume o advogado aposentado João da Mata Machado.

A militância política de Osmânio Oliveira, 45 anos, vem do início da década de 1960. Ele foi dirigente do Diretório Central dos Estudantes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), onde se formou, e da Ação Popular Católica. Entre 1963 e 1968, foi preso duas vezes e proibido de deixar o país. Colega de turma do governador Newton Cardoso, do procurador-geral do estado Gamaliel Herval (ex-reitor da PUC-MG) Osmânio sentiu a vocação religiosa impor-se já na década de 1970, quando se integrou à Renovação Carismática Católica, conta o superintendente do Hospital Mário Pena, Geraldo Alves Ferreira.

8110188 4B

Mineiro de Pedra Azul, extremo norte do estado, criado na Bahia, onde seu pai possui grandes propriedades rurais, segundo Geraldo Ferreira, Osmânio dedica boa parte do seu tempo a dirigir a Associação dos Amigos do Hospital Mário Pena, que ele criou e mantém também o IMO. Como os demais diretores, nada recebe por esse trabalho, mas Osmânio mantém mulher e quatro filhos com os lucros de sua fazenda de 70 alqueires, em Rio Pardo, onde cria gado e planta cacau, e da Construtora Alemi, da qual é sócio-proprietário.

Quem se dispõe a criticar a Renovação Carismática como ala conservadora da Igreja preserva a imagem de Osmânio Oliveira e pede inclusive para não ser indenticado. "É muito difícil jogar pedra em quem trabalha," ressalva um leigo ligado ao trabalho pastoral católico em Belo Horizonte.

Apesar da sua grande experiência em arrecadar dinheiro de pessoas e empresas para os dois hospitais, Osmânio diz que não tem sido fácil obter recursos para o Projeto Evangelização 2000 no Brasil, ao contrário do que acontece na Europa, onde o empresário holandês Piet Derksen já lhe destinou US\$ 10 milhões. "Muitos empresários brasileiros se mostraram receptivos ao projeto, mas dinheiro mesmo não recebemos nenhum, por enquanto", disse Osmânio, que viaja hoje mais uma vez para Roma, onde participa de reunião da direção da Renovação Carismática Católica, carro-chefe do Evangelização 2000.

Em Belo Horizonte, a Renovação ocupa salas no prédio Pio XII, no Centro da Cidade, no qual vende livros da editora católica Edições Paulinas.

Da Renovação participam o arcebispo de Belo Horizonte, Dom Serafim Fernandes de Araújo, que esteve em Guadalajara, México, no mês passado, para uma reunião de bispos que discutiu a execução do Evangelização 2000 e o bispo-auxiliar da capital mineira, dom Arnaldo Ribeiro. Dom Eugênio Sales, do Rio, Dom Lucas Neves, de Salvador, e Dom José Falcão, de Brasília, são cardeais brasileiros que já adotaram o projeto em suas dioceses, segundo Osmânio Oliveira.

Dom Luciano não crê em conservadorismo

BELO HORIZONTE — O presidente da CNBB (Conférence Nacional dos Bispos do Brasil), Dom Luciano Mendes de Almeida, disse ontem nesta capital, antes de receber a medalha do mérito legislativo, que é "um equívoco" a interpretação de que o projeto Evangelização 2000, financiado por empresários europeus e que já tem recursos de US\$ 400 milhões, foi criado para se contrapor ao avanço da Teologia da Libertação.

"Esse projeto se adapta a cada nação em que ele está, certamente, aqui no Brasil, as qualidades e oportunidades abertas pela Teologia da Libertação serão também assumidas e consideradas. Aliás, o próprio Santo Padre já disse diversas vezes que a Teologia da Libertação, tratada na sua fidelidade e tradição aos ensinamentos do magistério, não só é oportuna, mas é necessária", disse Dom Luciano Mendes.

Congresso mostra outro lado dos protestantes

SALVADOR — Uma ofensiva contra o conservadorismo nas igrejas protestantes brasileiras foi iniciada esta semana nesta capital, na reunião da Comissão de Ajuda Intereclesiástica do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Durante seis dias, representantes de 26 países ouviram teses em favor da reforma agrária e de uma política capaz de transformar a realidade social da mulher, do índio, do menor e do negro.

Coincidentemente, a reunião da comissão do CMI, encerrada ontem, aconteceu na semana de promulgação da nova Constituição. Por isso, os votos contra a reforma agrária e a favor dos cinco anos do mandato de Sarney foram duramente criticados, não pelos convidados especiais, como o governador Waldir Pires e o cardeal de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, mas por evangélicos, como o deputado Lisâneas Maciel (PDT-RJ) que acusou 30 dos 36 parlamentares evangélicos da Constituinte de terem sido subordinados para votar contra os avanços sociais.

Mesmo ressaltando que a reunião da comissão do CMI não teve o objetivo de iniciar qualquer reação contra o conservadorismo protestante, o representante brasileiro no Conselho, Enilson Rocha Santos, acredita que ela vá contribuir para desfazer a imagem negativa resultante do comportamento da maioria dos parlamentares protestantes na Constituinte. Os votos deles na Constituinte, conforme ressaltou, não expressam o pensamento das comunidades protestantes.

O fato de a reunião da Comissão de Ajuda Intereclesiástica e do Serviço Mundial de Refugiados do CMI discutir entre os seus temas a questão agrária, serve, segundo o representante brasileiro, como demonstração de que a comunidade evangélica, em seu conjunto, está preocupada com as questões relacionadas com "a luta contra a fome e a miséria".

Progressista — A homenagem prestada durante a reunião ao cardeal-arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, pelo trabalho em defesa dos pobres e oprimidos no Brasil, ressaltaram os dirigentes do CMI, foi uma demonstração de solidariedade dos evangélicos à ala progressista da Igreja Católica na luta pelos direitos humanos, simbolizada pelo cardeal.

Oficialmente, a Igreja Católica não faz parte do conselho, mas apesar disso D. Paulo Evaristo foi o principal convidado da reunião e a homenagem a ele prestada, como ressaltou um dos direto-

res, o alemão Klaus Poser, "é o reconhecimento do seu trabalho por uma Igreja viva e comprometida com os empobrecidos".

O representante brasileiro no CMI acredita que a homenagem vai também contribuir para que, no Brasil, ocorra maior aproximação de trabalhos entre os católicos progressistas e os evangélicos, na defesa de questões de interesse social.

Mas a ofensiva dos setores progressistas evangélicos não se limita às questões sociais. Na reunião em Salvador foi dado o primeiro passo no sentido de romper uma barreira tida como intransponível pelos segmentos evangélicos radicais: o diálogo com as religiões afro-brasileiras. Os membros da comissão do CMI ouviram a palestra da filha-de-santo, Maria Lurdes Siqueira, defendendo a importância do convívio entre os adeptos de todas as religiões.

O diretor da comissão de Ajuda Intereclesiástica do CMI, Klaus Poser, considerou que houve apenas um passo inicial em torno do problema e que o rompimento das barreiras que separam protestantes e umbandistas passa por uma ampla discussão ecumênica, "que deve ser estimulada de parte a parte".

Inovação — A reunião também foi inovadora na discussão dos temas sociais, fugindo às normas tradicionais do debate com os técnicos, que estiveram presentes, mas como personagens secundários. Os membros da comissão ouviram de viva voz dos índios pataxós hahahais e cariris o drama das comunidades indígenas na luta pela posse das suas terras, e de Antenilson Sousa Filho, 13 anos, residente no Pelourinho, como vivem as crianças marginalizadas no país. Houve também o depoimento do dirigente do Movimento Negro Unificado, Luís Alberto Santos Silva, contestando a imagem da democracia social brasileira vendida no exterior.

As atitudes do Conselho Mundial de Igrejas em favor dos direitos humanos e dos avanços sociais, embora pouco conhecidos no Brasil, são a norma constante da entidade: o CMI está presente na luta contra o apartheid na África do Sul e Namíbia e apóia a luta pelos direitos humanos no Chile.

O Conselho tem reiteradas vezes manifestado sua posição contrária às formas de pagamento das dívidas dos países do Terceiro Mundo, defendendo "uma negociação que não comprometa o desenvolvimento social", disse Klaus Poser.



A Igreja do Reino de Deus, que apoiará Valle, tem cerca de 300 mil fiéis

Igreja evangélica mobiliza seus fiéis para apoiar Valle

A Igreja Universal do Reino de Deus, movimento evangélico que reúne cerca de 300 mil fiéis, anunciou ontem, através de suas lideranças religiosas, seu apoio à candidatura do Deputado Alvaro Valle (PL) à Prefeitura do Rio. A escolha foi formalizada num telefonema de Nova York do Presidente da Igreja, Bispo Macedo, e ratificada pelo Porta-Voz da entidade, o Deputado Heraldo Macedo.

— Nós sabemos da nossa força e a nossa responsabilidade. Um mandato dura quatro anos e a nossa missão é eterna. Alvaro Valle tem uma passagem de honradas, é um modelo de homem público e para nós isso é fundamental — justificou o parlamentar.

O apoio da Igreja Universal foi recebido com euforia pela assessoria de Valle. Consideram importante não só a adesão direta, mas também a capacidade de mobilização dos pastores. Heraldo Macedo concorda com esta análise:

— O Alvaro é um dos melhores oradores leigos do País. Nós também não iríamos apoiar um candidato para perder. Vivemos no meio do povo e Alvaro está crescendo hora a hora.

Há muitos brizolistas que continuam a admirar Brizola, mas votarão no Alvaro. Nosso apoio pode significar a diferença entre derrota e vitória. Só faltava público e nós vamos dar. Ele vai entusiasmar nosso povo.

Alvaro Valle disse que a manifestação dos evangélicos foi um dos momentos mais emocionantes de sua vida pública. Acrescentou que o apoio foi espontâneo, fundamentado no seu programa de assistência às crianças. "O povo evangélico vai ajudar Alvaro a acabar com a fome das crianças do Rio", justificou Macedo.

Os líderes religiosos já estão programando concentrações em Jacarepaguá, Quinta da Boa Vista, Campo Grande, Bangu e no Riocentro, com centenas de pastores, "obreiros" e fiéis e a presença do candidato do PL. Ainda nesta semana haverá um primeiro encontro em Inhaúma, com cerca de 300 pastores e 2.500 "obreiros", que, apesar de adotarem a candidatura do PL para Prefeito, trabalharão para candidatos a vereador de outras legendas, dentro do princípio de apoiar "os melhores para seu povo".

O Globo, 19.10.88

26. Okt. 1988 FH

Livro discute a subjetividade do tempo para a civilização judaica

Da Reportagem Local

Foi lançado anteontem em São Paulo o livro "Tempo e Religião", do filósofo Walter Rehfeld. Durante o lançamento, ocorrido na Congregação Israelita Paulista (CIP), foi realizada uma mesa-redonda sob o tema "A Vivência do Tempo", que contou com a participação de Marilena Chauí e Celso Lafer, além de Rehfeld.

O livro ("Tempo e Religião", 1988, Ed. Perspectiva, São Paulo, SP, Cz\$ 3.630,00) é a tese de livre-docência de Rehfeld, cuja banca examinadora foi composta por Lafer e Chauí (também orientadora), entre outros.

Segundo Rehfeld, a definição moderna de tempo o considera como a forma transcendental da percepção de toda a experiência humana.

Ao contrário do que acontece no

ocidente, a preocupação com a medição do tempo não existia no homem bíblico.

Em Israel, o tempo era subjetivo: só servia para determinar períodos de encontro com Deus. O homem bíblico acreditava que medir o tempo era dominá-lo. Como o tempo era a expressão da vontade divina, dominá-lo era pecado.

Rehfeld desenvolveu sua pesquisa a partir do estudo da língua hebraica antiga, na qual não existiam as medidas do tempo. A falta dessas medidas de tempo destituiu a civilização bíblica de qualquer caráter científico.

O judaísmo professava a aversão ao conhecimento das coisas, porque se propunha apenas a conhecer a sociedade como deveria ser e não como ela é.

Marilena Chauí destacou pontos

importantes da tese de Rehfeld, que evidenciam as diferenças entre o homem bíblico e o homem moderno. Chauí afirmou que o tempo bíblico é objetivo e plural, segundo as necessidades de cada homem. Segundo o livro, o tempo seria a expressão da vontade divina e alerta para o engano de interpretar o tempo bíblico como tempo cronológico. "O tempo que Josué fez parar não é o mesmo que Galileu estudou", disse Chauí.

Celso Lafer comparou a tradição grega à judaica. Enquanto a primeira enfatizou o espaço e o visível, a segunda se preocupou com o tempo e o audível. Isso reforça o caráter não-científico da civilização judaica na era bíblica, pois assim não havia a transmissão do conhecimento nem a curiosidade de vivenciar experiências novas.

CEDE

Bibliothek
18218
Institut für Brasilienkunde
METTINGEN

